



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA 1 - PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E
PLURALIDADE CULTURAL

FERNANDA ANDRADE ESQUIVEL ALVES

DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS NEGRAS SOBRE
O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR

SALVADOR
2021

FERNANDA ANDRADE ESQUIVEL ALVES

**DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS NEGRAS SOBRE
O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus I*, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder.

SALVADOR
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

ALVES, FERNANDA ANDRADE ESQUIVEL

DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS NEGRAS SOBRE O
PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR / FERNANDA ANDRADE
ESQUIVEL ALVES. - Salvador, 2021.

212 fls.

Orientador(a): Marcos Luciano Lopes Messeder .

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2021.

1.Empoderamento Crespo. 2.educação antirracista. 3.transição
capilar. 4.estética negra. 5.racismo.

CDD: 373

FERNANDA ANDRADE ESQUIVEL ALVES

**DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS NEGRAS SOBRE
O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus I*, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Salvador, 12/12/2021

Resultado: APROVADA

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Profa. Dra. Nanci Araújo Bento (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Profa. Dra. Iris Verena Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

SALVADOR
2021

In memoriam

Ao meu irmão Sidinho, que partiu tão prematuramente. Quanta coisa queria poder te dizer e não tive tempo. Quantas coisas aconteceram com a nossa família depois de sua partida. Entramos na Universidade, conquistamos espaços que nunca imaginaríamos chegar, nos casamos, tivemos filhos(as) que iriam amar ter você como tio. Você está sempre em minhas memórias, Sido! Queria que você pudesse estar conosco, alegrando-se com as nossas vitórias e que pudéssemos nos alegrar com as suas também. Mas, a vida nos deu uma rasteira e, hoje, você está em outra dimensão se alegrando daí e eternamente em nossas memórias. Eu nunca te disse, mas eu te amo e oro a Deus sempre para que sua alma esteja sobre a luz do Espírito Santo. Te amo!

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que lutaram para que pudéssemos existir para além daquilo que construíram de nós!

AGRADECIMENTOS

Ter a oportunidade de escrever os agradecimentos deste trabalho, realizado em um período dramático como o da pandemia da COVID-19, é muito significativo para mim. Escrevo emocionada estas palavras por saber que consegui chegar até aqui e, por ora, concluí um trabalho tão desejado em meu coração.

No processo de escrita, várias questões me atravessaram: será que vou ficar bem para escrever a ponto de defender este trabalho? E se eu adoecer? E se eu pegar Covid? E se eu perder alguém da família, amigos(as)? Nossa! Foram tantas questões, tantos medos, ansiedades, preocupações etc. Para desenvolver esta pesquisa, eu precisei brigar com meu psicológico no sentido de dizer para mim mesma todos os dias: você precisa ficar bem e terminar isso aí! Tem um ditado que diz que cada um é quem sabe da sua caminhada, e isso é uma grande verdade! Por isso, chegar até aqui é um presente de Deus! Então, primeiramente, quero agradecer a Ele por ter me dado forças, coragem e, principalmente, saúde física e emocional para finalizar esta dissertação. Obrigada, meu Deus!! Obrigada!

Agradecer a cada interlocutora desta pesquisa que, em meio à pandemia, teve paciência e boa vontade em contribuir para este trabalho, meu muito obrigada a Anairan Michele Costa dos Santos, Bruna Anunciação Aleluia Rodrigues, Iasmim Dias Ferreira, Iasmim Bertoso dos Santos, Angela Maria Machado da Silva, Ana Caroline da Conceição Alves, Giselly Santos Souza, Jucilene Fernando Pinho, Layla Gabrielle Fagundes Xavier Fernandes, Mayara Dias Gonçalves, Camilly Messiley dos Santos, Erica Silva Portela, Maria Clara Magalhães de Melo, Thaylane Vitória Pintos Souza e Ana Vitória do Rosário Barbosa. Gratidão, meus amores!

A realização deste trabalho só foi possível porque pude contar também com uma rede de apoio fundamental nesta caminhada. Quero agradecer ao meu esposo Léo Alves por compreender minha ausência e tentar supri-la no cuidado e zelo com o nosso filho Nicolas. Obrigada, meu amor, pela parceria de sempre, pelo companheirismo e por compreender o quanto essa experiência foi importante para mim. Obrigada, meu filho Nicolas, que mesmo sem entender a importância deste trabalho recarrega todo santo dia minhas energias e faz-me acreditar que dias melhores são sempre possíveis!

Quero agradecer imensamente aos meus pais Eliete Andrade Esquivel e Claudionor Santana Esquivel. Produzir esta dissertação em minha casa era algo bastante complexo uma vez que meu filho, por ser tão pequenininho, não compreendia que eu precisava de tempo e silêncio para realizá-la. Então, nos dias de folga do trabalho, caminhei para casa de meus pais durante

todo o ano de 2021, lá eu tive o acolhimento, a sensibilidade, a preocupação, incentivo e uma vibração tão positiva que me emocionava e fazia e faz agradecer a Deus pelo presente que é tê-los como pais. Obrigada, painho e mainha pelas palavras de incentivo, pelo papo gostoso na hora do almoço que me fazia relaxar para começar mais um turno de produção. Obrigada pelos almoços deliciosos, pelos lanches no meio das tardes, pelas palavras amigas que diziam sempre: *“não fique ansiosa, você vai conseguir!”*, *“Que seu dia seja produtivo!”*, *“não está na hora de parar um pouco para comer alguma coisa não?”* Vocês são meus alicerces! Tudo que sou devo a vocês dois!! Obrigada por tudo nessa vida! Amo vocês!

Ao meu sogro e minha sogra por fazerem parte dessa rede de apoio tão necessária. Obrigada, Suzana Antunes e Roque de Mattos por, na minha ausência, cuidar tão bem do meu filho. Obrigada, Suca, pela amizade, pelo cuidado, por todas as vezes que chegava em casa depois de um dia cansativo e ouvia de você *“E aí Berra, conseguiu produzir hoje?”* Obrigada por tudo, meus amores, vocês são incríveis e importantes demais para mim!

Às minhas irmãs, Claudia de Andrade Esquivel, Alissandra de Andrade Esquivel e Marli de Andrade Esquivel, assim como ao meu irmão Claudio de Andrade Esquivel, por acreditarem em mim, pela torcida de sempre. Pelo amor que sinto chegar aqui em meu coração, pela preocupação, por estarem sempre junto comigo nas caminhadas da vida! Com vocês eu posso compartilhar os sonhos e a vida!! Sou muito feliz em tê-las(o) como irmãs(o). Amo vocês infinitamente!

Eu tenho muita sorte em ter amigas(os), então, eu não poderia deixar de agradecer a esses anjos que Deus colocou em minha vida. Quero agradecer a Nelma Santos de Andrade, minha Nelminha, minha Mima, parceira, amiga, irmã! Como foi bom trilhar essa caminhada com você. Ter passado na seleção do mestrado junto contigo foi um presente de Deus. Obrigada pelo papo gostoso nas viagens entre Santo Amaro e Salvador, pelas maluquices que conversávamos, pelas risadas e choros que compartilhamos nessa trajetória. Quanta coisa bacana a gente pôde viver e aprender! Lembra de Chimamanda? Essa resenha vai ficar só entre nós!

Foram tantas coisas vividas nesses dois anos, tantas alegrias e dores compartilhadas, não foi mesmo? A pandemia, as angústias, a distância necessária. O medo que tínhamos de não dar conta diante de tantas demandas pessoais que nos atravessam (ser mãe, professora se reinventando no contexto da pandemia, afazeres da casa, esposa, filha etc.). Contudo, estivemos firmes, uma do lado da outra, incentivando e nos cobrando, erámos um termômetro uma para

outra. Gratidão a Deus por tê-la como prima, irmã, amiga que eu quero tanto bem! Gratidão por trilhar este caminho comigo! Te amo demais!

À minha amiga, irmã e historiadora, Edicarla dos Santos Marques, pela correção cuidadosa do projeto desta pesquisa. Obrigada por se disponibilizar sempre, mesmo em meio a essa vida corrida de professora universitária, mãe, esposa, filha etc.

Obrigada, meu amigo Márcio Paixão, professor de Língua Portuguesa, que varou a madrugada corrigindo meu texto para qualificação. Quero agradecer à querida amiga, historiadora, Mércia Menezes pelas orações e palavras de incentivo. A amizade de vocês dois é uma bênção de Deus! Vocês são incríveis! Eu amo vocês!

Ao amigo Wellington Pereira, antropólogo, que me incentivou desde a época em que este trabalho era apenas um desejo em meu coração. Obrigada pelas indicações de leitura e por ter colocado em meu caminho Dailza Lopes, que mesmo a conhecendo no finalzinho desta caminhada ajudou-me com indicações de leituras fundamentais para o amadurecimento deste trabalho. Obrigada, Dai, pela humildade em compartilhar seus conhecimentos e por contribuir com a pesquisa enquanto interlocutora.

Ao meu orientador Marcos Messeder por ter dado um SIM para este trabalho. Obrigada pela humildade, por compartilhar de sua intelectualidade de forma leve, obrigada pela parceria e por ser tão sensível, sobretudo, neste período difícil diante do contexto pandêmico. Gratidão!

Às amigas do Grupo Crespas e Cacheadas de Santinho: Mel, Nelminha, Carla, Irá, Marcinha, Meire, Gabi. Fazer parte desse grupo foi um divisor de águas em minha vida! Gratidão por compartilharmos de momentos tão incríveis no trabalho de empoderamento de mulheres negras em Santo Amaro e regiões circunvizinhas! Vocês são muito especiais para mim!

Ao grupo de colegas da Linha 1 - Processos civilizatórios: educação, memória e pluralidade cultural: Daiane Pina, Nelma Andrade, Naiara Natividade, Elane Santos, Luana Soares, Carol Lima, Patrícia Ribeiro, Caio Araújo e José Braga, pela amizade, parceria e vibração positiva para que todas(os) nós pudéssemos concluir essa caminhada com sucesso. Sou grata a Deus pela oportunidade em conhecê-las(os) de perto antes de estourar a pandemia. Que bom que foi possível compartilhar da presença de vocês no primeiro ano do mestrado compartilhar almoços à sombra do pé da mangueira do restaurante de Edy, compartilhar as risadas, os anseios, as bestagens que falávamos fizeram a caminhada ser mais leve na companhia de vocês. Gratidão!!

Às professoras Iris Verena Oliveira e Ivanilde Guedes de Mattos, pela leitura cuidadosa deste texto na banca de qualificação. Obrigada pelos direcionamentos, sugestões de leituras e questionamentos, os quais foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Ao Seu Fernando, que sempre me recepcionou no prédio do PPGEDUC com sorriso no rosto e sempre me dizia palavras de afeto e boas vibrações: “*Vai voltar para Santo Amaro agora? Deus acompanhe!*”. Gratidão, meu querido! Você é um ser humano lindo!

Às mulheres negras, que lutaram para que hoje pudéssemos viver esse movimento de Empoderamento Crespo. Se chegamos até aqui foi porque vocês prepararam o caminho!

À UNEB, por me possibilitar a formação (graduação) como aluna cotista e viabilizar mais uma vez beber dessa fonte para me tornar mestra!

Gratidão!

Crespo

Nada de bombril!
Meu cabelo não é esponja de aço
É crespo, moço!!!
É crespo, moça!!!
Não custa falar
Aprenda a nomear, a respeitar
A minha diferença da sua
Os meus cachinhos miudinhos, enroladinhos da raiz às pontas
Crescendo para o alto, volumoso e hidratado
Enquanto você fica aí julgando de ressecado,
Apelidando de duro e descendo o esculacho
No jato d'água ela escorre e deixa meus cachinhos mais amostrados
Quando seca ele é pura beleza no estilo armado
Olhando no espelho, moço
Olhando no espelho, moça
Meu Black reflete minha identidade
Mulher naturalmente bela
Sem necessidade constante de uma maquiagem.

NOGUEIRA, Jacquinha. In: **O diferencial da favela**: poesias e contos e quebrada. Sarau da Onça (Org.). Vitória da Conquista-BA: Galinha Pulando, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender como o processo de transição capilar colabora para a construção positiva da autoimagem de jovens negras. Ao acompanhar, na contemporaneidade, milhares de mulheres assumindo suas texturas capilares, buscamos analisar se a ressignificação da estética capilar interfere na constituição identitária dessas jovens. Diante do contexto da COVID-19, os procedimentos metodológicos ocorreram de forma *online* em grupos criados do aplicativo *WhatsApp*. Nesse espaço, foi possível realizar rodas de conversa virtuais que possibilitaram levantar as informações necessárias para realização do trabalho. O desenvolvimento desta pesquisa revelou a complexidade imbricada no processo de transição capilar e na ressignificação da estética negra, uma vez que esta foi por séculos estigmatizada e inferiorizada pelos grupos hegemônicos. Foi constatado também um movimento educador em curso que, através das Marchas e do processo de Empoderamento Crespo, desestabiliza um padrão de beleza dito universal e constrói outras narrativas baseadas na valorização e ressignificação da beleza negra.

Palavras-chave: Empoderamento Crespo; educação antirracista; transição capilar; estética negra; racismo.

ABSTRACT

This work sought to understand to what extent the process of capillary transition contributes to the positive construction of the self-image of black youth. By following thousands of women in contemporary times assuming their hair textures, we seek to analyze whether the re-signification of hair aesthetics interferes in the identity constitution of these young women. In the context of COVID-19, the methodological procedures took place online in groups created from the WhatsApp application. In this space, it was possible to carry out virtual conversation circles which made it possible to raise the necessary information to carry out this work. This research revealed the complexity involved in the process of capillary transition, in the re-signification of black aesthetics, since for centuries it was stigmatized and inferiorized by hegemonic groups. There was also an ongoing educator movement that, through the Marches and the Crespo Empowerment process, destabilize a so-called universal beauty standard and build other narratives based on the valorization and resignification of black beauty.

Keywords: Curly Empowerment; education anti-racist; hair transition; black aesthetics; racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Augusto Stahl. Mina Bari. C. 1865. The Peabody Museum of Archeology & Ethnology	28
Figura 2: Vênus Hotentote: desenho duplo em 1824. Imagem publicada em Samain (2001)..	32
Figura 3: <i>Print</i> do vídeo no canal Papo de Preta, do <i>Youtube</i> , falando sobre o processo de transição capilar	43
Figura 4: <i>Print</i> do vídeo no canal de Gabi Oliveira, do <i>Youtube</i>	43
Figura 5: <i>Print</i> da página Transição capilar/cacheadas e crespas, do <i>Facebook</i>	44
Figura 6: Registro do I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santinho/ nov. de 2014	45
Figura 7: Registro do I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santinho/ nov. de 2014	45
Figura 8: Oficina sobre Empoderamento negro - Escola Municipal Nazaré Falcão/ abril de 2017	46
Figura 9: Oficina Educação para as relações étnico raciais-Colégio Municipal Luís Viana Filho/julho de 2019	46
Figura 10: I Roda de Conversa com o tema: Lugar de Mulher negra é onde ela quiser estar, realizada na Praça da Purificação/ julho de 2019	47
Figura 11: II Roda de Conversa com o tema Empreendedorismo negro realizada na Praça da Purificação/ agosto de 2019	47
Figura 12: Grupo Crespas e Cacheadas discutindo Empoderamento da Mulher Negra no Mercado da Farinha (Mercado Municipal) de Santo Amaro/Projeto Cê Cult-mercado no Mercado/ março de 2019	48
Figura 13: Segundo momento do Grupo Crespas e Cacheadas discutindo Empoderamento da Mulher Negra no Mercado da Farinha (Mercado Municipal) de Santo Amaro/Projeto Cê Cult-mercado no Mercado/ março de 2019	48
Figura 14: Antes, durante e depois da Transição capilar	63
Figura 15: Antes, durante e depois da Transição capilar de Gabi Oliveira	64
Figura 16: Sankofa: nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás	70
Figura 17: Angela Davis, ostentando seu Black Power em movimento na luta contra os direitos civis nos EUA	77
Figura 18: Vencedora da 41ª Noite da Beleza Negra - Gleicielle Teixeira recebeu o troféu das mãos de Antônio Carlos Vovô, presidente do bloco	80
Figura 19: Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo-SP (2016)	92
Figura 20: Marcha do Orgulho Crespo em Porto Alegre-RS (2016)	93

Figura 21: Marcha do Orgulho Crespo em Feira de Santana-BA - novembro/ 2015	93
Figura 22: Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador-BA - novembro/ 2018	94
Figura 23: Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador-BA - novembro/ 2018	94
Figura 24: Geração Tombamento: Lacração, empoderamento e Luta	97
Figura 25: Liniker, Karol Conka e Rico Dalasam são ícones da geração tombamento	98
Figura 26: Geração tombamento	99
Figura 27: Curta-metragem de animação: Hair Love	101
Figura 28: Marcha das mulheres Negras em Brasília (2015)	102
Figura 29: 4ª Marcha das Mulheres Negras em São Paulo (2019)	105
Figura 30: Tipos de texturas capilares	134
Figura 31: Textura capilar tipo 4	134
Figura 32: Influenciadora digital Camila de Lucas	145
Figura 33: 1ª Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador (2015)	161
Figura 34: Crianças negras ostentando suas belezas, madeixas, estilos	162
Figura 35: MEC/Salvador realiza encontro em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latina, Americana e Caribenha	164
Figura 36: Bonecas negras	166
Figura 37: <i>Print</i> de livros da literatura infantil negra	166
Figura 38: Adriana Santos Silva (à esquerda na foto) e Patrícia Santos Silva (à direita), proprietárias da Ka Naombo, empresa de confecção de bonecas negras	167

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Diário Crespo I	53
Quadro 2: Diário Crespo II	53

LISTA DE SIGLAS

AF – Alisa dos Fios

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEEP-TLB – Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

EPI – Equipamento de Proteção Individual

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBA – Instituto Federal da Bahia

MEC – Marcha de Empoderamento Crespo

MNU – Movimento Negro Unificado

NT – Na Transição

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

T – Transicionadas

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 FIOS DA MEMÓRIA: UMA ESTÉTICA NEGRA FORJADA NA HISTÓRIA	26
1.1 “O DIA EM QUE A TERRA PAROU”: UM PARÊNTESE HISTÓRICO!	39
1.2 O ENCONTRO COM A PESQUISA: O AJUSTE DE UM MÉTODO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19	42
1.3 SUJEITO DE PESQUISAS: “COMO PODE CABER TANTA COISA NUM FIO DE CABELO?”	58
2 SANKOFA: “NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR AQUILO QUE FICOU PARA TRÁS”	68
2.1 MOVIMENTOS DE (RE)EXISTÊNCIAS	72
2.2 MULHERES NEGRAS EM LUTA!	81
2.3 MARCHAS DE MULHERES NEGRAS PELO BRASIL: UM MOVIMENTO EDUCADOR!	88
3 DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR	106
3.1 <i>BIG CHOP</i> : O GRANDE DIA, O GRANDE CORTE!	119
3.2 PADRÕES ESTÉTICOS: CORPOS E CACHOS PERFEITOS	127
4 DESENROLANDO OS NÓS DA TRANSIÇÃO CAPILAR	136
4.1 A TRANSIÇÃO CAPILAR E O PROCESSO DE “REJEIÇÃO”	142
4.2 A TRANSIÇÃO CAPILAR E O PROCESSO DE “ACEITAÇÃO”	158
5 EXPERIÊNCIAS DO CORPO NEGRO NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES	173
5.1 CORPOREIDADES NEGRAS “BARRADAS” NA ESCOLA	175
5.2 A PEDAGOGIA DA ESTÉTICA NEGRA: CORPOS QUE EDUCAM!	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
REFERÊNCIAS	196
APÊNDICES	
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS 1	205
APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS 2	208
ANEXOS	
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	210

INTRODUÇÃO

Quando paramos para discutir as diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, estéticas, culturais etc., percebemos que muitas violências realizadas pela humanidade ocorreram e continuam a ocorrer por intolerância. Isso nos leva a crer que ser diferente sempre foi um problema, sobretudo nas sociedades que passaram pelo processo de colonização. Sem precisar ir muito longe, e atentando apenas para a história moderna, o holocausto contra os judeus, a escravidão dos povos africanos, o extermínio e submissão dos povos indígenas são exemplos de violências praticadas, dentre outros motivos, pela não aceitação da diferença. Para Kathryn Woodward (2014), “a diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros” (WOODWARD, 2014, p. 50). Desse modo, para ilustrar o que a autora aborda a respeito da construção negativa sobre a diferença, trazemos a fala da atleta paraolímpica Raissa Machado¹ que recentemente, em entrevista ao telejornal BA TV², relatou como ela foi atravessada por estigmas pelo fato de possuir uma deficiência motora e por carregar uma estética que foi estereotipada ao longo de sua vida. Na entrevista, ela menciona que: “É uma palavra muito forte, mas eu me achava um mostro, na verdade por ser diferente das minhas amigas. Elas tinham os cabelos lisos, andavam e eu tinha minhas perninhas tortas, então eu sempre me achei meio que estranha”.³

A atleta Raissa Machado chama a atenção especificamente pelos estigmas impostos devido a sua aparência com seus cabelos crespos e à deficiência física por ter nascido com uma má formação congênita. Para Erving Goffman (2004, p. 6), estigma é um atributo profundamente depreciativo. Ele menciona que:

Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 2004, p.8)

¹ Raissa Machado nasceu com má formação congênita, é paratleta e competiu nas Paraolimpíadas 2021 no arremesso de Dardo, ganhando a medalha de prata na modalidade. O evento esportista foi realizado no Japão.

² O BA TV é um telejornal da TV Bahia, emissora de televisão brasileira com sede em Salvador, capital do Estado da Bahia.

³ Entrevista disponível em: <https://ge.globo.com/ba/paralimpiadas/noticia/paratleta-raissa-machado-conta-como-usou-transicao-capilar-e-redes-sociais-para-se-fortalecer.ghml>. Acesso em: 29 de ago. 2021.

Para superar os estigmas, Raissa Machado precisou se encontrar com a sua beleza⁴. Em uma postagem em seu *Instagram*, ela diz: “*a beleza é a única coisa preciosa da vida. É difícil encontrá-la, mas quem consegue descobre tudo*”. Encontrar com a beleza, sobretudo aquela inferiorizada e estigmatizada, a exemplo da beleza negra, não é tarefa fácil como bem menciona Raissa Machado, mas esse encontro tem sido viabilizado através da resignificação estética de homens e, majoritariamente, mulheres que constroem outros saberes sobre si a partir do momento em que passam pelo processo de transição capilar e sua corporeidade “ganha releitura política, afirmativa e identitária” (GOMES, 2017, p. 99). A transição capilar consiste, grosso modo, em um processo em que as mulheres deixam de processar os fios dos cabelos para deixá-los naturais. No campo estético, a transição capilar é uma passagem na qual os cabelos naturais afloram da raiz empurrando as partes alisadas ao encontro da tesoura. No campo subjetivo, a transição capilar pode se configurar numa imensidão de significados e sentimentos pontuados pelas interlocutoras deste trabalho.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender narrativas e experiências de jovens negras a respeito do processo de transição capilar, sendo realizada com estudantes egressas do Ensino Médio, com as quais eu⁵ pude ter contato na condição de docente do Centro Estadual de Educação Profissional em Turismo do Leste Baiano (CEEP-TLB), escola localizada no município de Santo Amaro da Purificação-BA. Analisamos também narrativas de integrantes da Marcha do Empoderamento Crespo (MEC) de Salvador, a fim de compreender como o empoderamento crespo e as marchas podem se configurar como movimentos que educam numa perspectiva antirracista.

Esta pesquisa nasce em um momento em que vários aprendizados me atravessaram enquanto pessoa, professora e integrante formadora do Grupo Crespas e Cacheadas de Santo Amaro- BA⁶. No momento em que passei pela transição capilar, em 2014, presenciei no espaço escolar várias jovens também assumindo suas diversas texturas capilares e ao ouvir relatos de jovens sobre suas experiências com o cabelo o problema de pesquisa se apresentou para mim: Em que medida o processo de transição capilar colabora para a construção positiva da autoimagem de jovens negras? Por muito tempo, sentia vontade em desenvolver uma pesquisa para seleção do Mestrado e ali, diante daquelas estudantes com seus cabelos empinados ao vento, a ideia da pesquisa veio ao meu encontro.

⁴ Raissa Machado também passou pela transição capilar e em seu perfil no *Instagram* além de trazer conteúdos sobre superação no esporte fala ainda sobre a mudança subjetiva provocada pelo seu processo de transição capilar.

⁵ O uso da primeira pessoa do singular será recorrente neste trabalho. Mais adiante, explicarei detalhadamente o porquê da alternância da escrita entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural.

⁶ Falaremos sobre o Grupo no capítulo seguinte.

Discutir a ressignificação estética de mulheres negras na contemporaneidade é de fundamental importância, pois o processo de colonização que ocorreu no Brasil e em outros países do continente americano construiu o que Patrícia Hill Collins⁷ (2000) denominou de *imagens de controle*. No contexto de escravidão norte-americano, a autora pontua que

A ideologia dominante na era da escravidão estimulou a criação de várias imagens de controle interrelacionadas e socialmente construídas da condição de mulher negra que refletiam o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras. (COLLINS, 2000, p. 180).

Essas imagens de controle construídas sobre as mulheres negras foram baseadas em representações negativas as quais foram internalizadas em nossas subjetividades. Tanto no contexto americano como aqui no Brasil essas imagens de controle tiveram consequências nefastas sobre as corporeidades e subjetividade de mulheres negras.

Segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva⁸ (2007), a sociedade brasileira sempre foi multicultural desde 1500, no entanto, essa diversidade nunca foi aceita. Os africanos e indígenas sempre foram tratados como seres inferiores e desprovidos de inteligência e beleza. Para Kreutz (1999 *apud* SILVA, 2007), os povos indígenas viam-se constrangidos pelas escolas jesuítas e depois nas primeiras escolas públicas construídas no Rio Grande do Sul, pois eram obrigados a esquecer sua língua, cultura, religião e até mesmo seus próprios nomes, sendo substituídos por outros da língua portuguesa como ocorreu com as crianças guaranis. Já para os(as)africanos(as) escravizados(as) e seus descendentes “foi negada a possibilidade de aprender a ler, ou se lhes permitia era com o intuito de incutir-lhes representações negativas de si próprios e convencê-los de que deveriam ocupar lugares subalternos na sociedade (SILVA, 2007, p. 495).

⁷ Patricia Hill Collins é professora emérita do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland. Foi a primeira mulher negra a presidir a Associação Americana de Sociologia. É considerada, ao lado de Angela Davis e bell hooks, uma das mais influentes pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/patricia-hill-collins-1608> Acesso em: 07 out. 2021.

⁸ Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva tem experiência em ensino, pesquisa e extensão em Educação: relações étnico-raciais; práticas sociais e processos educativos; políticas curriculares e direitos humanos. É Professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos. Em 21 de março de 2011 foi admitida, pela Presidenta da República Dilma Rousseff, na Ordem Nacional do Mérito, no Grau de Cavaleiro, em reconhecimento de sua contribuição à educação no Brasil. Em junho 2010 foi indicada como Somghoy Wanadu-Wayoo, ou seja, conselheira integrante do Conselho do Amiru Shonghoy Hassimi O. Maiga, chefe do Povo Songhoy, no Mali. É Professora Titular em Ensino- Aprendizagem - Relações Étnico-Raciais, docente junto ao Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas do Centro de Educação e Ciências Humanas-UFSCar, na condição de professora sênior. É pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar. Integra o International Research Group on Epistemology of African Roots and Education, coordenado pela Dr^a Joyce E. King da Georgia State University/USA. Foi conselheira do World Education Research Association (WERA) representando a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) (2009 - 2016). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/9673394/petronilha-beatriz-goncalves-e-silva> Acesso em: 07 out. 2021.

As representações negativas e as imagens de controle evidenciadas por Silva (2007) e Collins (2000) nos acompanham até os dias de hoje. A cultura, a beleza, a inteligência, a religião, os saberes, no caso das mulheres negras a feminilidade, dentre outros aspectos dos povos indígenas e africanos, foram subalternizados pelo sistema colonizador que construiu o que veio a ser o Brasil desde o século XVI. Nesse sentido, desconstruir os estereótipos e combater o racismo estético acionado contra esses povos desde o período colonial é um processo que nos ajuda a ressignificar o padrão de beleza branco que, construído como belo e universal, obliterou e inferiorizou as demais belezas estéticas, étnicas, culturais, históricas, religiosas etc. Para João Paulo Xavier (2020):

A desconstrução dessa mentalidade precisa ser fomentada por uma educação ideologicamente orientada, que valorize e inclua as diferenças e contribua para a ressignificação do olhar que rejeita, desrespeita e tenta alijar as pessoas de suas próprias identidades ou destituí-las de seus próprios corpos (XAVIER, 2020, p. 68).

O autor trabalha com a categoria de racismo estético para designar a violência historicamente imposta às corporeidades negras. Ele acrescenta que

a estética é um constructo considerado nobre no campo filosófico por ser representativa das especificidades e expressões humanas; quando essa dimensão é negada ao indivíduo, automaticamente um apagamento identitário que desumaniza o indivíduo ocorre (XAVIER, 2020, p. 52).

Passar pelo processo de transição capilar, ressignificar nossa estética e subjetividades de forma positiva é ir de encontro a esse apagamento identitário mencionado pelo autor. Por essa razão, são objetivos desta pesquisa compreender se a emancipação estética colabora para a construção da autoimagem (individual e coletiva) de jovens mulheres; analisar se a ressignificação da estética capilar interfere em sua constituição identitária e compreender em que medida o Empoderamento Crespo⁹ se constitui enquanto movimento educador.

É a partir de uma perspectiva teórica decolonial que buscamos novos referenciais não apenas estéticos, mas também no campo epistêmico, político e cultural, dentre outros aspectos que foram subjugados na história dos povos afrodiáspóricos. A decolonialidade, segundo Nelson Maldonado-Torres (2019, p. 32), “refere-se à luta contra a lógica da colonialidade¹⁰ e

⁹ O Empoderamento Crespo é um movimento que tem buscado a valorização estética de homens e mulheres a partir do processo de transição capilar. O cabelo funciona como um fio condutor para discutir outras questões opressivas como o racismo, sexismo, machismo, a homofobia dentre outras opressões. No capítulo 3, aprofundaremos o debate sobre esta categoria.

¹⁰ A colonialidade pode ser entendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36).

seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”. O autor defende a ideia de uma nova ordem mundial na qual precisamos lutar para construir um “mundo onde muitos mundos possam existir, e onde, portanto, diferentes concepções de tempo, espaço e subjetividade possam coexistir e também relacionar produtivamente” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36).

Vale ressaltar que este trabalho se alicerça no feminismo negro. Esta pesquisa me levou ao encontro de epistemologias feministas negras que mexeram com a minha construção enquanto mulher negra e no meu papel como educadora que necessita acrescentar a luta contra as opressões racistas àqueles referenciais de questões de gênero. Devo dizer ainda que por um posicionamento político coloquei em nota de rodapé informações sobre os trabalhos de todas as autoras e pesquisadoras citadas nesta dissertação, a fim de dar visibilidade às pesquisas que essas mulheres têm desenvolvido ao longo do tempo como estratégias de combate as opressões racistas, sexistas as quais todas nós estamos imersas.

Assim sendo, o primeiro capítulo deste trabalho, intitulado: *Fios da memória: uma estética negra forjada na história*, está apoiado nos estudos de Braga (2020), Gomes (2019) Flores (2007), Dávila (2006), dentre outras(os) autoras(es), para compreendermos como a beleza negra foi socialmente construída e gestada a partir de ideais racistas que tiveram apoio da ciência eugênica para justificar as atrocidades cometidas contra os povos negros. Para Jerry Dávila (2006), “a eugenia foi uma tentativa científica de “aperfeiçoar” a população humana por meio do aprimoramento de traços hereditários, noção popular por toda a Europa e América no período entre guerras” (DÁVILA, 2006, p.31). Esses traços precisavam aproximar-se do padrão branco europeu e todos os povos que carregavam características fenotípicas destoante desse padrão foram inferiorizados ao longo da história. Essas teorias eugenistas foram também disseminadas aqui no país, inclusive, “as elites brancas equiparavam a negritude a falta de saúde, a preguiça e a criminalidade” (DÁVILA, 2006, p. 25).

Ainda neste capítulo elucidamos os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa bem como evidenciamos os ajustes metodológicos que tiveram de ser feitos por conta do contexto pandêmico que vivenciamos. Em dezembro de 2019, surgiu em Wuhan, cidade chinesa, o vírus SARS CoV-2, causador da pandemia da COVID-19 (sigla inglesa para Corona Vírus Disease, ou Doença do coronavírus), que se espalhou por quase todo o planeta e já matou milhões de pessoas no mundo, obrigando tantas outras a cumprirem o isolamento social¹¹. Por conta disso, esta pesquisa, que tem como método de estudo a etnografia, precisou ser realizada de forma *online*.

¹¹ Milhões de pessoas no ano de 2020 e 2021 foram obrigadas a entrar em quarentena, uma espécie de isolamento social para se salvar de um vírus, denominado SARS CoV-2, que já matou milhões de pessoas no mundo.

Fazemos também neste capítulo um breve levantamento dos trabalhos já realizados. Observamos que a temática cabelo e transição capilar tem sido objeto de estudo de várias pesquisadoras, dentre elas Mattos (2015), Gomes (2019), Figueredo (1994), Lopes (2017), Aguiar (2018), Arantes (2019) etc. Esses trabalhos nos inspiraram a construir esta narrativa na tentativa de contribuir com aspectos ainda não levantados pelas pesquisadoras. Um deles, pouco discutido nos trabalhos observados, é como a emancipação estética pode se constituir como um movimento educador e como isso pode nos ajudar na construção de uma educação que valorize as identidades étnicas e de gênero.

No segundo capítulo intitulado: *Sankofa: “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás”*, faço uma viagem no tempo, utilizando como suporte filosófico o provérbio africano do *Sankofa*¹². Trago algumas memórias pessoais que não me deixam esquecer minhas origens para dizer da importância ancestral que homens e mulheres negras, tiveram na luta pela liberdade de seus corpos, pelo reconhecimento e valorização dos seus povos. Diante da grandiosidade das lutas históricas empreendidas por essa ancestralidade, fizemos um recorte e atentamos, sobretudo, às lutas no campo educacional e estético.

No terceiro capítulo, intitulado: *Diário crespo: narrativas de jovens negras sobre o processo de transição capilar*, busco apresentar cada interlocutora da pesquisa. Nessa seção, elas contam sobre si, seus sonhos, projetos, bem como suas experiências com a transição capilar ou ainda seus anseios e medos em iniciar esse processo. “Diário Crespo” foi o nome dado ao grupo criado no aplicativo do *WhatsApp*, com a finalidade de realizar a pesquisa, uma vez que a pandemia nos impossibilitou de fazê-la de forma presencial.

No quarto capítulo intitulado: *Desenrolando os nós da transição capilar*, discutimos a complexidade do processo de transição capilar. A articulação teórica entre os estudos de Fanon (2008) sobre o impacto do racismo nas subjetividades negras, bem como a filosofia da ética da libertação de Enrique Dussel (2019), nos ajudou a tecer a narrativa deste capítulo. Os estudos de Nilma Lino Gomes (2019) também foram fundamentais para compreendermos como a transição capilar encontra-se envolta entre as ambiguidades criadas pelo racismo: o “rejeitar-se” e o “aceitar-se” através da libertação de padrões estéticos.

No quinto e último capítulo intitulado: *Experiências do corpo negro na escola: algumas reflexões*, busco analisar os relatos das jovens sobre suas experiências com sua estética no ambiente escolar, seja pelo atravessamento do racismo com suas corporeidades, seja pela emancipação dos seus corpos através do processo de transição capilar, pois, ao mesmo tempo

¹² Provérbio africano do povo Akan, grupo étnico da costa do Marfim e de Gana”. Ele nos ensina que *nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás* (DRAVET; OLIVEIRA, 2017, p. 11).

em que as jovens denunciam casos de racismo vivenciados em suas trajetórias escolares, elas também anunciam para nós o quanto que a emancipação estética promovida pelo processo de transição capilar tem nos educado, mesmo em meio a conflitos, a construir outras narrativas sobre nossas belezas, sobre nós mesmas.

Por fim, nas considerações finais, são evidenciados os resultados deste trabalho bem como as lacunas que, por hora, não puderam ser preenchidas.

1 FIOS DA MEMÓRIA: UMA ESTÉTICA NEGRA FORJADA NA HISTÓRIA

(...) Tendo um cabelo tão bom, cheio de cacho em movimento, cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto, sim? Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim? Qual foi o otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? Ruim pra quê? Ruim pra quem?

(Emicida)

“Bucha 1 e bucha 2: mãe de gêmeas denuncia racismo de segurança de metrô na Bahia”. Esse é o título de uma manchete do site *Istoé.com*, publicada em janeiro de 2020. Os termos “bucha 1” e “bucha 2” referem-se aos cabelos *black power* de duas crianças de apenas 3 anos de idade. O racismo estético sofrido pelas garotas demonstra para nós o quanto a negação da estética negra reverbera ainda hoje, no século XXI.

Para compreender como o racismo se manifesta na contemporaneidade, é preciso voltar o nosso olhar para o passado do nosso país, construído com base no aniquilamento das populações indígenas e no violento sistema escravocrata que castigou as populações africanas do século XVI ao final do século XIX. Nessa seção, buscaremos discutir como a estética negra é uma dimensão importante na luta contra o racismo, sobretudo na atualidade, quando acompanhamos uma onda de empoderamento crespo se espalhar, com força, em todo o país. Para entendermos as ambiguidades sobre a estética negra, aludiremos ao processo de construção negativa que ela sofreu ao longo do tempo e, sobretudo, a partir das teorias eugenistas.

Nos últimos anos têm sido desenvolvidos diversos trabalhos trazendo as temáticas “estética negra” e “cabelo” como norteadores de pesquisas (BRAGA, 2020; GOMES, 2019; LOPES, 2017; MATOS, 2015). O cabelo, especificamente, considerado como um fio condutor para discussões extremamente relevantes no que se refere às questões étnico-raciais no Brasil, tem sido um signo importante nos debates sobre o racismo estético empreendido contra as populações negras desde muito tempo. Em toda a história deste país as populações negras foram ensinadas a pensar em sua inferioridade como uma verdade. A cor da pele, o formato do nariz, os lábios grossos e o cabelo crespo foram características fenotípicas estigmatizadas e inferiorizadas ao longo de nossa história. Segundo Joice Berth (2019):

Estética é a parte da filosofia que estuda o que julgamos e percebemos daquilo que é considerado belo, as emoções que essa percepção produz é a definição que se pode fazer entre o que é de fato belo ou não. Portanto, o belo é uma percepção, e como percepção, pode ser alterada, manipulada ou influenciada. E isso tem acontecido ao longo da história (BERTH, 2019, p. 112-113).

Como mencionado pela autora, o belo é uma percepção, e, como tal, pode ser alterada. E foi exatamente isso que aconteceu com a estética negra. Ela foi construída com base na degradação da autoimagem dos povos africanos/afro-brasileiros. No caso das mulheres negras, essas representações sempre repercutiram de modo mais intenso, sustentadas em categorias racialmente definidas por uma classe dominante que buscou, em toda a história da escravidão moderna, colocar o ser branco em “condição normativa”, naturalmente provida de inteligência, beleza, engenhosidade e, em contrapartida, o ser negro sujeito a uma “explicação científica”, apresentado como degenerado, fora da “normalidade” (MUNANGA, 2009). Este último, teve, por conseguinte, sua autoimagem socialmente construída como indolente, feio, preguiçoso, animalesco e intelectualmente incapaz.

Essas ideologias construídas ao longo dos séculos sobre as populações negras inevitavelmente trouxeram consequências à autoestima desses sujeitos, que tiveram sua história negada e sua cultura invisibilizada. A visão negativa construída e sistematizada pela própria ciência no século XIX vai deixar marcas físicas e sobretudo psicológicas nas populações diaspóricas do continente africano.

Ao aludir ao período escravocrata no Brasil, Nilma Lino Gomes¹³ (2019) pontua que “entre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo” (GOMES, 2019, p.34), o que significava uma mutilação para muitos povos africanos, que tinham no cabelo uma forte marca identitária. Sobre esta questão, Amanda Braga¹⁴ (2020), também menciona que

¹³ Nilma Lino Gomes é doutora em Antropologia Social pela USP, pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela UFSCAR. É professora titular da Faculdade de Educação da UFMG. Foi Fundadora e coordenadora do Programa de Ações Afirmativas na UFMG e atualmente integra a equipe de pesquisadores(as) desse programa. É coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ações Afirmativas (NERA/CNPq). Foi reitora *pro tempore* da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

¹⁴ Amanda Braga é Professora Adjunta III do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - Campus I. Possui Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba com coorientação na Universidade Federal de São Carlos (com bolsa CAPES), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (com bolsa FAPESP) e Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, desenvolve estágio pós-doutoral na Universidade Federal de São Carlos. É coordenadora do Observatório do Discurso (UFPB) e do Grupo Interinstitucional de Estudos de Discursos e Resistências - GEDIR (UFPB/ UFU/ UFS/ USP/ UNICEP), além de integrante do Laboratório de Estudos do Discurso (UFSCar).

Certos da necessidade de distanciar os negros escravizados de sua origem cultural, essa raspagem, salvaguardada sob o argumento de necessidades higiênicas, tinha o intuito de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos pudessem carregar a partir da relação com o cabelo (BRAGA, 2020, p. 82).

Para a autora, as marcas de pertencimento geográfico, como o achatamento do nariz, as marcas tribais, os penteados africanos, a imagem dos dentes, as escarificações etc., eram elementos enaltecidos entre os(as) africanos(as). É o contato com as culturas europeias que deslegitimará não apenas o corpo, mas as culturas, as histórias e as estéticas dos povos recém “chegados” aqui no Brasil.

Figura 1: Augusto Stahl. Mina Bari. C. 1865. The Peabody Museum of Archeology & Ethnology



Fonte: BRAGA (2020, p. 141).

Na imagem de Stahl¹⁵ podemos perceber os *sinais de nação* no rosto e no colo da jovem escravizada. Segundo Braga, esses sinais carregam uma relevância no interior das culturas

15 Théophile Auguste Stahl foi um fotógrafo teuto-brasileiro com atuação no Brasil durante o século XIX. Participou de várias exposições fotográficas na década de 1860. É conhecido também por ter retratado o cotidiano dos(as) negros(as) escravizados(as). WIKIPÉDIA. **Auguste Stahl.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Stahl. Acesso em: 25 de julho de 2021.

tribais, sejam as escarificações, a extração de dentes, o uso de turbantes, os penteados africanos, todos esses elementos funcionavam como importantes marcadores identitários.

Todos esses sinais identitários eram experienciados pelos(as) africanos(as) de forma positiva, e, a partir do processo de colonização, a forma como os povos africanos viam-se e construíam-se culturalmente e identitariamente toma direções contrárias, diante do cenário escravocrata. Segundo Salamandro (2018):

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviram como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com o branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e da fealdade que nos persegue até os dias de hoje (SALAMANDRO, 2018 *apud* BERTH, 2019, p. 122).

O autor nos situa na história, o momento em que se constrói o ideal de beleza pautado no corpo branco/europeu. Essa construção trouxe consequências violentas no que se refere à elaboração identitária das populações negras, na sua autoimagem, autoestima e, conseqüentemente, na tentativa insistente do europeu em despersonalizar a imagem negra. Sobre esta questão, Gomes (2019) afirma:

É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre sua imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma autoimagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é. Esta última tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra (GOMES, 2019, p. 158).

É nesse espelho social que a nossa imagem foi construída. Pelo olhar do colonizador. Segundo Maria Bernadete Ramos Flores¹⁶ (2007), a categoria estética surgiu no século XVIII¹⁷,

¹⁶ Maria Bernadete Ramos Flores/Professora Titular Aposentada do Departamento de História da UFSC. Graduada em História pela Universidade do Vale do Itajaí (1973), Mestre em História - UFSC (1979), Doutora em História - PUC/SP (1991), Pós-Doutorado - Universidade Nova de Lisboa/University of Maryland (1999-2000), Pós-Doutorado - IDAES - Universidad de San Martín (2009-2010). Professora visitante na Universidade de Salamanca (2003). Ano Sabático na University of California - Campus Davis (1994). Prêmio Destaque de Pesquisa - Centro de Filosofia e Ciência Humanas (2010). Dedica-se à pesquisa de História e Arte, Modernidade e Estética, Teoria da Imagem e Teoria da História. Atua na Linha de Pesquisa História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio, do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Entre diversos artigos e livros publicados, destacam-se as obras *Tecnologia e Estética do Racismo. Ciência e Arte na Política da Beleza* (2007).

¹⁷ “O classicismo adotou critérios da razão para discutir a estética, ainda chamada de poética, momento em que os elementos irracionais presentes nas artes começaram a ser questionados como parte da separação entre fé e ciência. A palavra estética só surgiu no século XVIII, foi empregada pela primeira vez em 1750 por Alexander Baumgarten, como sinônimo do estudo da arte e do belo, construída a partir da palavra grega “aisthesis”. O alemão Baumgarten foi aluno de Christian Wolff, o sistematizador da filosofia de Leibniz, sendo influenciado pela ideia de que

e é nesse contexto que a autora aborda a problemática da estética de raça: “os debates em torno da estética e das noções de feio e de belo forneceram instrumentos discursivos para classificar, hierarquizar e dividir as culturas da Terra, no contexto da partilha do mundo entre as nações imperialistas” (FLORES, 2007, p. 41).

As teorias eugenistas buscavam, segundo a autora, a tecnologia dos corpos perfeitos, a busca, autorizada pela ciência, de eliminar todo e qualquer traço considerado feio, deformado e destoante da beleza europeia. A fealdade era para os eugenistas um mal evitável, por isso a tentativa de branquear a população brasileira foi uma política do estado durante o século XIX. Vale salientar que não era somente a fealdade que estava em questão, os aspectos intelectuais e morais também eram alvo das políticas eugênicas. Para Flores (2007), a esterilização forçada, a alteração do artigo 183-14 do código civil, que impedia o matrimônio de consanguíneos até o 3º grau, o incentivo à imigração europeia, foram, dentre tantas outras, artimanhas utilizadas para alcançar o branqueamento da população. Assim,

A eugenia era tida como redentora da humanidade. Como ciência seu papel era investigar a geração para detectar, na genealogia familiar, a presença de elementos degenerativos; como arte, ela aplicaria os meios para produzir a boa geração; enquanto ramo da medicina social, medida eficaz contra os males causadores da degeneração da espécie e do abastardamento da raça. Se a fealdade, traçada nas tintas e na escrita do Brasil por viajantes e cientistas estrangeiros do século XIX, era representativa de nossa não-civilidade e de nossa identidade às avessas, acreditavam estes intelectuais que a eugenia oferecia os meios para embelezar e aperfeiçoar nosso tipo étnico em formação (FLORES, 2007, p. 63).

É nesse contexto, de uma ciência do horror, que a estética negra é forjada. As políticas de estética da raça pretendiam criar a identidade da nação brasileira longe da imagem de um país “degenerado”. Segundo a autora, a nação moderna não se baseava apenas “numa entidade idealizadora ou forma política, mas um fenômeno político cultural de intervenções sobre o corpo do indivíduo para forjar o corpo coletivo da nação” (FLORES, 2007, p. 68). Para uma nação alcançar sua *perfectibilidade*¹⁸ precisava se aproximar da “raça superior”, a caucasiana. Logo, a heterogeneidade étnica era um obstáculo na construção da nação brasileira.

Sobre o ideal da imagem do(a) brasileiro(a), Jerry Dávila (2006), em sua obra *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945* cita também o caso da construção

existiriam três faculdades da alma: razão, vontade e sentidos. Embora a discussão estética existisse desde a antiguidade, nomeada como poética, somente neste momento surgiu como ramo específico da filosofia”. RAMOS, Fábio Pestana. **Introdução à estética.** Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2011/10/introducao-estetica.html>. Acesso em 17 jun. 2021.

¹⁸ Segundo Flores (2007), a utopia da *perfectibilidade* operava com pares de opostos: o limpo e o impuro, o doente e o são, o físico e o mental, a carne e o espírito, o corpo e a alma, cuja solução é encontrada na beleza da forma humana, na crença de que um corpo perfeito abriga um corpo espiritual de pureza moral. (FLORES 2007, p. 39).

do “homem brasileiro”. O autor menciona que em 1938 o então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, questionava grupos de intelectuais e antropólogos de como seria a representação do homem brasileiro, “qual a sua altura, o seu volume? A sua cor? Como será a sua cabeça? A forma do rosto? A sua fisionomia?” (DÁVILA, 2006, p. 47). A estátua encomendada para ornamentar a entrada do prédio do Ministério da Educação e Saúde incomodou Capanema, pois ela “parecia racialmente degenerada, em vez de viril e ariana, como ele imaginaria que viria a ser o brasileiro” (DÁVILA, 2006, p. 47).

A figura do “homem brasileiro” que o escultor Celso Antônio extraiu da pedra representava tudo o que Capanema esperava que o Brasil deixasse para trás. A figura era um caboclo, um homem das matas, de raça mestiça. Para tornar as coisas piores, esse caboclo era barrigudo. O escultor Celso Antônio, justificou sua obra afirmando que, ao olhar para o Brasil, era aquilo que ele via. Essa figura era o retrato do homem médio brasileiro. Aparentemente, ele desconsiderara o significado alegórico desse monumento para o Brasil do futuro que era branco e forte” (DÁVILA, 2006, p. 49).

Segundo Dávila (2006), a negação da escultura foi concordada por vários intelectuais, cientistas e jornais da época que apoiaram Capanema na decisão de ignorar a obra de Celso Antônio e buscar ser mais claro no pedido da próxima encomenda da imagem/ estátua do “homem brasileiro”. A “escultura deveria ser branca e não de nenhum outro grupo em assimilação” (DÁVILA, 2006, p. 51).

A obra do autor é de grande relevância para compreendermos como as políticas públicas engendradas no sistema de ensino em meados do século XX foram direcionadas dentro de ideais eugenistas. Não à toa o ministério da educação estava atrelado ao da saúde, pois os cientistas brasileiros como Roquete Pinto, Oliveira Vianna e Rocha, embora tivessem filosofias científicas divergentes, todos eles, segundo Dávila (2006), “confiavam no futuro branco do país e no papel da educação e da saúde pública em sua criação” (DÁVILA, 2006, p. 50). A escola era a carro-chefe na luta contra a “degeneração”, e para conceder o *diploma de brancura* era preciso dar fim a todas as imperfeições das diferenças, as quais distanciavam o povo brasileiro miscigenado do ideal estético: o branco.

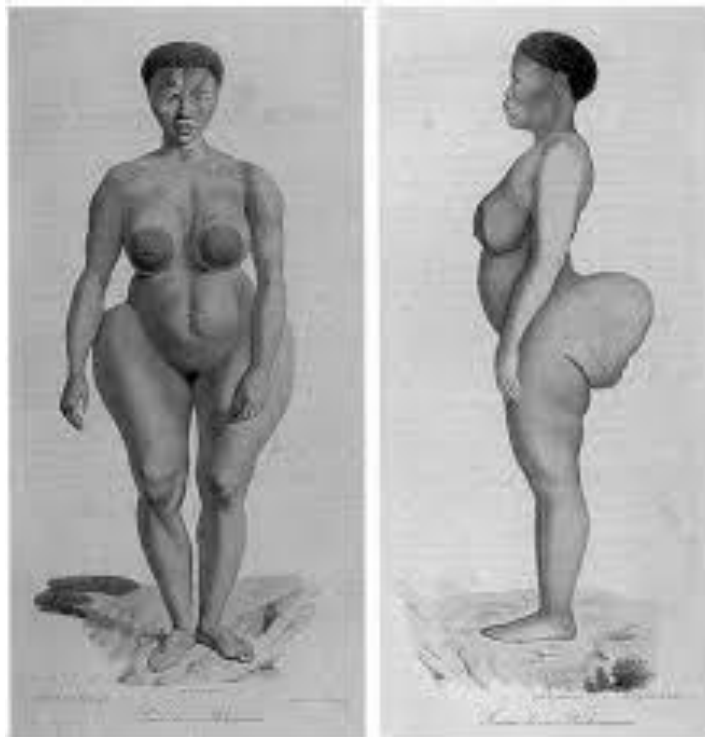
A negação de um povo miscigenado e a relutância em “melhorar” a imagem estética desse povo nos perseguirá na história. As contribuições de Amanda Braga (2020) sobre os discursos construídos ao longo do tempo acerca da beleza, também nos auxiliam na compreensão de como foram construídas as narrativas para deslegitimar e minar a estética negra ao longo da história. Braga (2020) faz uma análise minuciosa através de registros fotográficos, recortes de jornais e revistas, anúncios publicitários, dentre outras fontes, para mostrar como a beleza é fruto de uma produção histórica, e, no caso da beleza negra, uma produção histórica

castigada pelo processo de dominação onde o “corpo negro foi discursivizado nas tramas de um sistema escravista” (BRAGA, 2020, p. 19).

Braga (2020) faz uma viagem no tempo: da “Vênus Clássica” à “Vênus Negra”, para discutir como o significado de beleza toma direções diferenciadas do decorrer do tempo, do espaço e das culturas onde as representações dessas Vênus¹⁹ foram construídas. A autora traz com riqueza de informações e imagens as passagens das Vênus, enfatizando as representações e significados no tempo de cada uma delas, em que

Até o século XVIII, a história dosou, à maneira – fazendo ampliar ou abrandar, as esferas da beleza e da virtude em cada um dos momentos em que a Vênus se deu a ver. Espelho de beleza, seu corpo foi moldado sempre à imagem e semelhança do belo, independentemente da concepção adotada. Assim, fazia-se confundir corpo e beleza. Tendo diante dos olhos, a representação de uma Vênus, haver-se-ia de fazer uma associação direta: se Vênus, logo bela (BRAGA, 2020, p. 39).

Figura 2: Vênus Hotentote: desenho duplo em 1824. Imagem publicada em Samain (2001)



Fonte: BRAGA (2020, p. 131).

¹⁹ Na mitologia Romana- *Vênus* -deusa do amor, *Vênus Willendorf*- deusa da fertilidade, *Vênus de Milo*-beleza admirável e temível, *Vênus de Botticelli*-beleza associada a face de Deus, promovida a condição de anjo. *Vênus ao espelho*- A beleza feminina ganha uma estética luxuosa e ganha um certo apelo carnal.

Se as representações das Vênus atravessadas na história terão a beleza como um atributo inquestionável, independente das concepções ideológicas em que elas foram construídas, o mesmo não ocorrerá com a *Vênus negra*, ou *Vênus hotentote* (Figura 2). A pequena menina de nome Saartjie, nascida no final do século XVIII, pertencente ao povo *Khoisan*²⁰, foi considerada a Vênus negra. Braga menciona que Saartjie era

Pertencente ao povo Hotentote, herdou as características físicas pelas quais ficaram conhecidas as mulheres de seu povo: uma espécie de avental frontal, ou avental hotentote, que denotava a hipertrofia de seus lábios vaginais, bem como a esteatopigia, o que lhe conferia um acúmulo de gordura nas nádegas, fazendo-as maiores e mais salientes em relação ao padrão europeu (BRAGA, 2020, p. 39-40).

Diante da sua diferença estética em relação à europeia, Saartjie terá uma vida extremamente violentada, sendo tratada como animal para o entretenimento do povo francês. Courtine (2006), citado por Braga, enfatiza que “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica” (COURTINE, 2006, p. 257 *apud* BRAGA, 2020, p. 40-41).

Pelos atributos físicos considerados exóticos aos olhos europeus, Saartjie foi exposta em feiras, circos e teatros. Nessas ocasiões, em uma jaula, “Saartjie aparecia presa a uma corrente (nua, porém com a vagina coberta) e caminhava de quatro, de maneira a ressaltar o seu traseiro e sublinhar a natureza ‘animalesca’ que naquele tempo costumava-se atribuir a sensualidade (BRAGA, 2020, p. 40).

O que a autora descreve acima é um verdadeiro “show” de horrores onde a diferença é o motivo do espetáculo. Depois que Saartjie faleceu, ela teve o seu corpo esquartejado para ser milimetricamente estudado pela ciência eugênica da época. Partes de seu corpo foram distribuídos em museus e, segundo Braga, foi “apenas em 2002, por reivindicação de Nelson Mandela, que seus órgãos, bem como uma caixa com sua ossada, foram devolvidos à África do Sul.” (BRAGA, 2020, p. 49).

Diante do espetáculo da diferença, Saartjie não tardou em despertar, nos cientistas da época, o desejo de examiná-la. Assim, como qualquer “corpo estranho” o corpo exótico da Vênus negra precisava ser devidamente conhecido pela ciência: aberto, estudado e espetacularizado (BRAGA, 2020, p. 45).

²⁰ Segundo Braga, o povo Khoisan, era considerada a mais antiga etnia humana estabelecida da parte meridional da África, cujos invasores europeus denominaram, mais tarde, de Hotentotes ou Bosquímanos (BRAGA, 2020, p. 39).

Assim, ao aludirmos parcialmente como a beleza negra foi castigada e violentada ao longo da história, conseguimos compreender porque na contemporaneidade politizar a estética negra é algo tão fundamental. Discutir os significados, ambiguidades, conflitos, ressignificações em torno da estética negra através do processo de transição capilar é um caminho, dentre tantos outros, para desconstruirmos o ideal de beleza ao qual ficamos presos(as) durante séculos. Deste modo, concordamos com Braga ao propor que

os padrões se desfazem em diversos outros, que nascem de outros discursos, que carregam novos sentidos, que constroem novas identidades. O cabelo crespo não está fora desse ciclo: ele já não é aquele usado na África, no Brasil escravocrata ou durante o século XX, ele se desdobra em muitos e seus mais diversos usos, da textura natural às práticas de alisamento, não impedem, pois, que o negro se reconheça como tal, mas denuncia a convergência de símbolos culturais, o que é indispensável no país *mulato* em que vivemos (BRAGA, 2020, p. 242).

Tanto Braga (2020) quanto Nilma Lino Gomes (2019) irão pontuar a ressignificação da estética negra através de atravessamentos culturais nos quais estamos todos imersos. Para Gomes (2019), o cabelo está intimamente ligado à construção da identidade negra. A construção ideológica das concepções dicotômicas entre o liso e o crespo, associadas respectivamente ao belo e ao feio nasce, concomitantemente, com o início do processo de escravização do(a) africano(a) em nosso país, como já mencionamos anteriormente. E o cabelo, que antes era considerado símbolo de identidade, dignidade e identificação para algumas etnias africanas, no decorrer da história passou a ser símbolo de inferioridade. Deste modo, esta ideologia encontra-se cristalizada até hoje no imaginário social, produzindo discursos etnocêntricos reverberados através de um racismo latente que estrutura as relações sociais, econômicas, políticas e culturais do Brasil.

As populações negras, ao não se perceberem enquanto construtoras de sua própria história, acentuam sua baixa autoestima. Esta se encontra umbilicalmente relacionada à criação de estereótipos negativos, cujo intuito é atender a interesses de uma classe economicamente dominante que se posiciona numa esfera superior em detrimento dos demais grupos étnicos. Segundo Ana Célia da Silva (2019):

O estereótipo é uma visão simplificada e conveniente de um indivíduo ou grupo qualquer, utilizada para estimular o racismo. Ele constrói ideia negativa a respeito do outro, nascido da necessidade de promover e justificar a agressão, constituindo um eficaz instrumento de internalização da ideologia do branqueamento [...] promovendo o estereótipo, a ideologia consegue impelir o próprio estereotipado a internalizar a sua imagem idealizada negativa com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo (SILVA, 2019, p. 47).

Essa ideologia do branqueamento foi fortemente trabalhada aqui no Brasil, sobretudo no momento em que muitos pensadores brasileiros “compraram” as ideias das teorias racistas produzidas na Europa no século XIX. A negação da mestiçagem e a possibilidade de embranquecimento da população brasileira irão, segundo Delcele Mascarenhas Queiroz (2009), incentivar a imigração europeia. “Daí a necessidade da adoção de políticas que incentivassem o processo da imigração europeia como forma de aumentar a população branca no país, apressando o processo de “embranquecimento” (QUEIROZ, 2009, p. 173). Para a autora, ocorre, no Brasil, um sistema de hierarquização social onde a raça, o status e classe são evidenciados para “demarcar a distância entre privilégios e direitos, deveres e privações” (QUEIROZ, 2009, p. 174). Na verdade, o incentivo à imigração é a expressão do racismo hierárquico que orientava a política do estado colonial e, posteriormente, do Império e da República.

A ideologia do branqueamento é a própria negação da diferença. Diante de um país com categorias racialmente distintas, como o Brasil, a desumanização do outro nasce a partir do momento em que uma etnia se acha superior a outra, economicamente, socialmente, fisicamente e culturalmente falando. A ideia de raças superiores e inferiores deixará marcas violentas no campo da estética, da história da cultura e condição social das populações negras diaspóricas. Segundo Giralda Seyferth²¹, a construção ideológica do conceito de raça foi

Inventado no século XIX no âmbito de uma “ciência das raças” produzida por antropólogos, psicólogos, sociólogos, ensaístas, filósofos etc., cujo dogma afirmava a desigualdade das raças humanas e a superioridade absoluta da raça branca sobre todas as outras.(...)As crenças que levaram à afirmação da superioridade dos brancos e da determinação biológica da capacidade civilizatória, estão profundamente arraigadas no pensamento ocidental, por mais que a ciência do século XX tenha procurado destruí-las. Seu peso nas ideologias de classe é incontestável e, por isso mesmo, as características raciais continuam produzindo significados sociais. (SEYFERTH, 1995, p. 178).

²¹ Giralda Seyferth (Brusque, 1 de abril de 1943 — Rio de Janeiro, 6 de abril de 2017) foi uma pesquisadora, professora, historiadora e antropóloga brasileira. Graduiu-se em História pela Universidade Federal de Santa Catarina em 1965, realizou o mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1973, com a dissertação *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*, e o doutorado em Ciências Humanas na Universidade de São Paulo em 1976, com a tese *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Coordenou os Grupos de Trabalho sobre Migrações Internacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, da Reunião Brasileira de Antropologia e da Reunião de Antropologia do Mercosul. Foi co-fundadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios. Foi membro de comitês editoriais de revistas, do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia e das suas comissões de Relações Étnico-Raciais e de Migrações e Deslocamentos. Foi professora na UFRJ, onde coordenou cursos de pós-graduação. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Giralda_Seyferth. Acesso em: 07 set. 2021.

A autora nos encaminha a refletir como as teorias raciais foram perversas com as populações negras e como a ideologia de raça enquanto categoria discursiva impacta negativamente na vida desses povos. A categoria raça para a autora era tida como instrumento da ciência que buscou classificar os humanos em superiores e inferiores. Então, para se constituir uma raça brasileira era preciso “higienizá-la” através das políticas de branqueamento.

A aceitação da tese do branqueamento implicou no apoio a uma política imigratória visando introduzir no Brasil apenas imigrantes brancos. O efeito prático esperado era a assimilação cultural e física desses elementos, sendo frequentes nos discursos os termos “caldeamento”, “mistura”, “fusão” e “miscigenação”; e sua incorporação total a uma nação brasileira ideal configurada como ocidental, de civilização latina e a população de aparência branca (SEYFERTH, 1995, p. 181).

Os esforços para apagar os traços fenotípicos de uma nação que se constituiu negra, indígena e miscigenada, através da violência do próprio sistema colonial, se davam não apenas para desqualificar a imagem negra e indígena, mas na tentativa de apagamento e aniquilamento definitivo desses povos. A inferiorização da imagem negra se dá, segundo Seyferth (1995), através dos estereótipos que serviram para dar respaldo científico à tese de branqueamento. Para a autora, os estereótipos foram ao longo da história construídos para inferiorizar a imagem dos povos negros e criar referenciais identitários negativos sobre eles.

Segundo Kathryn Woodward²² (2014), as identidades são construídas a partir de sistemas de representações. Essas representações são produzidas socialmente e por diferentes sistemas de símbolos. No caso das identidades negras, os sistemas dominantes de representação que as marcaram secularmente foram de representações estereotipadas, utilizando o corpo como marca que qualifica e desqualifica os sujeitos, a depender do espaço que ocupem, da cor da pele e dos fenótipos que carreguem. Para Woodward (2014),

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas. (...) A discussão sobre identidade sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (WOODWARD, 2014, p. 20).

O que Woodward (2014) menciona é enfatizado também por várias outras intelectuais (FIGUEREDO, 2019; GOMES, 2019; DAILZA, 2017; MATTOS, 2015), que é a

²² Kathryn Woodward é professora de sociologia na Open University, onde dirigiu estudos femininos, sociologia e cursos de gênero e tecnologia em todos os níveis. Ela é membro do Centro de Pesquisa sobre Mudança Sócio-Cultural e pesquisa identidades e diversidade de gênero, mais recentemente no esporte.

ressignificação das identidades subalternizadas. Esta ressignificação está pautada dentro de um sistema de resistência por parte de vários segmentos da sociedade, a exemplo dos movimentos sociais, sobretudo o movimento negro, o movimento feminista negro, dentre outros que reivindicam o reconhecimento de identidades étnicas e de gênero, que foram obliteradas ao longo da história. Para Gomes:

No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência negra num processo, não menos tenso, de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão, desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro do Novo Mundo, até os impactos do branqueamento (GOMES, 2019, p. 29).

Desconstruir os padrões estéticos incorporados ao longo do tempo em nossa sociedade é fundamental na busca da valorização de belezas outras que não precisam estar associadas à brancura para serem legitimadas. Como vimos, a construção da beleza negra pautou-se nos ideais europeus, que aqui nas Américas subjugou as populações indígenas e negras, enfraquecendo suas identidades ao longo da história.

O processo de transição capilar nos ensina sobre racismo, autoestima, gênero, machismo, empoderamento e tantos outros temas que muitas vezes passamos a ter contato quando iniciamos o processo. Os diálogos, as experiências compartilhadas em redes sociais, em coletivos de mulheres negras, nas Marchas de Empoderamento Crespo, dentre tantos outros espaços criam uma rede pedagógica extremamente relevante na compreensão de temáticas que nos são tão caras. Acreditamos que esse processo dialógico nos auxilia e ensina na construção de uma sociedade antirracista. Quando compreendemos sobre nossas histórias, ressignificando nossas identidades e autoestima de forma positiva, quando aprendemos a enfrentar toda e qualquer forma de opressão, os processos educativos acontecem, aprendemos a ser *pedagogas(os) da diversidade*. Para Gomes,

O processo de emancipação e superação sociorracial nos desafia a construir uma *pedagogia da diversidade* (de raça, de gênero, de idade, de culturas). Esta é fruto da ação dos movimentos sociais desde os anos de 1950 e 1960 como movimento de educação popular e a participação de Paulo Freire (GOMES, 2017, p. 134, grifos do autor).

A luta pelo respeito à diversidade que ocorre, na maioria das vezes, fora dos espaços formais de educação transforma-se em instrumento legal²³ de transformação social. Para Gomes (2017), a *pedagogia da diversidade* é um produto de “luta contra-hegemônico no campo educacional e está no cerne do processo de emancipação social” (GOMES, 2017, p. 135).

Assim, se na contemporaneidade o racismo estético ainda se faz presente em nosso dia a dia, como exemplificamos com o caso das garotas gêmeas que sofreram racismo pelo segurança do metrô, é também verdade que estamos diante de uma geração que tem buscado subverter a ordem dos padrões de beleza e das opressões estabelecidas há séculos em nossa sociedade. A ressignificação da beleza negra no século XXI passa, dentre outros discursos, pela importância do empoderamento cresco, onde os debates antirracistas fortalecem a construção da imagem positiva de homens e mulheres negras e pela diversidade na qual esses corpos apresentam suas estéticas. Desta forma, as pesquisas realizadas sobre estética negra e transição capilar são fundamentais na construção de novas epistemologias. Maldonado-Torres vai nos dizer que a escrita para muitos(as) intelectuais negros(as) é uma forma de reconstruir a si mesmo, e que a própria decolonialidade deve ser um “giro epistêmico decolonial, por meio do qual o condenado emerge como questionador, pensador, teórico e escritor/comunicador” (MALDONADO-TORRES, 2012, p. 46).

Na seção seguinte, contextualizamos o momento atual em que vivemos uma das maiores crises sanitárias do nosso tempo, com a pandemia do SARS CoV-2. Consideramos importante fazermos este parêntese histórico a fim de elucidarmos o dramático momento em que nos encontramos, bem como pontuar as mudanças metodológicas que tiveram de ser tomados para a realização da pesquisa.

²³ “A obrigatoriedade do ensino de história e cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas, a demanda por ações afirmativas do ensino superior, a implementação de cotas raciais e as políticas de promoção da Igualdade” são exemplos que Gomes traz para ilustrar o papel importante desempenhado por essa *pedagogia da diversidade* (GOMES, 2017, p. 135).

1.1 “O DIA EM QUE A TERRA PAROU”: UM PARÊNTESE HISTÓRICO!

Essa noite eu tive um sonho de sonhador
 Maluco que sou, eu sonhei
 Com o dia em que a Terra parou
 Com o dia em que a Terra parou
 Foi assim
 No dia em que todas as pessoas
 Do planeta inteiro
 Resolveram que ninguém ia sair de casa
 Como que se fosse combinado em todo o planeta
 Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém!
 (Raul Seixas)

A música de Raul Seixas que trazemos para iniciar esta subseção representa, em parte, o momento histórico que estamos vivendo em escala planetária com a Pandemia da COVID-19 desde o início do ano de 2020. Foi difícil escrever uma dissertação de mestrado num momento em que a morte beira a vida. Na tentativa da escrita, pensava no privilégio (privilégio porque nem todas as pessoas puderam ficar em casa cumprindo o distanciamento social) de estar em plena quarentena, tentando acelerar uma escrita, para uma futura defesa, num amanhã cheio de incertezas. Nos períodos de pico da pandemia, populações inteiras de diversos países foram orientadas a isolarem-se em suas casas e a privarem-se de frequentar locais públicos para evitar o risco de contágio. Na era da velocidade, vivemos o paradoxo de ver tudo parar para assegurar a preservação da vida.

Em vários países, os profissionais da saúde que estão na linha de frente do combate à doença trabalharam (e, em alguns casos, ainda trabalham) com equipamentos de proteção individual (EPI) insuficientes. Paralelo a isso, acompanhamos milhões de trabalhadores informais que, não podendo cumprir o isolamento social, saíam de casa por uma necessidade de sobrevivência²⁴. Angela Davis²⁵, em uma roda de conversa sobre o atual panorama de populações carentes frente ao combate ao coronavírus, lembra-nos que “esse modelo de

²⁴ É importante salientar que, paradoxalmente, muitas pessoas que podem ficar em casa, saem e provocam aglomerações, descumprindo os decretos vigentes em suas repartições, e protagonizando atos de irresponsabilidade e falta de empatia.

²⁵ Angela Davis é filósofa, professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Como ativista, integrou o grupo Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm> acesso em 07 out. 2021.

quarentena incorpora uma lógica que pressupõe que as pessoas tenham casa e dinheiro para comida e possuam os meios para comunicarem-se com os outros” (DAVIS, 2020, p. 13). Ou seja, as populações mais desassistidas são as maiores prejudicadas no cenário de pandemia, porque precisam sair para prover o alimento de suas famílias. E são as populações marginalizadas historicamente, negros, índios, pobres, mulheres etc., que precisam expor-se aos riscos de contrair a doença. A situação aqui no Brasil, onde temos assimetrias socioeconômicas abissais, é alarmante. O país é o segundo que apresenta o maior número de casos e mortes no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.²⁶

No período em que se dão tais acontecimentos, o governo Federal tem como gestor o senhor Jair Messias Bolsonaro, eleito presidente da república nas eleições de 2018. Em suas falas e atitudes públicas, o chefe do executivo contraria²⁷ as orientações fornecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o isolamento social, que tem sido a única maneira de evitar a contaminação pelo vírus, e também com relação ou uso de medicamentos sem comprovação científica. Para além disso, o presidente pensava exclusivamente na economia do país, sem levar em consideração o número de mortos, que ultrapassava os 500 mil aqui no Brasil, em julho de 2021.

Os fatos relatados provam que tivemos uma política genocida, em que o chefe do executivo apoiava, em plena pandemia, passeatas e aglomerações de dezenas de fanáticos contra o Supremo Tribunal Federal e a favor do desmantelamento do Congresso Nacional, em gritos irracionais que clamam a volta da ditadura militar e o fim das instituições democráticas. O presidente Jair Bolsonaro impelia seus eleitores a flertarem com o vírus e, consequentemente, com a morte. Ao ser perguntado por um repórter sobre o que ele achava do número crescente dos mortos no país ele responde: “E daí, vou fazer o quê, eu sou messias, mas não faço milagres”. E é assim, em tom de cinismo e deboche, que o presidente gerenciou a maior crise sanitária de nossa época.

Consideramos esta uma política suja e inescrupulosa que desacreditou da ciência, que não se planejou, no início, para a compra de vacinas, e que pouco se importou com o país. Vale salientar que em meio à pior crise sanitária do nosso tempo, foi instaurada a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da COVID, para apurar omissões e irregularidades das ações do

26 Dados disponibilizados até o dia 22 de julho de 2021. CASOS de coronavírus pelo mundo. Gazeta do Povo, 2021. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/casos-no-mundo/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

27 O governo federal incentivou o uso de medicamentos, a exemplo da hidroxicloroquina, para o tratamento da COVID sem que houvesse comprovação científica sobre sua eficácia. LOPES, Raquel. Entenda como o governo desfez esforços com cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid. Folha de S. Paulo, 2021.

governo federal diante do enfrentamento à pandemia. Dentre outras denúncias feitas na CPI, destaca-se o fato de o governo federal ter recusado três ofertas de vacina da empresa Pfizer, oferta equivalente a 18,5 milhões de doses que deveriam ser entregues em dezembro de 2020²⁸.

O *slogan* de campanha do então presidente é: “Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos” é um deboche, diante do cenário caótico que vivenciamos desde o início da pandemia. Pesquisas divulgadas em 2021 indicaram que os estados e municípios onde houve maior apoio e quantidade de votos nas eleições de 2018 para o então candidato Bolsonaro registraram maior índice de mortalidade por COVID-19 do que nas localidades. O pesquisador Osvaldo Carvalho²⁹ realizou uma pesquisa na qual ele constata que, se não fosse a má influência de Bolsonaro, teríamos tido 95 mil mortes a menos (até 18/04/2021). Em uma reportagem concedida ao *Brasil de fato* ele esclarece:

Brasil de Fato - Você fez uma série de postagens apontando que a mortalidade é maior em municípios onde Bolsonaro teve mais votos em 2018, os quais você nomeou de “municípios 17”, do que nos ditos “municípios 13”, onde o candidato Fernando Haddad venceu. No conjunto, a diferença seria de 54%, caso não houvesse a influência de Bolsonaro. Esta descrição dos resultados da sua análise está correta? Como você chegou a essa conclusão?

Osvaldo Carvalho - Sim, a descrição está correta. Esse número de mortes a menos é calculado aplicando-se a taxa média de mortalidade, prevalente nos municípios onde Bolsonaro perdeu, à população dos municípios onde ele ganhou, e subtraindo do número de mortes por COVID registrado neste último segmento. Em outras palavras, caso o segmento onde Bolsonaro venceu tivesse a mesma taxa de mortalidade do outro segmento, teríamos (pelos números de hoje, 18/04), 95 mil mortes a menos. Os resultados são verificáveis, pois trabalhei com dados públicos e o código está disponível na internet.³⁰

O comportamento irresponsável do presidente da república e de seus apoiadores é levantado pelo pesquisador como um dos motivos que fez com que a taxa de óbito, num dado momento, tivesse sido mais elevada nas regiões onde ele teve o apoio político. Isso porque, enquanto não havia vacinas suficientes para barrar a disseminação do vírus, o distanciamento social, o uso de máscaras e o uso do álcool em gel eram as únicas formas de conter o vírus, no entanto, essas medidas foram, inacreditavelmente, criticadas pela política bolsonarista.

²⁸ SIQUEIRA, Carol. Dados da Pfizer apresentados à CPI da Covid geram disputa entre deputados. Agência Câmara de Notícias, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/759227-dados-da-pfizer-apresentados-a-cpi-da-covid-geram-disputa-entre-deputados>. Acesso em: 16 jun. 2021.

²⁹ Doutor pela Université Pierre et Marie Curie, professor voluntário do Departamento de Ciência da Computação da UFMG e especialista em desenvolvimento de sistemas para análise de taxas de atendimento do SUS.

³⁰ OLIVEIRA, Wallace. "Apoiadores de Bolsonaro estão morrendo mais que o restante da população". Brasil de Fato, 2021. Entrevista disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/04/20/apoiadores-de-bolsonaro-estao-morrendo-mais-que-o-restante-da-populacao#.YIF3rpBJPv1.whatsapp>. Acesso em: 17 jun. 2021.

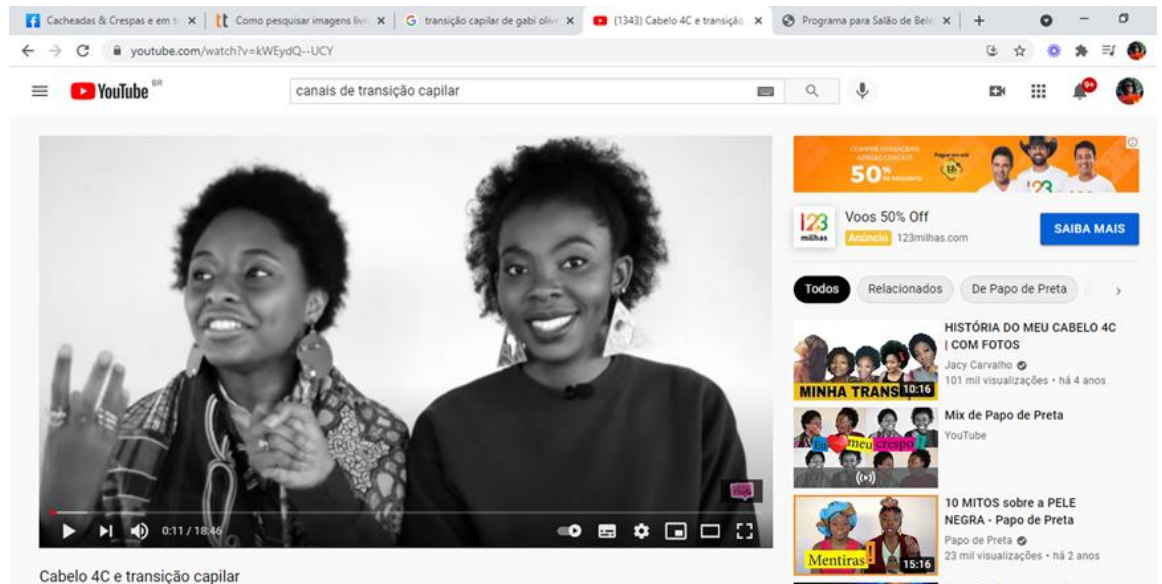
Incorporar este parêntese histórico neste trabalho é de fundamental importância, pois o contexto pandêmico obrigou a todas(os) nós pesquisadoras(es) a buscar novas metodologias para prosseguir com a pesquisa, sobretudo para aquelas(es) pesquisadoras(es) que já estavam na fase da pesquisa de campo. No ano em que a “terra parou”, reinventar-se foi um verbo presente em todos os aspectos da vida, seja no âmbito do trabalho, da vida familiar ou dos estudos, inclusive na produção desta dissertação. As reuniões, congressos e aulas passaram a realizar-se no formato *online*, instaurando a necessidade de aquisição de novas habilidades.

Diante do exposto, na seção seguinte, detalharemos as mudanças feitas no itinerário da pesquisa diante do contexto pandêmico, explicitando os desafios, bem como os aprendizados desenvolvidos no decorrer da realização deste trabalho.

1.2 O ENCONTRO COM A PESQUISA: O AJUSTE DE UM MÉTODO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

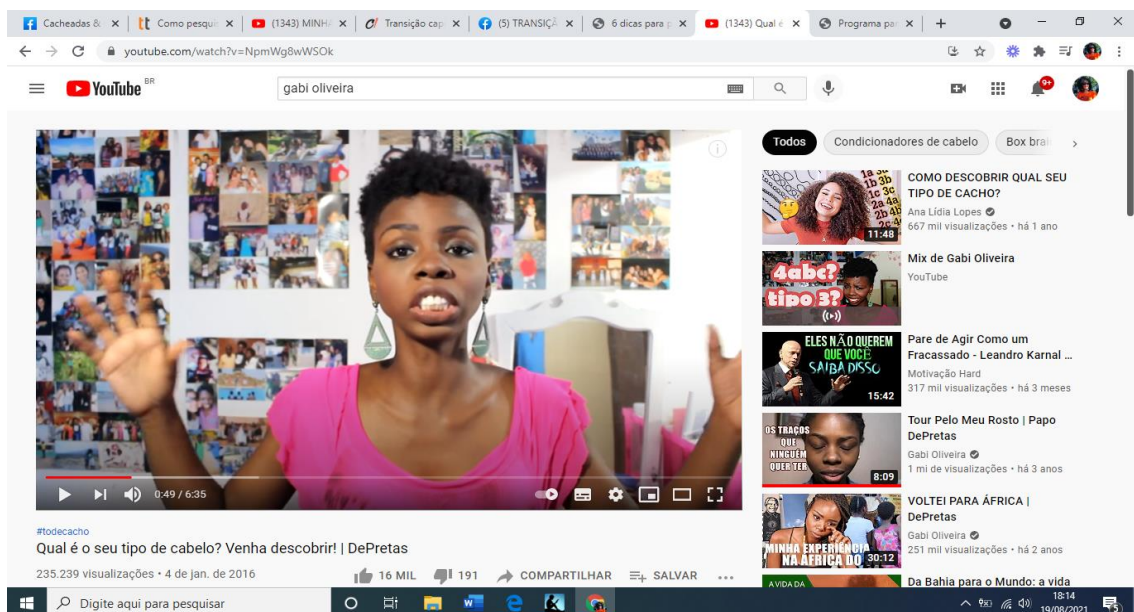
O ano de 2012 foi marcado pela intensificação do incentivo ao processo de transição capilar aqui no Brasil, cujo aumento de pessoas com acesso à internet possibilitou a milhares de mulheres, de diversas gerações, terem contato com canais no *Youtube* e páginas no *Facebook* as quais traziam, naquele momento, várias blogueiras feministas e anônimas que incentivavam o processo de transição capilar. O impacto causado por esses vídeos e, consequentemente, pelas histórias narradas por essas mulheres inspirou e inspira centenas de outras a também iniciarem esse processo, deixando assim seus cabelos naturais. Nas imagens que seguem trazemos alguns exemplos desses canais e páginas inspiradoras.

Figura 3: Print do vídeo no canal Papo de Preta, do Youtube, falando sobre o processo de transição capilar



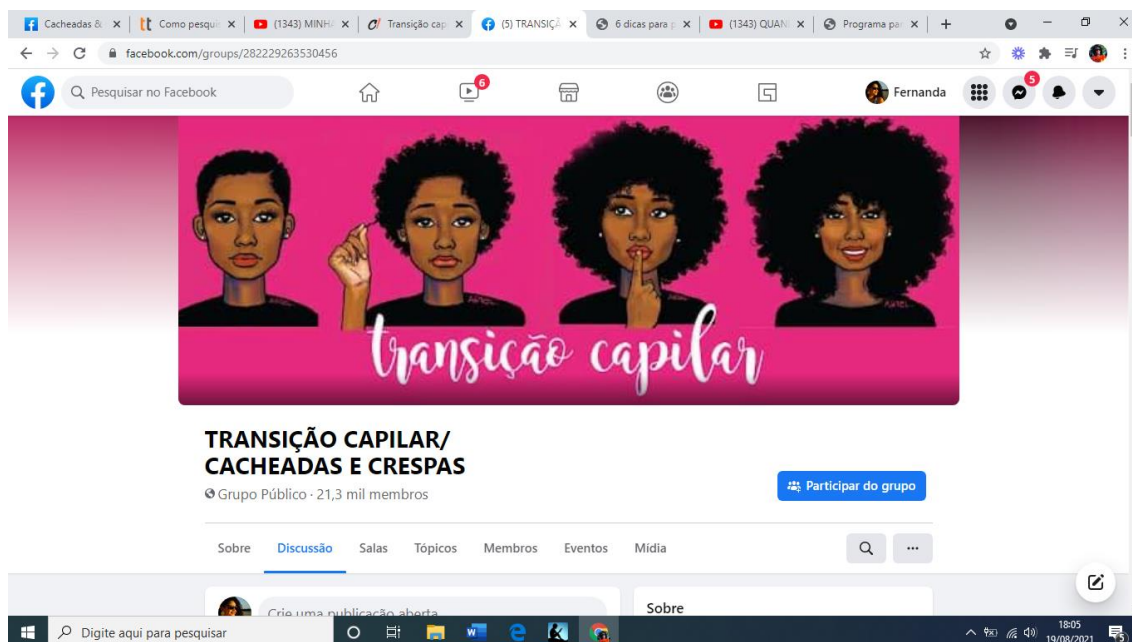
Fonte: Captura feita pela autora (imagem da página do Youtube).

Figura 4: Print do vídeo no canal de Gabi Oliveira do Youtube



Fonte: Captura feita pela autora (imagem da página do Youtube).

Figura 5: Print da página Transição capilar/cacheadas e crespas, do Facebook



Fonte: Captura feita pela autora (imagem de página da rede social Facebook).

O encontro com a pesquisa deu-se definitivamente através do trabalho realizado no Grupo Crespas e Cacheadas de Santinho³¹. A criação do grupo aconteceu no ano de 2014, na cidade de Santo Amaro- Ba. Naquele período, todas as participantes do Grupo Crespas (amigas da vida e de jornadas educacionais) iniciaram seu processo de transição capilar e, pela experiência em descobrir que eram bonitas com seus cabelos naturais, decidiram, em 2014, fomentar o *I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santo Amaro e Recôncavo* e incentivar outras mulheres a também descobrirem beleza em seus cabelos.

Foi por fazer parte desse grupo, atualmente formado por sete educadoras e uma museóloga, que me inspirei a desenvolver esta pesquisa. O desejo em realizá-la tem sido nutrido desde o ano de 2014, quando percebi a potência da temática e passei a acompanhar o *boom* da transição capilar no espaço escolar e nas redes sociais.

³¹ “de Santinho” é uma expressão carinhosa (dada por moradores) para designar a cidade de Santo Amaro da Purificação.

Figura 6: Registro do I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santinho/ novembro de 2014



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 7: Registro do I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santinho/ novembro de 2014



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Após o I Encontro de Crespas e Cacheadas de Santinho (Figuras 6 e 7), o grupo decidiu aprofundar-se nos estudos da temática das relações étnico-raciais, e passamos a desenvolver oficinas de empoderamento crespo/político nas escolas das redes municipal (Figuras 8 e 9) e estadual de ensino da cidade de Santo Amaro e circunvizinhança.

Figura 8: Oficina sobre Empoderamento negro - Escola Municipal Nazaré Falcão/ abril de 2017



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 9: Oficina Educação para as relações étnico raciais-Colégio Municipal Luís Viana Filho/julho de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 10: I Roda de Conversa com o tema: Lugar de Mulher negra é onde ela quiser estar, realizada na Praça da Purificação/ julho de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 11: II Roda de Conversa com o tema Empreendedorismo negro realizada na Praça da Purificação/ agosto de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 12: Grupo Crespas e Cacheadas discutindo Empoderamento da Mulher Negra no Mercado da Farinha (Mercado Municipal) de Santo Amaro/Projeto Cê Cult-mercado no Mercado/ março de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 13: Segundo momento do Grupo Crespas e Cacheadas discutindo Empoderamento da Mulher Negra no Mercado da Farinha (Mercado Municipal) de Santo Amaro/Projeto Cê Cult-mercado no Mercado/ março de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No desenvolvimento do trabalho do grupo, pudemos amadurecer o entendimento sobre a nossa responsabilidade social em fomentar debates em espaços educacionais e outros espaços (Figuras 10, 11, 12 e 13) levantando questões de como, ao longo da história, nossa estética e nossa identidade foram manipuladas e, paradoxalmente, construídas para não existirmos. Esse trabalho é realizado mais intensamente nos espaços escolares, mas também levamos nossas experiências para espaços públicos, onde, muitas vezes, os debates étnico-raciais não chegam.

O trabalho realizado no grupo Crespas e Cacheadas tem um forte papel educador. Não é por acaso que temos hoje duas integrantes do grupo que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – UNEB Campus I. Foi o trabalho no grupo que nos mobilizou a ingressarmos no curso de mestrado e desenvolvermos pesquisas voltadas para as relações étnico-raciais na educação. Assim, nos fortalecemos, fortalecemos outras mulheres e contribuímos ainda mais na construção de uma educação antirracista. A cada formação dada, ouvimos relatos de meninas que decidiram passar pela transição capilar. Ouvimos também meninas e meninos com sua autoestima fragilizada a ponto de, em uma dinâmica do espelho, em que perguntamos qual a parte do corpo que mais lhe agrada, termos uma sequência de respostas cruéis como: “Nada em mim é bonito, tia”, “Eu sou feia(o), tia”. O olhar daquelas crianças que aprendem, desde cedo, a odiar seu corpo provoca em nós sensações que as palavras não conseguem exprimir.

A violência com os nossos corpos ainda ocorre deliberadamente. Isso porque vivemos em uma sociedade em que a racialização dos corpos permanece com o botão verde acionado “quase” que perenemente. Por isso, o trabalho realizado pelo Grupo Crespas e tantos outros, não pode parar. Levar adiante um trabalho como este, exige comprometimento social de todas nós.

Assim, a pesquisa nasce da experiência vivida por mim, no processo de transição capilar, no meu contato, no ambiente escolar, com diversas jovens que passaram pela transição capilar e pela experiência do trabalho desenvolvido no Grupo Crespas e Cacheadas durante esses 7 anos. Quando, em 2019, já no processo do mestrado, convidei algumas garotas do CEEP-TLB para participarem da pesquisa foi muito interessante o fato de muitas outras garotas, procurarem-me para dizer que também queriam participar, que também queriam falar. Oportunizar que essas garotas falem sobre si, sobre as violências impostas a elas pelo racismo é uma oportunidade ímpar, já que nossas vozes foram silenciadas por tanto tempo. Para bell

hooks³² (2017) “o ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz” (HOOKS, 2017, p. 114).

Contudo, como já referido, a direção metodológica da pesquisa, de cunho etnográfico, precisou seguir outros rumos, por conta da pandemia da COVID-19. A antropóloga Louise Scoz Pasteur de Faria³³, falando sobre os impactos da pandemia na pesquisa social, pontua:

A pesquisa social passa por significativas mudanças para se adequar às novas limitações impostas pelo distanciamento social. O modo como pensamos método e metodologia vai mudar radicalmente daqui para a frente e isso terá impacto no campo como um todo. Muitos pesquisadores não foram preparados para lidar com essas novidades técnicas, éticas e tecnológicas e se veem diante da necessidade de repensar seus projetos de pesquisa (FARIA, 2020, s/p.).

Como menciona a autora, não fomos preparados para lidar com o desafio de desenvolver uma pesquisa etnográfica *online*. Mergulhar no universo subjetivo dessas jovens na modalidade à distância não é tarefa fácil. De fato, é preciso reinventar-se e buscar formas responsáveis e sensíveis de escuta, já que não podemos perder de vista o contexto de pandemia que assombra não só pela mortalidade, mas por tantos outros problemas emocionais e socioeconômicos intensificados neste período da pandemia.

O desafio desta pesquisa estava relacionado em como conduzir uma pesquisa etnográfica à distância ou *online*, como conceitua o antropólogo Daniel Miller³⁴, e fazê-la ser potente e significativa como esperado no início desta caminhada. Quando a pandemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma realidade, as angústias vieram em várias direções, desde as preocupações com a família, com os amigos, conhecidos e com a população em geral, até a pergunta: e agora? Como desenvolver uma pesquisa distante das minhas interlocutoras? Essa foi a mesma pergunta feita por colegas pesquisadoras(es) que necessitavam ir a campo. Preciso dizer ainda que pensei que tudo que eu não queria naquele momento era ter

³² Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, é uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense. O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra inicial minúscula é proposital, e ela justifica dizendo que, com isso, pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita, e não à sua pessoa. Formou-se em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Seus principais estudos estão dirigidos à discussão sobre raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. É autora de mais de trinta livros de vários gêneros, como crítica cultural, teoria, memórias, poesia e infantil. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/>. Acesso em: 07 out. 2021.

³³ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa temáticas da Antropologia Econômica, Antropologia Digital, Antropologia das Sociedades Complexas e Globalização. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2818520/louise-scoz-pasteur-de-faria>. Acesso em 07 out. 2021.

³⁴ MILLER, Daniel. Notas Sobre a Pandemia: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Disponível no endereço eletrônico: <https://wordpress.com/post/csociais.wordpress.com/2567>. Acesso em: 24 jul. 2020.

que dar conta de uma pesquisa nessas condições (ansiosa, cheia de medos, angústias, incertezas). Contudo, acreditamos que a realização de pesquisas no contexto da pandemia poderá ampliar as possibilidades e as formas de se fazer pesquisa.

Desta forma, a escolha das jovens não foi de forma aleatória, como pretendia fazer antes da pandemia. A opção pela escolha aleatória se daria pelo fato de já ter escutado muitos depoimentos de garotas em aulas que promovo frequentemente, debates sobre o empoderamento crespo e, conseqüentemente, sobre a mulher negra. Não queria que meus ouvidos estivessem treinados para escutar o que eu mesma estimulava no cotidiano da sala de aula. Queria poder ouvir outras garotas (que não tinham sido minhas alunas) e saber o que elas pensavam e sentiam sobre o processo de transição capilar.

Eu buscava, na verdade, um “distanciamento” de minhas interlocutoras, embora concorde com Lima (2013), Paz (2019) e Fonseca (1998) quando mencionam que não podemos negar que somos parte de nossa pesquisa e que “não há pesquisador que ainda nutra a ilusão de ser “neutro” (FONSECA, 1998, p. 65). No mesmo sentido, Gilberto Velho (2004) pontua que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (VELHO, 2004, p. 126).

Também Álamo Pimentel (2009) chama-nos a atenção sobre a questão da experiência, o pertencimento e a legitimidade do vivido na pesquisa etnográfica. Embora, para o autor, a aproximação subjetiva do pesquisador com o que se pretende pesquisar alimente os processos de pesquisa, é importante levar em consideração que:

Se por um lado o envolvimento subjetivo põe em risco a objetividade do conhecimento produzido nas pesquisas qualitativas, por outro lado lhes confere unidade conceitual e metodológica quando o investigador consegue se distanciar o bastante do seu campo para ver com outros olhos aquilo que se “naturalizou” na sua experiência pessoal, bem como a experiência dos outros com os quais compartilha o seu campo de investigações (PIMENTEL, 2009, p. 129).

Para Pimentel (2019) é importante que o pesquisador deixe de lado suas certezas e busque a complexidade daquilo que se pretende pesquisar. A leitura do autor nos convida a saímos da zona de conforto e buscarmos aquilo que, embora pareça familiar, se faz novo no campo das significações da pesquisa. As interlocutoras deste trabalho me são familiares, suas histórias sobre o processo de transição capilar me atravessam também, mas o esforço aqui direciona-se na busca desse desconhecido que os autores acima chamam atenção. A busca do

que não sei ainda é o que me impulsiona e faz chacoalhar dentro de mim a pergunta feita pela banca de qualificação “o que tenho descoberto de novo nesta pesquisa?”

Então, diante do contexto da pandemia precisei recorrer a jovens que já haviam concluído o Ensino Médio no CEEP-TLB. A escolha foi feita a partir da memória de alunas egressas das quais tinha recordação que haviam passado pelo processo de transição capilar. Pelas redes sociais, encontrei-as e convidei-as a participarem da pesquisa. As rodas de conversa foram a técnica escolhida para a pesquisa de campo. Assim, diante das condições atuais, criamos dois grupos no *WhatsApp* intitulados *Diário Crespo I* e *Diário Crespo II*³⁵, para manter o contato com as garotas e levantar as informações necessárias à pesquisa.

Para adentrar mais profundamente no universo que permeia o processo de transição capilar, dividi o grupo pesquisado em algumas categorias, de acordo com características que pude perceber no contato com essas jovens e nos desabafos que muitas delas faziam cotidianamente no espaço escolar. As categorias ficaram divididas da seguinte forma: 1) garotas que estão no processo de transição capilar; 2) garotas que já passaram pela transição; 3) garotas que processam os fios³⁶, mas têm vontade de deixá-los naturais. O grupo *Diário Crespo I* foi composto por dez jovens, divididas nas categorias: duas que têm vontade de passar pela transição, mas ainda não iniciaram o processo, nove que já passaram pela transição e duas que estão em transição. O grupo *Diário Crespo II* foi composto por 5 jovens, e todas elas já passaram pela transição capilar. A divisão dessas categorias possibilitou percebermos quão multifacetado é o processo de transição capilar e como as relações construídas nesse universo repleto de ambiguidades se dão também por “conflito aceitação/rejeição do cabelo crespo e do corpo” (GOMES, 2019, p. 356).

Abaixo seguem os quadros especificando os grupos a que pertence cada interlocutora, bem como sua categoria (em transição, processa os fios, transicionada). No decorrer da pesquisa utilizaremos as siglas, T (Transicionadas) - para designar as interlocutoras que já passaram pelo processo de transição capilar, AF (garotas que alisam os fios, mas têm vontade de deixá-los naturais), para designar as que têm vontade, mas ainda não iniciaram o processo, e NT (Na Transição) para indicar as interlocutoras que estão na transição. É importante também salientar que foi escolha das garotas a utilização dos nomes e sobrenomes reais delas, ao invés de pseudônimos. Além de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),

³⁵ O Grupo *Diário Crespo I* foi formado por garotas que já haviam passado pela transição capilar, garotas em transição e por garotas que processam os fios. O Grupo *Diário Crespo II* foi formado só por garotas que já haviam passado pela transição capilar.

³⁶ Garotas que fazem o uso de algum produto químico para alisar os fios do cabelo.

exigido pelo Comitê de Ética, as estudantes também autorizaram o uso de suas imagens neste trabalho.

Quadro 1: Grupo Diário Crespo I

Estudante	Situação escolar	Situação sobre a Transição capilar	Idade
Anairam	Egressa	Transicionada (T)	22 anos
Angela	Egressa	Processa dos fios (AF)	22 anos
Bruna	Egressa	Transicionada (T)	21 anos
Ana Caroline	Egressa	Transicionada (T)	22 anos
Gisele	Egressa	Transicionada (T)	19 anos
Jucilene	Egressa	Na transição (NT)	19 anos
Layla	Egressa	Transicionada (T)	19 anos
Maiara	Egressa	Transicionada (T)	23 anos
Anna Vitória	Egressa	Transicionada (T)	18 anos
Iasmim Dias	Egressa	Processa os fios (AF)	21 anos

Fonte: Organizado pela autora desta pesquisa.

Quadro 2: Grupo Diário Crespo II

Estudante	Situação escolar	Situação sobre a Transição capilar	Idade
Iasmim Bertoso	Egressa	Transicionada (T)	21 anos
Érica	Egressa	Transicionada (T)	23 anos
Thaylane	Egressa	Transicionada (T)	19 anos
Camilly	Egressa	Transicionada (T)	22 anos
Maria Clara	Egressa	Transicionada (T)	20 anos

Fonte: Organizado pela autora desta pesquisa.

As rodas de conversa ocorridas nos grupos do *WhatsApp* tinham um horário marcado no qual a maioria se fazia presente para dialogarmos sobre temas como autoestima, o processo de transição capilar, a relação dessas garotas com o cabelo na infância, racismo na escola etc. A estratégia de marcar um horário deve-se à percepção de que, de modo síncrono, o diálogo se enriquecia, uma vez que as experiências relatadas pelas interlocutoras assemelhavam-se umas das outras. Percebi, então, que quando agendava um horário específico para promover algum diálogo sobre os temas propostos, os debates ficavam mais interessantes, e era possível colher depoimentos mais profundos sobre o processo de transição capilar. Vale salientar que ocorria também de os depoimentos serem disponibilizados no privado, quando da necessidade de esclarecer alguma questão sobre falas ditas nas rodas ou, ainda, quando alguma delas faltava a roda de conversa.

Segundo Iervolino e Pelicioni (2001):

A coleta de dados por meio da *Roda de Conversa* permite a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere. Isso não significa que se trata de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitirem opiniões sobre o tema de interesse (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, s/p.).

Embora tenha tido uma certa relutância em promover as rodas de conversa *online*, na esperança de tudo voltar ao normal, e, de certa forma, poder dar sequência à pesquisa de forma presencial, a primeira roda de conversa me entusiasmou, devido à potência dos depoimentos. Talvez esse primeiro momento tenha sido bastante positivo, pois, antes de realizar a primeira roda, promovi no grupo diálogos para estreitar a relação entre as interlocutoras. Então, usei a estratégia de falar sobre cabelos, tratamentos, hidratação caseira e até perrengues vivenciados com o uso da química etc. Iniciei falando de minhas experiências e acredito que isso tenha dado abertura para elas falarem das experiências vivenciadas por elas também.

Foi possível identificar alguns aspectos na pesquisa de campo que merecem ser evidenciados. Com as rodas de conversa realizadas de forma *online*, os recursos e os códigos de comunicação também foram ressignificados. Houve, por exemplo, uma facilidade em sistematizar os dados, já que as jovens, em sua grande maioria, digitavam as respostas e o próprio aplicativo do *WhatsApp* possibilita-nos exportar as conversas com mídias para *e-mails* e *drives*, transformando os diálogos num documento único e assegurando a proteção dos dados coletados e a visualização dos mesmos no momento da análise dos depoimentos coletados. Percebi também que, depois de firmada uma intimidade entre as participantes dos grupos Diário

Crespo, aumentou a confiança umas nas outras, o que possibilitou o enriquecimento dos debates. Nos chamou a atenção também a disposição das interlocutoras em responder ou esclarecer quaisquer dúvidas que pudessem surgir no momento da análise dos depoimentos.

Outros aspectos observados na pesquisa de campo *online* dizem respeito à apreensão de sensações das interlocutoras no momento em que queriam expressar sentimentos. Nos momentos em que conversava com elas em sala de aula, em atividades do Grupo Crespas e Cacheadas ou, ainda, nos corredores da escola, muitas garotas lacrimejavam ao tocarem no assunto da transição capilar ou em questões sobre autoestima, seja por lembrarem de algum episódio constrangedor, seja por recordarem de alguma situação de racismo vivenciada por elas. Com a escuta *online*, as sensações negativas ou positivas captadas sobre suas experiências chegavam via *emoticons*³⁷ com carinhas tristes, chorando, ou em situações similares. Já as sensações alegres ou divertidas chegavam muitas vezes via *memes*³⁸ ou áudios eufóricos relacionados à situação em debate.

Outro aspecto que mereceu atenção e de certa forma tornava a pesquisa de campo mais trabalhosa era a necessidade de ser vigilante e assegurar que todas as jovens respondessem e participassem das discussões promovidas nas rodas. Quando ocorria a necessidade de alguma delas sair no momento do debate, por conta de alguma demanda pessoal, ou mesmo não comparecer no dia e horário marcados, era necessário ter o cuidado de encaminhar as perguntas posteriormente pelo ambiente privado do aplicativo, para que elas pudessem, no seu tempo, responder as questões levantadas na roda. Notei que, quando respondiam no privado, as respostas, na maioria das vezes, eram bem sucintas. Nesse caso, era preciso estimular a conversa, na tentativa de perscrutar mais sobre as questões levantadas.

Além das narrativas das jovens sobre o processo de transição capilar, escutamos também Dailza Araújo Lopes³⁹, ex-integrante da Marcha do Empoderamento Crespo (MEC) de Salvador e Ivanildes Guedes de Mattos⁴⁰ (Ivy Guedes), membro fundadora da MEC de

³⁷ É um termo criado a partir das palavras inglesas *emotion* (emoção) e *icon* (ícone). Em outras palavras, eles servem para expressar emoções, o que se dá essencialmente por meio de caracteres tipográficos. Disponível em : <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html#:~:text=Emoticon%20%C3%A9%20um%20termo%20criado,por%20meio%20de%20caracteres%20tipogr%C3%A1ficos>. Acesso em: 07 out. 2021.

³⁸ Meme é uma expressão usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. WIKIPÉDIA. **Meme**, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)). Acesso em: 20 maio 2021.

³⁹ Dailza Araújo Lopes é Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2014). Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, (PÓS-AFRO/ 2015-2017) pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes e Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA).

⁴⁰ Ivanilde (Ivy) Guedes de Mattos é professora efetiva no curso de Lic. Em Ed. Física da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Mestre e doutora pelo Programa de Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) pela

Salvador. Pelo aplicativo do *WhatsApp* entramos em contato, e, através de entrevistas feita pelo próprio aplicativo, obtivemos informações sobre a MEC e seus desdobramentos enquanto movimento político, social e educativo.

Outro ponto que merece ser evidenciado é o estilo de redação escolhido para a escrita da dissertação. O ato de poder falar e ser ouvida é fundamental. O fato de ter voz e se fazer ouvir parece algo corriqueiro e simples, mas sabemos que nem sempre foi assim, sobretudo quando se trata de vozes historicamente silenciadas, como foram as de nossas ancestrais. Sobre essa questão, vejamos o que diz o poema “Vozes Mulheres” da escritora negra contemporânea Conceição Evaristo⁴¹:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

Universidade do Estado da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa FIRMINA-Pós Colonialidade; Membro Fundadora da Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador.

⁴¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 07 out 2021.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

As vozes de nossas ancestrais eram inaudíveis para aqueles(as) que buscaram obliterar nossa existência. O poema de Evaristo tem uma carga emocional que traduz uma realidade violenta vivenciada pelas mulheres negras escravizadas e suas descendentes. Os conhecimentos e saberes produzidos por elas foram subalternizados ao longo da história. O conceito de *escrevivência*, de Evaristo, nos ensina a utilizar as nossas experiências(narrativas) pessoais para denunciar realidades de opressões às quais as mulheres, sobretudo as negras, estiveram e ainda estão submetidas. Percebe-se que nos poemas da autora as vivências individuais e coletivas são combustíveis fundamentais na construção epistemológica do seu pensamento.

Por essa razão, nos inspiramos na *escrevivência* de Conceição Evaristo e utilizaremos, ora a 1º pessoa do singular, ora a 1º pessoa do plural para indicar que esta pesquisa é fruto de um trabalho coletivo, repleto de afetividade, subjetividades, saberes outros, e ao mesmo tempo, um trabalho que parte de uma *escrevivência* da pesquisadora que, ao mesmo tempo que imprime sua voz na pesquisa, busca evitar as armadilhas da subjetividade no campo da investigação, como sugere Pimentel (2009). A *escrevivência* da autora nos impulsiona a realocar o pensamento feminista negro tirando-o do lugar da subjugação do conhecimento para aquele da libertação epistêmica.

Assim, optar por uma linguagem que contraria padrões universalizantes e eurocentrados é o caminho escolhido. Concordo com o antropólogo Arivaldo de Lima Alves (2013), ao se referir ao sujeito posicionado quando diz “a minha fala sobre o Outro é também uma fala sobre mim e sobre meu ângulo de observação” (LIMA, 2013, p. 20). Não sou uma pesquisadora “fantasma”, invisível nesta escrita, pelo contrário, sou parte dela, sou uma das muitas vozes que a compõem. São outras narrativas que pensam formas de estar no mundo, que contrariam conhecimentos universais, os quais excluíram epistemologias e histórias de culturas afrodiaspóricas, dentre outras. São vozes que se fazem audíveis, e assim se fazem pela necessidade de construir outras histórias, valorizando saberes, subjetividades, identidades, e tantos outros elementos sucumbidos, durante muito tempo, pelas epistemologias dominantes.

Adilson Paz (2019) vai dizer-nos também da condição do sujeito encarnado, ou seja, o itinerário do pesquisador. Para o autor

Produzir conhecimento é firmar-se a partir da condição do sujeito que encarna suas marcas e pertencas como potência criadora, instituindo uma racionalidade sensível aos desejos e escolhas que moldam um fazer ciência que não abdica das singularidades do mundo (PAZ, 2019, p. 19).

Construir outras epistemes e outras formas de fazer ciência é fundamental no reconhecimento e valorização dos saberes, histórias, culturas e identidades que foram obliteradas da história dita oficial e universal.

1.3 SUJEITO DE PESQUISAS: “COMO PODE CABER TANTA COISA NUM FIO DE CABELO?”

“O que você traz nesse fio, negro?
Quem que está por trás desse fio, branco?
O que está por baixo desse encaracolado?
O que você esconde nesse alisado?
Ruivo, moreno, loiro, moicano.
Pixain, Chanel, crespo castanho.
Cabelo curto, liso, loiro, repicado,
rastáfari, dred looks escovado”.

(Rio de Fios, Magno e Walker)

A canção e composição “Rio de fios”, DeIze Duque Magno e Jonnie Walker, traduz para nós uma infinidade de possibilidades de usos e significados do cabelo.

Olhando de forma bem superficial, pode-se até pensar que falar de cabelo é algo fútil, sem importância. No entanto, quando voltamos o nosso olhar sobre o cabelo negro, vemos que ele vem sendo sujeito de pesquisas já há algum tempo. Quantas histórias cabem num fio de cabelo? Quantas técnicas já foram usadas sobre ele para definir elementos identitários/ culturais ou, ainda, para promover opressões? Porque há uma diversidade de pesquisas sobre cabelo/ transição capilar em diversas áreas do conhecimento? Parece-nos que o cabelo é um fio condutor que nos encaminha para debates extremamente relevantes na construção de epistemologias decoloniais nas mais variadas áreas do saber.

Várias pesquisas já foram desenvolvidas sobre o tema cabelo. Ângela Figueiredo⁴² (1994) é pioneira nos estudos sobre cabelo aqui no Brasil. Ela fez um mapeamento das representações em torno do cabelo no imaginário de homens e mulheres do bairro da Pompéia, na cidade de Salvador-BA. Em sua pesquisa, a autora observa a relação entre práticas e discursos que representavam, na década de 1990, as variadas formas de usar o cabelo desde as “trançadeiras” às “alisadeiras”. Para a autora, o cabelo é uma “marca” visível e relativamente fácil de ser manipulada” (FIGUEIREDO, 1994, p. 7).

Sobre esta temática, não podemos deixar de citar também o trabalho desenvolvido no início dos anos 2000 pela antropóloga Nilma Lino Gomes (2019). A fala de um dos arguidores presentes na banca de defesa de sua pesquisa diz muito do que também pensamos sobre a temática: “Quando vi o tema de sua tese fiquei impressionado como poderia caber tanta coisa num simples fio de cabelo?” (GOMES, 2019, p. 18). Concordamos. A temática vai se renovando ao passar dos anos, de modo que sempre tem algo novo a ser investigado. Sua pesquisa também nos ajudou a compor essa narrativa e a entender como o processo de transição capilar está também dentro de um processo cultural que é construído numa esfera geracional, desde crianças e adolescentes até mulheres adultas, idosas. A pesquisa da autora buscou compreender a manipulação do cabelo dentro de um processo de recriação na cultura brasileira. Ela realizou uma etnografia em quatro salões de beleza na cidade de Belo Horizonte. A tese, que virou livro, *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* é uma verdadeira inspiração para qualquer pesquisadora que pretenda discutir a temática.

O cabelo está intimamente ligado à questão da autoestima. Algumas pessoas falam que o cabelo é a moldura do rosto. Ele mexe com as nossas subjetividades. Quando falamos do cabelo crespo, especificamente, aludimos as construções negativas construídas através do olhar do colonizador sobre ele e sobre o corpo negro como um todo. Ao trazermos a temática

⁴² Graduada em Antropologia e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Ângela Figueiredo é doutora em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução – SBI/IUPERJ e realizou seu pós-doutorado no *Carter Woodson Institute* (UVA-EUA). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e associada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro da UFBA) onde é coordenadora do curso avançado em estudos étnico-raciais *Fábrica de Ideias*. Tem experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade negra, relações de gênero, política do corpo, beleza negra. Desde 2008 desenvolve pesquisas sobre os discursos e práticas sobre beleza em perspectiva comparada em três países: Brasil (Salvador), Cabo Verde (Praia) e Senegal (Dakar). Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/pesquisadores/angela-lucia-silva-figueiredo/>. Acesso em: 07 out. 2021.

“transição capilar” para nortear este trabalho, não é somente sobre a liberdade de carregar uma outra estética que desejamos discutir, mas sobre a liberdade de existir.

Atualmente, esta construção negativa sobre as identidades negras ainda se faz presente no imaginário social. Buscar desconstruir esses estereótipos e fortalecer os movimentos sociais (o movimento negro e o movimento feminista negro, os coletivos de empoderamento da mulher negra, os grupos culturais, etc.) é de fundamental importância para que tenhamos meninas e mulheres empoderadas politicamente, que gostem de ver-se ao espelho e acreditem que elas podem ocupar o espaço que desejarem, sobretudo os espaços de poder. Mas também podemos explorar o potencial educativo que o processo de transição capilar evidencia, dimensão que se encontra no centro desta pesquisa.

A autoestima está atrelada à nossa subjetividade, ao nosso psicológico, e, tanto Frantz Fanon (2019) quanto Gomes (2019) discutem sobre como a violência do racismo mexe com a nossa subjetividade. Gomes (2019), por exemplo, descreve em sua pesquisa nos salões de Belo Horizonte, que uma de suas depoentes entrou em um processo de profunda depressão porque o alongamento que costumava colocar em seus cabelos estava em falta no mercado. A autora enfatiza que “essas garotas não tiveram um referencial positivo sobre o padrão estético negro na sua infância e no seio familiar, o que resulta na construção de uma baixa autoestima enquanto negras” (GOMES, 2019, p. 123).

Podemos perceber essas ambiguidades também hoje em dia, entre as garotas que entram no processo de transição capilar, tiram a química do cabelo, mas voltam a alisá-lo com o passar do tempo. É importante mencionarmos aqui que, superar as investidas do racismo estético é extremamente complexo, e isso não se dá simplesmente com o corte do cabelo! Ao analisarmos os depoimentos das interlocutoras desta pesquisa, perceberemos os conflitos, as ambiguidades, as confluências e divergências que envolvem o processo de transição capilar. Não é um processo fácil. É preciso considerar, ainda, que, mesmo diante de tantas lutas a favor do movimento em prol do cabelo natural⁴³ e de todo o trabalho de incentivo feito por blogueiras e *youtuberes* a respeito da questão, a construção da identidade negra de forma positiva tem sido um desafio, pois ainda estamos diante de uma sociedade estruturada pelo racismo.

Tanto os estudos de Figueiredo (1994) quanto os de Gomes (2019) tiveram a temática do cabelo como ponto central, e contribuíram nos debates sobre a construção da identidade negra no Brasil. No que se refere à transição capilar propriamente dita, encontramos tantos outros trabalhos na área da comunicação, da psicologia, sociologia, antropologia, das relações

⁴³ Movimento realizado por blogueiras, feministas, *youtuberes* etc. que incentiva a transição capilar.

étnico-raciais, etc., que nos inspiraram a construir essa narrativa na tentativa de contribuir com aspectos ainda não levantados pelas(os) pesquisadoras(es). Um deles, pouco discutido nos trabalhos observados é como o empoderamento crespo pode se constituir como um movimento educador e como isso pode nos ajudar na construção de uma educação que valorize as identidades étnicas e de gênero.

Em sua dissertação, intitulada: *Na cabeça da mulher negra uma trama em trânsito que cruza o Atlântico e recria rotas na atualidade*, Vanessa Florêncio de Oliveira⁴⁴ busca compreender as implicações do processo de transição capilar para as mulheres negras. A autora considera a transição capilar “como parte de um processo, no qual mulheres negras por meio do seu cabelo e dos seus corpos têm questionado opressões de raça e gênero” (OLIVEIRA, 2020, p. 32). Oliveira usa o conceito de transmigrado⁴⁵, da intelectual Beatriz Nascimento, para falar da “transição capilar como um processo de mudança, de transformação, onde as mulheres negras, ao fazerem as pazes com seus corpos e cabelos crespos, transitam rumo a si” (OLIVEIRA, 2020, p. 38).

Partindo do pressuposto de que a corporeidade negra foi forjada a partir do processo de escravidão, consideramos ser extremamente significativa a passagem pela transição capilar. Reelaborar sua autoestima, identificando-se com a sua autoimagem não deixa de ser uma construção contra-hegemônica. Para Oliveira (2020), “a maneira pela qual nos movimentamos no mundo e a forma como apresentamos nossos corpos constitui uma parte importante das nossas identidades” (OLIVEIRA, 2020, p. 36). O sentimento de liberdade associado à retirada da química do cabelo marca um momento histórico durante o qual as mulheres negras aprendem a ressignificar sua corporeidade de forma positiva. Segundo Gomes (2019):

Para muitos negros o estar no mundo apresenta-se primeiro no plano da rejeição para depois aceitar-se e afirmar-se como pessoa, como sujeito e como alguém que pertence a um grupo étnico/racial. Essa aceitação vai depender da trajetória de vida, da inserção social, da possibilidade de convivência em espaços onde a cultura negra e as raízes africanas são vistas de maneira positiva. Desencadeia-se a partir daí um processo de construção da autoestima, do ver-se a si mesmo e ser visto pelo outro. (GOMES, 2019, p. 254).

⁴⁴ Pesquisadora do Conselho do Programa de Pós em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araquara. Realiza pesquisas na área das relações étnicorraciais, consumo e identidade. Anteriormente foi estagiária no Curso de Formação Docente: Educação Para as Relações Étnico Raciais e os Museus Como espaços Formativos. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/197393846/vanessa-florencio-de-oliveira> Acesso em: 07 out. 2021.

⁴⁵ O conceito se refere aos trânsitos sofridos pelos corpos negros na diáspora, a saída do campo para cidade, dos locais de escravização para o quilombo (OLIVEIRA, 2020, p. 38).

Várias interlocutoras desta pesquisa mencionam que iniciaram o processo de transição capilar inspiradas em outras mulheres que ressignificaram sua estética através da transição capilar. Para a autora supracitada, “aceitar-se negro implica, sobretudo, a ressignificação desse pertencimento étnico/racial no plano individual e coletivo” (GOMES, 2019, p. 254). Podemos perceber nos resultados de diversas pesquisas sobre a temática como o processo de transição capilar nos tem ajudado a ressignificar esse pertencimento étnico.

Na dissertação de Dariane Lima Arantes⁴⁶ (2019), cujo título é *Celebrando os nossos corpos encrespando nossos fios: a transição capilar como política de visibilidade em narrativas autobiográficas de mulheres negras*, a autora busca compreender as visibilidades midiáticas de mulheres negras em evidência na mídia brasileira, através de narrativas autobiográficas de transição capilar apreendidas nas vivências midiáticas⁴⁷ da atriz Taís Araújo, da empreendedora Alexandra Loras, da *youtuber* Raysa Nicácio e da cantora Ludmila. Arantes (2019) investiga como a cultura do consumo, atrelada à visibilidade dessas mulheres no cenário midiático podem promover uma política da diferença. A pesquisa contribuiu para a desconstrução de estereótipos da mulher negra, sobretudo quando se refere ao cabelo. A autora considera a “mídia um espaço privilegiado para pensar os fluxos identitários e culturais” (ARANTES, 2019, p. 122).

Outro trabalho que se destaca no campo dos estudos Étnicos e Africanos é o de Dailza Araújo Lopes⁴⁸, intitulado *Ciberativismo como estratégia política: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook em Salvador -BA*. A pesquisa de Lopes (2017) é de grande relevância para compreendermos como o *ciberativismo* tem sido importante para denunciar o racismo, para trocas de experiências entre mulheres de diversas gerações etc. A autora utiliza o conceito de *ciberativismo* para abordar como mulheres negras utilizam suas redes sociais, especificamente três grupos no *Facebook* (Coletivo Vício Cacheado, Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador e Coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo – MEC)

⁴⁶ Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (Bolsista CAPES - PROSUP INTEGRAL). Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (Bolsista CAPES - PROSUP Taxa). É integrante do grupo de pesquisa Culturas juvenis: comunicação, política e consumo, sob coordenação da Profa. Dra. Rose de Melo Rocha. Pesquisadora associada na rede de investigação latino-americana CLACSO, no GT Infancias y Juventudes. Formada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2982531/dariane-lima-arantes> Acesso em: 07 out. 2021.

⁴⁷ Essas vivências midiáticas dizem respeito ao impacto das visibilidades empregadas nessas mulheres negras e seus posicionamentos compartilhados em suas redes sociais sobre as questões raciais e políticas da diferença.

⁴⁸ Pesquisadora do programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

para problematizar o uso do cabelo crespo e cacheado e para compreender como a participação nesses grupos tem sido uma forma de militância e articulação política fora dos espaços virtuais.

Lídia de Oliveira Matos⁴⁹ realizou também uma pesquisa no *ciberespaço*, intitulada *Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço*. A autora analisou narrativas de mulheres que passaram pela transição capilar. Matos (2017) debruça-se sobre dois canais de produtoras de conteúdos na internet, Rayza Nicácio e Mari Morena, ambos no *Youtube*. A autora analisa depoimentos de mulheres que expõem ali opiniões e desabafos sobre o processo de transição capilar.

A pesquisa da autora revela também a importância que as redes sociais têm ao alimentar diálogos que auxiliam na tomada de decisão de garotas que iniciam o processo de transição capilar. Nos *blogs*, *facebook*, *youtube* dentre outras plataformas, existe um hábito de suas integrantes ou produtoras de conteúdo colocarem fotos do antes, durante e depois da transição capilar (Figuras 14 e 15). Essa prática serve de motivação para muitas mulheres que, ao visualizarem a transformação estética de outras, alimentam o desejo de passar por ela também.

Figura 14: Antes, durante e depois da Transição capilar



Fonte - <https://blog.trinks.com/transicao-capilar-dicas-para-quem-vai-enfrentar/>

⁴⁹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe, Mestra em Antropologia pelo PPGA/UFS. Professora de Sociologia na rede básica de ensino pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e também professora na Faculdade Ages Jeremoabo/BA. Trajetória acadêmica e profissional voltada para o ensino e pesquisa, tendo como área de concentração às Ciências Humanas em diálogo principalmente com Antropologia, Sociologia, História. Atualmente, pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas- Gerts/UFS, desenvolvendo reflexões a cerca das relações raciais e de gênero no contexto brasileiro. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5178954/lidia-de-oliveira-matos>

Figura 15: Antes, durante e depois da Transição capilar de Gabi Oliveira



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=s7PTXJ8b6Rg>

No trabalho de conclusão de curso de Manuela Indiara de Jesus Santos⁵⁰, intitulado: *A comunidade Cacheadas e Crespas de Salvador: uma análise de identidade transição capilar nas mídias sociais*, a autora diz: “Estes grupos [no Facebook] consolidam uma rede de jovens que se reconhecem de forma diferente, e estão em busca de informações para seus questionamentos como produtos, técnicas para lidar com a textura natural do próprio cabelo” (SANTOS, 2017, p. 13).

As redes sociais, sobretudo o Facebook e canais no Youtube foram fundamentais no incentivo à transição capilar. Esses espaços virtuais, embora emaranhados⁵¹ na complexidade do racismo em torno do cabelo crespo, baseiam-se no autoamor e na construção de uma autoestima que vem se fortalecendo neste processo.

No campo da Antropologia, os estudos de Taís Rodrigues de Aguiar,⁵² em sua dissertação intitulada: *Cabelo além da estética: transições capilares e identitárias pelas negras*, a pesquisadora narra como o grupo cacheadas em transição, do Facebook, também a inspirou:

⁵⁰ Pesquisadora da Faculdade e Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

⁵¹ Muitas publicações, imagens e vídeos são alvos de comentários racistas de pessoas que entram nas comunidades do Facebook para praticar crimes virtuais, os chamados “hacker”.

⁵² Formação em Ciências Sociais - Bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e cultural (UFPel) sendo bolsista CAPES. Foi bolsista durante a graduação no Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância (PET - DT). Atuou como rondonista no Projeto Rondon do Ministério da Defesa no ano de 2015, participando do Conjunto A na cidade de Itapiúna - CE. Atualmente ministra aulas de Sociologia no Desafio Pré-Universitário Popular na cidade de Pelotas. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7576893/tais-rodriques-de-aguiar> Acesso em: 07 out. 2021.

Ao procurar a comunidade no *facebook*, descobri um “mundo” de mulheres incomodadas com o padrão estético que normaliza as formas de uso do cabelo e com os sofrimentos que passavam, como, por exemplo, queima do couro cabeludo, perda de cabelo e apresentação de fios com um aspecto indesejável (AGUIAR, 2018, p. 14).

Em sua pesquisa, Aguiar (2018) propõe como foco também a relação que mulheres negras têm com seus cabelos como elemento identitário. A autora também compreende o processo de transição capilar como um movimento que mexe com a nossa autoestima, com nossa subjetividade: “Há uma mudança significativa na autoestima logo que se realiza a retirada do cabelo alisado, mas enquanto o cabelo cresce nos modificamos junto, criando raízes de poder sobre o nosso próprio corpo conforme o cabelo vai aparecendo” (AGUIAR, 2017, p. 126).

Outra pesquisa que teve a temática da transição capilar como norteadora é a de Anita Maria Pequeno Soares⁵³. Em sua dissertação cujo título é: *Cabelo Importa: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar*, a autora analisa os significados do cabelo crespo para mulheres que passaram pela transição capilar. Em sua discussão teórica, a autora faz um percurso sociológico da história do cabelo em um país como o Brasil, que foi e ainda é marcado pelo mito da democracia racial. Em sua pesquisa, Soares (2018) discute sobre as consequências desse mito na ratificação do racismo à brasileira. A autora traz a teoria do reconhecimento de Axel Honneth para defender a ideia de que o processo de transição capilar consiste numa luta por reconhecimento, sobretudo de uma ontologia negra.

No campo da Psicologia o trabalho de Ivani Francisca de Oliveira⁵⁴; intitulado, *Versões de mulheres negras sobre a transição capilar: um estudo sobre o processo de descolonização estética e subjetiva*, a autora também utilizou a internet como fonte dos depoimentos de nove mulheres, colhidos no site “Me ajude na transição”. Dentre outros aspectos, Oliveira (2019) analisa como muitos depoimentos de mulheres negras transicionadas refletem uma complexidade subjetiva em suas experiências cotidianas com o cabelo crespo.

⁵³ Doutoranda em Sociologia no PPGS-UFPE. Mestra em Sociologia no mesmo programa. Graduada em Ciências Sociais (bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco, com período sanduíche na Universität Hamburg - Alemanha onde obteve também a graduação em Sociologia. Atualmente, é integrante do Grupo de Pesquisa Sociedade Brasileira Contemporânea: Cultura, Democracia e Pensamento Social. Tem interesse nas áreas de Relações Raciais no Brasil, Feminismo Negro, Abolicionismo e Pensamento Social. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7214580/anita-maria-pequeno-soares> Acesso em: 07 out. 2021.

⁵⁴ Psicóloga - CRP 06/121139 - Mestra em Psicologia Social pela PUC-SP; Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (Gestão 2016/2019); Integrante da equipe de pesquisadores NUPRAD (Núcleo de pesquisas práticas discursivas cotidiano): Direitos, riscos e saúde na PUC de São Paulo. Experiência de atendimento clínico e atendimento em grupo de mulheres; Desenvolve estudos sobre relações raciais brasileiras. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/11311577/ivani-francisco-de-oliveira> acesso em: 07 out. 2021.

A autora enfatiza sobre a violência psicológica vivenciada desde a infância por mulheres negras. Para Oliveira (2019), não se pode passar pela transição sem que haja uma grande mudança subjetiva. A autora pontua que o desejo pela pesquisa nasceu a partir do momento em que ela, enquanto psicóloga, atendia mulheres negras que manifestavam sofrimento psíquico provocado pelo racismo e suas experiências com o cabelo crespo.

No campo da história social, nos inspiramos também na tese de doutoramento de Célia Regina Reis da Silva⁵⁵, intitulada *Crespos insurgentes, estética revolta: memórias e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre*. A pesquisa foi realizada na periferia de São Paulo e traz os movimentos de coletivos culturais como a dança, o teatro e a música como elementos fundantes em sua investigação e por essas artes evidenciarem a corporeidade negra. A autora dialoga acerca das representações do corpo negro, dando uma atenção especial aos penteados afros que, para Silva (2016), são expressões de memórias afro-diaspóricas. A pesquisadora entende os corpos negros como territórios de construções históricas que representam estratégias corporais na luta contra o racismo. Nesse sentido, diz a autora:

Na desconstrução de estereótipos, reversão de estigmas historicamente construídos, afirmando estéticas negras corporais e capilares empoderadas penteados afros inserem-se nesse protagonismo contestado, pois trata de uma arte corporal, que comunica, insurge, fala de pensamentos crespos, filosofias ética e religiosidades de matrizes africanas, constituindo linguagens na contramão (SILVA, 2016, p. 31).

Ou seja, a autora considera o corpo negro como um elemento de contestação. Se assistimos cada vez mais mulheres de diversas gerações dando adeus aos processos de alisamento e boas-vindas ao cabelo natural, e, o que é melhor, sentindo-se bem com esse elemento no seu estado natural, significa dizer que a luta fincada lá atrás pelo movimento negro e pelo movimento feminista negro tem ecoado em nossas vidas, mesmo que muitas mulheres não tenham consciência disso, ou mesmo que não associem a importância dessas lutas à politização da beleza negra: “A beleza negra se apresenta como uma ideologia racial gestada no interior da comunidade negra, na tentativa de devolver ao negro brasileiro que vive aqui e agora, o status de humanidade roubada desde os tempos da escravidão” (GOMES, 2019, p. 285).

Para Gomes (2019), a beleza negra teve que ser politizada por conta do racismo. O enaltecimento da beleza negra tornou-se um mantra, estampado em camisas, em redes sociais,

⁵⁵ Doutora (2016) e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Especialização em Educação pela UFMS/Três Lagoas (2000). Graduação em História - Faculdades Integradas Ruy Barbosa (1989); graduação em Pedagogia - Faculdades Integradas Ruy Barbosa (1992). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/5328278/celia-regina-reis-da-silva> acesso em: 07 out. 2021.

presente nos discursos realizados pelo movimento negro, por feministas negras, em marchas antirracistas, para afirmar positivamente uma corporeidade negada secularmente.

Assim, nesta seção foi possível percebermos que são várias as pesquisas que trazem o tema cabelo como fio condutor de questões que permeiam as variadas ciências no que tange os debates das relações étnico-raciais. A contribuição de todas elas se dá em diversas direções teóricas, mas com pontos relevantes em comum. Podemos perceber, por exemplo, que as autoras aqui supracitadas, e tantas outras que realizaram pesquisa tendo a estética negra como eixo central, construíram narrativas contra hegemônicas que buscam a valorização, o respeito à diversidade étnica, de gênero etc. Todas elas reivindicam uma humanidade roubada, seja pelo patriarcado, seja pelo machismo, sexismo, seja pelas relações racializadas que estruturaram o país.

2 SANKOFA: “NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR AQUILO QUE FICOU PARA TRÁS”

Quando criança, eu e minha família morávamos na zona rural (Comunidade do Sítio Camaçari) da cidade de Santo Amaro da Purificação. Aos cinco anos de idade guardei em minha memória uma cena à qual sempre recorro quando preciso lembrar de onde vim. Lembro-me daquele caminhão aproximando-se da minha casa no entardecer do dia 05 de fevereiro do ano de 1988. Era o caminhão da mudança. Estávamos todos(as) arrumados(as) para mudarmos definitivamente para a cidade. A cada momento que saía um móvel da minha casa, meu coração ficava mais apertado só em pensar que aquele lugar não seria mais meu. Aquela ideia de *lugar*⁵⁶, de pertencimento consigo hoje associar às discussões trazidas pela geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos⁵⁷ (1996), pois minhas raízes estavam ali naquele sítio, e, conseqüentemente, meu afeto por tudo aquilo.

A chegada à cidade foi um momento ímpar, lembro-me até hoje o cheiro de casa nova, a tinta fresca. Era o meu novo lugar! Meu novo território, que naquela noite começou a ter significado para mim e minha família. Na cidade, pude ter o meu primeiro contato com a água encanada, energia elétrica e tantas outras coisas a que não tínhamos acesso na zona rural na década de 1980. Mas, também na cidade, vivenciei as primeiras investidas da sociedade em tentar apagar essa memória amorosa a qual nutria minhas subjetividades em relação ao meu lugar de origem. Lembro-me de algumas garotas da rua (do bairro) chamando a mim e às minhas irmãs de “roceiras”, num tom de xingamento, como que vir de uma zona rural fosse algo muito ruim. Nossos conhecimentos também eram, vez ou outra, colocados em dúvida. Ouvíamos frases do tipo “ah, mas elas vieram da roça não sabem o que é isso”? Éramos tratadas por algumas pessoas como se fôssemos inferiores às crianças da cidade, porque, na concepção delas, essas sim eram espertas, antenadas e sabiam de tudo.

Meu irmão mais novo, certa vez passara por uma situação um tanto desconfortável. Brincando na casa de um amigo vizinho, ele vestia uma camisa a qual o colega possuía uma

⁵⁶ A categoria “*lugar*” para a ciência geográfica diz do espaço com o qual estabelecemos vínculos afetivos. Pertencimento!

⁵⁷ Ana Fani Alessandri Carlos é professora titular em Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Dentre os livros publicados, destacam-se: Espaço-tempo na metrópole (menção honrosa do prêmio Jabuti em Ciências Sociais de 2002) e a coordenação (e autora) da Coleção Metageografia: A crise urbana (2016); A cidade como negócio (2015); Justiça espacial e o direito à cidade (2016); Geografia urbana crítica: teoria e método (2018), todos publicados pela editora Contexto. Atualmente é coordenadora do Gesp – Grupo de Geografia Urbana Crítica Radial do Departamento de Geografia da USP – e do Grupo de Trabalho “Teoria Urbana Crítica” do Instituto de Estudos Avançados – IEA, USP. É bolsista CNPq nível PQ 1A. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/categoria/autores/a1/ana-fani-alessandri-carlos> Acesso em: 07 out. 2021.

igual. A dona da casa, mãe do garoto, quando chegou do trabalho e viu meu irmão com aquela camisa, perguntou em tom de chateação: “*Fulano, porque você deu sua camisa para ele [meu irmão] vestir?*” Uma interpretação possível para essa fala é a certeza da mãe de que o menino da “roça” não tinha condições financeiras de vestir uma roupa igual à do seu filho. Poderia citar várias situações opressivas que vivenciamos, simplesmente por termos origem rural e humilde.

Meus pais sempre trabalharam e buscaram dar o melhor que podiam para nós. Embora a vida deles não tivesse sido nada fácil, nunca passamos fome, pelo contrário, estávamos sempre bem nutridas(os). Mas a forma como essas pessoas nos tratava era como se estivéssemos fadados(as) ao fracasso, porque elas associavam a nossa vinda da zona rural como algo ruim, inferior. E, na minha cabeça, não tinha nada de ruim em “ser da roça”. Minha avó paterna continuou a viver lá até o dia de sua partida. Lembro-me que íamos passar fins de semana na casa de minha avó, assim como também as épocas de São João, quando nos alegrávamos em torno de fogueiras gigantes. Também visitávamos a roça nos períodos dos carurus de São Cosme e Damião e de Santa Bárbara, quando a casa ficava lotada e tocava-se samba até de manhã. Tenho lembranças muito boas dessa época da vida. Recorrer à memória de onde vim me fortalece! Sou orgulhosa de minhas origens! Sou orgulhosa da mulher que me tornei, orgulhosa de minhas irmãs e irmãos, orgulhosa e grata pelos pais que tenho.

Trago ligeiramente estas memórias na tentativa de ilustrar um recorte micro de uma dentre tantas opressões às quais estamos diariamente expostos(os) na sociedade brasileira. São opressões interseccionadas pela raça, classe, gênero, lugar de origem, produzidas e reproduzidas até os dias de hoje. Tratar pessoas de forma preconceituosa por conta de sua origem é uma forma de silenciá-las e inferiorizá-las. Por muitas vezes me senti inferior e incapaz intelectualmente. Muitas vezes! Superar essas questões, que para um ou para outro possa parecer algo bobo, não é tarefa fácil!

Quando conheci, recentemente, a expressão *Sankofa*, “um provérbio africano do povo Akan, grupo étnico da costa do Marfim e de Gana” (DRAVET; OLIVEIRA, 2017, p. 11) que, grosso modo, significa: *nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás*, automaticamente lembrei-me das memórias narradas acima. Voltar no tempo é aprender formas de resistências, e, conseqüentemente, resistir às formas de silenciamento e apagamento de nossas origens, culturas, saberes. As memórias do sítio, não foram apagadas pelas opressões vivenciadas na cidade. Hoje, entendo que ressignificá-las positivamente é um ato de resistência, e que nenhuma opressão deve nos silenciar e permitir que nos esqueçamos de onde viemos e quem somos. Como filha da diáspora africana, não posso também esquecer de onde vim. Voltar às nossas origens, ancestralidade, é permitirmo-nos aprender com o passado, para que o

presente seja ressignificado de forma justa e humana. O *Sankofa* é considerado símbolo de memória ancestral. Quando se trata de populações historicamente marginalizadas, como as africanas e indígenas, por exemplo, o ato de olhar para trás é fundamental.

O símbolo da *Sankofa* é representado por um pássaro que está sempre voltando a cabeça para trás. Segundo Nascimento, citado por Dravet e Oliveira (2017) ele “é símbolo de sabedoria, de aprender com o passado para construir o futuro” (*Ibidem*, p. 14).

Figura 16: *Sankofa*: nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás



Fonte: CEERT. Disponível em:

<https://ceert.org.br/noticias/africa/11650/irin-afrika-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes.>

Como sabemos, o colonialismo, que “denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro”, (HOLLANDA, 2020, p. 16) realizou com muita violência a política do apagamento e esquecimento das memórias afro-diaspóricas. Segundo Rodrigo Birck Moreira e Emerson Pereti (2020), antes dos(as) africanos(as) serem forçosamente enviados como escravizados(as) para as Américas, muitos deles(as) passavam pela “árvore do esquecimento”, monumento erigido na costa do Benin. Os(as) africanos(as) eram obrigados(as) a dar voltas ao redor da árvore “para que assim apagassem suas memórias, de seu povo e de suas divindades, e com isso infringissem menos dor e castigo aos que ficavam” (MOREIRA; PERETI, 2020, p. 284).

Várias foram as formas utilizadas pelos colonizadores em fazer com que os povos escravizados esquecessem suas histórias, saberes, religiosidades etc. Moreira e Pereti (2020) evidenciam que:

Os africanos já na chegada sucumbiam às condições do apagamento. Por terem destinações diversas ao serem entregues a diferentes mercadores e senhores de escravos, novamente separavam-se os cativos dos possíveis pertencentes a mesmas etnias, desta forma era apartada a origem, a língua e outras formas de pertencimento e identificação comum. Como é sabido, o ato de dominação envolve fundamentalmente a imposição de um nome. Os batismos, promovidos pela igreja Católica, já impunham novos nomes e sobrenomes aos indivíduos, despojando-os de sua identidade e de suas memórias e implantando sobre seu corpo um vazio representacional cercado pela autoridade político-religiosa (MOREIRA; PERETI, 2020, p. 287).

Todo um plano de apagamento e silenciamento das memórias, culturas e saberes afro-diaspóricos foi orquestrado pelos colonizadores como forma de aprimorar sua dominação sobre os povos africanos e outros povos. Neste capítulo, buscamos esse olhar para trás, evidenciando, especificamente, lutas ancestrais de homens e mulheres negras(os) que resistiram a essas violências na busca por emancipação, cidadania, valorização de suas histórias, saberes, religiosidades, dentre tantos outros aspectos negados e subalternizados pelo sistema escravista.

Quando colocamos em evidência a forma como os(as) nossos(as) ancestrais foram resistentes a todo o processo de exclusão ao qual estiveram submetidos(as), consequentemente, resgatamos narrativas e epistemologias necessárias na construção de um pensamento crítico decolonial. Para Heloisa Buarque de Hollanda⁵⁸ (2020), existe uma urgência de “recuperar narrativas ancestrais, de desconstruir e reconstruir o confronto pré e pós-colonial, recuperar epistemologias silenciadas” (HOLANDA, 2020, p.16).

A filosofia *Ubuntu*, ajuda-nos também a olhar para trás e projetar um futuro no qual todas as pessoas, sem exceção, possam ser felizes. Segundo Bas'ilele Malomalo (2014):

Etimologicamente, Ubuntu vem de duas línguas do povo bantu, zulu e xhona, que habitam o território da república da África do Sul, o país de Mandela. Do ponto de vista filosófico e antropológico, Ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e

⁵⁸ Formada em letras clássicas pelas Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), é mestre e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Columbia, Estados Unidos. É professora emérita da Escola de Comunicação da UFRJ, dedicada aos estudos culturais, com ênfase nas teorias críticas da cultura, tendo ainda importante atuação como crítica literária, ensaísta, antologia e editora. HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

inanimados). Este pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas (MALOMALO, 2014, p. 95).

Numa tradução aproximada da língua portuguesa, *Ubuntu* quer dizer que “*eu só existo, porque nós existimos*”. Tem uma questão de coletividade, empatia, justiça social muito presente na filosofia. Ela nos ensina que estamos interligados e que não vivemos sozinhos(as). Para o autor citado, *na filosofia negro-africana, ancestralidade é eixo do entendimento da nossa existência*. Ao ser questionado como o *Ubuntu* se manifesta na cultura brasileira ou afro-brasileira o autor menciona que

É preciso voltar à história para capturar as manifestações do Ubuntu em suas diásporas transatlânticas. No Brasil, a noção do Ubuntu chega com os escravizados africanos a partir do século XVI, pois estes trouxeram a sua cultura nos seus corpos e esta foi reinventada a partir do novo contexto da escravidão, o que fez com que falar de Ubuntu, no Brasil, fosse falar de solidariedade e resistência. Entre outros registros históricos-antropológicos que expressam o “Ubuntu afro-brasileiro” podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileiras, irmandades negras, movimentos negros, congadas, Moçambique, imprensa negra (MALOMALO, 2014, p. 96).

Ou seja, *nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás* a respeito das narrativas de povos secularmente silenciados. Esse exercício deve ser um compromisso de todas(os) nós empenhadas(os) em construir uma sociedade mais justa e igualitária onde a equidade social seja uma realidade para todos e todas! Para o historiador, Wilson Roberto de Mattos, “outra possibilidade, talvez mais efetiva, de interpretar o sentido cosmológico do *Ubuntu* pode ser observada na seguinte frase: “eu somente sou feliz se todos forem felizes” (MATTOS, 2019, p. 330).

2.1 MOVIMENTOS DE (RE)EXISTÊNCIAS

Na contemporaneidade, acompanhamos no Brasil e no mundo a luta de mulheres negras reelaborando sua estética de forma positiva, assumindo suas variadas texturas capilares. Não apenas o cabelo, mas seus corpos insurgem e paulatinamente rompem com a subordinação histórica de suas corporeidades. Desde o período escravagista, homens e mulheres negros e negras lutam pela liberdade de seus corpos. De acordo com as reflexões de Gomes (2017), “o corpo negro nos conta uma história de resistências constituída de denúncia, proposição, intervenção e revalorização” (GOMES, 2017, p. 95).

Para adentrarmos nas reflexões sobre o movimento de Empoderamento Crespo a que assistimos na atualidade, através do processo de transição capilar, consideramos pertinente fazermos o movimento do *Sankofa*, voltando o nosso olhar para algumas lutas empreendidas na

história pela comunidade negra no que tange ao reconhecimento e importância de sua história e de sua humanidade. Aqui, nos ateremos a refletir sobre as lutas realizadas pela comunidade negra no campo da estética e da educação. Lutas e movimentos sociais que, segundo Gomes, educam e constroem saberes outros. Ela pontua que:

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento. (GOMES, 2017, p. 16).

A busca por emancipação sempre esteve presente na vida dos povos negros. A emancipação para a autora é entendida como transformação social e cultural como libertação do ser humano. Para Gomes (2017), esse ideal sempre esteve presente nas ações da comunidade negra organizada, desde o período escravagista.

De acordo com as reflexões de Braga (2020), logo após a abolição da escravidão, a imprensa negra, associações sociais e recreativas afro-brasileiras, Centro Cívico Palmares, dentre outras organizações desempenharam nas três primeiras décadas do século XX:

um papel social, uma atividade pública (uma “mobilização pela cidadania”), e, ao mesmo tempo, uma atuação política. Era preciso promover uma segunda abolição, uma vez que aquela anunciada em 1888 não oferecia ao negro mais do que uma vida de privações assoladas, na maioria das vezes, pelo alcoolismo, pela tuberculose ou por tantas outras doenças. Era preciso ainda, inserir esse negro no mercado de trabalho, no sistema educacional, na atividade política e, por fim, contestar, em definitivo, a associação feita entre a imagem do negro e sua eterna condição de escravo, ratificada por uma suposta inferioridade congênita (BRAGA, 2020, p. 86).

Nessa *segunda abolição*, as populações negras precisariam lutar pelo reconhecimento de sua humanidade no sentido de conquistar plenamente sua cidadania. Para a autora, a imprensa negra dessa época teve um papel importante por fazer do(a) negro(a) um(a) participante ativo(a) no que diz respeito aos debates que versavam sobre a realidade racial no país.

No campo da estética, existia, segundo Braga (2020), um apelo *à moral e aos bons costumes da época*. Inclusive os concursos de beleza promovidos pelas populações negras eram regidos levando em consideração não o corpo em si, mas as escolhas eram justificadas mediante critérios morais e ou políticos. Isso se dava no intuito de combater a imagem construída no período escravocrata, da “mulata” promiscua e disponível ao sexo.

Ao analisar os concursos de beleza realizados nas três primeiras décadas do século XX, especificamente o concurso de Miss Progresso (concurso realizado em 1930), Braga observa que esses levavam em consideração os valores morais, e não a beleza negra propriamente dita. Existia, segundo a autora, “um apagamento de comentários sobre o corpo, quando da descrição das eleitas pelo concurso Miss Progresso” (BRAGA, 2020, p. 102). A crítica da autora versa sobre a nota do jornal Progresso, que nem sequer trazia a imagem da vencedora do concurso

Talvez pudéssemos partir da fotografia das mulheres eleitas para traçar, quem sabe, senão um modelo de beleza, algum aspecto que possa nos oferecer regularidade na descrição de seus corpos. Primeiramente, é preciso salientar o apagamento de vencedora: não há registros fotográficos da Miss Progresso! Paradoxalmente, as fotografias publicadas dizem respeito à Beatriz de Carvalho, que obteve o título de vice -Miss Progresso, e a Evangelina X. de Carvalho, que finalizou as votações ocupando o quarto lugar (e que sequer fora entrevistada!). Já de partida, as fotografias contrastam com o discurso de ativismo político, que nos levaria a uma postura forte, segura e altiva, o que as fotografias nos apresentam são duas mulheres sentadas, em posições de extrema passividade, delicadeza e languidez (BRAGA, 2020, p. 102).

Para a autora, a beleza negra no pós-abolição não passa pelo corpo negro, mas pela sua moral. Nesse contexto, cabia às populações negras irem em busca de um *status* social no qual era preciso se encaixar nos padrões de beleza da época. É importante levar em consideração que os ideais de beleza eugênicos já se faziam presentes na estrutura escravagista. Como já citado anteriormente, a cor da pele e a textura do cabelo serviam como critérios que hierarquizavam e definiam as funções de negros(as) escravizados(as) dentro do sistema colonial. Como disse Guerreiro Ramos em um texto publicado em 1954 pela revista Forma, “existe uma profunda alienação estética do homem de cor em sociedades europeizadas como a nossa”. (RAMOS, 1954, s/p.).

Amanda Braga (2020) encontra esse ideal de beleza nos anúncios de jornais da época, a exemplo do “Cabelizador”, produto que prometia “alisar o cabelo sem dor” “Com o uso deste maravilhoso instrumento, os cabelos não só ficam infalivelmente lisos, mas também mais compridos”; “Quem não prefere ter a cabeleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos crespos e curtos?”; “Qual a pessoa que não quer ser elegante e moderna?”. Esses são trechos de propaganda do produto exposto no jornal *O Clarim d’ Alvorada* de 1929. Para Braga, é a partir daí que nascerá o gosto pelos processos de alisamento: “O que a publicidade vendia era um ideal de beleza eugênica, historicamente construído e perpassado por relações de poder. Para ser considerada bonita, elegante e moderna era preciso ceder a esse padrão” (BRAGA, 2020, p. 104).

Embora a autora pontue que existia por conta da imprensa negra uma busca por uma aceitação estética baseada em ideais eugênicos, resquícios de um período escravagista, as três primeiras décadas do século XX não deixaram de ser também um período marcado por uma “imprensa militante, pulverizada entre tantos periódicos, que oferecia ao negro, além de voz, visibilidade e espaços de sociabilidade” (BRAGA, 2020, p. 106).

O Teatro Experimental do Negro (TEN), criado por Abdias Nascimento em 13 de outubro de 1944 no Rio de Janeiro, foi também uma entidade importante no combate às estruturas racistas do país. O TEN buscou resgatar e valorizar a cultura afro-brasileira, denunciando o racismo e criando estratégias de superação do mesmo. Nas palavras de Abdias Nascimento (2016), o Teatro Experimental Negro tinha os objetivos básicos de:

Resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceitos a mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; através de uma pedagogia estruturada no trabalho da arte e cultura tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilhado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do intérprete; tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados (NASCIMENTO, 2016, p. 162).

O trabalho desenvolvido pelo TEN teve uma relevância em diversos campos da vida das populações negras. No campo da estética, por exemplo, a entidade teve um papel significativo na valorização da corporeidade negra. No que se refere aos concursos de beleza promovidos por ela, Amanda Braga (2020, p. 124) menciona que esses concursos “abriam uma via de valorização das mulheres negras calcada em seu próprio padrão estético”. Ou seja, o que diferenciavam os concursos promovidos pelo TEN, na década de 1940, daqueles realizados nas três primeiras décadas do século XX é que aqueles não levavam em conta a estética negra em si, enquanto os promovidos pelo TEN buscavam a valorização e reconhecimento da beleza negra, desconstruindo os estereótipos impostos à corporeidade negra.

Braga (2020) pontua que existia também por parte do TEN a preocupação em enfatizar os padrões morais como elementos constitutivos da beleza negra. Isso se dava pelo receio que se tinha em não se ater apenas à beleza física das candidatas, na tentativa de fugir e desconstruir os estereótipos sobre o corpo da mulher negra enquanto voluptuosa, mulher “quente” e disponível ao sexo. “Era consenso entre os organizadores que a exigência tão somente de uma beleza física poderia trazer à tona os estereótipos contra os quais o movimento também lutava” (BRAGA, 2020, p. 180).

No campo epistemológico, Guerreiro Ramos foi, segundo Abdias Nascimento (2016), o que melhor apresentou os valores e o pensamento da estética negra no Brasil. Ramos, em meados do século XX, considerava que a insurgência estética dos povos negros era um “passo preliminar da rebelião total dos povos de cor para se tornarem sujeitos de seu próprio destino” (RAMOS, 1954, s/p.). Para o autor, só seria possível se libertar das trevas da brancura, à luz da negrura. Naquele momento da história, os debates sobre desalienação estética já ocorriam no campo da literatura, como exemplo, o próprio Guerreiro Ramos vai mencionar as poesias de Luiz Gama⁵⁹, que no século XIX escrevia versos enaltecendo a beleza negra.

O autor também pontua o importante papel de outros intelectuais que em suas obras buscavam um “movimento de autoafirmação dos povos negros, a exemplo de Aimé Césaire (Martinica), Léopold Sedar-Senghor (Senegalês), Flavien Ranaivo (Madagascar), dentre outros poetas e intelectuais que “perceberam a beleza negra não desconfigurada pela contingência imperialista” (RAMOS, 1954, s/p.).

Já na década de 1960, ocorreu nos Estados Unidos o *Movimento BlackPower*. O termo, segundo Patrícia Anne Voughan⁶⁰ (2000), expressava o desejo do povo negro de ter poder dos seus direitos como cidadãos americanos” (VOUGHAN, 2000, p. 60). A expressão foi criada por Stokely Carmichael, ativista negro, que nas décadas de 1960 e 1970 lutou contra o racismo e pelos direitos civis das populações negras estadunidenses. Esse movimento teve como slogan “*Black is Beautiful*” (ser negro é lindo) levantando a bandeira da valorização da estética negra como algo necessário à comunidade negra.

O Movimento *Black Power* buscou romper com os padrões estéticos dominantes, e as mulheres negras tiveram um papel importante nessa luta, não só pelo fato de elas serem as que mais se submetiam a práticas de manipulação dos cabelos, mas, sobretudo, pelo papel político que elas desempenharam nas lutas por direito à cidadania ao longo da história.

59 Poeta, advogado, jornalista, Luís Gama foi um dos maiores abolicionistas em meados do século XIX. Segundo a pesquisadora, Lígia Fonseca Ferreira ele foi um dos primeiros jornalistas negros brasileiros. Como abolicionista, ele também utilizou o Direito para conseguir a alforria de centenas de escravizados, no século XIX. “Advogou pela libertação de mais de 500 escravos, sem cobrar honorários. Se sustentava trabalhando como jornalista. Aos 29, já era considerado ‘o maior abolicionista do Brasil’, mas só recebeu o título de advogado 130 anos após sua morte”. FERREIRA, Ricardo Alexino. Lígia Fonseca Ferreira fala sobre Luiz Gama como jornalista abolicionista do século 19. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ligia-fonseca-ferreira-fala-sobre-luiz-gama-como-jornalista-abolicionista-do-seculo-19/>. Acesso em: 27 maio 2021.

60 Americana de nascimento e naturalizada brasileira, Patrícia Anne desempenhou as funções de professora de Língua Inglesa e Literatura, influenciando assim muitos alunos que seguiram seus passos. Patrícia Anne foi ainda: Chefe do Departamento de Letras, Coordenadora de Curso de Especialização em Língua Inglesa e Pró-Reitora de Ensino de Graduação da Universidade Federal de Piauí (UFPI). Disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/37779-nota-de-pesar-prof-dr-patricia-anne-vaughan> Acesso em: 07 out. 2021.

Figura 17: Angela Davis, ostentando seu Black Power em movimento na luta contra os direitos civis nos EUA



Fonte: HYPENESS. Disponível em:
<https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/>.

A filósofa e ativista negra, Angela Davis⁶¹ é um de tantos os exemplos que podemos citar aqui. Os movimentos engendrados por ativistas negras norte-americanas, como parte do grupo Panteras negras⁶² e o Movimento de Consciência Negra sul-africana⁶³ vão, segundo Gomes (2019), construir um movimento de estetização negra e ao mesmo tempo construir uma concepção estética revolucionária (GOMES, 2019, p. 213). Esses dois movimentos ocorridos,

⁶¹ Angela Davis é filósofa, professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Como ativista, integrou o grupo Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo. Disponível em: DAVIS, Ângela, *Mulheres Raça e Classe*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁶² Os Panteras Negras formularam um novo conceito que definia política, social, cultural e esteticamente o povo negro nos EUA (SILVA, 2001, p. 33-34 *apud* GOMES, 2019, p. 210).

⁶³ O conceito de Consciência Negra teve como principal protagonista Steve Biko, assassinado pelo regime *Apartheid*. O conjunto de ideias do Movimento de Consciência Negra extrapolou as fronteiras sul-africanas e influenciou a organização dos negros em diversos países, inclusive o Brasil (SILVA, 2001, p. 34-37 *apud* GOMES, 2019, p. 210).

respectivamente, nos EUA e na África do Sul, provocaram aqui no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 uma influência nos debates político-estéticos. O movimento de valorização da estética negra é uma das relevantes pautas reivindicadas pelo movimento negro brasileiro, e não somente isso, sem a luta do movimento negro em nosso país, as desigualdades raciais seriam ainda mais acirradas.

Gomes (2017) pontua que muitas lutas fincadas pelo movimento negro ao longo da história foram efetivadas nas duas primeiras décadas deste milênio. Dentre elas podemos citar: o reconhecimento internacional da existência do racismo no Brasil; inclusive Munanga (2019, p.120) evidencia que o Brasil só assumiu seu racismo *sui generis* após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que ocorreu em Durban, na África do Sul, em 2001. Vale destacar que as Ações de Políticas Afirmativas aqui no Brasil, nascem a partir dessa conferência.

Outras conquistas do Movimento Negro, no campo da educação, foram a efetivação de leis como a 12.711/12 que institui cotas para negros, pardos indígenas e brancos oriundos de escolas públicas no ingresso ao ensino superior, e a lei 11.645/08 que inclui no currículo oficial da rede de ensino básico a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. É reconhecendo as assimetrias sociais decorrentes de todo um processo histórico excludente que é possível estabelecer estratégias legais para modificar a realidade da população negra do país.

O Movimento Negro brasileiro é um produtor de saberes, como aponta Gomes (2017). Saberes identitários, saberes políticos e saberes estéticos-corpóreos. Estes últimos, para a autora, “dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo” (GOMES, 2017, p. 79).

Outra entidade de extrema relevância no processo de reelaboração positiva da estética negra foi a Associação Cultural Bloco *Ilê Aiyê* que, em 1975, saiu pela primeira vez nas ruas de Salvador, marcando incisivamente seu espaço no carnaval desta cidade. Segundo Elias Lins Guimarães:

A formação do Ilê Aiyê insere-se no conjunto dos movimentos sociais de sujeitos não hegemônicos no contexto da sociedade brasileira, emprestando um sentido novo ao cotidiano das relações sociais e raciais. Propondo uma postura nova para o carnaval da Bahia cuja característica principal era a exaltação do *jeito negro de ser*, sedimenta um trabalho político-cultural cujas ações se caracterizam como luta contra o racismo e a discriminação conjugando vontades, interesses, apropriação de espaços, postura de resistência, consciência e valorização do ser negro. No contexto de luta e apropriações simbólicas, sua história vai sendo construída mostrando que algo novo emergia e irrompia na cena pública da Cidade do Salvador (GUIMARÃES, s/d, p. 3).

O Bloco *Ilê Aiyê* foi e tem sido um produtor de saberes, uma vez que busca educar através do seu potencial político. A valorização cultural, estética e a educação como caminhos legítimos na construção de uma identidade negra positiva e de uma educação decolonial emancipatória. Guimarães pontua que o *Ilê Aiyê* sempre se constituiu enquanto entidade educativa que produz conhecimentos, trabalha a autoestima negra através de “estratégias pedagógicas canalizadas para a população em geral e, em particular, para o afro-brasileiro” (GUIMARÃES, s/d, p. 7).

O *Ilê Aiyê* não se resume a um bloco carnavalesco que vai às ruas da cidade de Salvador a cada ano. Mas, enquanto entidade, enquanto movimento negro, produz durante todo o ano estratégias pedagógicas, artísticas, culturais e políticas fundamentais na construção de uma sociedade antirracista. Guimarães cita como exemplo a criação da Escola Mãe Hilda,⁶⁴ que tem como base pedagógica a história da África e da cultura afro-brasileira.

A Associação Cultural do Bloco *Ilê Aiyê* tem um importante papel não apenas no campo da educação, na valorização cultural do povo negro, mas também no campo da estética. A realização da “Noite da Beleza Negra” do *Ilê Aiyê* é um exemplo desse engajamento também na dimensão estética. O concurso que elege a Deusa do Ébano é considerado o maior concurso de beleza da mulher negra no Brasil na contemporaneidade. À medida em que se valoriza e coloca em evidência a estética da mulher negra de forma positiva, subverte-se os ideais de beleza baseados na branquidão. Para Lélia Gonzalez⁶⁵ (2020), a partir do “bloco afro *Ilê Aiyê*, de Salvador, iniciou-se o processo de subversão cultural que resgata, dentre outros, os valores estéticos da afro-brasilidade” (GONZALEZ, 2020, p. 242).

⁶⁴ Escola do Ensino Fundamental I mantida pelo bloco afro leva este nome em homenagem à Ialorixá do Terreiro Jitolu e matriarca do *Ilê*, Mãe Hilda.

⁶⁵ Filósofa, antropóloga, professora militante do movimento negro e feminista precursora, foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX com atuação decisiva na luta contra o racismo estrutural e na articulação das relações entre gênero e raça em nossa Sociedade. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Orgs: Flavia Rios, Marcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Figura 18: Vencedora da 41ª Noite da Beleza Negra - Gleicielle Teixeira recebeu o troféu das mãos de Antônio Carlos Vovô, presidente do bloco



Fonte: Gabriel Oliveira/Reprodução.

Todos esses movimentos, dentre outros não citados aqui, foram e são de fundamental importância na luta por reconhecimento dos povos negros, valorização da sua cultura, corporeidade etc. Os movimentos estéticos engendrados pela comunidade negra criaram saberes contra hegemônicos a respeito do corpo negro. Para Nilma Lino Gomes (2017):

São esses saberes que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposta pelo racismo. Eles afirmam a presença da ancestralidade negra e africana inscrita nos corpos negros como motivo de orgulho, como empoderamento ancestral. Recoloca a negra e o negro no lugar da estética e da beleza (GOMES, 2017, p. 80).

Assim, os movimentos sociais têm caráter educativo na medida em que reivindicam suas pautas e questionam uma sociedade, rigidamente hierarquizada pelas opressões do racismo, patriarcado, machismo etc. Eles educam quando suas reivindicações são transformadas em instrumentos legais os quais desestabilizam as estruturas montadas pelas forças dominantes. Termos esses movimentos lutando por pautas tão necessárias as quais nos permitem o lugar da cidadania é um bálsamo para todas(os) nós! Assim, reconhecer a beleza negra como legítima,

bonita, valorizar a nossa cultura, história e saberes são conquistas de lutas ancestrais que não podem ser esquecidas.

2.2 MULHERES NEGRAS EM LUTA!

Os intelectuais racistas do fim do século XIX e começo do século XX estimavam que em torno de 2015 o Brasil estaria livre da “mancha negra”. Sobrevivemos à escravidão, temos sobrevivido à exclusão, sobreviveremos aos periódicos genocídios. Somos “uma pretalhada inextinguível”, como disse em desespero, Monteiro Lobato. Viveremos!

(Sueli Carneiro⁶⁶, 2011)

Há quanto tempo as mulheres negras lutam em busca de respeito, dignidade, justiça, reconhecimento, valorização? Segundo Angela Davis (2016), as mulheres negras escravizadas sempre estiveram presentes nas rebeliões contra o sistema escravocrata. Para além da presença dessas mulheres em fugas, revoltas e sabotagens contra seus senhores, elas tinham outras formas de fazer rebelião, o que “incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais” (DAVIS, 2016, p. 34). A autora pontua que:

Se as mulheres negras sustentavam o terrível fardo da igualdade em meio à opressão, se gozavam de igualdade com seus companheiros no ambiente doméstico, por outro lado elas também afirmavam sua igualdade de modo combativo, desafiando a desumana instituição da escravidão. Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam sua família e participavam de paralisações e rebeliões. (...) elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e, como os homens, se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, seguindo com frequência rumo ao Norte em busca de liberdade. Dos numerosos registros sobre repressão violenta que os feitores infligiam às mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era exceção, não regra (DAVIS, 2016, p. 31).

⁶⁶ É filósofa e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Fundadora e coordenadora executiva do Geledés Instituto da Mulher negra, é diretora vice-presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos e ativista do Movimento feminista e do Movimento negro do Brasil. Integra o grupo de pesquisa ‘Discriminação, Preconceito e Estigma’ da Faculdade de Educação da USP, e o conselho consultivo do Projeto Mil Mulheres, da Articulação nacional de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras e da Ação Educativa.

A história das mulheres negras diante do perverso sistema escravocrata foi marcada por muita resistência, como pontua Davis (2016). A autora traz como exemplo de força e luta o papel de Harriet Tubman que foi a única mulher a liderar tropas⁶⁷ em uma batalha nos Estados Unidos. Tubman era uma mulher escravizada que através do trabalho que realizava nas lavouras em Maryland⁶⁸ percebeu que seu potencial enquanto mulher era o mesmo de qualquer homem. Para Davis, o que Harriet Tubman representa para todas nós é “o espírito de força e perseverança conquistado por tantas mulheres de seu povo” (DAVIS, 2016, p. 35).

Lélia Gonzalez (2020) menciona também

Que foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas-político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de libertação. A mesma reflexão é válida para as comunidades indígenas. Por isso nossa presença nos Movimentos Étnicos (ME) é bastante visível; aí nós amefricanas e ameríndias temos participação ativa e em muitos casos somos protagonistas (GONZALEZ, 2020, p. 48).

No contexto brasileiro, Lélia Gonzalez traz como grande figura heroica, Luísa Mahin, que organizou a Revolta dos Malês⁶⁹, ocorrida em 1835 na cidade de Salvador, e nela participou ativamente. Mahin é considerada símbolo de luta e resistência pelo movimento negro e feminismo negro brasileiro. A historiografia sobre a vida dessa heroína pontua que ela esteve envolvida na articulação de diversas revoltas e levantes de escravos que sacudiram a então Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX⁷⁰. Segundo Gonzalez (2020), após saberem de sua participação, Luísa Mahin “foi expulsa do Brasil e obrigada a regressar à África originária, deixando em nosso país o filho⁷¹ que continuaria sua luta, a da libertação do povo negro” (GONZALEZ, 2020, p. 53).

⁶⁷ Harriet Tubman conduziu mais de trezentas pessoas pelas rotas da chamada *Underground Railroad*, nome dado a um conjunto de rotas secretas e pontos de paradas clandestinos que escravos e escravos usavam para conseguir chegar ao Canadá ou ao México, contando com ajuda de abolicionistas (DAVIS, 2016, p. 35).

⁶⁸ Estado localizado na região Nordeste dos Estados Unidos. Maryland foi uma das 13 colônias que se rebelaram contra o domínio britânico; o Estado foi palco de numerosas batalhas. Maryland também é conhecida pelo nome “Old Line State”, justamente em homenagem às suas “tropas de linha” e seu espírito nacionalista. DANTAS, Tiago. “Maryland”. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/maryland.htm>. Acesso em: 14 maio 2021.

⁶⁹ A Revolta foi planejada por um grupo de africanos muçulmanos, negros de origem haussa e nagô, chamados de malês, devido ao fato de que, em ioruba, muçulmano é imale. Formado, dentre outros, por Ahuma, Pacífico Licutan, Luísa Mahin, Aprício, Pai Inácio, Luís Sandim, Manuel Calafate, Elesbão do Carmo, Nicoti e Dissalu. (REVOLTA dos Malês. **Portal Geledés**, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/?s=revolta+dos+mal%C3%AAs>. Acesso em: 14 maio 2021.

⁷⁰ LUÍSA Mahin. **Portal Geledés**, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luisa-mahin/>. Acesso em: 14 de maio 2021.

⁷¹ O filho de Luísa Mahin, foi uma das grandes figuras negras do movimento abolicionista em meados do século XIX aqui no Brasil, Luiz Gama.

Ainda no contexto brasileiro, não podemos deixar de citar também o importante papel das irmandades femininas negras no enfrentamento ao sistema escravocrata no país. Como filha do recôncavo, quero evidenciar a relevância da Irmandade⁷² de Nossa Senhora da Boa Morte, localizada na cidade de Cachoeira-BA, notável tanto pelas lutas contra o sistema escravocrata, como pelo papel desempenhado na preservação e ao mesmo tempo recriação das tradições culturais e religiosas. Para Mariana Fernandes Rodrigues Barreto Regis⁷³ (2020), o legado da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte é incontestável, pois

[...] a Irmandade da Boa Morte atravessou vários dos períodos históricos brasileiros, trazendo para os afrodescendentes da diáspora um marco referencial e representando uma instituição social, religiosa e política poderosa, capaz de sobreviver ao sistema colonial escravista e seu período subsequente. Além de lutarem contra a escravidão, comprarem alforrias e possibilitarem um novo horizonte para cativos, não podemos esquecer de um ponto crucial na constituição da Irmandade: ela era e ainda é constituída exclusivamente por mulheres negras (REGIS, 2020, p. 200).

A autora, ao trazer para o debate a celebração dos 200 anos⁷⁴ de (re)existência da irmandade, enfatiza que a “boa Morte, além de tudo, representa mais profundamente: estratégia e existência de mulheres negras” (REGIS, 2020, p. 200). As trajetórias de luta das irmandades negras, de Harriet Tubman e de Luísa Mahin, evidenciadas aqui, são histórias, dentre tantas outras, de mulheres negras que desempenharam papel fundamental na busca por liberdade, direitos e reconhecimento de suas histórias, culturas e saberes.

Lélia Gonzalez enfatiza o importante papel das mulheres negras na luta contra a discriminação racial e de gênero que atravessam a mulher negra na história. Ela menciona que ser negra e mulher no Brasil “é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZALEZ, 2020, p. 58).

⁷² As Irmandades Negras representaram, no Brasil escravista, instituições responsáveis pela transformação e sobrevivência das tradições religiosas e espirituais africanas, ao passo que foram essenciais para a criação destas novas práticas afro-brasileiras (REGIS, 2020, p. 200).

⁷³ Possui mestrado em História pela Universidade de Brasília (2016), na linha de pesquisa: História Social e suas múltiplas formas. Trabalha com Irmandades Negras na América Portuguesa e Metodologia da História. Graduação em História pela Universidade de Brasília (2013). Pesquisadora Associada do Observatório da Saúde da População Negra NESP/CEAM/UnB. Formação acadêmica atrelada à Coordenação do projeto ABC Musical, desenvolvido na comunidade tradicional de matriz africana Ilê Axé Tojú Labá, próxima ao Jardim ABC (divisa entre DF e GO), com desenvolvimento de oficinas que combinam arte, cultura e construção de autoestima direcionadas a crianças e adolescentes em sua maioria negros. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6703669/mariana-fernandes-rodrigues-barreto-regis> Acesso em: 07 out. 2021.

⁷⁴ No ano de 2020, a Irmandade da Boa Morte celebrou os seus 200 anos de (re)existência.

Sobre essas opressões, lembremos da abolicionista Sojourner Truth⁷⁵ que no seu discurso proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres, realizada na cidade de Akron, em Ohio, no ano de 1851, nos Estados Unidos, já questionava os homens brancos presentes naquele encontro sobre seus direitos enquanto mulher negra. Vejamos:

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negros) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho. Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari cinco filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer (RIBEIRO, 2019, p. 19-20).

Em seu discurso, Sojourner Truth, traz não somente o recorte de gênero, mas também a questão racial como elementos que oprimem e discriminam. Na ocasião, ela rebate críticas de clérigos e pastores que diziam que as mulheres não poderiam ter os mesmos direitos que os homens. Em seu discurso, ela não somente demonstrou as violências vivenciadas pela mulher negra, trazendo como exemplo a sua própria experiência dentro do sistema escravocrata, como também reivindicou seu reconhecimento ao levantar a bandeira de que merece respeito e dignidade, tanto quanto as mulheres brancas. Para Djamila Ribeiro⁷⁶ (2019, p. 20) o discurso de Truth “já evidenciava um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher”

⁷⁵ Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1797. Tornou-se uma pregadora pentecostal, ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Em 1843, mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade). Na ocasião do discurso já era uma pessoa notória e tinha 54 anos. A versão mais conhecida foi recolhida pela abolicionista e feminista branca Frances Gage e publicada em 1863, essa é a versão traduzida aqui a partir de diversas fontes *online*. E NÃO sou uma mulher? **Portal Geledés**, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 01 de jun. 2021.

⁷⁶ É mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Foi secretária adjunta de Direitos Humanos de São Paulo, em 2016. Ativista, vem fazendo o debate público sobre feminismo negro com forte atuação nas redes sociais. Em setembro de 2016 palestrou na sede da ONU, em Nova York, e, em abril e maio de 2017, em conferências em Harvard e Oxford. Colunista da revista e site da Carta Capital. Foi apresentadora da

O que Djamila Ribeiro (2019), Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2011), Carla Akotirene⁷⁷ (2019), dentre outras intelectuais negras brasileiras pontuam são os atravessamentos de opressões que as mulheres negras sofreram e sofrem até os dias de hoje. Não se pode analisar as opressões vivenciadas pelas mulheres negras sem levar em conta a categoria raça. A própria Lélia Gonzalez nos adverte que “a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pelo racial” (GONZALEZ, 2020, p. 47).

Gonzalez (2020), dentre outras intelectuais negras, faz crítica tanto aos companheiros do movimento negro, que não consideravam a pauta da discriminação sexual, quanto ao feminismo dito universal. A autora chama a atenção quando elucida que os “companheiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tratam de excluir-nos dos espaços de decisão do movimento” (GONZALEZ, 2020, p. 48). Gonzalez constata também um esquecimento da questão racial na leitura dos textos e na prática feminista:

Gostaríamos de chamar a atenção para a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país. A maioria dos textos, apesar de tratarem das relações da dominação sexual, social e econômica a que a mulher está submetida, assim como da situação das mulheres das camadas mais pobres etc., não atentam para o fato da opressão racial e, consequentemente, o do confinamento a que a comunidade negra está reduzida (GONZALEZ, 2020, p. 61).

Como podemos perceber, as feministas negras já vêm reivindicando essas pautas a respeito das opressões provocadas pelas questões racial e sexista há muito tempo. É preciso reconhecer que elas sempre foram protagonistas no enfrentamento dessas violências. Sobre essas pautas, a ativista e intelectual Luiza de Bairros, em entrevista concedida à historiadora e pesquisadora Silvana Bispo (2011), dirá também sobre os conflitos que as mulheres negras precisavam gerenciar dentro do MNU, por conta das opressões de gênero. No contexto do MNU baiano, Luiza Bairros menciona que

A gente enfrentava uma barra muito pesada na relação com os homens dentro da organização. Então, o que acontecia, as mulheres compunham a maioria da militância, mas, os homens é que tinham a visibilidade, os homens é que dirigiam, os homens é que apareciam como os líderes do movimento (BISPO, 2011, p. 133).

temporada 2017 sobre os Direitos Humanos do programa *Entrevista*, no Canal Futura. RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. Feminismos Plurais. São Paulo, Ed. Pólen, 2019.

⁷⁷ É mestre e doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos pela Universidade federal da Bahia (UFBA). Atua como assistente social no município de Salvador, acolhendo vítimas de violência doméstica. Concentra estudos sobre racismo e sexismo institucionais nas penitenciárias femininas e coordena a Opará Saberes, projeto de extensão da UFBA para a instrumentalização teórica e metodológica de mulheres negras candidatas a mestrado e doutorado em universidades públicas. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos Plurais. São Paulo, Ed. Pólen, 2019.

Podemos notar que as mulheres negras tiveram que lutar para conquistar seu espaço e reconhecimento também dentro dos movimentos, neste caso específico do MNU. Assim, ao aludirmos à história, notamos que lutar contra o racismo e contra as desigualdades de gênero, seja no contexto norte americano, seja aqui no Brasil, não é uma prática recente. Como diria a célebre frase de Jurema Werneck⁷⁸ “nossos passos vêm de longe”. Para Angela Figueredo (2019, p. 213), “esse lema nos remete sempre ao nosso ponto de partida, que é a ancestralidade de mulheres negras líderes e protagonistas das diversas lutas do povo negro”.

Nesse sentido, Gonzalez (2020) nos chama a atenção para a necessidade de construirmos um feminismo afro-latino-americano, baseado em nossas vivências, resgatando as nossas histórias e lutando contra as opressões raciais e de gênero que colocam a mulher negra e indígena em condições desiguais na sociedade. Em seu artigo, *Por um feminismo Afro-latino-Americano*, a autora faz menção a esses desencontros e ressentimentos com seus companheiros(as) de luta, mas também menciona alguns pontos de luz na construção de um feminismo que leve em conta as pautas e opressões sofridas pelas mulheres negras e indígenas. (GONZALEZ, 2020).

A autora cita como ponto luminoso, o II Encontro do Taller de Mulheres das Américas que ocorreu no ano de 1987 no Panamá. Segundo Gonzalez, “nesse encontro as análises e discussões terminaram por derrubar barreiras, no reconhecimento do racismo pelas feministas e preconceitos antifeministas por parte das ameríndias e amefricanas dos setores populares” (GONZALEZ, 2020, p. 150). Esse, dentre outros encontros realizados no final da década de 1980 foram, segundo a autora, fundamentais para iniciar uma nova era no que se refere à construção de um feminismo afro-latino-americano que contemplasse as necessidades das mulheres amefricanas e ameríndias.

Por essas e outras ações, Lélia Gonzalez é para todas nós, feministas negras, uma grande referência no campo epistemológico e prático do feminismo negro brasileiro. Para Heloisa Buarque de Holanda (2020), ela é a precursora do feminismo decolonial. Quando nos debruçamos sobre os escritos de feministas negras, nos inspiramos diante da tamanha contribuição dessas mulheres que lutaram durante séculos para que hoje pudéssemos ter uma vida menos desigual. Não que estejamos “num mar de rosas”, mas reconhecer essa luta ancestral nos coloca em um lugar de comprometimento ético, político e epistemológico no sentido de

⁷⁸ Jurema Pinto Werneck é uma feminista negra, médica, autora e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ativista do movimento de mulheres negras brasileiro e dos direitos humanos, assumiu a Direção Executiva da Anistia Internacional Brasil em fevereiro de 2017.

darmos continuidade à luta contra as opressões racistas, sexistas e machistas que nos atravessam diariamente.

Como podemos ver, as mulheres negras, desde o período escravocrata no Brasil, propuseram organizações de lutas e resistências das mais variadas formas. Na seção seguinte, refletiremos sobre as marchas promovidas pelas mulheres negras no intuito de dar visibilidade ao papel dessas mulheres na luta contra as opressões que as atravessam. Para Zelinda dos Santos Barros⁷⁹ (2017):

Nós, mulheres negras, historicamente familiarizadas à rua como um espaço de trabalho e luta pela sobrevivência, no contexto contemporâneo de luta pela afirmação de direitos, temos ocupado esse espaço como forma de denunciar violações e afirmar nossa humanidade. As marchas são estratégias de ocupação coletiva da rua com intenções expressamente políticas. São momentos de luta pelo reconhecimento da dignidade de mulheres e homens negros, sejam elas/es conscientes ou ignorantes quanto à importância da organização coletiva para o enfrentamento do racismo, do sexismo, da homofobia e de tudo o que nos oprime (BARROS, 2017, p. 23).

Como anunciado pela professora Zelinda Barros (2017), as mulheres negras sempre ocuparam as ruas, seja para o trabalho, seja para encabeçar lutas e reivindicações específicas das mulheres negras. Na contemporaneidade, para além das ruas, as vozes dessas mulheres ecoam também nas redes sociais, local onde muitas delas organizam-se politicamente contra as opressões racistas, sexistas, de gênero etc. Muitas dessas organizações virtuais se reverberam em forma de marchas no espaço das ruas e educa-nos a persistir na luta ancestral de construir uma sociedade mais justa e equânime para todas(os) sem distinções.

⁷⁹ Cientista social, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (CEAO/UFBA), Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2003), Especialista em Educação à Distância pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (2008), Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2000). Docente Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Coordenadora do grupo de pesquisa NYEMBA - Processos Sociais, Memórias e Narrativas Brasil/África (UNILAB), membro do grupo de pesquisa YORUBANTU - Epistemologias Yoruba e Bantu nos Estudos Literários, Linguísticos e Culturais (UFBA). Conselheira suplente do Conselho Estadual de Educação da Bahia, período 2018-2022. Tem experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia, com ênfase em Gênero e Relações Raciais. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6920360/zelinda-dos-santos-barros> Acesso em: 07 out. 2021.

2.3 MARCHAS DE MULHERES NEGRAS PELO BRASIL: UM MOVIMENTO EDUCADOR!

Durante séculos, décadas, na semana passada, amanhã e hoje, marchamos porque sabemos que as transformações não virão como presentes. Marchamos porque sabemos da invisibilidade em torno de nossas imagens, representação e representatividade. Marchamos porque não dá mais para esperar pelo filho, marido, sobrinho ou pai que não voltarão após um dia de trabalho. Marchamos porque referenciamos a força de nossas ancestrais. Marchamos na tentativa de interromper o extermínio da juventude negra. Marchamos porque nosso corpo é violentado cotidianamente, nossa alma dilacerada e, por mais que trabalhem, nos instrumentalizemos, ainda assim, teremos reconhecimento e remuneração menores. Marchamos porque a tentativa de genocídio da população negra não parou em 1888. Marchamos porque as feridas custam a fechar. Marchamos porque temos muitas coisas para contar, netos para embalar, filhos para criar, bocas para beijar, profissões para descobrir e corpos para amar. Marchamos pelo direito ao nosso corpo e à escolha de nossa identidade de gênero, assim para quem devemos direcionar o nosso desejo. Marchamos porque ter liberdade de culto não é um favor, é um direito. Marchamos porque terreiros de Umbanda e Candomblé têm sido incendiados, crianças têm sido agredidas e identidade racial, destruída. Marchamos. Marchamos. Marchamos porque não dá mais pra levar a pirâmide nas costas, está pesada, injusta, está desumana.

(Renata Martins)⁸⁰

As duas primeiras décadas deste século foram marcadas por uma onda de empoderamento feminino negro sem precedentes. Quando falamos em empoderamento:

na verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento de si mesmos e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular em algum nível, a autoaceitação de características culturais, estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa (...) criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p. 21).

⁸⁰ MARTINS, Renata. Marchamos porque sabemos que as transformações não virão como presente. Portal Geledés, 2021. Disponível em <https://www.geledes.org.br/marchamos-porque-sabemos-que-as-transformacoes-nao-virao-como-presentes/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Quando Joice Berth⁸¹ traz para reflexão o conceito de empoderamento ressignificado⁸² pelo próprio feminismo negro, é de extrema relevância compreendê-lo, sobretudo porque quando falamos em autoaceitação, autorreconhecimento, é, na verdade, se autoafirmar de diversas formas, seja no campo intelectual, afetivo, na estética, dentre tantos outros campos da vida de cidadãos e cidadãos negros(as) marcados(as) pelo processo de colonização ao longo da história. Para a autora, o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social dos povos historicamente marginalizados.

Essa busca por emancipação política, social e estética a que o próprio movimento de empoderamento nos encaminha está atrelada a uma perspectiva de luta que se dá no campo da coletividade. Para Berth (2019), “indivíduos empoderados, formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes” (BERTH, 2019, p. 52).

A autora chama a atenção para as críticas que muitos autores pontuam sobre o conceito de empoderamento, pois, grosso modo, o seu significado está relacionado a “dar poder a”. Berth (2019, p. 23) evidencia que o empoderamento ressignificado pelo feminismo negro não “visa retirar poder de um para dar a outro a ponto de se inverter os polos de opressão, e sim de uma postura de enfrentamento da opressão”. O que a autora defende é um processo de empoderamento no qual se possa ter justiça social, e que as pessoas historicamente excluídas possam usufruir de uma cidadania plena.

Joice Berth cita Barbara Bryant Solomon, uma intelectual negra, como um dos nomes importantes no desenvolvimento da Teoria do Empoderamento. Conforme assegura Berth (2019), vários estudiosos consideram Solomon como a precursora do trabalho aplicado a Teoria do Empoderamento em comunidades oprimidas. Solomon trabalhou tanto “na formação da Iniciação Acadêmica Comunitária, voltada a incluir jovens desfavorecidos na universidade, quanto, desenvolveu trabalho ‘por mais de 50 anos como assistente social, atuando pela saúde mental e pelo fortalecimento social de comunidades étnicas e de minorias’ ” (BERTH, 2019, p. 35).

⁸¹ Arquiteta e urbanista pela Universidade Nove de Julho, especialista em Direito Urbanístico, pesquisa sobre direito à cidade com recorte de gênero e raça, é colunista da revista Carta Capital. BERTH, Joice. Empoderamento. Feminismos Plurais. São Paulo, Ed. Pólen, 2019.

⁸² Ressignificado, pois Joice Berth em seu livro “Empoderamento” faz uma alusão a diversos autores que discutem empoderamento, como Barbara Bryant Solomon, reconhecida como a precursora do trabalho aplicado à Teoria do Empoderamento em comunidades oprimidas.

Há um elemento importante na Teoria do Empoderamento proposta por Solomon, que está relacionado a sua perspectiva prática. Para Berth (2019, p. 37), ela “alia seu estudo à prática profissional do serviço social emancipatório de grupos oprimidos”. Ou seja, trata-se de um empoderamento que subverte a ordem dominante para que as opressões vivenciadas por diversos grupos minoritários possam ser minimizadas. Para a autora, a partir da realidade concreta de grupos historicamente marginalizados pode-se criar ferramentas emancipatórias para o acesso a uma vida mais digna.

Berth (2019) menciona que diversas literaturas consideram Paulo Freire, grande intelectual brasileiro, como um dos precursores da análise aplicada à realidade de grupos oprimidos, quando, na década de 1960, ele desenvolveu a Teoria da Conscientização, que, segundo a referida autora, inspirou a Teoria do Empoderamento. De acordo com Berth (2019, p. 38), “o educador é da tradição de pensadores e pensadoras que refletem a partir da realidade concreta, concebendo, assim, a Teoria da Conscientização como prática para a libertação e de estratégias de atuação de grupos oprimidos”.

O empoderamento dentro da perspectiva feminista negra é também evidenciado pela historiadora Silvana Bispo⁸³ (2011). Ela menciona que:

[...] no caso das mulheres negras essa noção **[de empoderamento]** é extremamente significativa, na medida em que, a partir da identidade individual e coletiva, os grupos negros podem articular mudanças significativas na sociedade, desse modo, empoderar-se significa auto reconhecer-se (BISPO, 2011, p. 136, grifo nosso).

A autora, ao entrevistar intelectuais negras que participaram como ativistas /formadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) aqui na Bahia, como Luiza de Bairros, Ana Célia da Silva, Vilma Reis, Valdecir Nascimento e Lindinalva Barbosa constata a forte influência dessas mulheres na ressignificação do feminismo negro na Bahia e,

⁸³ Silvana Bispo tem graduação em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2007). Mestrado pelo Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPG/NEIM, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2011) e Especialização História Social e Cultura Afro-Brasileira e Indígena pela ACEB/Faculdade da Cidade do Salvador (2012). Fez parte da Coordenação de Tutoria do Curso de Gênero e Diversidade da UFBA (2014 / 2015). Atuou como coordenadora da Coordenação de Educação para Diversidade SEC, entre junho de 2013 a junho 2015. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Relações de Gênero; Mulheres e Feminismo Negro; Ações Afirmativas; Igualdade Racial e Diversidade/s; Educação Escolar Quilombola; História da África e Lei 10.639/03; Descolonialidade. Esteve como Coordenadora de Tutoria do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola: GDE 2017-2019. Atua no Grupo de Pesquisa Firmina: Pós-Colonialidade: Educação, História e Ações Afirmativas, UNEB. Compõe a linha de pesquisa - Pensamentos e Intelectuais Negras/os: diálogos e combates contemporâneos e Pós-Colonialidade, História e Cultura das Populações Negras. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/4639798/silvana-santos-bispo> Acesso em: 07 out. 2021.

consequentemente, na luta contra as opressões sexistas, racistas, classistas, que atravessam especialmente as mulheres negras. Para Bispo (2011),

A forma de fazer e pensar a política feminista negra se caracteriza especialmente pelo interesse em valores que são particulares das experiências, práticas e ações históricas construídas por mulheres em contextos diferenciados, este agindo para o empoderamento não somente das mulheres, mas da comunidade negra como um todo. Sendo assim, na busca pela desnaturalização de representações sociais e raciais em torno das populações negras que em muito são discriminadas, reduzidas e oprimidas, que alavancamos um debate que pontue as múltiplas ações empreendidas pelos discursos políticos engajados. Assim, o feminismo negro a partir de ações político-sociais intensifica determinadas lutas, tais como, trabalho, acesso à terra, saúde, moradia, educação, política de empoderamento, identidade diferenciada, dentre outras, como mecanismos que possam ser estratégicos e assegurem às mulheres negras o direito a bens essenciais e sua real inserção nos espaços de poder (BISPO, 2011, p. 177).

O empoderamento de mulheres e homens negros passa necessariamente pela possibilidade de escrevermos uma outra história. Esta, baseada na justiça, na equidade de oportunidades, na descolonização dos currículos escolares e universitários, na construção de uma sociedade antirracista, na inserção da população negra em espaços de poder e no desmantelamento das estruturas opressivas que acompanham a nossa sociedade há mais de 500 anos.

Dentro das lutas contra as formas de opressão às quais os grupos minoritários estão submetidos, temos enfatizado, reiteradamente, aquelas cometidas contra a corporeidade negra. Nesse sentido, a historiadora Dailza Lopes (2017) vai nos dizer que a adjetivação, “Crespo” é incorporado ao termo *Empoderamento* no sentido de dar um recorte necessário na desconstrução de estereótipos e estigmas que inferiorizaram na história não apenas o cabelo de homens e mulheres negras(os), mas toda a sua corporeidade.

Dito isto, observamos que reconhecer todas essas lutas empreendidas ao longo do tempo tem nos ajudado a experienciar na contemporaneidade esse movimento de Empoderamento Crespo no qual homens e mulheres ressignificam sua estética de forma positiva. Assumir os cabelos crespos, dentro de uma sociedade marcada por um sistema opressor é um ato político. Não que isso seja uma novidade, pois sabemos que o ato de deixar os cabelos naturais não é algo novo. Mas notamos que as duas primeiras décadas desse milênio foram marcadas por um número expressivo de homens e mulheres assumindo suas diversas texturas. Para Ivanilde Guedes de Mattos estamos vivendo “uma transmutação do sentimento de estigma para estima” (GUEDES, 2015, p. 38) e isto é fundamental no reconhecimento e valorização da beleza negra.

Desde 2015 que as Marchas de Orgulho Crespo e as Marchas de Empoderamento Crespo passaram a tomar as ruas de diversas capitais do Brasil. Em novembro de 2019, a Marcha do

Empoderamento Crespo celebrou meia década pautando a importância do Empoderamento Crespo na cidade de Salvador. Este empoderamento está intrinsecamente relacionado à questão da estética da mulher negra, que, como vimos no primeiro capítulo, foi forjada e inferiorizada desde o período escravagista em nosso país. Segundo Lopes e Figueredo (2018), “empoderar-se, nesse contexto, está relacionado a desprender-se de todo processo de subalternidade, marginalização e dominação” (LOPES; FIGUEREDO, 2018, s/p.). Nas imagens que seguem, observamos o registro histórico de marchas realizadas em vários locais do país, e, que trazem a corporeidade negra como elemento político e contestatório. Através do cabelo, do corpo negro como um todo, outras pautas são levantadas nesses eventos como a homofobia, gordofobia, racismo, machismo, sexismo etc.

Figura 19: Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo-SP (2016)



Fonte: Alma Preta. Disponível em:

<https://almapreta.com/sessao/agenda/marcha-orgulho-crespo-sao-paulo>.

Acesso em: 01 jul. 2021.

Figura 20: Marcha do Orgulho Crespo em Porto Alegre-RS (2016)



Fonte: Foto de Fabiano Amaral. Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/marcha-do-orgulho-crespo-re%C3%BAne-centenas-de-pessoas-em-porto-alegre-1.217074>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Figura 21: Marcha do Orgulho Crespo em Feira de Santana-BA - novembro/ 2015



Fonte: Toda Bahia. Disponível em: <https://www.todabahia.com.br/marcha-do-orgulho-crespo-acontece-em-feira-neste-domingo/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Figura 22: Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador-BA - novembro/ 2018



Fonte: Portal Sotero Preta. Disponível em: <https://portalsoteropreta.com.br/marcha-do-empoderamento-crespo-de-salvador/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Figura 23: Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador-BA - novembro/ 2018



Fonte: Portal Sotero Preta. Disponível em: <https://portalsoteropreta.com.br/marcha-do-empoderamento-crespo-de-salvador/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

A primeira Marcha de Empoderamento Crespo no Brasil ocorreu em 2015, em Salvador. Levar para as ruas da capital baiana uma Marcha tão potente, realizada e organizada por mulheres negras é insurgente, porque ela tem um papel educador que nos permite suscitar questões não só no espaço da rua. Dailza Lopes, que já integrou o coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador, menciona, por exemplo, que o coletivo desenvolve atividades educativas durante todo o ano. Na fala concedida para esta pesquisa, Dailza Lopes diz que “o potencial educador da Marcha está nos espaços onde marchamos, transitamos”. Todas as vezes que são realizadas *lives*⁸⁴ onde se discutem pautas antirracistas, ou, ainda, quando palestramos sobre a questão da estética em tantos outros espaços, dentro de uma perspectiva do respeito à diversidade, realizamos um processo educacional:

O verbo marchar diz para nós sobre o educar! Então, estamos o ano inteiro falando, nos expondo, justamente para dizer que o nosso cabelo não é só estético, é identidade, é político, e determina sim quem vai acessar os espaços. Porque quando estou de trança e entro na loja C & A o segurança não me segue. Mas quando estou com meu *black power*, ele me segue. São detalhes cruciais que recortam a nossa realidade e sentimos na pele. (...) Então, esse cabelo enrolado não é só um cabelo enrolado, esse fio tem histórias. A Marcha vai para rua para desconstruir essas histórias e construir uma outra, através de bases positivas! (Dailza Lopes – entrevista concedida em 10 de jun. 2021).

Dailza Lopes pontua, ainda, o papel educador da marcha e de tantos outros movimentos que buscam ressignificar os repertórios narrativos sobre populações marginalizadas. Dailza traz como exemplo o caso da polêmica em torno da composição da música “*Minha Deusa/ cabelo de chapinha*” do cantor Bell Marques. Na ocasião, muitas pessoas “marcharam” à Câmara Municipal de Salvador para reivindicar a mudança na letra da música, pois a canção reproduzia estereótipos os quais há muito tempo o movimento negro e movimento feminista negro têm buscado desconstruir. Na ocasião, o cantor se comprometeu em ajustar a letra da canção e se pronunciou dizendo:

Tive o prazer de conhecer pessoas que me falaram mais um pouco sobre o momento político da discriminação e do racismo contra a mulher negra. Os compositores resolveram fazer as modificações necessárias para assegurar que nenhuma mulher se sentisse desrespeitada⁸⁵ (OLIVEIRA, 2015, s/p.).

Alguns trechos da canção foram alterados:

⁸⁴ *Live* é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na internet, geralmente feita por meio das redes sociais. Em meio ao contexto da pandemia da COVID-19, elas se tornaram muito frequentes, diante da necessidade do isolamento social.

⁸⁵ Entrevista disponível no site: <https://tgabrielle.jusbrasil.com.br/noticias/267715100/bell-marques-assina-acordo-e-muda-letra-polemica-de-musica>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Com as modificações, em vez de "minha nega, vai lá no salão, faz aquele corte que seu nego gosta de te ver", a letra passa a conter "minha deusa, dia de salão, lindo é seu jeito, todo mundo gosta de te ver". Outra adequação: sai "ô, mainha, mas eu só gosto do cabelo de chapinha, mainha. Ô tá liso, tá lisinho. Tá liso, tá lisinho", dando lugar a "ô, mainha, eu também gosto de cabelo de chapinha, mainha, ô tá lindo, tá lindinho. Tá lindo, tá lindinho"⁸⁶ (OLIVEIRA, 2015, s/p.).

Acreditamos que está aí um exemplo prático do processo de empoderamento elucidado por Joice Berth (2019). Quando uma coletividade se une para reivindicar mudanças práticas numa sociedade estruturada em tantas opressões como a nossa, ocorre um processo que educa uma sociedade a pensar através de narrativas decoloniais, que, ao invés de discriminar, empodera e emancipa!

Para Ivy Guedes, a Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador é, indiscutivelmente, um movimento que educa, uma vez que ela adentra os espaços das escolas, das universidades, nas associações de bairros, dentre outros espaços, contribuindo nos debates para a valorização de uma *estética afrodíásporica*. A autora evidencia ainda o papel inclusivo da marcha na luta contra outros tipos de opressões vivenciadas, por exemplo, pela comunidade LGBTQIAP+, e pontua que:

A Marcha do Empoderamento Crespo é um movimento de valorização estética sim, mas também de gênero. Temos uma população caracterizada com o nome de geração tombamento, que é um público expressivo da Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador. É um público que se reconhece, que tem afinidades, articulações. Através da Marcha, nos construímos e nos potencializamos. Esses coletivos de populações trans, coletivo de trans pra frente, grupo de mulheres negras, é todo um movimento que se circunscreve dentro de um contexto sócio-político-cultural que a Marcha traz para as ruas (Ivy Guedes – entrevista concedida em 24 de jun. 2020).

Ou seja, a Marcha do Empoderamento Crespo é um movimento extremamente democrático! Tem lugar para todo mundo, pois ela auxilia na subversão da ordem patriarcal, sexista, racista, heteronormativa e possibilita outras formas de ser e estar no mundo. A Marcha de Empoderamento Crespo, subverte o perigo da história única proclamada por Chimamanda Adichie (2019), por valorizar outras narrativas e por subverter a ordem do racismo, sexismo do cisheteropatriarcado. A entrevistada Ivy Guedes, na fala que concedeu para esta pesquisa, acrescenta que:

Com o movimento das mulheres na transição capilar, observamos como as populações LGBTQI+ encontram, nesse movimento de transição capilar, um espaço de acolhimento e de aceitação. Tivemos essa presença muito grande na primeira Marcha

⁸⁶ *Idem*.

do Empoderamento Crespo, isso foi visível e nos dá o entendimento de como a Marcha ela é inclusiva. Ela é inclusiva porque incluímos as diferenças. Podemos perceber a diversidade, as diferenças etárias de gerações, pois temos uma presença muito forte de crianças, muitos pais trazendo os filhos e as filhas, convocando sobrinhas, bem como a presença ativa de avós que também participam conosco (Ivy Guedes – entrevista concedida em 24 de jun. 2020).

Assim, a Marcha do Empoderamento Crespo atrai várias outras lutas de minorias subalternizadas. São lutas interseccionadas que reivindicam respeito, igualdade, que anseiam pelo reconhecimento de uma humanidade, que deseja existir livre das opressões.

Ivy Guedes faz menção também à geração tombamento, que está relacionada à valorização estética e intelectual de jovens negros(as) historicamente inferiorizados(as) pela lógica racista. Esta geração tem um papel importante ao incentivar de forma positiva a maneira como jovens negras(os) se veem. É um público caracterizado por se apresentar esteticamente com batons azuis, vermelhos alucinantes, verdes, cor de abóbora, roupas com cores vibrantes, e na mesma linha a ostentação dos cabelos cacheados e crespos de diversas texturas e cores que afrontam a ordem narcisista.

Figura 24: Geração Tombamento: Lacração, empoderamento e Luta



Fonte: Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/geracao-tombamento/>. Acesso em: 02 maio 2021.

De acordo com Icaro Jorge, coordenador do movimento *Ocupa Preto* e militante do Coletivo Ousar – Para Resistir e Avançar “a cada momento histórico e social existe uma geração que é tombamento. O negro entrando na universidade é tombamento. A quantidade de intelectuais negras crescendo como pesquisadoras é tombamento”⁸⁷.

Então, não se trata apenas de uma questão meramente estética. É um movimento político e fundamental no combate às diversas opressões às quais fomos submetidas(os) ao longo da história. A palavra de ordem é subverter a violência do racismo, do patriarcado, da heteronormatividade e todo e qualquer sistema que ampute a liberdade de ser do outro. Nas imagens que seguem observamos jovens e alguns ícones da geração tombamento.

Figura 25: Liniker, Karol Conka e Rico Dalasam são ícones da geração tombamento



Fonte: Diário Pernambucano. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/06/conheca-a-geracao-tombamento-musica-moda-e-politizacao-para-desconst.html>>. Acesso em: 02 maio 2021.

⁸⁷Entrevista concedida ao Portal Geledés, disponível no site: <https://www.geledes.org.br/lacracao-empoderamento-e-luta-conheca-geracao-tombamento/>. Acesso em: 24 mar. 2020.

Figura 26: Geração tombamento



Fonte: Revista Glamour. Disponível em:
<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2019/11/dossie-tombamento-geracao-que-fez-da-estetica-uma-ferramenta-politica-de-combate-ao-racismo.html>

Para Laís Conceição⁸⁸, a geração tombamento, “é um dos movimentos da juventude negra urbana que busca combater o racismo através da estética e da política”. Trata-se, portanto, de um movimento que engrossa as lutas no enfrentamento às opressões geradas pelo racismo, sexismo, homofobia, gordofobia, transfobia e tantas outras violências.

Todo esse movimento do Empoderamento Crespo, que ocorre no Brasil, tem incentivado a produção não somente de pesquisas acadêmicas, como vimos no primeiro capítulo, como também uma gama de produções audiovisuais, produção de livros didáticos que trazem uma perspectiva afirmativa de crianças, jovens e adultos negros(as). Inspira ainda, novas perspectivas na produção cinematográfica dentre tantas outras que engrossam a luta antirracista.

No campo do cinema, por exemplo, Vilma Reis⁸⁹ (2016) pontua que, diferente das narrativas inferiorizantes do povo negro em novelas de época,

⁸⁸ Estudante de Letras e Integrante do Coletivo Luana Barbosa de mulheres lésbicas e bissexuais negras. Fonte: <https://www.geledes.org.br/lacracao-empoderamento-e-luta-conheca-geracao-tombamento/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

⁸⁹ Vilma Maria dos Santos Reis é uma socióloga e ativista brasileira. Defensora dos direitos humanos, das mulheres, negros e LGBTQs, ocupa desde 2015 o cargo de Ouvidora-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia.

[...] os filmes da nova geração de cineastas brasileiros, muitos negros e alguns brancos, não nega a existência de um corpo negro-feminino, seja a estética sustentada tem como marca mostrar os cabelos de mulheres e homens, num mar de diversidade, vide os exemplos ostentados em “Madame Satã” (2008), “Besouro” (2009), onde os protagonistas são homens negros, cuja estética conta com maestria uma parte das histórias. (REIS, 2016, p. 55).

Embora a autora chame a atenção para o fato de, ainda hoje, muitos estigmas persistirem, já que os ideais eugênicos prevalecem entre os(as) cineastas brasileiros, a autora faz referência à importância de termos cineastas negros(as) que colocam atores e atrizes negras(os) como protagonistas de suas histórias. Como exemplo a autora traz o cineasta Joel Zito Araújo que, “ao fazer o filme *Filhas do Vento* (2005), primeiro longa brasileiro com elenco negro protagonista, o autor/diretor mostra uma estética que nos possibilita ver séculos de resistência” (REIS, 2016, p. 55).

Encontramos, na contemporaneidade, um maior número de produções audiovisuais que trazem o protagonismo de homens e mulheres negras, bem como tratam de questões que precisam urgentemente ser discutidas pela sociedade brasileira, como racismo, estética, violência contra homens e mulheres negras, dentre tantos outros temas que merecem ser evidenciados nessas produções audiovisuais.

Uma das produções que trouxe a temática da estética e do afeto entre pai e filha, é o curta de animação, *Hair Love* (Figura 27), que ganhou o Oscar 2020 na categoria. O curta foi dirigido pelo ex-jogador de futebol americano Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith e Everett Downing Jr. Em entrevista a *New York Times*, Cherry diz que “gostaria de combater as imagens negativas perpetuadas sobre homens negros, que recebem as piores reputações como pais em termos de estereótipos”⁹⁰.

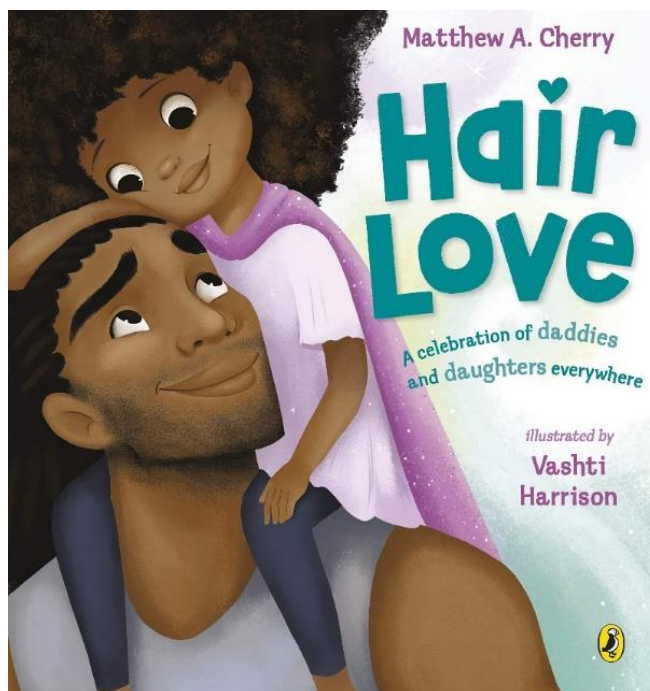
Cherry aproveitou o espaço da premiação para dar visibilidade ao *Crown Act*⁹¹, lei em vigor em algumas regiões dos Estados Unidos, que proíbe a descriminalização baseada no estilo e na textura dos cabelos. Como manifestação, levou à cerimônia o jovem DeAndre Arnold, um adolescente do estado do Texas, que foi impedido de participar de sua formatura por conta do estilo de seu cabelo, com dread.⁹² (LUNETAS, 2020, s/p.).

⁹⁰ Reportagem disponível no site: <https://lunetas.com.br/hair-love-oscar/>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

⁹¹ Projeto de Lei criado pela senadora californiana Holly J. Mitchell.

⁹² Reportagem disponível no site: <https://lunetas.com.br/hair-love-oscar/>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

Figura 27: Curta-metragem de animação: Hair Love



Fonte: Over Drive. Disponível em:
<https://www.overdrive.com/media/5218264/hair-love>.
 Acesso em 16 jul 2021.

Várias produções internacionais e nacionais foram e têm sido criadas por cineastas negros e negras, a fim de promover uma valorização das populações afro diaspóricas. O que podemos perceber nessas duas primeiras décadas do milênio é que, mesmo em meio a uma sociedade marcada por sistemas opressivos, muitas conquistas efetivadas neste século devem-se a lutas ancestrais, e, como mencionado por Gomes (2017), o movimento negro tem papel de protagonismo nessas lutas. Mattos (2015) menciona também que a Marcha do Empoderamento Crespo é um braço de luta do movimento negro. A autora pontua que “o conceito de empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo” (MATTOS, 2015, p. 49).

Quando transformamos estigmas em estima, como sugere Mattos (2015), fomentamos um processo de empoderamento e emancipação de mulheres negras de diversas gerações através da estética. Isso é extremamente relevante, pois, como é sabido, as violências impostas às populações afro diaspóricas são inúmeras. O silenciamento foi e é do corpo e da mente. Basta lembrarmos da máscara de Anástácia, que era utilizada para evitar que os africanos comessem

cana de açúcar e cacau enquanto trabalhavam. Segundo Grada Kilomba (2019), para além disso a máscara tinha como

[...] principal função implementar um senso de mudez e de medo, visto que era lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquistas e dominação e seus regimes brutais de silenciamentos das/os chamadas os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33).

A política da mudez e do silenciamento vem, há muito tempo, sendo quebrada. Milhares de meninas e mulheres que passam pela transição afirmam com suas diversas texturas capilares que é possível sim ter outras formas de existir. Participam de grupos virtuais, de coletivos em suas comunidades, ostentam seus cabelos coloridos nas ruas das cidades, nas Marchas, afirmando que é possível autoconhecer-se e amar-se.

A epígrafe que escolhemos para abrir esta seção foi escrita no contexto da realização da Marcha das Mulheres Negras ocorrida em 2015 na cidade de Brasília (Figura 28). É um texto emblemático que ao mesmo tempo em que denuncia as investidas racistas contra as populações negras, diz do protagonismo de mulheres negras na marcha secular contra as variadas opressões pelas quais elas foram e ainda são atravessadas na contemporaneidade.

Figura 28: Marcha das Mulheres Negras em Brasília (2015)



Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/07/contra-o-racismo-e-o-machismo-mulheres-negras-vaao-as-ruas-hoje-em-sp-2240/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

A antropóloga Ângela Figueredo esteve na Marcha e, em seu artigo intitulado: “*A Marcha das Mulheres negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do saber*” relata a experiência vivenciada por ela e por tantas outras mulheres que protagonizaram esse momento histórico de luta:

Naquele dia, estávamos nas filas das companhias aéreas. Algumas falavam mais alto, outras eram efetivamente mais tímidas, algumas usavam turbantes, outras tranças, as mais jovens tinham os cabelos coloridos. Enfim, estávamos usando o nosso corpo como um espaço de expressão política e afirmação identitária. Lideranças religiosas, professoras, trabalhadoras domésticas, estudantes, médicas, artistas, advogadas... Éramos muitas. Estávamos orgulhosas, cumprimentávamos umas às outras, pois sabíamos o destino de cada mulher negra que estava no aeroporto no dia 17 de novembro de 2015. Se transformamos a paisagem corporal dos aeroportos e dos aviões com destino a Brasília, imagine a cartografia corporal do Planalto! (FIGUEREDO, 2019, p. 204).

A autora faz a memória do evento dando ênfase ao protagonismo de mulheres negras que saíram de várias regiões do Brasil, de ônibus, avião ou qualquer outro meio de transporte para reivindicar direitos negados secularmente.

Com palavras de ordem, denunciávamos os desmandos do governo, a violência policial, a falta de acesso à saúde, à educação e ao trabalho; enfim, denunciávamos a não existência das mínimas condições de sobrevivência, reclamávamos pela construção de um novo projeto civilizatório para a sociedade brasileira. Em movimento, afirmávamos ser 25% da população nacional, aproximadamente 50 milhões de mulheres negras; ou seja, um quarto da população brasileira à margem desse modelo econômico, político e social. (FIGUEREDO, 2019, p. 204-205).

A autora faz referência à importância das mídias sociais nos registros da Marcha frente à omissão da imprensa oficial diante da magnitude do evento. Figueredo (2019) pontua ainda a relevância das redes sociais na divulgação pré e pós-Marcha. Mais do que nunca, nos parece que as mídias sociais como os blogs, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* dentre outras, são ferramentas importantíssimas para a disseminação de outras epistemologias e narrativas a nosso favor.

Sobre o ciberativismo e a organização de grupos nas mídias sociais no processo de Empoderamento Crespo, Lopes (2017) menciona que

A apropriação do espaço virtual por estes Coletivos tem uma função importante na mobilização estética de valorização do cabelo natural, a qual tem sido desencadeada de forma contundente nos últimos anos. Pensado a partir de uma ideia de “natural”, o cabelo crespo tem ocupado mais uma vez o lugar de combinação a um fator identitário. Além disso, estes grupos trabalham com o fortalecimento da autoestima das mulheres negras através da valorização do cabelo crespo, a fim de desenvolver

estratégias de combate a outras formas de opressão que vão além do racismo, como por exemplo, o machismo e o sexismo (LOPES, 2017, p. 50).

Podemos perceber que o ciberespaço é um lugar democrático onde vozes antes inaudíveis podem hoje ser escutadas e reverberadas para além dos espaços virtuais. Para Lopes (2017), assim como para Mattos, são os debates realizados nos ambientes virtuais que vão dar corporeidade às Marchas de Empoderamento, a construção de coletivos etc. Nesses eventos é que ocorre a materialidade da luta antirracista fincada nas redes sociais. Vale salientar o valioso papel de feministas negras que em suas páginas virtuais também engrossam o debate sobre politização da beleza negra, políticas do corpo negro etc.

A Marcha de Mulheres Negras ocorrida em novembro de 2015, bem como as Marchas de Empoderamento e Orgulho Crespo, que ocorrem em todo o país, são movimentos que buscam tecer redes de resistências e afetos que nos educam na construção de um empoderamento coletivo, o qual nos impulsiona a exigir mudanças estruturais, pois, ao repensarmos a estética como elemento político, engendramos outras lutas referentes ao combate às desigualdades socioeconômicas, de gênero e raça. O cabelo aqui é o fio que nos encaminha para o enfrentamento dessas lutas!

As mulheres negras continuam em movimento. As lutas não param. Mesmo porque, como disse a psicanalista Maria Lúcia da Silva,⁹³ *o racismo não dá descanso*. A luta precisa ser diária. No ano de 2019, por exemplo, a 4ª Marcha de Mulheres Negras (Figura 29) que ocorreu em São Paulo, reivindicou, dentre outras pautas,

[...] os impactos da reforma da Previdência⁹⁴ para as mulheres negras e ressaltaram como uma “política racista” o pacote anticrime do ministro da justiça Sérgio Moro. Além de pontuar a luta pela extinção do feminicídio, da LGBTfobia, mortalidade materna, violência obstétrica e racismo religioso e ambiental⁹⁵ (MICHEL, 2019, s/p.).

⁹³ Maria Lúcia da Silva é psicanalista, diretora-presidente do Instituto AMMA Psique e Negritude e coordenadora geral da Articulação Nacional de Psicólogas Negras. Autora do livro, *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise*, que investiga o impacto do racismo na subjetividade das populações negras.

⁹⁴ A reforma da previdência foi aprovada no ano de 2019 e é considerada uma das reformas mais dura desde a redemocratização.

⁹⁵ MICHEL, Fabio M.: Marcha de mulheres Negras denuncia racismo nas pautas do Governo Bolsonaro. Rede Brasil Atual, 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/07/marcha-das-mulheres-negras-denuncia-o-racismo-por-tras-de-pautas-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 16 jun. 2021.

Figura 29: 4ª Marcha das Mulheres Negras em São Paulo-SP (2019)



Fonte: Rede Brasil Atual. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/07/marcha-das-mulheres-negras-denuncia-o-racismo-por-tras-de-pautas-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 16 jun. 2021

Mesmo diante de um governo de retrocessos, liderado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, precisamos seguir em frente para honrar aquelas que vieram antes de nós! Por isso, nos esforçamos em realizar, sempre que necessário, o movimento do *Sankofa*. Ao voltarmos o nosso olhar para trás, trazendo a memória de luta de nossas ancestrais, nos fortalecemos e seguimos em frente: lutando, (re)existindo, nos empoderando! Marchemos!

3 DIÁRIO CRESPO: NARRATIVAS DE JOVENS EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR

Normalmente, costumamos colocar em diários nossos segredos, intimidades, anotações cotidianas importantes, emoções, frustrações, alegrias. Na adolescência, eu costumava escrever diários. Neles eu escrevia o que acontecia comigo no dia a dia. Todo fim de noite, eu fazia uma retrospectiva daquilo que tivesse vivenciado durante o dia, contava sobre as paqueras reais e platônicas, das vivências com minha família e amigas. Enfeitava-os com recortes de revistas, trazendo imagens que pudessem remeter aquilo que estava sendo narrado. Se fizesse uma viagem, trazia sempre alguma coisa que pudesse ser colado no diário (gravetos, folhas, embalagem de bombons etc.) para dar autenticidade ao que escrevia. A adolescência passou e o desejo de registrar o dia a dia cessou também, mas não consigo, até hoje, jogá-los fora.

No grupo *Diário Crespo*, criado no aplicativo *WhatsApp* para escutar narrativas de jovens negras sobre o processo de transição capilar, foi preciso construir uma certa intimidade para que essas jovens contassem a respeito de suas experiências e vivências sobre si no processo de transição capilar. Sou grata a cada uma delas por terem compartilhado histórias de suas vidas, algumas inclusive nem precisavam ser contadas, mas elas se “abriram” como se estivessem escrevendo um diário pessoal. Algumas dessas memórias ficarão guardadas entre nós!

Foram escutadas 15 jovens que compuseram dois grupos no aplicativo do *WhatsApp*, intitulados: *Diário Crespo I* e *Diário Crespo II*. Antes de iniciarmos os diálogos acerca das narrativas disponibilizadas por elas, gostaria de apresentá-las a você leitor(a). Os textos que seguem são de autoria das próprias jovens. A solicitação dessas narrativas sobre si teve como pergunta norteadora: Se vocês fossem escrever em um diário sobre seus projetos de vida, expectativas, medos, relacionamento familiar, amoroso, o que escreveriam? Seguem os relatos:

Meu nome é Camilly Messiley dos Santos Pereira Rocha, tenho 22 anos e sonho em passar no concurso da Polícia Militar e ter a minha própria casa. Tenho medo de não ser uma boa mãe e que minha filha passe por situações de racismo lá na frente e que isso afete ela de alguma forma. Tenho expectativas de chegar aos 25 anos com casa, um bom trabalho e uma estabilidade financeira legal. Tenho um relacionamento amoroso de 5 anos, espero que sempre tenha respeito, compreensão e diálogo para que o relacionamento não caia na rotina. E, se um dia não dá mais para ficarmos juntos que o respeito mútuo ao menos prevaleça.

Oii amigas, meu nome é Thaylane Vitória Pintos Souza, tenho 19 aninhos, sou formada no curso Técnico de Administração pelo CEEP. Sou criadora de conteúdo. Um dos meus sonhos é ser reconhecida como influencer, pois meu objetivo é alcançar pessoas verdadeiramente, não só números, mas tentar ajudar as pessoas que estão dispostas a me acompanhar, tirar um sorriso com as doidices que falo e faço (risos, kkkk). Na real, meu maior sonho é que eu consiga mostrar para as pessoas ao meu redor e levar a elas o amor de Jesus para cada ser humaninho. Aih minha gente, ele

é um lindo e cheiroso! Um dos meus maiores medos é perder minha família, mas por misericórdia do espírito de Deus vai conservá-la aqui por um bom tempo! Minha expectativa é conseguir um emprego, ter uma estabilidade financeira para dá conforto aos meus pais. Estou solteira, esperando Deus enviar a bênção (risos, kkkkk). Sou feliz pela mulher que estou me tornando. Posso dizer que sinto orgulho de mim, da menina mulher que me tornei, forte, corajosa. Aprendi a ser assim em um pior momento que tive que aprender pois tinham momentos que era só eu e eu mesma. Eu tive que me abraçar, eu tive que me acalmar, eu tive que enxugar minhas lágrimas. Foi muito necessário passar por tudo que passei para me tornar essa mulher que sou hoje, mas sempre tinha a certeza que não estava sozinha. Tenho uma personalidade muito forte, um coração de manteiga, mas sei ser fria e dura nas horas certas. Um desastre de pessoa. Dou risada de tudo aín não sei porque sou assim (risos, kkkk) me chamam de palhaça não sei porque (risos, kkkkk). Na escola me chamavam de leonapor que meu cabelo chegava primeiro que eu(kkkk) não tinha como me confundi. Confesso que gostava de ser chamada de leãozinho. Minha juba conquistou muitos corações ali naquele lugar (Ceep) e inspirou muita gente também. (emoticons de carinha emocionada). Preciso dizer que eu grito por tudo, minha risada é escandalosa! Essa pandemia me trouxe uma aflição pois me formei com tudo prestes a explodir literalmente. Estava com muita expectativa no mercado de trabalho, mas com essa situação não consegui ingressar, e sem trabalho não tenho como pagar uma faculdade, já que meus pais não tem condições. Confesso que a ansiedade bateu de uma forma que não sei explicar, mas eu sei que tudo tem um propósito, nada acontece por acaso. Estou esperando com fé que a minha hora vai chegar pois sei que os planos de Deus para minha vida são extraordinários, mesmo que o cenário seja de caos e desespero. Mas penso: 'caramba! Eu estou bem, minha família está bem, com saúde, graças a Deus! Ele não permitiu faltar nada, nada, então só pelo fato de estar respirando já é motivo de soltar foguetes de felicidade, a vacina estar chegando (vem em mim vacina, kkkkk). O que é triste é que a vacina s chegou muito tarde⁹⁶ para outras pessoas. Não quero me estender porque sou muito emotiva. Choro por qualquer coisa! (kkkkk) mas me deixa falar aqui do meu hair. Aihh minha gente! Eu sou completamente apaixonada pela minha jubinha, que não é mais jubinha porque cresceu muitoooo. A decisão de fazer transição capilar mudou a minha vida, a minha autoestima. Quando fiz o BC, meu amor!!!! Ninguém me seguiu!!

*Me chamo **Erika Silva Portela**, tenho 23 anos. Um dos meus maiores sonhos, é construir minha família e me doar pelas causas daqueles que necessitam. Tenho medo de não aproveitar as oportunidades por me preocupar demais, ou de ver o tempo passar e descobrir que muita coisa não valeu a pena. Minha maior expectativa é descobrir o que de verdade abrasa meu coração, saber onde preciso estar. Desejo de todo coração ter uma família estruturada e conduzida conforme o coração de Deus. Sobre relacionamentos, estou noiva de uma pessoa que me acolhe, me incentiva e que acredita em mim. Desejo que todas as pessoas tenham um relacionamento saudável, e que saibam o que é o amor e o que não é. Que tenham coragem para viver as fases, e também o fim delas se necessário. Sou uma pessoa tranquila, mas não permito que façam comigo o que querem. As vezes sou muito observadora, outras vezes nem tanto assim. Não permito que as pessoas cheguem com opinião pronta sobre mim, reconheço os meus defeitos, e cada dia tento reconhecer também as qualidades.*

Na descrição sobre suas vidas, anseios, sonhos etc, podemos observar que algumas jovens pontuaram alguns aspectos que merecem ser problematizados. Notamos que muitas vezes a escrita de uma linha sobre si pode conter significados profundos, seja sobre os medos,

⁹⁶ A aluna faz referência ao fato de milhares de brasileiros terem perdido a vida já com vacinas disponíveis no mundo. O governo brasileiro não se planejou para compra de vacinas, o que teria evitado milhares de mortes.

anseios ou qualquer outro aspecto evidenciado. Quando Camilly narra que seu maior medo é que sua filha passe pelos mesmos episódios de racismo que passou na infância, ela nos encaminha a refletir sobre o drama que é ser mãe de crianças negras em um país tão racista quanto o nosso. Em um vídeo publicado na página do *Instagram* “Quebrando o tabu”⁹⁷, várias mulheres negras pontuam como é ser mãe de crianças negras. Todas as falas nos chamam a atenção.

Destaco aqui a da jornalista baiana Máira Azevedo, quando diz que: “*A cada aniversário de meu filho eu celebro a vida dele, mas eu me desespero porque eu sei que ele está se aproximando em deixar de ser aquele menininho bonitinho, engraçadinho, para ser o alvo perverso das mais diversas violências*”⁹⁸. Isso é violento demais! Camilly é a única mãe do grupo pesquisado, e, assim como a jornalista Máira, já sente a angústia e o medo de a filha vivenciar a perversidade do racismo. Por isso, ela menciona que embora a filha tenha apenas seis meses de vida, já começou a empoderá-la desde a escolha de seu nome. Vejamos:

Camilly: *Hoje eu me aceito e passo isso para minha filha. Eu procuro sempre colocar ela pra cima mesmo sendo uma bebê. Ela tem Instagram com mais de 2500 seguidores. Acho que quando ela estiver maior vai ser super importante trabalhar isso nela de se aceitar como mulher negra, linda e com os cabelos crespos. Quando uma criança e bem resolvida consigo mesmo se aceita, se ama, ama sua cor da pele, ama seu cabelo, então quando ela vir a sofrer alguma discriminação e preconceito isso vai afetar ela sim, mas, numa escala bem menor do que afetaria se ela não se aceitasse. Sem falar que ela vai poder responder: ‘eu sou linda sim! Me cabelo é lindo sim!’”!*

Pesquisadora: *Exatamente! Temos hoje por exemplo na literatura infantil, histórias de reis e rainhas, príncipes e princesas negras(os) é muito importante por que essas crianças da nova geração terão referenciais positivos sobre os povos negros. Então, é preciso que essas crianças tenham acesso a esses livros com essas histórias positivas que você menciona.*

Camilly: *Isso! Eu mesmo coloquei o nome de minha filha de Layla por isso. Tem uma princesa negra com esse nome. Minha fada favorita Aysha ou Layla. Para mim é importante ela crescer vendo desenhos com personagens negros. Sempre procuro colocar ela nesse ritmo, assistindo coisas com personagens negros. Acho que se a minha infância fosse agora, com tanta representatividade negra, eu jamais teria alisado meu cabelo.*

Na infância, Camilly foi impedida várias vezes de interpretar os papéis de princesas e rainhas em trabalhos escolares⁹⁹. O lugar de fala de Camilly, quando relata sua preocupação em a filha sofrer com o racismo, é extremamente legítimo, pois ela sabe exatamente o que sentiu

⁹⁷ Este perfil conta com mais de 7 milhões de seguidores. Link para acessá-lo: https://instagram.com/quebrandoootabu?utm_medium=copy_link.

⁹⁸ Depoimento extraído de um vídeo publicado na página do perfil do “Quebrando o tabu”, no Instagram.

⁹⁹ Discutiremos sobre a questão do racismo na escola no último capítulo.

na pele todas as vezes em que sofreu opressões racistas, sobretudo no ambiente escolar. Hoje, como mãe, ela sabe da importância de termos uma representatividade negra e se esforça para construir uma educação antirracista no seio familiar.

Sigamos com as apresentações:

*Me chamo **Maria Clara Magalhães de Melo**, tenho 20 anos. Sonho em um dia ter minha casa, um bom emprego, ter minha família e estabilidade espiritual e financeira. Tenho muito medo em não suprir as expectativas que coloco sobre mim. Espero por exemplo, chegar aos 30 anos com a maioria dos meus sonhos realizados. Nunca tive grandes problemas com minha família, só aquelas brigas que toda família tem, mas nada que venha a abalar nossa relação. No momento estou solteira e quero focar no meu futuro. Não estou trabalhando, mas estou fazendo um curso de fotografia pois sempre quis saber mais sobre isso.*

*Me chamo **Yasmim Bertoso dos Santos** e tenho 21 anos. Meu sonho é ter estabilidade financeira e casa própria. Também tenho medo de chegar aos 35 anos sem ter realizado meus sonhos. Espero nunca desistir das coisas que eu início.*

*Meu nome é **Ana Caroline**, tenho 22 anos e sou natural de Santo Amaro-BA. Amo muito meu estado e me orgulho de ser nordestina e com isso ter em minhas raízes essa cultura tão rica. Sou filha única, criada em uma família humilde, mas muito rica de princípios. Tive pais que se esforçaram a vida toda para me possibilitar as melhores condições de vida que eles puderam. Desde novinha me possibilitaram estudos e também uma base Cristã. Que me guiaram para ser uma jovem de metas e determinada. Minha mãe sempre se esforçou muito para me fazer entender que eu tinha muitas oportunidades. E, como a gente vivia em um bairro com muita violência, sempre minha mãe me poupou disso e me fez andar com boas amizades. No momento, estou em busca de uma estabilidade financeira. Estou para fazer uma faculdade de psicologia e ser empreendedora no futuro. Já não moro mais em minha cidade, atualmente estou morando no Rio de Janeiro onde eu encontrei uma oportunidade de melhorar de vida. Não moro mais com meus pais, sinto muita falta deles. Mas a vida é isso, para você alcançar seus objetivos você precisa sair da sua zona de conforto. Pretendo casar daqui a dois anos e formar uma família. Tenho um namorado incrível que também tem metas e objetivos como eu. Ele super entende minha luta porque ele é branco e ama ouvi minhas histórias. Ele ama a ideia de termos uma família arco-iris!! Sou muito feliz, mesmo diante da pandemia, mas o que me conforta é a gratidão e a saúde necessária para tentar todos os dias.*

*Meu nome é **Layla Gabrielle Fagundes Xavier Fernandes**, tenho 19 anos. Tenho tantos sonhos que só tendo fé para crer que irei conseguir realizar. Sonho em ser veterinária, trabalhar na área de confeitaria e ter meu próprio negócio, montar uma lojinha para vender doces. Sou um tipo de pessoa que não gosta de ser mandada pelos outros, e sim por mim mesmo. Ser minha própria chefe (risos, kkkk). Como sou casada quero construir minha casa e crescer a família (risos, kkkk). Eu tenho uma personalidade meio equilibrada (risos, kkkk). As vezes tenho muito anseio de ser uma grande sonhadora e não consegui alcançar meus sonhos e meus objetivos, as vezes me pego nesses pensamentos, acabo chorando e ataco minha ansiedade, daí como demais, engordo e acabo não me aceitando, me vejo gorda, feia, ficando com celulite e muitas estrias, se sinto horrível. Tenho medo de colocar tudo a perder por ainda não ter um ponto de partida para realizar esses sonhos. Tenho medo de ficar sempre sustentada pelos meus pais e marido, medo de não ser alguém na vida e perder a fé no único Salvador que pode me erguer.*

*Olá, sou **Anairan Michele Costa dos Santos** tenho 22 anos e atualmente moro na cidade de Santo Amaro –Ba. Já fui uma mulher muito sonhadora. Hoje em dia prefiro viver o que Deus me concede. Não deixei de sonhar, é claro, mas deixei de criar expectativas demais com certas coisas. Neste momento, só tenho medo de não conquistar as minhas próprias coisas, ou sejam de não ter algo para chamar de meu*

através do meu esforço e dedicação. Tenho uma relação familiar estável, mas queria poder me abrir mais com eles. Poder conversar sobre tudo sem receios ou medo de ser julgada. Às vezes me considero uma pessoa bastante tímida, pois não consigo me enturmar fácil com as pessoas e isso já me afetou em um ambiente de trabalho. Não suporto fazer as coisas sob pressão, mas me considero uma pessoa paciente para lidar com qualquer situação. Hoje em dia estou trabalhando, não é o suficiente para as coisas que desejo, mas me dá um pouco de independência, pois eu era a única da casa sem trabalhar e que dependia de minha família. Em 2019 até os dias atuais, passei a amar detalhes meus e que eu julgava. É um processo difícil, mas para a situação em que me encontrava, de me autosabotar, me encontro bem e em paz comigo mesma. Me orgulho por ter superado coisas que achei que não iria superar e por enxergar o quão incrível eu sou. Me encontrava em uma situação que eu precisava que alguém me dissesse que eu era uma mulher bonita, capaz de qualquer coisa e principalmente forte. Hoje em dia não tenho muito, mas tenho a mim mesma e reconheço que mereço tudo de bom que o mundo tem a me oferecer.

Sou Ana Vitória do Rosário Barbosa, mora na cidade de Saubara- Ba. Sonho em ser uma pessoa melhor a cada dia. Sonho em ter uma boa vida e ser rica (emoticons de carinho rindo) Meu maior medo é não realizar meus sonhos. Minha família é a minha vida! No momento estou namorando, temos um lava jato. Eu estou fazendo faculdade de RH e ele ainda não concluiu o Ensino Médio. Eu estou passando por um momento difícil na minha vida, realmente quase nada tem dado certo. Mas sou grata a Deus pela minha vida. Confesso que já tentei desistir de mim, mas Deus é Deus. Eu não me orgulho muito de mim pois me acho uma pessoa fraca, por ser uma pessoa tão solitária e as vezes tão triste.

A maioria das jovens relata sentir medo de não terem seus sonhos realizados. Notamos fragilidades emocionais latentes. Muitas descrevem situações vividas que desestimulam sua capacidade de sonhar e seguir em frente na realização desses anseios e projetos de vida. Muitas se sentem “calejadas” em ter suas expectativas frustradas. Anairan chega a dizer que já não é uma mulher tão sonhadora como antes e que prefere viver o agora sem projetar muita coisa para o futuro, não que não sonhe, mas prefere que seja assim. A jovem também pontua sobre a necessidade de trabalhar e de ter sua independência financeira. Vejamos o que expõe:

Pesquisadora: *Anairan, você poderia falar um pouco mais sobre essa questão de não sonhar mais com a mesma intensidade de antes?*

Anairan: *A falta de estabilidade financeira me desanimou muito, pois o maior sonho no momento é ter minha própria casa, sabe? Aí os anos foram passando e nada de consegui algo que pudesse me ajudar a construir isso. Com isso, fui parando de criar expectativas pois por mais que eu tente correr atrás de algo, não dá certo. Chegou o momento em que eu parei de buscar emprego, porque tem sido bem desanimador. Arrumei um “bico”, mas não é o suficiente para o que eu quero. Porém agradeço a Deus por pelo menos ter algo para fazer, porque tinha se tornado algo frustrante para mim se a única de casa que não arrumava algo para fazer.*

Pesquisadora: *Você hoje faz UFRB não é? Qual é mesmo o curso? Quer falar um pouco sobre essa experiência?*

Anairan: *Fiquei lá só o primeiro semestre. Cursava museologia, mas não me identifiquei e aí desisti do curso. Estou estudando para tentar fazer psicologia que é o que realmente eu quero cursar. Quando terminei o primeiro semestre eu decidi sair e minha mãe não queria que eu voltasse de jeito nenhum para Santo Amaro nem que parrasse o curso. Aí conversei com meu pai e ele me apoiou a minha decisão, até porque ele viu que eu não estava feliz no curso. Além da questão do curso, eu não*

queria viver em outra cidade (Cachoeira) dependendo de minha mãe, pois era ela quem me mantinha lá.

A necessidade de jovens negras de trabalhar e estudar ao mesmo tempo é uma situação muito recorrente, criando-se jornadas exaustivas, desiguais e, em muitos casos, adoecedoras. Essa pressão aumenta, pois elas sentem a necessidade de ter seus sonhos realizados antes dos 30 anos de idade, como muitas sinalizaram em seus depoimentos. A dificuldade está, muitas vezes, no *como* e *por onde* começar. O sonho em ingressar em uma universidade é engolido pelo processo de vida. Muitas jovens, ao terminarem o Ensino Médio, precisam trabalhar para ajudar a suprir as necessidades da casa e nem sempre associar trabalho e estudos é um processo fácil e possível para todas. A jovem Anairan, mesmo tendo apoio da mãe para mantê-la na universidade, sente a necessidade de trabalhar para ajudar a família. Para além disso, muitas pontuam não ter oportunidades que poderiam fazer a diferença em suas vidas. Layla, por exemplo, diz: “Às vezes tenho muito receio de ser uma grande sonhadora e não consegui alcançar meus sonhos e meus objetivos”. Vejamos seu relato:

Pesquisadora: *Layla quando você diz que tem medo de ser apenas uma sonhadora e não conseguir realizar seus sonhos, você poderia dizer o que mais tem limitado a realização dos seus sonhos?*

Layla: *Oportunidade! Aqui é uma cidade (Santo Amaro) pequena. Não consigo emprego fixo para conseguir dinheiro para começar a pagar os cursos que preciso fazer. E nem sei como fazer também porque esses cursos (Confeitaria, e Veterinária) só encontro ou em Salvador ou em Feira de Santana. Daí eu vou gastar bastante por conta de locomoção de ida e volta pois eu não posso morar lá.*

Pesquisadora: *Nesse caso, você não tem quem faça esse investimento em você, é isso?*

Layla: *Sim! Infelizmente ainda sou sustentada pelos meus pais e marido. É meu marido que praticamente paga tudo dentro de casa. Ele só pode me ajudar com pequenas coisas e também eu não gosto que ele faça grandes esforços por mim porque ele tem o sonho de fazer os cursos dele também.*

O desabafo de Layla evidencia para nós as dificuldades de uma juventude que muitas vezes tem seus projetos de vida dificultados ou interrompidos¹⁰⁰ pela falta de oportunidades. O depoimento da jovem nos faz recorrer também aos debates que se tem sobre a meritocracia que,

¹⁰⁰ Os projetos e sonhos de vida podem ainda ser interrompidos pelo genocídio da população negra. Segundo dados do [Atlas da Violência](#), levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), vinculado ao Ministério da Economia, em 2018, 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. No contexto histórico, de 2008 a 2018, o número de homicídios de pessoas negras no país aumentou 11,5%, já entre pessoas não negras caiu 12,9%. Dados disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

grosso modo, é a ideologia de que as pessoas precisam apenas se esforçar para alcançar seus sonhos. Para Silvio Almeida:

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que eventualmente não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial. Especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (ALMEIDA, 2019, p. 82).

Como mencionado pelo autor, a meritocracia avaliza as desigualdades exatamente por não levar em conta que as disparidades sociais, educacionais, econômicas do nosso país são extremamente abissais. E, nessa ideologia de que, se você não conseguiu realizar seus projetos a culpa é simplesmente sua porque não se esforçou o suficiente para tal, quem sai em desvantagem são as populações que não têm acesso à educação de qualidade, às oportunidades no mercado de trabalho etc.

É preciso levar em consideração que a realização de projetos de vida não se resume a uma simples questão de esforço próprio. É necessário desconstruir essa ideia que muitas vezes é incutida no imaginário das pessoas historicamente marginalizadas. Por exemplo, quando Ana Vitória diz não sentir orgulho de si, pois se acha uma *pessoa fraca*, podemos inferir que a jovem associa o fracasso em não realizar seus sonhos a ela mesma e não ao sistema perverso no qual está inserida. É importante considerar a conjunção das desigualdades social, racial, de classe, gênero etc., que precisam ser superadas já que não podemos perder de vista que estamos diante de uma sociedade estruturada em sistemas opressivos.

Quando falamos em projeto de vida na escola, a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata-o como uma de suas competências a serem trabalhadas em toda Educação Básica. Os três pilares para desenvolvê-lo são: o pessoal, o social e o profissional. Este último deve ser ainda mais estimulado no Ensino Médio já que muitos(as) jovens ao terminarem esta etapa da vida almejam, ou necessitam, ingressar no mercado de trabalho. A BNCC destaca que:

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como

também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (BRASIL, 2018, *online*)¹⁰¹

O documento ressalta a importância de “acolher as diversidades”, tornar os estudantes “protagonistas” de suas histórias, definir “projetos de vida” possíveis de promover efetivamente o crescimento pessoal, social e econômico de jovens etc. No entanto, nada disso tem sentido se não olharmos para as situações reais em que se encontram os(as) estudantes que conseguem concluir o Ensino Médio público em nosso país.

Nessa pequena amostra da pesquisa, podemos perceber que teremos dificuldade em desenvolver projetos de vida na escola se não levarmos em consideração as problemáticas cotidianas que essas(es) jovens enfrentam no dia a dia. Muitas jovens relatam o medo de não realizar seus sonhos, projetos e isso está muito relacionado à realidade de cada uma. Quando Layla diz, por exemplo, que não tem condições financeiras para realizar os cursos que deseja, ela esbarra na impossibilidade de seguir em frente com seus projetos e sonhos. Por melhor que sejam as intenções e a metodologia dos(as) professores(as), não adianta trabalhar projetos de vida em sala de aula se não houver mudanças estruturais na sociedade que possam de fato possibilitar a mobilidade social dessas(es) jovens. E, infelizmente, para além dos muros escolares o que a juventude negra encontra, na maioria das vezes, é desemprego, falta de oportunidades e violências cotidianas.

A pesquisadora e historiadora Iris Verena Santos de Oliveira¹⁰², em seu artigo “*Tem dendê na base? Vidas negras e o Currículo Bahia*”, faz críticas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Currículo Bahia que, embora tragam promessas para combater as desigualdades educacionais e promover a equidade racial, deixam lacunas no que se refere ao direcionamento “de enfrentamento ao racismo em sua dimensão estrutural” (OLIVEIRA, 2020, p. 184). Ao analisar a propaganda veiculada em 2018 sobre a nova BNCC, a autora menciona:

Ao afirmar que “[...] com a Base, todos os estudantes do país, de escolas públicas ou particulares, terão os mesmos direitos de aprendizagem” (BRASIL, 2018, s/p.), a propaganda insiste no argumento de que os problemas relacionados à educação, no Brasil, serão resolvidos pelo estabelecimento de um documento referencial curricular, o que magicamente garantiria igualdade de oportunidades (OLIVEIRA, 2020, p. 185).

¹⁰¹ BASE Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio>. Acesso em: 25 jul. 2021.

¹⁰² Professora da Universidade do Estado da Bahia/UNEB - Campus XIV (Conceição do Coité) e do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade/UNEB. Mestre em História Social/UFC, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA. Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordena o Projeto de pesquisa aplicada em educação: “Combinamos de não morrer: currículo, distorção idade-série e genocídio da juventude negra em Conceição do Coité”. Desenvolve pesquisas sobre currículo, diferença, BNCC e Currículo Bahia, além de atuar em cursos para formação e atualização de professores. Integra a Associação de Pesquisadores Negros (ABPN), Associação de Pesquisadores em Educação (ANPED) e a Associação Brasileira de Currículo (ABdC).

Para a autora, as desigualdades raciais do Brasil não se resolvem com promessas que não sejam compatíveis com a realidade de milhares de jovens negros e negras desse país afora. Existem problemas estruturais que estão além dos muros escolares e precisam ser combatidos. Oliveira (2020) traz como exemplo o genocídio da juventude negra que cresce a cada dia em nosso país, entendendo-se que

[...] o racismo estrutural gera situações de exclusão racial que produzem padrões estatísticos, em que constam números alarmantes sobre exclusão do espaço escolar, ingresso reduzido na universidade e grande índice de jovens negros entre os assassinados e presos. A formação escolar, ao assumir as questões que irrompem no cotidiano e partem de demandas estudantis, pode gerar deslocamentos nas normas, especialmente se não limitar a escola como espaço apenas para ensinar (OLIVEIRA, 2020, p. 194).

Para a autora, a formação escolar precisa estar atrelada às demandas desses(as) jovens que muitas vezes vivenciam situações violentas em seu cotidiano. Oliveira (2020) traz para reflexão os dados alarmantes de jovens negros (estudantes de escolas públicas) que são assassinados. Ela enfatiza: “Quando considero a idade dos jovens assassinados e encarcerados no Brasil e associo tais dados aos índices de evasão e de distorção idade-série, a impossibilidade de cumprimento das promessas da BNCC e do Currículo Bahia é latente” (OLIVEIRA, 2020, p. 195). Ao olharmos para os projetos de vida de nossas interlocutoras, corroboramos com as ideias de Oliveira (2020) quando pontua a necessidade de os currículos escolares levarem em consideração os atravessamentos cotidianos que atingem a juventude negra brasileira.

Observamos ainda que os discursos religiosos são muito frequentes e parece orientar em alguns momentos para um certo sentido de conformação, contrastado com as lutas individuais de jovens negras que precisam refletir criticamente sobre sua condição de mulher negra para superar as desigualdades sociais, raciais, de gênero etc. A participante da pesquisa Layla pontua que só consegue contar com a fé em Deus para a realização de seus sonhos, quando diz: “*Tenho tantos sonhos que só tendo fé para crer que irei conseguir (sic) realizar*”. Para além da fé que se faz legítima dentro da crença de cada uma, pensar em projetos de vida para jovens negras(os) implica também em criar estratégias de superação das opressões (racistas, sexistas, homofóbicas etc.), com as quais todas nós estamos sujeitas.

Sigamos com as apresentações:

Olá! Meu nome é Jucilene, tenho 19 anos. Sou natural de Santo Amaro (Entrada da Pedra) mas atualmente estou em São Paulo. Vim para tão longe a procura dos meus sonhos. Sou formada pelo CEEP no curso técnico de logística. Sonhos temos vários,

não é? O meu maior sonho é ser neurocirurgiã. Desde pequena minha vó me perguntava o que eu queria ser quando crescesse, eu dizia: 'vou ser médica vó' e fui tomando amor. Comecei a pesquisar sobre o assunto e me apaixonei pela parte de cirurgia. Minha família é incrível, temos os nossos altos e baixos, mas toda família tem, é normal! Minha mãe, minha avó, minhas tias sempre me apoiaram em cada decisão da minha vida, por isso quero estudar muito para dá orgulho para elas. Rapaz, minha personalidade é forte (emoji de carinha gargalhando), não sou muito fácil de lidar não viu! No momento estou trabalhando em um supermercado. Ainda não estou estudando porque cheguei a pouco tempo aqui, mais ou menos um mês. Depois devo procurar uma faculdade barata que seja perto, não muito longe de onde moro.

Me chamo **Giselly Santos Souza**, tenho 19 anos. Moro atualmente em Camaçari, porém sou nascida e criada no interior da cidade de Santo Amaro (Distrito de Acupe). Meu maior sonho hoje é ter meu lar próprio e ver a felicidade da minha mãe. Meu maior medo é perder mais uma pessoa que eu amo, principalmente a minha rainha, minha mãe. Temos um relacionamento muito amigável uma com a outra, e sim! Ela é tudo em minha vida, minha base, minha família. Sou uma pessoa compreensiva, amigável, alegre. Aprendi a não ser orgulhosa. Atualmente moro com meu marido, trabalho na Panpharma, distribuidora de medicamentos, atuando na área que me formei, logística. Sou auxiliar de logística.

Meu nome é **Bruna da Anunciação Aleluia Rodrigues**, sou protestante, tenho 21 anos, moro em Santo Amaro-BA. Faço faculdade de direito e atualmente estou no 8º semestre. Sou casada com um homem muito bacana e sábio (kkkkk) que sabe lidar com uma colérica nata, forte, intensa, expansiva e auto eficiente. E que me apoiou bastante na transição capilar (ele pediu para eu registrar isso aqui, kkkkk). Minha família é meu alicerce! Sou pedacinhos de cada parente. Mas acredito que meu temperamento foi herança de minha avó materna. Quero ter filhos futuramente com a esperança de que eles continuem fazendo a diferença que comecei. Trabalho em um escritório de advocacia e minha chefe é simplesmente SENSACIONAL, Zurita Chiacchiareta, só para registrar, rsrs (risos). Pretendo Advogar. Meus sonhos são tão grandes e altos quanto a minha fé, pois acredito que o Senhor Deus é a minha força, e fará os meus pés como os das cervas, e me fará andar sobre as minhas alturas (Hb 3:19). Meu maior medo é perder minha essência, e me desviar do meu propósito. Por isso me esforço para manter a bondade e a simplicidade em meio ao caos.

Olá meu nome é **Iasmim Dias Ferreira**, tenho 21 anos. Moro em Santo Amaro. Sonho em me formar e ter um bom emprego na área que eu atuo. Sonho também em construir uma família. Tenho medo de não conseguir me formar, e não retribuir o que meus avós fazem por mim. No momento não tenho relacionamento amoroso estou só me curtindo. Minha personalidade é muito forte, nada me atinge, sou muito determinada nas minhas coisas. Atualmente faço faculdade de farmácia.

Olá, meu nome é **Ângela Maria Machado da Silva** tenho 22 anos. Moro na zona rural de Santo Amaro, na fazenda Aldeia, um lugar simples, mas muito aconchegante. Meu sonho é fazer faculdade para que eu possa ter um emprego para me estabilizar na vida e assim poder realizar meus sonhos de vida. Meu medo maior é de perder meus dois amores, meus pais. Sei que um dia eu não irei ter na minha vida as pessoas que me ama e me acolhe nos momentos que mais preciso. Sou grata a eles por ter me dado educação e por eu ter me transformado na mulher que sou hoje. A minha relação com a família é a melhor que poderia ter, um amor¹⁰³ que não tem explicação. Meu relacionamento amoroso é especial para mim. Meu esposo me incentiva a não desistir das coisas que vai ser bom para minha vida. Nesse momento eu não estou fazendo nada. Mas estou pedindo a Deus que esse vírus (COVID-19) acabe logo para que ir atrás dos meus sonhos. Já concluir meus estudos, me formei no curso técnico de Gastronomia no CEEP. Minha personalidade é de uma pessoa boa, legal apesar de

¹⁰³ No dia da formatura de conclusão de curso, conheci o pai de Ângela. A alegria em acompanhar a filha na conclusão de uma etapa de sua vida estava estampada no olhar daquele senhor. Aquela cena ficou guardada em minha memória e me fez recordar do olhar orgulhoso dos meus pais no dia em que me formei em Geografia.

ter passado alguns preconceitos na minha infância por ser uma pessoa negra de cabelo crespo, nariz arredondado enfim! Depois de ter ganhado um concurso do dia da consciência negra, na escola em que eu era muito criticada, eu acabei deixando todos se perguntando 'porque ela?' Foi ali que eu vim ver o quanto minha cor e meu cabelo tinham valor.

*Olá meu nome é **Mayara Dias Gonçalves**, tenho 23 anos. Moro em Acupe, distrito da cidade de Santo Amaro-BA. Bom, falar de sonhos hoje se torna até algo difícil, ainda mais se tratando de uma pessoa que costuma sonhar muito, mas, um dos meus sonhos é conquista minha casa e a independência financeira. Expectativas eu coloco todas voltadas para Deus pois sei que não irei me decepcionar. Assim, vou dando passos firmes em direção as metas, acreditando que vou conseguir alcançar. Tenho medo apenas de não consegui ser melhor que antes, medo de voltar a ter medo e deixar de acreditar em mim, me perder no caminho. Tenho medo de decepcionar as pessoas e influenciar elas a cometer o mesmo, tenho medo de não amar as pessoas como elas merecem por conta de cicatrizes minhas. Minha relação com minha família é bem saudável, sou muito família, apesar de não falar muito. Meu sinal de amor é o toque, costumo abraçar e demonstrar meus sentimentos o máximo possível, sei que a vida é breve e não avisa quando acaba. Então, sinto a necessidade de ficar sempre demonstrando através de gestos e afirmativas. Sou uma pessoa muito comunicativa e costumo ter muita facilidade de pegar amizade. Me relacionar nunca foi um problema para mim. Se tratando de namoro, eu sigo me sabotando, não sei se é alta proteção¹⁰⁴, mas sempre acaba antes de começar. Minhas amigas costumam dizer que eu criei um tipo de amor próprio por mim que só de correr o risco de dividir ou perder esse amor para outra pessoa, eu desisto. E eu acredito! Não me vejo tendo que aceitar muita coisa, então acabo sempre no final me escolhendo. Hoje, para surpresa da Mayara de cinco anos atrás estou fazendo faculdade. Sem dúvida uma das minhas superações foi desconstruir a informação que foi implantada em mim que eu não tinha capacidade de passar em uma faculdade ou ter um bom emprego por ser uma pessoa sem inteligência. Então, dá esse primeiro passo foi lutar contra os gigantes do meu interior, vozes que apesar de anos, ainda ecoavam e de uma certa forma me paralisava. Hoje mais não! Estou no terceiro semestre da faculdade, tem sido difícil, mas não irei desistir. Hoje também trabalho com cabelos naturais, cabelos afros. Depois de passar pela transição capilar comecei a pesquisar e aprender mais sobre minhas raízes, até mesmo por falta de salões voltados para esse público. Então comecei a estudar. No início era só para cuidar do meu cabelo, mas os resultados começaram a chamar a atenção das pessoas ao ponto de elas pedir para cuidar dos delas também. Foi assim que comecei a trabalhar com cabelos e pretendo um dia me aprofundar mais na área. Não tem coisa melhor que olhar uma pessoa se amando, sendo quem elas nasceram para ser. Se olhando no espelho e se orgulhando do que estão vendo. Quem já passou pelo processo de transição capilar sabe o quanto esse momento toca. Fazer parte desse momento na vida dessas pessoas não tem preço e saber que as pessoas te observam e dão crédito ao seu trabalho é gratificante. Hoje estou tentando me tornar uma pessoa melhor em todos os sentidos e tentando me superar pois sei que se eu conseguir ser boa para mim ser assim também para as outras pessoas será consequência.*

Como podemos notar, os projetos de vida de nossas interlocutoras são inúmeros: ter a casa própria, arranjar um bom emprego, ingressar na universidade, não decepcionar os familiares, casar etc. São sonhos desejados por pessoas com realidades diversas. Algumas pontuaram ter uma rede de apoio necessária para realizar seus sonhos. Outras enfatizam a dificuldade, na maioria das vezes, financeira da própria família em poder ajudar, por essa razão

¹⁰⁴ A jovem relata que já passou por um relacionamento em que seu parceiro a colocava para baixo, pois sabia que tinha uma autoestima frágil. Discutiremos adiante sobre essa questão.

muitas anseiam por empregos para custear cursos, sejam eles técnicos ou de nível superior. Jucilene sonha em ser neurocirurgiã, trabalha em um supermercado e deseja muito em breve encontrar uma faculdade que possa pagar. Esse seu exemplo nos leva a refletir que ela precisará de uma rede de apoio (família, governo etc.) que possa ajudá-la a custear um curso tão caro quanto o de medicina. E, mesmo que a jovem passe em uma universidade pública, ela precisará de apoio financeiro para se manter na instituição.

As jovens Mayara, Iasmin Dias e Bruna são as únicas do grupo pesquisado que estão cursando o Ensino Superior. Esta última, está finalizando o curso de Direito. É bolsista em uma instituição privada e *tem sonhos tão altos e fortes quanto sua fé em Deus*. Bruna diz que, além de possuir um trabalho, recebe apoio da família. Mayara faz o curso de Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e embora a instituição seja pública a jovem diz que não tem sido fácil. É o desejo de superar os “*gigantes do seu interior*” que a faz lutar para conquistar seus sonhos. Ela foi uma criança muito violentada na escola¹⁰⁵. A professora a chamava de burra e por muito tempo este estigma permeou sua subjetividade. Por essa razão, ter passado em uma universidade pública é para Mayara uma de suas maiores superações na vida.

Pudemos observar também que as demais participantes embora não estejam ainda na universidade evidenciaram o desejo de cursar o Ensino Superior. Ângela, inclusive, menciona: “*Meu sonho é fazer faculdade para que eu possa ter um emprego para me estabilizar na vida e assim poder realizar meus sonhos*”. Para ela, assim como para muitas jovens, a realização de seus projetos de vida passa necessariamente pelo ingresso a uma universidade. Confiamos que muitas ingressarão, mas, infelizmente, mesmo com as políticas de ação afirmativas e a lei de cotas, sabemos que a maioria dos(as) estudantes negros(as) que concluem o Ensino Médio no Brasil não consegue acessar o Ensino Superior. Em um relatório divulgado no ano de 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que apenas 36% dos estudantes que concluem o Ensino Médio na rede pública entram na universidade.

Apenas 36% dos **alunos** que completaram o **ensino médio na rede pública** entraram numa **faculdade**(...) quando o **aluno** veio do **ensino médio na rede privada**, esse percentual mais do que dobra: 79,2%. Os dados fazem parte da **Síntese de Indicadores Sociais 2018**. A **desigualdade** também é percebida quando o recorte é feito por cor. 51,5% dos brancos com ensino médio completo ingressaram no ensino superior em 2017. Quando considerados pretos e pardos, o percentual cai para 33,4% (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2018, *online*)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Trataremos sobre essa questão no último capítulo.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/brasil/escola-privada-coloca-o-dobro-de-alunos-no-ensino-superior-em-relacao/89626/>. Acesso em: 25 set. 2021.

Os dados demonstraram que quando ocorre o recorte racial, as desigualdades acirram-se ainda mais, pois o número de estudantes negros(as) concluintes do Ensino Médio e que não ingressam na universidade é ainda maior se comparado a estudantes brancos. No processo de abolição da escravidão, a liberdade dos(as) negros(as) escravizados(as) veio acompanhada de abandono. Metaforicamente, o sistema educacional brasileiro comporta-se de forma similar. Muitos(as) estudantes que concluem o Ensino Médio têm o passe de liberdade (diploma) para alcançar outras conquistas, mas, em sua maioria, não conseguem ingressar na universidade e são relegados a um mercado de trabalho que não os acolhe dignamente.

Segundo o informativo de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, divulgado em novembro de 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “Pretos e pardos que compõem a população negra do país são maioria entre trabalhadores desocupados (64,2%) ou subutilizados (66,1%)”¹⁰⁷. Lembremos do relato da jovem Anairan quando diz que *“chegou o momento em que eu parei de buscar emprego, porque tem sido bem desanimador. Arrumei um “bico”, mas não é o suficiente para o que eu quero”*. Vale salientar que essa dificuldade em arrumar um emprego tornou-se ainda mais alarmante se levarmos em consideração o contexto da pandemia da COVID-19. Pesquisas têm apontado também que o número de desempregados ou subempregados cresceu neste período entre as populações negras no Brasil¹⁰⁸.

Diante das narrativas expostas pelas interlocutoras deste trabalho, voltamos, nesta seção, nossos olhares e reflexões sobre os sonhos, anseios, expectativas dessas jovens. Notamos o quanto elas, assim como milhares de tantas(os) outras(os) jovens que concluem o Ensino Médio público, necessitam de oportunidades reais que possibilitem efetivar seus projetos de vida. Foi possível conhecer, brevemente, um pouco a respeito de cada uma. Elas são as grandes protagonistas deste trabalho. Sem a empatia e boa vontade que essas meninas tiveram em todo o processo de escuta de suas narrativas, a realização da pesquisa não teria sido possível. Gratidão sem medidas a cada uma delas!

¹⁰⁷Cf. NITAHARA, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>.

¹⁰⁸ Cf. MARCHESAN, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/16/desemprego-pandemia-negros.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

3.1 BIG CHOP: O GRANDE DIA, O GRANDE CORTE!

A expressão *Big Chop* (BC), de língua inglesa, significa, grande corte. Ela designa o ato das mulheres retirarem, através do corte, a química do cabelo, a fim de deixá-los naturais. Nesta seção, iremos analisar alguns aspectos evidenciados pelas interlocutoras no processo de transição capilar como a decisão de entrar em transição, os processos que faziam para minimizar a dificuldade em lidar com duas texturas, os olhares delas sobre si bem como os olhares externos que elas receberam a partir dessa mudança estética. Vejamos o que elas relatam sobre a decisão de entrar em transição:

Pesquisadora: Podem falar um pouco porque vocês decidiram entrar em transição?

Layla: Eu já estava cansada de usar química e meu cabelo estava muito feio. Aí eu já queria parar, e quando eu via as meninas de black pela rua ou na internet eu achava lindo. Então, aproveitei o embalo e entrei na transição de vez porque ou eu parava ou continuava dando e alisando com chapinha, mas eu nunca gostei de chapinha. Minha mãe dava química no meu cabelo para baixar o volume, mas eu usava ele cacheado.

Pesquisadora: E você gostava quando alisava?

Layla: Nei sei dizer (risos-kkkk), eu achava normal. Infelizmente nesse tempo eu ainda não me governava (emoji de gargalhadas)

Mayara: Eu queria meu cabelo de volta. Não me sentia mais bem com meu cabelo de química. Eu já tinha entrado antes disso tudo¹⁰⁹ acontecer. Eu nem sabia que o nome era transição capilar. Quando eu tinha uns 14 anos eu já estava deixando meu cabelo natural, já tinha quase 2 anos que tinha passado pela transição 3 vezes porque queria meu cabelo de volta. Só não concretizava com o corte porque as pessoas não me apoiavam.

Pesquisadora: Então as críticas pesavam na sua decisão Mayara?

Mayara: Sim, pesava. Porque era do namorado e da família.

Pesquisadora: Do namorado?

Mayara: Sim pesava (risos-kkkk) hoje mais não! Tanto que quando a gente terminou a primeira coisa que eu fiz foi cortar o cabelo depois de uma semana.

Bruna: Acredito que a minha transição não foi influenciada por moda ou tendência. Mas depois da transição eu comecei a acompanhar looks, penteados, que se adequassem melhor ao meu novo estilo de cabelo (rs- risos)

Anairan: Eu sempre achei o cabelo crespo lindo e ficava me imaginando como o meu todo natural também. Mas se livrar da química foi um motivo bem maior.

Pesquisadora: Como assim um motivo bem maior?

Anairan: Eu sempre achei o meu cabelo liso bonito, só que eu não suportava a ideia de estar sempre alisando e escovando. Aí passei a ver com outros olhos, eu não achava mais ele bonito liso, estava incomodada demais e resolvi voltar a transição.

Pesquisadora: Vocês passaram por quantas tentativas de transição capilar?

Anairan: Passei por duas

¹⁰⁹ Referindo-se ao boom da transição capilar.

Layla: *Eu só fiz transição uma vez(risos-kkk)*

Mayara: *Três tentativas, na quarta eu cortei*

Bruna: *Uma!*

Muitas jovens relataram que a decisão em voltar a ter os cabelos naturais estava associada em não suportarem mais a rotina do alisamento. Ou seja, dentro do grupo pesquisado, a decisão em entrar na transição capilar diz respeito também a um cansaço de não querer mais está diante de um ritual estressante de alisar-escovar-pranchar. No entanto, é importante salientarmos que a maioria das jovens entrevistadas menciona também que não teriam iniciado o processo se não estivesse ocorrendo esse *boom* da transição capilar. Inclusive, o medo das críticas era um dos motivos que as faziam desistir de completar o processo de transição. Essas críticas estão sempre envoltas em representações negativas, as quais a corporeidade negra sempre esteve exposta. Para Angela Figueredo e Cintia Cruz (2016):

O cabelo crespo sempre fez parte da imagética das representações raciais, sendo imprescindível na construção dos estereótipos. Por esse e outros motivos é que historicamente os negros vêm sendo vitimizados no mercado da aparência ou no mundo da beleza, uma esfera marcada de modo contínuo pela construção de estereótipos negativos associados aos fenótipos negros, considerados feios, principalmente nos contextos em que há fortes e significativas desigualdades étnico-raciais (FIGUEREDO; CRUZ, 2016, p. 9).

Como pontuado pelas autoras, as representações sobre a corporeidade negra se deram historicamente, a partir de construções estereotipadas pela via do racismo. O medo que muitas jovens relatam em assumir seus cabelos crespos passam necessariamente pelo olhar de reprovação do outro e por isso a opinião desse outro(a) (namorado, mãe etc.) “pesa” na hora de tomar a decisão do BC. O dia do corte foi narrado pelas interlocutoras como um acontecimento permeado por sentimentos diversos. Do início do processo de transição capilar até a decisão em cortar de fato a química do cabelo, as jovens narram um ir e vir de (in)certezas, dúvidas, aprendizados, alívios, medos etc. Vejamos alguns depoimentos:

Pesquisadora: *Meninas como foi o dia do BC de vocês? Quais sentimentos vocês tiveram ao retirar a química do cabelo?*

Gisele: *Primeiro me senti envergonhada pelo fato das pessoas me olharem diferente. Mas depois que vi os cachinhos aparecendo, fiquei muito feliz.*

Anairan: *No dia que eu fiz o BC eu chorei horrores porque eu estava achando feio e imaginava ir para faculdade assim! Porém eu achei bom porque lá eu não conhecia ninguém, então ninguém iria me falar nada. Eu estava agoniada para cortar, só que eu tinha a noção que iria ficar muito curto, então aguentei um pouco mais. Só que inventei de cortar uma mecha no topo da cabeça (Emoji de carinha gargalhando), e essa mecha não ficava preso de jeito nenhum, entrei em desespero (emoticon de*

carinha gargalhando).Aí tive que cortar, aí mandei mensagem para minha madrinha chorando e ela veio conversar e ver como estava. Ela foi uma das pessoas que me incentivou muito na transição.

Pesquisadora: Eu também fui assim Anairan! Um amigo meu estava aqui em casa e disse que meu cabelo estava muito feio e que ele precisava cortar uma parte. Deixei, e ele fez um buraco no meio da minha cabeça. Eu já estava há um ano em transição.

Anairan: kkkkk(risos) é cada coisa viu! Lembrando assim é engraçado demais

Bruna: O meu foi o contrário! Minha mãe quase infarta. Vou contar em áudio rápido porque eu estou ocupada aqui. Quando eu cortei meu cabelo que minha mãe me viu, ela perguntou logo: “Denis já viu isso” (imita a voz da mãe com um tom de reprovação). Denis é meu esposo. Aí eu disse: ‘já, eu falei com ele minha mãe, que eu ia cortar, inclusive ele até gosta de mim de cabelo cacheado. Aí ela disse: ‘vamos ver’ (imita a voz da mãe com tom de desdém). Aí ela me trouxe para casa, fiquei aqui em casa com ela e enquanto Denis não chegava, ela ficava apertando a minha mente dizendo: que ela gostava de cabelo liso, que ela não gostou, que ela ia esperar Denis chegar, que eu ia ver, que como é que eu cortava o cabelo, e que não sei o quê. Aí quando Denis chegou, ela falou: “Denis você já viu o que Bruna fez no cabelo?” Aí Denis falou: “Já, eu já vi, eu gostei”. Rapaz! Minha mãe quase cai pra trás aqui viu!

Pesquisadora: kkkk (risos) imagine se Denis não gostasse heim?

Bruna: meme de um menino com a mão na testa.

Anairan: A mãe é a primeira a não gostar (emoji de carinha gargalhando)

Pesquisadora: Alguém mais chorou no dia do BC?

Mayara: Só chorei depois que minha família disse que estava parecendo um pinto molhado. (emoji de gargalhada).

Camilly: Pra mim foi um dia de alívio, me senti bem, mas também senti um pouco de medo do que as pessoas iriam achar. No dia que eu cortei eu me senti bonita, mas no outro dia me senti horrível.

Erica: No dia que eu cortei eu chorei muito e me arrependi.

Maria Clara: Eu senti muito medo de ficar feio, medo do que os outros iam falar. Quando minha irmã terminou de cortar eu chorei muito, mas depois vi que só a minha opinião bastava. Minha mãe e minha irmã me ajudaram muito. Cortei no dia do casamento de uma amiga, imagine a vergonha de ir kkkk (risos)

Taylane: Eu me estranhei por nunca ter me visto de cabelo curto, mas em questão de dias eu fui me acostumando e me achando uma princesa. Cara, medo não tive pois tive o apoio de meu irmão a todo instante. Eu me senti liberta como se tivesse saído um peso de minhas costas. Foi um mix de sentimentos, realmente eu não sei descrever não, real mesmo!

O choro, o sentir-se envergonhada, com medo, aliviada, sentir-se como uma princesa etc são sentimentos que permeiam o processo de transição dessas jovens. E, embora muitas tenham relatado que sentiram uma libertação no dia em que cortaram o cabelo, observamos o quanto esta sensação de liberdade está envolta em sentimentos conflitantes produzidos muitas vezes pelo olhar do outro. Isso ocorre justamente por estarmos diante de uma sociedade racista que inferioriza corpos, histórias, culturas de povos historicamente marginalizados.

Depois do corte, é o receio com o olhar do outro que assombra as jovens. O ato de chorar relatado por algumas delas ao se olharem no espelho relaciona-se à primeira impressão de um

encontro com sua autoimagem, que, destituída do alisamento, apresenta-se diante de sentimentos como o medo, o arrependimento, a rejeição, afinal de contas, ao retirarmos a química do cabelo, estamos assumindo uma estética que foi execrada ao longo da história. Então, o choro e a insegurança são sentimentos que afloram em nós porque sabemos o quanto a nossa corporeidade foi violentada durante séculos. No contexto desta pesquisa, a transição capilar apresenta-se como um processo complexo, pois mexe contundentemente com as subjetividades das jovens. Frantz Fanon (2008) aponta-nos que os olhares brancos foram construídos como os únicos verdadeiros. São eles que nos dissecam. Retirar a química do cabelo é ir de encontro a esse olhar, é enfrentá-lo todos os dias no seio familiar, nas escolas, nas instituições públicas e privadas, ou seja, na sociedade como um todo. O olhar do opressor nos colocou num lugar que Fanon (2008) denominou de “zona do não ser”, por isso o autor defende que “o negro deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir” (FANON, 2008, p. 95).

A profundidade das discussões de Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* é visceral, pois ajuda-nos a compreender como o racismo impacta diretamente em nossa subjetividade. Dentro do processo de colonização, a nossa humanidade foi negada, obliterada de forma extremamente violenta. A nova possibilidade de existir evocada por Fanon está atrelada ao reencontro consigo mesmo a uma verdadeira desalienação que “implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais” (FANON, 2008, p. 28).

Deste modo, o processo de transição capilar não deixa de ser um caminho possível de desalienação estética, de resignificação dos nossos corpos. Gomes (2019, p.334) aponta que a “manipulação dos cabelos era um ato corriqueiro entre algumas etnias pré-coloniais do continente Africano”, porém, nessas comunidades, a manipulação dos cabelos era feita por outras razões (identificação de etnias, religião, estado civil etc.). Aqui no Brasil, aprendemos pela violência do racismo que nosso cabelo é feio e que por essa razão é preciso alisá-lo. Então, as sensações ambíguas relatadas pelas jovens desta pesquisa são totalmente compreensíveis se levarmos em consideração que a nossa estética foi construída a partir de estereótipos que reverberam até os dias de hoje.

Podemos observar ainda a pressão colocada sobre as jovens no que se refere ao olhar do parceiro sobre essa nova estética. Bruna relata que a mãe se sentiu preocupada ao ponto de verbalizar que seu esposo não iria gostar de seu cabelo natural, mesmo ela adiantando a informação de que seu esposo a apoiava. Por estarmos diante de uma sociedade também estruturada no machismo e no patriarcado, a preocupação da mãe de Bruna recai sobre essas

opressões que vivenciamos em nosso cotidiano porque somos ensinadas a pensar a partir dessa lógica machista, em que o parceiro precisa necessariamente aprovar nossas decisões.

Essa ideologia não deixa de estar atrelada aos resquícios de uma sociedade na qual o patriarcado sempre dominou. Se voltarmos brevemente nossos olhares ao Código Civil de 1916 aqui no Brasil, veremos que as mulheres casadas eram tidas como incapazes e necessitavam de autorização de seus maridos para trabalhar. O artigo 6º, inciso II do CC/16 preconizava: “*são incapazes, relativamente a certos atos (art. 147, n. 1), ou à maneira de os exercer: II. As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal.*” O artigo 233 estabelecia ainda que o marido era o chefe do matrimônio e competia-lhe “*IV. o direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do tecto (sic) conjugal*”¹¹⁰. Esses dentre outros artigos absurdos sobre o papel subalternizado da mulher na sociedade brasileira faziam parte do Código Civil de 1916. As opressões exercidas pelos homens sobre as mulheres são, ainda hoje, muito frequentes. A jovem Mayara, por exemplo, relata sobre situações opressivas que vivenciou em um dos seus relacionamentos amorosos. Vejamos:

Pesquisadora: *Mayara, quando você fala sobre relacionamento amoroso, você também diz que houve mudanças depois da transição. Pode falar um pouco sobre isso?*

Mayara: *Sim! Eu tinha uma auto estima muito baixa. Então eu não tinha amor próprio, não me achava bonita e isso meio que me limitava em relação a fazer algumas coisas, principalmente na aparência, eu ouvia muito o que o meu parceiro na época falava em relação ao meu cabelo, o desejo dele não era que eu cortasse porque iria ficar muito pequeno, não só ele, mas a grande maioria das pessoas. Daí eu resolvi cortar e mudar tudo no geral: roupa, brinco, unha etc, e foi como se eu estivesse me encontrado. Eu comecei a olhar no espelho e a gostar do que eu estava vendo, comecei a não aceitar muita coisa. Eu não sei explicar, mas talvez a senhora entenda. Sabe quando você está calada a muito tempo e te devolvem a voz? Então, você começa a reagir. É isso acho que a transição me fez mudar muita coisa em mim.*

Pesquisadora: *o que mais você ouvia de seu parceiro?*

Mayara: *Eram brincadeiras que na verdade você sabe que não é brincadeira. Ele falava tipo: “você ainda acha que me tem (kkk, risos)” “Sou muita coisa pra você” “Coisa melhor que eu você não vai achar”. Na verdade, ele tentava me manipular porque sabia que eu tinha uma autoestima baixa.*

Pesquisadora: *Então, você acha que a transição capilar pode ajudar a enfrentar essas opressões que sofremos pelo fato de sermos mulheres?*

Mayara: *Acho que pode mudar a visão inferior que ela tem dela mesmo e automaticamente ela passa a se amar mais e a não tolerar essas opressões.*

Pesquisadora: *Vocês também pensam dessa forma meninas?*

¹¹⁰BRASIL. Código Civil de 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acesso em: 05 set. 2020.

Bruna: *Gif¹¹¹ com uma mão dando legal e escrito perfeito!*

A jovem Mayara relata que ter passado pela transição capilar possibilitou não apenas uma mudança estética, mas a levou para uma transformação também subjetiva ao ponto de modificar o seu olhar sobre si como ela mesmo pontua: “*eu resolvi cortar (cabelo) e mudar tudo no geral: roupa, brinco, unha etc, e foi como se eu estivesse me encontrado. Eu comecei a olhar no espelho e a gostar do que eu estava vendo, comecei a não aceitar muita coisa*”. Podemos observar também que as jovens começam a ter posicionamentos mais firmes frente às situações opressivas (racistas, sexistas etc).

Ao considerarmos as narrativas, além do que disse Mayara, a jovem Anairan enfatiza que, embora a questão da autoestima baixa não tenha sido resolvida com a transição capilar, ela *não tolera ouvir nada de ninguém que a diminua*.

Anairan: *Acho que passamos a enxergar o que merecemos das pessoas, o que precisamos ouvir ou não. Sobre a autoestima isso não mudou muito em mim, mas não tolero ouvir nada de ninguém que me diminua.*

Ela enfatiza que embora a questão da autoestima baixa não tenha sido resolvida com a transição capilar, ela *não tolera ouvir nada de ninguém que a diminua*. O reconhecimento dessas jovens sobre questões de racismo, machismo, dentre outras opressões, possibilita que elas reajam diante de situações opressivas. Alguns autores, como Dussel (2012) e Freire (1987), mencionam que a partir do momento em que o(a) oprimido(a) reconhece as investidas do(a) opressor(a), ele(a) pode reagir a essas violências. Ao retornarmos para a fala de Mayara, na seção anterior, sobre relacionamento amoroso, veremos que a jovem ressalta:

Minhas amigas costumam dizer que eu criei um tipo de amor próprio por mim que só de correr o risco de dividir ou perder esse amor para outra pessoa, eu desisto. E eu acredito! Não me vejo tendo que aceitar muita coisa, então acabo sempre no final me escolhendo.

Se levarmos em consideração que ainda existe atualmente a ideologia de que as mulheres para serem felizes precisam necessariamente ter um parceiro, ouvir de uma jovem que prefere a si própria a ter que se submeter a qualquer relacionamento abusivo é extremamente

111 O GIF é um formato de imagem em que é possível criar imagens em movimento. Apesar de possuir a qualidade menor que os demais formatos, o GIF é amplamente utilizado em redes sociais principalmente, quando é necessário criar uma animação. Disponível em: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/o-que-e-gif/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

relevante para qualquer mulher que compreende a complexidade de nascer mulher e negra no Brasil, país que está em 5º lugar no ranking mundial na taxa de feminicídio¹¹².

A transição capilar também direciona essas jovens a mudanças estéticas que estão para além do cabelo natural, vejamos:

Pesquisadora: Vocês mudaram a forma de se vestir, maquiar após a transição capilar?

Gisele: Eu uso mais acessórios, mais brincos grandes coisa que eu não fazia quando usava o cabelo escovado. Inclusive antes de eu cortar meu cabelo totalmente eu e minha mãe todo dia de noite pegava aqueles bigudinhos com creme e colocava no cabelo para no outro dia fazer aquela finalização pra ficar tipo ondulado. Aí quando vi que estava dando muito trabalho eu fui cortando aos poucos.

Anairan: Não sei maquiar, mas mudei os tamanhos dos meus brincos (emoji de carinha gargalhando)

Mayara: As pessoas dizem que eu mudei tudo até hoje elas ficam me perguntando porque mudei demais a forma de me vestir. Do nada eu apareci com cabelo cortado, de maquiagem, vestido tubinho e brinco grande, tudo que eu não usava! Antes de cortar eu comprei tudo kkkk (risos).

Bruna: Meme com cara de espanto

Bruna: O melhor de tudo é Mayara de vestido porque ela não gostava de vestido.

Pesquisadora: Estão Mayara comprou tudo antes de cortar o cabelo? Olha só meninas! Preparação é tudo! (emoji de carinha gargalhando)

Layla: (Emojis de gargalhadas). Uma coisa eu acho engraçado. Eu não suportava brincos grandes, só usava os pequeninhos. Agora eu amo brinco grande e gosto menos dos pequenos (emoji de carinha gargalhando).

Bruna: A essência do meu vestido não mudou. O que mudou mesmo foi o meu interesse por cores mais vibrantes. Antigamente eu gostava de cores mais neutras. Quando tinha que escolher optava sempre por cores mais neutras, hoje, prefiro mais cores diferentes.

Pesquisadora: Porque você acha que buscava sempre as cores neutras e depois da transição prefere as vibrantes?

Bruna: Na minha cabeça as cores neutras me traziam a ideia de elegância e formalidade. Eu gosto disso kkkkk (risos). Mas depois da transição, que o cabelo já dava para fazer uns penteados eu comecei a observar que os penteados que eu gosto ficam super bem com cores mais vivas. E que a possibilidade de aliar isso com formalidade e a elegância é enorme. Então, quis explorar melhor as cores. Batons eu não gosto com cores vibrantes. Gosto com o tom de minha boca kkkk (risos) e sempre procuro tons parecidos para uniformizar porque o lábio de cima não é da mesma cor do de baixo (emojis de carinha gargalhando)

Mayara: A transição foi pra mim uma mudança completa!

Pesquisadora: Vocês concordam com Mayara? O que vocês pensam sobre essas mudanças?

¹¹² Dados disponíveis em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Femic%C3%ADdio-no-Brasil-.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Layla: *Pra mim a transformação foi mais por dentro, eu passei a me achar mais bonita, com mais jeito de mulher.*

Bruna: *Apesar de não ter mais química no cabelo eu ainda estou em transformação. A cada dia eu descubro algo novo em mim e tenho que amar kkkk (risos). São coisas sutis, uma roupa que ficava super legal em mim com o cabelo liso, que hoje eu visto e penso: “ficou melhor ainda com o cabelo cacheado”.*

Anairan: *Não acho que mudei muito. Eu não sei dizer. Acho que meu intuito era mais se livrar da química. Talvez eu descubra algo além disso, talvez eu perceba algumas mudanças como as meninas.*

Algumas jovens mencionam as mudanças internas e externas provocadas pelo processo de transição capilar em suas vidas. No que se refere às mudanças internas, é importante salientar que nem tudo se resolve com corte do cabelo. Anairan, por exemplo, não considera que passou por grandes mudanças. Diz que, lá adiante, pode até perceber essas transformações mencionadas pelas colegas, mas no momento, não sabe dizer. Quando discutimos a temática autoestima no grupo, ela pontuou que a sua autoestima é na maioria das vezes baixa (discutiremos de forma mais aprofundada sobre essa questão no capítulo seguinte) e não só por conta do seu cabelo mais toda a sua corporeidade. Com isso, podemos inferir que o grande corte para muitas meninas é também o início de um processo de transformação subjetiva que não se dá, necessariamente, de um dia para o outro. A jovem Bruna diz: *apesar de não ter mais química no cabelo eu ainda estou em transformação*, ou seja, as mudanças subjetivas provocadas pelo processo de transição ocorrem de forma lenta e repletas de ambiguidades, conflitos, aceitação, rejeição etc.

Sobre as mudanças externas, gostaríamos de chamar a atenção para a fala de Bruna que enfatiza a mudança na descrição com roupas e acessórios para uma estética com mais visibilidade. Isso sugere para nós que a transição capilar proporcionou para a jovem uma apropriação mais efetiva do próprio corpo e de uma autonomia estética. Acredito que muitas mulheres negras já ouviram a frase do tipo: “esse batom vermelho ou essa roupa não combinam com seu tom de pele”, “Você precisa usar cores neutras para não chamar muita atenção” etc, etc. Desconstruir com esses estigmas que povoam nosso imaginário tem sido um desafio para representantes de diversas áreas.

A estilista senegalesa Adama Paris¹¹³, por exemplo, traz para o campo da moda o debate sobre a identidade africana. Em entrevista ao site *Por Dentro da África*, ela mencionou que “a

¹¹³Adama Amanda Ndiaye é a talentosa designer e empreendedora atrás da marca Adama Paris. Ela é uma *fashion* ativista que quer colocar a moda feita na África no mapa da moda mundial e também dar visibilidade à mulher negra na luta contra a discriminação e falta de oportunidades existentes na indústria da moda. Também é fundadora da Dakar Fashion Week. Disponível em <https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/sal/ueb/vil/ada.html>. Acesso em: 31 ago. 2021.

moda africana conta a nossa história, eu me sinto uma mediadora entre a África e o resto do mundo [...]. A nossa cultura tem essa paixão pela textura, pela forma, pela cor por tudo aquilo que é vibrante e precisa ser mostrado”¹¹⁴. No contexto de dominação, através do processo de escravização ocorrido aqui no Brasil, essa paixão pelas cores e texturas mencionada pela estilista foi também inferiorizada e obliteradas pelas elites dominantes que controlaram as nossas imagens e representações. Por isso, ouvir de Bruna que após o processo de transição capilar passou a usar cores mais vibrantes nos possibilita reconhecer o quanto este processo pode servir como ferramenta de resistência contra as opressões impostas às nossas imagens.

3.2 PADRÕES ESTÉTICOS: CORPOS E CACHOS PERFEITOS

A Beleza Machuca (PrettyHurts)

Miss, a sua primeira pergunta
Qual é a sua aspiração na vida?
Oh minha aspiração na vida
É ser feliz
Mamãe disse ‘você é uma garota linda’
O que você tem na cabeça não importa
Penteie o seu cabelo, corrija os seus dentes
O que você veste é tudo o que importa
Apenas mais uma etapa
O concurso tira a dor
Desta vez, vou ganhar a coroa
Sem cair, cair
A beleza machuca
Evidenciamos o que temos de pior
A perfeição é a doença da nação
A beleza machuca
Evidenciamos o que temos de pior
Tente reparar algo
Mas você não pode reparar o que não consegue ver
É a alma que precisa de cirurgia
Cabelo loiro, seios pequenos
A Tv diz que quanto maior, melhor
Praia do Sul, sem açúcar
A moda diz
Que mais magra é melhor
Apenas mais uma etapa
O concurso tira a dor
Desta vez, vou ganhar a coroa

¹¹⁴ Entrevista disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/moda-africana-conta-nossa-historia-eu-sinto-uma-mediadora-entre-africa-e-o-resto-mundo-diz-adama-paris>.

Sem cair, cair
 A beleza machuca... (Refrão)
 Não há médico ou remédio que tire essa dor
 A dor está lá no fundo
 E ninguém te liberta do seu corpo
 É a alma que precisa de cirurgia
 É a minha alma que precisa de cirurgia
 Sorrisos de plásticos e a negação
 Podem somente te levar para mais longe
 E você se destrói
 Quando o contrato te deixa na escuridão
 Você deixou o espelho estilhaçado
 E os cacos de uma garota bonita

A beleza machuca... (refrão)

Quando você está completamente sozinha
 E está deitada na sua cama
 O reflexo te encara
 Você está feliz consigo mesma?
 Livre das máscaras
 A ilusão foi exposta
 Você está feliz consigo mesma?
 Você está feliz consigo mesma?
 Sim

(Beyoncé)

A música *Beleza Machuca* da cantora norte-americana Beyoncé, que escolhemos para abrir esta seção, escancara uma realidade perversa dos padrões de beleza impostos sobretudo aos corpos femininos. Esses padrões são ainda mais perversos se fizermos o recorte racial. Flores (2007) ao discutir a problemática da estética da raça, aponta-nos que:

A estética moderna se desenvolve *pari passu* com o desenvolvimento das teorias raciais. Os debates em torno da estética e das noções de feio e de belo forneceram instrumentos discursivos para classificar, hierarquizar e dividir culturas da Terra, no contexto da partilha do mundo entre as nações imperialistas (FLORES, 2007, p. 41).

É nesse contexto elucidado pela autora que as nações europeias construíram o ideal de beleza elaborando a ideologia da seguinte forma: “minha raça é bela (europeia) e as outras são mais ou menos feias” (FLORES, 2007, p.42). Assim, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, foi dentro desse contexto de dominação europeia que a beleza foi racializada, o que fez a beleza branca tornar-se padrão no mundo moderno.

Com isso, a violência histórica imposta aos nossos corpos construiu em nós a autorrejeição e pagamos um preço alto até os dias de hoje. Estudos feitos pelas pesquisadoras Ângela Figueredo (1994), Nilma Lino Gomes (2000) e bell hooks (2017) apontam como a autoestima é determinante para o crescimento social e intelectual de indivíduos estigmatizados pelo colonialismo. Ora, se aprendemos que somos feias e intelectualmente incapazes, o que sobra para nós? De certo uma autoestima fragilizada que influenciará numa vida inteira. Essa pode ser uma das explicações de jovens relatarem medo e insegurança após retirarem a química do cabelo, uma vez que a imagem do cabelo crespo natural foi também inferiorizada desde os tempos coloniais.

Para Collins (2000, p. 212): “As imagens de controle continuam a exercer uma influência poderosa sobre nossa relação com brancos, com homens negros, com outros grupos sociais étnicos e entre nós”. Para a autora, as imagens de controle construídas sobre as mulheres negras no contexto de escravidão e dominação capitalista, “são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2000, p. 176). Ela nos convida a dar um basta nas construções estereotipadas nas quais estivemos imersas por tanto tempo e nos convoca a assumirmos o controle de nossas imagens para que as violências impostas pelos padrões dominantes não continuem a nos coagir. Podemos observar em alguns relatos como esses padrões e as imagens de controle operam ainda hoje na vida de nossas interlocutoras. Vejamos:

Layla: *Eu já sofri muito bullying na escola quando era mais nova. Além de minha mãe sempre me fazer tranças eu era banguela bem na frente. Minha gengiva é roxa, fiquei um bom tempo assim porque tinha uma carne atrapalhando o dente nascer. E quando eu coloquei aparelho que ficava um espaço só com o ferro? Kkkkk (risos). Hoje eu dou risada, mas era triste pra mim as vezes. Eu não deixava isso me abalar muito não sabe? Mas como eu já estava na pré adolescência, aí tem aquela história do primeiro amor não correspondido. Eu ficava triste porque eu não era notada por nenhum menino e algumas amigas da sala eram.*

Anairan: *Eu na vida kkkk (risos) nossa! (Emoji de carinha triste e outro emoji com a mão na testa)*

Layla: *Eu ficava me perguntando o que ela tem que eu não tenho? Então, eu vivia me olhando no espelho. Aí eu queria copiar elas para poder ter atenção (dos meninos)*

Pesquisadora: *Você lembra como eram essas garotas que ganhavam os olhares dos meninos?*

Layla: *Bonitas!*

Pesquisadora: *Como assim bonitas? Como elas eram?*

Layla: *O corpo bonito, tinham todos os dentes kkkkk (risos) usavam penteados de moças kkkkk (risos)*

Anairan: *Realmente, corpos “bonitos” e que chamavam a atenção. Eu já ouvi que era bonita de rosto, o que eu até acho, mas de corpo, difícil.*

Layla: *Eu lembro que eu fiquei com um pouco de “inveja” de uma delas porque já tinha seio e os meus nem se quer queriam crescer (emoji de carinha gargalhando).*

Anairan: *Eu sou bem magrinha, então eu não tenho peitão e bundão, aí no grupo das amigas né, eu ficava sempre de escanteio. As vezes eu nem gostava de sair com elas por me sentir inferior porque os garotos olhavam para elas, mas para mim não! E isso ferra com a nossa saúde psicológica.*

Pesquisadora: *Nossa! Demais Anairan!*

Pesquisadora: *Layla, como era os penteados de moça?*

Layla: *Coques, cabelos soltos. Minha mãe nunca me deixou ir de cabelo solto para a escola.*

Pesquisadora: *E você ia com qual penteado?*

Layla: *De criança, Maria Chiquinha, meu aliado de sempre*

Pesquisadora: *E você já querendo namorar né Layla (emoji de carinha gargalhando).*

Layla: *Amanhã vou mandar umas fotos aqui para vocês verem como eu era (emoji de carinha gargalhando.) Eu saí dessa escola na quarta série porque tive que ir morar em Camaçari¹¹⁵. Quando eu voltei fui visitar meus colegas e todos estavam diferentes comigo, principalmente o menino que eu gostava. Ele era o mais bonitinho da sala (emoji de carinha gargalhando).*

Pesquisadora: *Como ele era?*

Layla: *Branquinho, cabelo liso e para piorar neto da dona da escola (emoji de carinha gargalhando).*

A imposição do corpo perfeito, exigindo-se corpo magro, “peitão”, “bundão”, cabelo liso, nariz afilado, pele clara etc, pode provocar nas pessoas que carregam outras estéticas um processo de rejeição da sua corporeidade. Gomes (2019) aponta que:

O racismo, com ênfase na superioridade racial, ajuda a construir no imaginário social a crença de que é possível hierarquizar os sujeitos e seu corpo. Nesta perspectiva, o negro é visto como pertencente a uma escala inferior. Produz-se, nesse contexto. Um tipo de violência que impregna a vida de suas próprias vítimas, a ponto de se constituir em representações negativas do negro sobre si mesmo e seu grupo étnico/racial (GOMES, 2019, p. 146).

Essas representações negativas sobre si que a autora chama a atenção são justamente as que permeiam, na maioria das vezes, o imaginário de homens e mulheres negras(os). Dentro do contexto da pesquisa, observamos o quanto essas representações negativas e os padrões estéticos destroem a autoestima dessas jovens. Anairan menciona que estar fora desse padrão que a sociedade determina “*ferra com nossa saúde psicológica*”. A jovem chegou a se privar de sair com as amigas porque se achava menos bonita e inferior; ela não possuía peitão, bundão e, como enfatiza, os olhares dos meninos eram direcionados para quem possuísse tais atributos.

¹¹⁵Cidade localizada na Região Metropolitana de Salvador-BA.

Layla, quando criança, já observava também que os meninos gostavam mais das meninas que ela considerava bonitas (*possui cabelos longos que podiam ficar soltos*). Em um outro diálogo, o assunto “padrão de beleza” aparece novamente:

Layla: *Eu tive problemas com estrias no bumbum, e não são poucas, é literalmente o bumbum todo. Tanto que tenho vergonha de ficar só com a parte de baixo do biquini na praia. Eu sempre uso canga ou saída de praia. E agora pra piorar me apareceu celulite. Sem contar as manchas de espinhas e cravos no rosto. Eu tento sabe, fazer exercícios ou entrar em dieta, mas não consigo. E os exercícios eu só consigo fazer com alguém para me motivar.*

Pesquisadora: *O que vocês consideram beleza?*

Anairan: *Eu nem sei dizer...*

Layla: *Coisas boas que vem de dentro da pessoa*

Pesquisadora: *Então beleza para você esta para além da aparência física?*

Layla: *Sim, sim!*

Anairan: *Acredito sim que a beleza é aquilo que vem de dentro, mas nem todo mundo olha o seu interior. A beleza exterior hoje em dia parece chamar mais atenção.*

Layla: *A mais pura verdade!*

Anairan: *As vezes as redes sociais só pioram as coisas porque eu acabo comparando a minha beleza com o de outras meninas.*

Layla: *A pior coisa é essa, comparar a gente com outras pessoas. Mas o pior que as vezes é mais forte que nós (se comparar com as outras pessoas) e acabamos nos sentindo para baixo.*

Anairan: *Sim! Demais! Esses dias eu tô mal com o espelho. Tipo, as vezes isso abala de uma forma horrível.*

Podemos tecer várias observações sobre os relatos acima. Primeiro, notamos que desde muito cedo as jovens são levadas a questionar a sua beleza e o seu corpo. Consideram-se inferiores por serem magras demais, gordas demais, possuírem cabelos que nunca podiam ficar soltos (os crespos e cacheados), terem estrias, celulites etc. As garotas se sentem mal com o espelho, como menciona Anairan, certamente porque fomos ensinadas, desde a infância, a sabotar e rejeitar a nossa estética. Quando se trata de corpo da mulher negra esses padrões violentam ainda mais. Estivemos sempre no lugar de pessoas desprovidas de beleza. Para Gomes (2019, p. 312), “quando a ideia de beleza é construída por um grupo, num contexto de dominação ou de diferenciação cultural”, como ocorreu com as populações afrodiáspóricas, esse ideal serve sobretudo como marca discriminatória.

Quando Anairan relata: “Às vezes as redes sociais só pioram as coisas porque eu acabo comparando a minha beleza com a de outras meninas [...]” e Layla complementa: “[...] a pior coisa é essa, comparar a gente com outras pessoas. Mas o pior que as vezes é mais forte que

nós (se comparar com as outras pessoas) e acabamos nos sentindo para baixo [...], elas assumem inconscientemente o lugar da inferiorização. A expressão “*é mais forte que nós*” pode significar que esse sentimento de inferioridade vem de dentro, vem da alma. Como já mencionado, foi introjetado em nós um padrão de beleza que não encontramos quando nos olhamos no espelho. Talvez por isso Anairan desabafe: “*Esses dias eu tô mal com o espelho. Tipo, as (sic) vezes isso abala de uma forma horrível [...]*”. Isso é “*horrível*” porque afeta as nossas subjetividades, por isso, concordamos com a música de Beyoncé, porque esse ideal de beleza machuca, e faz com que a nossa alma necessite de cirurgia.

A internet, que na contemporaneidade é bastante utilizada para fomentar e reivindicar pautas de diversas comunidades historicamente oprimidas (mulheres, mulheres negras, comunidade LGBTQIAP+, indígenas etc.) serve também para reproduzir, através das redes sociais, a ideia da estética perfeita, família perfeita, corpo perfeito, profissional perfeito(a), mãe perfeita, pai perfeito. Os próprios filtros dos aplicativos, e aqueles subjetivos, que muitos(as) criam para si, ajudam a construir nas redes sociais essa ideia de perfeição, fazendo o telespectador(a)/seguidor(a) se entristecer na vida real por não a alcançar. Quantas famílias, por exemplo, parecem uma perfeição nas redes sociais, mas na realidade o que se vive são violências cotidianas? Inclusive violência doméstica? Quantas meninas adoecem psiquicamente e fisicamente na busca do corpo perfeito?

A transição capilar não escapa a essas armadilhas. A busca do cacho perfeito é também um dos pontos que foram tratados nos relatos tanto das jovens que compuseram o Diário Crespo I quanto as que participaram do Diário Crespo II. Vejamos:

Pesquisadora: *Os comentários que vocês recebiam após a transição foram mais positivos ou negativos?*

Ana Caroline: *Positivos só das pessoas que importam. Das outras observei mais olhares de negação por causa da textura, pelo fato que o meu cabelo é bem crespo. Creio que quando os cachos são mais definidos existe mais aceitação.*

Pesquisadora: *Vocês também sentem essa exaltação as texturas capilares que formam cachos?*

Layla: *Sim! Quando meu cabelo estava em transição minha raiz era bem crespa e não tinha uma definição muito boa. Depois que o meu cabelo cresceu ele ganhou outra textura e outro aspecto.*

Bruna: *Com certeza! Essa semana mesmo uma cliente com uma curvatura (capilar) tipo 4¹¹⁶ me disse que preferia ter a minha que é tipo 3.*

¹¹⁶Essa jovem se refere a uma escala existente que define o tipo de ondulação e textura dos fios do cabelo, conforme será exemplificado mais adiante.

Pesquisadora: E o que vocês pensam sobre essas preferências?

Bruna: Ainda existe aquela ideia de “ah! Porque você não passa alguma coisa para soltar mais os cachos, assim, entenda! Né pra alisar não!

Layla: Minha mãe já falou isso muitas vezes.

Ana Caroline: Senti isso quando o meu cabelo estava definido por conta dos cremes etc. Se tornava mais bonito, e quando estava crespo sem nada, já não era bem visto.

Pesquisadora: Meninas o que vocês pensam sobre a ideia do cacho perfeito? Vocês também passaram por isso?

Taylane: Sim! Caramba, tem umas meninas que estão indo para um caminho dos cachos perfeitos, ficam tão na nóia de querer o cabelo igual o de fulana porque tem aqueles cachos formadinhos e tal. Aí quando o cabelo começa a se revelar crespo se frustra.

Maria Clara: Eu passei por essa situação de cachos, principalmente porque eu gostava dele bem volumoso, mas o povo dizia que eu tinha tomado um choque. (emoticons carinha com a mão no rosto)

Erica: Eu passei por isso, queria o cabelo com os cachos perfeitos.

Thaylane: Sim! Sim! Até no meio de influenciadores, criadores de conteúdo era muito difícil ver uma crespa crescer e ganhar visibilidade com o trabalho delas. Sempre era as meninas que tinham os cachos perfeitos. Hoje em dia está melhorando, várias crespas estão ganhando uma visibilidade com o trabalho delas. Surreal! (emoji de palminhas)

Erica: Verdade!

Yasmim Bertoso: Logo quando eu cortei meu cabelo sim. Hoje eu aceito meu cabelo crespo, e quando fala que ele é cacheado eu corrijo dizendo que é crespo.

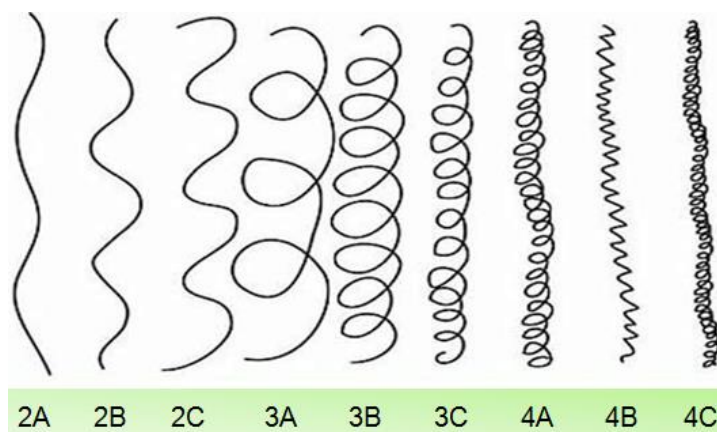
A partir de suas experiências com o cabelo, as jovens observam que existe uma valorização maior das texturas capilares que formam cachos, evidenciando que não conseguimos escapar dos ideais eugênicos tão presentes ainda em nossa sociedade. Sabemos que quanto mais retinta a cor da pele, e quanto mais crespo for o cabelo de uma pessoa, mais opressões racistas ela sofrerá. Por isso, frases do tipo: “porque você não passa alguma coisa para soltar mais os cachos”, “prefiro seu cabelo alisado”, “molha esse cabelo para baixar um pouco mais” são frequentes em nosso cotidiano.

A ideia de “cacho perfeito” deve ser problematizada. A exaltação dos cabelos cacheados em detrimento daqueles com texturas mais crespas deve ser combatida com seriedade para que não sejam criados outros estereótipos que oprimam e dificultem a ressignificação positivada da estética negra.

As jovens também chamam a atenção para algumas nomenclaturas criadas nesse contexto de transição capilar. Os termos 2A, 2B, 2C, 3A, 3B, 3C, 4A, 4B, 4C dizem respeito ao tipo de textura capilar, então quanto mais próximo ao 2A menos ondulação tem o cabelo e

quanto mais próximo ao 4C mais ondulações haverá, como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 30: Tipos de texturas capilares



Fonte: Meu Cacho e Vida. Disponível em:

<http://meucachosevida.blogspot.com/2016/07/tipos-de-textura-capilar.html>

Figura 31: Textura capilar tipo 4



Fonte: Apenas Ana. Disponível em: <https://apenasana.com.br/como-descobrir-qual-meu-tipo-de-cacho-2abc-3abc-ou-4abc/>

A seguir, discutiremos como o processo de transição capilar se configura como um fenômeno complexo. A articulação teórica entre os estudos de Fanon (2008) sobre o impacto do racismo nas subjetividades negras, bem como a filosofia da ética da libertação de Dussel

(2019), nos ajudará a tecer a narrativa do próximo capítulo. Ancorando-se também nos estudos de Gomes (2019), buscaremos encontrar caminhos para compreender como a transição capilar encontra-se envolta entre as ambiguidades criadas pelo racismo, o “rejeitar-se”, a libertação de padrões estéticos e o “aceitar-se”. Para essa autora, o movimento “de rejeição/aceitação do cabelo crespo e do corpo negro diz algo sobre a existência desse sujeito. A vivência desse movimento poder ser ao mesmo tempo dolorosa e libertadora, consciente e inconsciente” (GOMES, 2019, p. 145).

4 DESENROLANDO OS NÓS DA TRANSIÇÃO CAPILAR

A ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens [e mulheres] por libertar-se. *Grifo nosso*

(Paulo Freire)

“Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear, quando passa na Baixa do Tubo, o negão começa a gritar: Pega ela aí, pega ela aí. Pra quê? Pra passar batom? Que cor? De violeta na boca e na bochecha”. Cresci ouvindo essa música de Luiz Caldas¹¹⁷. Achava alegre, cantava, dançava, mas me entristecia quando alguém me chamava de menina do cabelo duro. Nas décadas de 1980, 1990, e até a primeira década deste milênio, pouco se falava em cuidados com os cabelos crespos naturais e quase sempre penteá-los a seco causava-me dores no couro cabeludo. Por isso, lembro-me de que não gostava de pentear

Cresci ansiosa para chegar à idade em que pudesse alisar o cabelo. Na infância, não me entendia como uma mulher negra, talvez por carregar uma tez menos escura. Passei pela adolescência também sem compreender minhas experiências identitárias e foi apenas na universidade que pude me construir como mulher negra. Vale ressaltar que eu nunca me entendi como mulher branca, mesmo porque eu sempre estava num lugar em que Ana Carla Lima Portela¹¹⁸ (2017, p. 68) denominou de “quase”. Um conceito utilizado pela autora para “refletir a condição racial do negro brasileiro”, ou seja, eu não me considerava branca, porque sempre ouvia que branco(a) não tem cabelo crespo e não era negra porque ser negra é aquela “indisfarçável”, a que porta uma pele retinta. Então, eu ficava no meio desse cambalacho da miscigenação:

O cabelo crespo figura como um instrumento símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui. Mesmo que a cor da pele seja mais

¹¹⁷ A música denominada *Fricote*, também conhecida como *Nega do Cabelo Duro*, compõe o primeiro álbum do cantor e compositor baiano Luiz Caldas. Foi lançada em 1985 e escrita em parceria com Paulinho Camafeu.

¹¹⁸ Possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (2004) e Pós-graduação em Metodologia do Ensino e Pesquisa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Foi professora da Prefeitura Municipal de Salvador e de Estágio Supervisionado no curso de Letras do Campus XIII - UNEB. Atua na Formação de professores para as relações étnico-raciais e desenvolve projetos de metodologias afirmativas. Mestre em Educação e Contemporaneidade, Linha 1- Processos civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, na Universidade do Estado da Bahia (2018), com pesquisa sobre Políticas de Ação Afirmativa e juventude quilombola. Desde 2011, pertence ao quadro de docentes do IFBA- Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia- antes em Seabra, no território de identidade da Chapada Diamantina, e atualmente no campus Salvador. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7956514/ana-carla-lima-portela> Acesso em: 07 out. 2021.

clara ou mesmo branca, a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como estigma negativo da mistura racial e, por conseguinte, é colocada em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro (GOMES, 2019, p. 18).

O cabelo e a cor da pele são, segundo a autora citada, importantes elementos na construção do sistema de classificação racial no Brasil. Notamos que quanto mais retinta a cor da pele, e quanto mais crespa a textura do cabelo, mais os indivíduos que possuem tais características fenotípicas sofrerão com o racismo. Tanto Gomes (2019) quanto Braga (2020) vão mencionar que esses elementos servem na distribuição dos trabalhos de homens e mulheres escravizadas. Braga (2000) cita, por exemplo, que no período escravagista existia uma preferência em comprar as negras Mina e Fula por possuírem a cor da pele clara, elas eram destinadas a trabalhos domésticos e “assumiam em alguns casos, o papel de donas de casa; quando não se faziam de mucamas e cozinheiras” (BRAGA, 2020, p. 67). Gomes (2019, p. 264) acrescenta que “na escravidão o tipo de cabelo e a tonalidade da pele serviam de critérios de classificação do escravo no interior do sistema escravista”. Essa hierarquização cromática serve ainda hoje para excluir e segregar homens e mulheres negras(os).

Kabeguele Munaga (2019) e Sueli Carneiro (2011) também vão nos dizer que a herança da miscigenação em nosso país foi historicamente utilizada para enfraquecer a identidade racial dos povos negros. Talvez por essa razão, diante de uma escala cromática racial tão diversa, que racializa corpos, criando as hierarquias e opressões de raça e gênero, constituir-se enquanto negra(o) é um processo complexo. Valter Roberto Silveiro (2019) pontua que a construção do ser negro no Brasil se deu a partir de elementos de uma ausência ou ainda da negação de uma humanidade comum. Para o autor:

Ser negro (black, noir, etc.) foi, ao mesmo tempo, uma tentativa de apagamento da diferença étnica entre os não europeus de modo geral, em especial os descendentes de africanos, e de construção de uma identidade coletiva negativa, inferiorizante, portanto, colonizadora e construtora de um Outro mitologicamente sem história e sem cultura (SILVEIRO, 2019, p. 273).

Por essa razão, a liberdade de ser/existir para as populações negras em um país marcado pelo racismo nunca foi tarefa fácil nem no período escravista nem na contemporaneidade. Sobretudo porque ainda somos influenciados(as) por uma colonialidade persistente que, segundo Nelson Maldonado Torres (2007), “se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna” (TORRES, 2007, p. 131 *apud* OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 18).

Deste modo, nesta seção, trataremos de analisar a liberdade de “Ser” no sentido de compreendermos que somos livres para carregarmos a estética que desejarmos, principalmente reverenciando uma estética afro-diaspórica que segundo Ivanilde Mattos (2015)

é o movimento em que homens, mulheres, homossexuais, transexuais, gays e também as crianças negras adotam variações para os seus corpos e cabelos criando e recriando penteados de matriz africana, usando e abusando do tamanho dos fios, formas e cores, assumindo sua corporeidade nesse contexto de mudanças sociais, lutas históricas e hibridismo estético (MATTOS, 2015, p. 38).

A transição capilar se configura para muitas mulheres como uma prática de libertação dos padrões estéticos que dominaram o mundo moderno, não significando apenas a retirada da química do cabelo, mas, conforme bem menciona Oliveira (2020, p. 32), ela se apresenta “como parte de um processo, no qual mulheres negras por meio do seu cabelo e dos seus corpos têm questionado opressões de raça e gênero”. É um processo que nos ajuda a compor essa estética afro-diaspórica tão necessária na reelaboração de nossas identidades.

Desde a década de 1970 que o Movimento Negro Brasileiro vem realizando um trabalho significativo na autovalorização da estética negra, na reelaboração das identidades negras, na valorização cultural e religiosa, na política e sobretudo na inserção do povo negro nas instituições de ensino superior. Todas essas conquistas têm levado ao que Joice Berth (2019) chama de empoderamento.

Nesse sentido, inspirados em Freire, hooks, Collins, Davis, Batliwala, partimos daqueles e daquelas que entendem empoderamento como a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência. Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que ao fazê-lo entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro (BERTH, 2019, p. 153).

A autora nos chama a atenção que é na luta coletiva que teremos de fato conquistas reais de espaços de poder, onde possamos nos ver, nos perceber enquanto construtores da história, enquanto indivíduos que pensam, que sentem, que possuem afetos. É a partir da luta dos movimentos sociais e da construção de outras narrativas epistemológicas que nossa humanidade é reconhecida e emancipada efetivamente. Enrique Dussel (2012) considera esse quesito emancipatório como um movimento ético libertador, que consiste em mudarmos através da ação construtiva atos, subsistemas, normas etc. Podemos citar a Lei 11.645/10 como um exemplo de norma que busca uma ação construtiva, uma ética da libertação no campo do saber, da educação, de povos historicamente marginalizados.

Quando falamos sobre a construção de novas narrativas epistemológicas, não podemos deixar de nos referir aos estudos de Dussel (2012) sobre a *ética da libertação* que relacionaremos aqui com a temática de estudo desta pesquisa, no que concerne ao processo de transição capilar. Muitas meninas narram o sentimento de liberdade ao retirarem a química do cabelo. Quando perguntado para as participantes já transicionadas (T) no processo capilar o que isso significou, a expressão liberdade sempre aparece:

Ana Caroline (T): *Simplesmente liberdade de ser eu*

Ana Vitória (T): *Tudo! Hoje me sinto livre, me olho no espelho e acho linda a coroa que carrego na cabeça.*

Bruna Anunciação (T): *“Livre estou, livre estou Não posso mais segurar, livre estou, livre estou, eu sair pra não voltar, não importa o que vão falar”. Frozen, foi o que ouvi na minha mente assim que fiz meu BC (risos) Liberdade!*

Mayara (T): *Representou minha liberdade de poder ser quem eu sou, sem ser manipulada pela sociedade ou mídia, também representou minha aceitação como mulher negra e me devolveu minha autoestima.*

Mesmo sendo um processo dolorido (por conta do racismo), porque as críticas chegam a todo momento, assumir os cabelos crespos e naturais é muito significativo. Para muitas mulheres, fazer o *Big-Chop* (BC) significa um rito de passagem de libertação, já que o alisamento (analisado na perspectiva da negação do cabelo crespo por ser considerado feio) é um aprisionamento estético a padrões eurocentrados. Essa “prisão” é mencionada por muitas meninas que relatam a dificuldade e angústia que tinham em não poder tomar um banho de piscina, de mar, ou ainda por quantas vezes tiveram que correr da chuva em festas de largo para não perder a escova ou prancha dos cabelos: *“eu ia pra praia, mas não podia tomar banho porque ficava parecendo um pinto molhado”* (emoticons de risos) (Gisele, Diário Crespo I).

Queiroz (2000, p. 28), mencionado por Gomes (2019), traz para reflexão de como a raspagem do cabelo pode significar um rito de passagem “O autor chama atenção para o fato de que é comum cortar ou raspar os cabelos da cabeça por ocasiões de ritos de passagem, o que também é comum entre nós quando o ingresso na Universidade, nas prisões, nas instituições militares e religiosas (GOMES, 2019, p. 208-209).

No contexto desta pesquisa, e diante dos depoimentos, verifica-se que o “rito de passagem” pelo BC aqui, é algo libertador. A *ética da libertação* que Dussel nos apresenta é uma *ética da transformação* que está atrelada a uma tomada de consciência, ou seja, “o sujeito sócio-histórico se torna uma subjetividade libertadora só no momento em que se eleva a uma consciência crítico-explicativa da causa de sua negatividade” (DUSSEL, 2012, p. 533). Para o

autor, é reconhecendo-se como vítima e rompendo com a história que o indivíduo, excluído pelo sistema mundo, poderá libertar-se. Para Dussel (2018), a filosofia da libertação consiste em reconhecer a localização das culturas periféricas na história mundial se opondo às investidas da modernidade que colonizou, excluiu e negou a existência ontológica de indivíduos da diáspora africana.

Dussel (2012) nos convida a pensar num projeto que ele denomina “transmoderno”, um processo em que deve se iniciar com a descolonização e autovalorização dos povos e culturas pós-coloniais, desconstruindo conceitos estruturais e excludentes.

O problema que se descobre é o esgotamento de um sistema civilizatório que chega a seu fim. A superação da razão cínico-gerencial (administrativa mundial), do capitalismo (como sistema econômico), do liberalismo (como sistema político), do eurocentrismo (como ideologia), do machismo (na erótica), do predomínio da raça branca (no racismo), da destruição da natureza (na ecologia), etc., supõe a libertação de diversos tipos de vítimas oprimidas e / ou excluídas. É nesse sentido que a ética da libertação se define como transmoderna (já que os pós-modernos ainda são eurocêtricos) (DUSSEL, 2012, p. 65).

A transmodernidade pensada pelo autor é um projeto contra-hegemônico que busca valorizar o que o autor chamou de exterioridade da modernidade, como a valorização das culturas, o reconhecimento da humanidade de grupos historicamente marginalizados, o reconhecimento de saberes depreciados ao longo da história. É um projeto insurgente e necessário. Para Dussel (2012):

[...] o princípio da libertação enuncia o *dever - ser* que obriga eticamente a realizar a dita transformação, exigência que é cumprida pela própria comunidade de vítimas, sob sua responsabilidade, e que se origina, prático-materialmente, como normatividade a partir da existência de um certo poder ou capacidade (o ser) na dita vítima. Porque há vítimas com uma certa capacidade de transformação, pode-se e deve-se lutar para negar a negação anti-humana da dor das vítimas, intolerável para uma consciência ético-crítica. (DUSSEL, 2012, p. 559).

Em suma, quando se libertam as culturas, os pensamentos, os corpos de sujeitos silenciados secularmente, temos a possibilidade de alcançarmos a tão sonhada emancipação. Mas, para isso é necessário que as vítimas do sistema tenham a sua humanidade reconhecida, respeitada e possam assim participar simetricamente de um arcabouço social que respeite as alteridades sem que haja subjugação das mesmas. Já não cabe mais pensarmos em um padrão universal das coisas. Dussel (2016) aponta para um “pluriversotransmoderno (como muitas universalidades: europeia, islâmica, vedanta, taoísta, budista, latino-americana, bantu etc.”

(DUSSEL, 2016, p. 70). Compreender o mundo numa perspectiva intercultural, é, sem sombra de dúvidas, pensar em formas diversas de ser e estar no mundo.

Quando falamos na construção da identidade negra de forma positiva ao acompanharmos milhares de mulheres de diversas gerações assumirem seus cabelos naturais e incentivando tantas outras a fazerem o mesmo, percebemos que essas identidades são construídas dentro de uma coletividade que reconhece a liberdade de ser como algo fundamental. Gomes (2019, p. 28) entende a construção da identidade negra como um “movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora”. Ou seja, a autora nos aponta que nenhuma identidade é construída no isolamento.

Então, no contexto do *boom* da transição capilar, que vivenciamos na contemporaneidade, podemos também dizer que olhando para si e para o outro e reconhecendo beleza nos meus semelhantes é que construímos e ao mesmo tempo ressignificamos nossas identidades de forma positiva. Mesmo que isso ocorra de forma conflituosa, seja pelo enfrentamento diário do racismo, seja pelo conflito interno e desafiante de iniciar uma transição capilar. Podemos perceber ambiguidades nos depoimentos de Ângela, que alisa os fios (AF) porque ora diz se amar, ora diz que a questão estética para ela ainda é muito mal resolvida por conta dos traumas sofridos na infância. Por essa razão, ela não consegue iniciar o processo de transição capilar, embora tenha vontade.

Pesquisadora: *Ângela, uma vez você relatou em sala que não entrava em transição por conta das críticas que te marcaram a infância. Você poderia falar um pouco sobre isso pra gente?*

Angela (AF): *Sim, e até hoje quando falo em cortar meu cabelo sinto que pessoas não vão aceitar em me ver em transição. Fico com isso até hoje na cabeça, já esse ano mesmo, fui até o salão de Patrícia¹¹⁹ mas quando cheguei lá não consegui. Ela conversou comigo de todo jeito, mas penso que o povo vai falar e acabo desistindo.*

Pesquisadora: *Você já tentou entrar em transição capilar alguma vez? Se sim, o que te fez desistir?*

Angela (AF): *Minhas dificuldades é que eu penso que se eu entrar em transição é que meu cabelo não vai ter um desenvolvimento. Mas eu acho que é porque eu sempre tive meu cabelo Joãozinho e era apelidada de mulher homem.*

A estudante Ângela relata que, embora tenha uma enorme vontade de assumir os cabelos crespos, é tomada pelo medo de experienciar novamente o que viveu na infância. Os depoimentos acima apontam que, de fato, a construção de uma identidade negra positiva se dá

¹¹⁹ Cabelereira e proprietária de um salão que cuida de cabelos crespos e cacheados em Santo Amaro-BA.

a partir de relações de negação/aceitação/conflitos, como pondera Gomes (2019). Demonstramos ainda o quanto precisamos avançar nas discussões de valorização da alteridade e como os padrões europeus violentaram e ainda hoje violentam a nossa autoestima. Para Fanon (2008): “A consciência moral supõe uma espécie de cisão, uma ruptura da consciência com uma parte clara que se opõe a uma parte sombria. Para que haja moral é preciso que desapareça da consciência o negro, o obscuro, o preto. Então o preto em todos os momentos combate a própria imagem” (FANON, 2008, p. 163).

Quando a estudante diz *“acho que por isso que não entro em transição, meu cabelo é duro”* percebe-se que ela sente receio de sofrer as violências racistas vivenciadas na infância. Embora a estudante sinta vontade de iniciar o processo de transição capilar, o medo do racismo recair sobre sua estética, através do cabelo, fala mais alto. Fomos ensinadas a combater a nossa própria imagem, a negar todo e qualquer sinal que nos aproximasse da nossa negritude. O medo não é o da nossa imagem, mas do que o racismo fez e faz com ela. Libertar-se disso não é tarefa fácil, então, precisamos discutir não apenas esse processo como algo libertador, mas também a complexidade que envolve o processo de transição capilar que não deixa de estar envolto no ir e vir do “aceitar-se, “rejeitar-se”, “ressignificar-se”, aspectos esses que trataremos mais detalhadamente nas seções seguintes.

4.1 A TRANSIÇÃO CAPILAR E O PROCESSO DE “REJEIÇÃO”

Como vimos no capítulo 1, a inferiorização do corpo negro se deu aqui no Brasil a partir do processo de escravidão. É, a partir desse período, que os povos africanos e indígenas foram destituídos de suas histórias. Gomes (2019) aponta que o processo de colonização coisificou esses povos, provocando neles consequências negativas no campo cultural, histórico, econômico, subjetivo e psíquico. Para a autora, a coisificação imposta ao africano é apontada também como desencadeadora de um conflito no processo de autorrepresentação. O africano escravizado era tido como “coisa”, “peça”, “mercadoria”, logo era destituído de humanidade. Os anúncios de jornais do Diário de Pernambuco de 1830, analisados por Braga (2020) demonstram, dentre outras coisas, essa questão:

“Vende-se uma escrava, boa cozinheira, engoma bem e ensaboa, com uma cria de 3 anos, peça muito linda, própria de se fazer um mimo dela [...]” (Diário de Pernambuco, 28/04/1959)

“Vende-se uma escrava por preço tão favorável incrível no tempo presente por tal compra-la; a mesma escrava não tem vício e é quitandeira e só tem contra si uma figura desagradável e é o motivo por que se vende...” (Diário de Pernambuco, 23/09/1830) (BRAGA, 2020, p. 63-64).

Nos anúncios acima, podemos perceber as opressões postas, sobretudo às mulheres negras que eram violentadas de todas as formas pelos seus senhores. As expressões nos anúncios “*peças muito linda, própria de fazer um mimo*” e “*só tem contra si uma figura desagradável e é o motivo por que se vende*” denunciam para nós violências que atravessaram as mulheres negras escravizadas. Além de ditarem o que era bonito e o que era feio, os colonizadores, senhores de engenho, criaram, um processo de “seleção eugênica para fins sexuais”, segundo Braga (2020, p. 66).

As representações negativas sobre as populações negras atravessaram o tempo histórico. Para Gomes (2019):

Tais representações foram se metamorfoseando no decorrer da história: de incapacidade moral à incapacidade física e intelectual; de sexualidade exacerbada ao mito da “mulata” sensual. Fazem parte, portanto, de uma ideologia da escravidão que, a despeito do momento histórico em que foi formulada, possui força duradoura e, no Brasil, tem reforçado pela baixa condição social e econômica na qual se encontra a maioria dos negros desde a abolição (GOMES, 2019, p. 151).

A corporeidade negra não escapou a essas representações degradantes. Pelo contrário, segundo Da Mata (1983), citado por Gomes (2019, p.152), o corpo é “elemento central na elaboração ideológica formando a unidade básica do plano hierarquizador”. Para Gomes (2019), a reelaboração de uma estética negra contemporânea apresenta-se sobre um movimento de rejeição/aceitação. Ela pôde constatar isso ao analisar os depoimentos dos(as) interlocutores(as) de sua pesquisa.

Em sua tese, quando realizou no final da década de 1990 uma etnografia em quatro salões de beleza que trabalham com manipulação dos cabelos de homens e de mulheres negras, seja pelo alongamento, alisamento ou ainda o uso de permanente afro, Gomes (2019) analisa que a mudança na textura do cabelo vai muito além da visão simplista de uma vontade de tornar-se menos negro através das manipulações. Para a autora, a identidade negra no Brasil é extremamente complexa e é preciso levar em consideração que “é possível a identidade construir-se como reprodução de modelos existentes na própria cultura” (GOMES, 2019, p. 292). Ela também menciona que o padrão estético exaltado em nossa cultura é o branco e que isso influenciou no modo como as populações negras passaram a se enxergar no pós-abolição.

Em sua pesquisa, Gomes (2019) ressalta que nem sempre havia por parte das consumidoras e consumidor negro o desejo de “embranquecer-se” ou “amorenar-se”. O que a autora constata é um processo de rejeição/aceitação/ressignificação do corpo e do cabelo que

merecia e merece ser perscrutado com a devida atenção, longe de julgamentos e imposições, e, é claro, precisa-se levar em conta as condições impostas pelo colonialismo com a negação de nossos corpos.

No que se refere ao movimento *prol natural*, vale salientar que entendemos que ele não deve ser uma imposição para outras mulheres que não queiram usar naturalmente seus cabelos crespos, cacheados e optem pela manipulação de suas madeixas. Mesmo porque segundo Byrd e Tharps (2001), citadas por Gomes (2019), o processo de manipulação dos cabelos negros data do período pré-colonial, “as transformações, o uso e o simbolismo do cabelo fazem parte da dinâmica cultural” (GOMES, 2019, p. 331).

Ou seja, culturalmente falando, as populações negras pré-coloniais já tinham o hábito de manipular, transformar seus cabelos ou penteá-los de formas diversas. Como já mencionado, o cabelo dos povos negros nunca foi problema até o encontro com a cultura branca que estigmatizou e inferiorizou as características fenotípicas de homens e mulheres negras como aponta a autora: “o cabelo [...] no contexto da África pré-colonial era visto pelas diversas etnias como símbolo de status, de realeza e de poder. No contexto da invasão colonial e da escravidão, passa a ser visto como marca de inferioridade racial” (GOMES, 2019, p. 354).

Para Gomes (2019), o corpo negro foi ressignificado pela experiência cultural brasileira. Inclusive ela enfatiza as armadilhas dos julgamentos que se faz quando pessoas negras manipulam seus cabelos e menciona que “julgar uma pessoa negra que alisa o cabelo é intolerância e negação do direito de escolha” (GOMES, 2019, p. 194).

Acompanhamos, por exemplo, várias influenciadoras digitais, blogueiras, que promovem uma estética negra diversa e que fazem uso desde cabelos naturais ao uso de laces (perucas) alisadas, encaracoladas ou coloridas, fazem uso de tranças etc., ressignificando, assim, os símbolos corporais e identitários. Podemos perceber isso na imagem da influenciadora digital Camila de Lucas (Figura 32) que utiliza variadas formas e usos do cabelo. São ressignificações políticas e culturais sobre o corpo e a estética negra da contemporaneidade.

Figura 32: Influenciadora digital Camila de Lucas



Fonte: GSHOW. Disponível em:
<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/participante/noticia/camilla-de-lucas-explodiu-na-internet-durante-a-pandemia-e-recebeu-elogios-de-regina-case.ghtml>. Acesso em: 06 maio 2021.

O uso de laces não faz a influenciadora digital ser mais ou menos negra. Ela é simplesmente livre para ressignificar sua estética como quiser sem que isso afete seu trânsito identitário. Por essa razão, concordamos com Gomes (2019, p. 203) quando diz que “Naturais, *dreads*, *blackpower* ou tranças rastafári. Podem ser lisos ou alisados, levemente encaracolados, tanto faz. O importante é que você se reconheça neles”.

As ideias de Mattos (2015) aproximam-se das ideias de Gomes (2019). A autora relata que antes de ser pesquisadora havia sido cabelereira e que alisava cabelos de mulheres negras. Ela menciona que “o fato de alisarem os cabelos não as fazia menos negras do ponto de vista da consciência de raça” (MATTOS, 2015, p. 43). Percebemos que os processos de alisamento e de transição capilar passam por processos conflitivos e que nem sempre realizar a transição capilar significa a consolidação de uma identidade étnico-racial, bem como é um engano pensarmos que quem alisa é alienada no que se refere ao reconhecimento de sua ancestralidade. Como podemos notar nos depoimentos de Iasmim Dias, interlocutora que alisa os fios, porém sente muita vontade de iniciar a transição capilar.

Pesquisadora: *Yasmim, como você se vê identitariamente? Você se vê enquanto mulher negra?*

Iasmim Dias (AF): *Eu me identifico, tipo assim, não só pela cor que eu sou, preta, morena e também pelo cabelo alisado, né, porque tipo assim, eu poderia me considerar só se eu tivesse o cabelo cacheado, o black, mas não, eu me considero preta, mesmo tendo o cabelo alisado.*

Pesquisadora: *Como é a sua relação com sua autoestima?*

Iasmim Dias (AF): *Digo maravilhosa, tudo que tenho no meu corpo, apesar de não agradar a todos eu amo e me aceito exatamente como sou.*

Pesquisadora: *Você se lembra de quando mais ou menos você começou a se ver enquanto mulher negra? Como se deu essa construção?*

Iasmim Dias (AF): *Acredito que de uns 5 anos pra cá. Eu não tinha muito entendimento sobre essas questões (cabelo, cor de pele, racismo) aí hoje em dia eu entendo.*

Pesquisadora: *O que fez você ter esse entendimento?*

Iasmim Dias (AF): *Lendo sobre, vendo reportagens e conversando com pessoas.*

No depoimento de Iasmim, ela afirma que independentemente de alisar os cabelos, identifica-se como mulher negra. Observamos que o debate sobre a importância da valorização de nossa estética do cabelo crespo é extremamente importante, sobretudo porque as ambiguidades que recaem sobre a estética negra estão atreladas ao racismo. No entanto, não podemos perder de vista que é preciso que os povos negros tenham a liberdade de recriar e reelaborar sua estética sem que isso torne um problema ou ainda sinônimo de negação da identidade negra.

Para ilustrar melhor essa questão, Gomes (2019) relata uma história bastante curiosa que nos faz refletir sobre os discursos cristalizados a respeito de uma estética negra “politicamente correta”:

Lembro-me de uma história interessante contada por uma colega de militância sobre a viagem de várias ativistas negras brasileiras a Angola para um encontro com fins políticos. Segundo ela, as brasileiras passaram horas a fio nos salões étnicos e nas casas das trançadeiras. Fizeram penteados e tranças elaboradas no desejo de se apresentarem “eticamente corretas” diante das africanas. Ao desembarcarem no país não foi a sua surpresa e decepção ao encontrarem as angolanas com os cabelos alisados com pasta, alguns até muito ressecados pelo uso inadequado da química e pelas poucas condições de manutenção. [...] Entretanto, o fato de usarem o cabelo alisado não impedia que essas mesmas mulheres expressassem a riqueza da sua cultura e construíssem um discurso político sobre o racismo e a condição da mulher negra no contexto africano (GOMES, 2019, p. 196).

Ou seja, estar engajada(o) politicamente sobre as questões étnico-raciais e de identificação com sua negritude não significa necessariamente estar ou não com os cabelos naturais. O debate sobre a transição capilar se torna necessário, pois ela nos encaminha ao

combate de ditaduras estéticas as quais somos submetidas. Então, entendemos que essa estética afrodiaspórica deve ser baseada na diversidade e liberdade que os povos negros têm para se expressarem esteticamente, tomando sempre o cuidado de não criar outros padrões que engessam e violentam a corporeidade negra como se ela tivesse que ser padronizada ou única. Gomes (2019) adverte-nos que há de se tomar cuidado para o discurso de uma “estética politicamente correta”, pois muitas vezes ele

[...] acaba se tornando um tipo de julgamento encobridor de uma concepção racista que paralisa o negro e a sua expressão estética no tempo e não considera que, assim como outros grupos étnicos, eles também estão inseridos em uma sociedade em constante mudança, incluindo aí os padrões estéticos (GOMES, 2019, p. 195).

O que não podemos perder de vista na verdade é a necessidade de levantarmos o debate sobre como esses padrões estéticos nos aprisionaram durante séculos através dos mecanismos do racismo. Após vinte anos de realização da pesquisa de Gomes (2019), encontramos também nos depoimentos de nossas interlocutoras esse movimento de rejeição/aceitação diante do processo de transição capilar. Para a autora, esse processo de rejeição e aceitação do corpo negro é tenso e conflituoso e “permeia a vida dos sujeitos em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano, infância, adolescência, juventude e vida adulta” (GOMES, 2019, p. 139). Vejamos:

Pesquisadora: *Vocês se recordam de alguma situação constrangedora que passaram na infância, adolescência ou vida adulta por conta do cabelo?*

Vitória (T): *Fizeram um concurso na sala sem minha permissão, se não me engano na 6ª série, você tinha a opção de votar em mim, cabelo duro, ou na minha colega de classe, cabelo grande.*

Pesquisadora: *E esse concurso era pra quê?*

Vitória (T): *Pra ver qual era o cabelo mais bonito, a garota mais bonita, e claro, na votação ela ganhou pelo fato do cabelo dela ser grande e ondulado. O meu eu usava uma poupa e um “pega rapaz”¹²⁰.*

Pesquisadora: *Você se recorda de como se sentiu com resultado do concurso?*

Vitória (T): *Eu fiquei muito triste, mas nunca fui de levar desaforo. Disse umas coisinhas na altura da brincadeira e sair da sala.*

Jucilene (ET): *Eu, na 5ª série na escola as meninas não andavam comigo, pois diziam que eu tinha um cabelo duro e tal. Diziam que elas eram melhores que eu pelo fato delas ter o cabelo liso grande e eu não, meu cabelo era pequeno e duro. Depois dessa repercussão toda que aconteceu, minha mãe foi na escola e tal, daí pra cá eu nunca mais parei de alisar o cabelo. Tenho uma enorme vontade de cortar e tal, deixar black*

¹²⁰ Penteado que prende os cabelos e deixa uma mecha solta na parte da frente da cabeça.

mas quando eu lembro de tudo que passei e o que a família diz, que vai ficar feio e tal, fico com o pé atrás em cortar.

Vitória (T): *Eu alisei pranchei meu cabelo por muito tempo, depois cortei todo.*

Pesquisadora: *O que te levava a alisar?*

Vitória (T): *A maioria das meninas usavam o cabelo liso e por escutar tanta piada eu pranchei*

Pesquisadora: *E o que representou tirar a química do cabelo pra você Vitória?*

Vitória (T): *Tudo! Hoje me sinto livre, me olho no espelho e acho linda a coroa que carrego na cabeça.*

Como vemos, pela via do racismo, fomos desde muito cedo ensinadas a rejeitar a nossa corporeidade e, como já mencionado aqui, o cabelo e a cor da pele são os sinais dessa corporeidade que mais sofrem essa rejeição. Podemos perceber a violência do racismo na vida dessas garotas que através dos discursos do racismo à brasileira percebem que as características fenotípicas do corpo negro são tratadas de forma jocosa. Assim, em tom de “brincadeira”, as opressões têm trânsito livre, seja no espaço da sala de aula, seja na sociedade como um todo. Essas características compuseram e ainda hoje compõem, dentre outras coisas, o que Adilson Moreira (2019) chama de racismo recreativo:

Em uma ocasião recente, muitos foliões e foliãs se fantasiaram de negros em uma conhecida cidade turística. Pintaram a cara de preto, vestiram perucas de cabelos crespos e acentuaram seus narizes, bocas e nádegas para se aproximarem da figura estereotipada de uma pessoa negra. Alguns desses homens brancos e algumas dessas mulheres brancas reproduziam trejeitos que para eles correspondiam à forma como pessoas negras se comportam. Alguns faziam gestos tresloucados ou imitavam pessoas bêbadas para retratar homens negros, e outros assediavam homens brancos para exprimir a suposta sexualidade exacerbada da mulher negra” (MOREIRA, 2019, p. 18).

Os estereótipos representados acima na situação relatada pelo autor denunciam uma sociedade racista e que ainda hoje busca inferiorizar as populações negras. Os padrões estéticos impostos ao corpo negro são formas de ferir o psicológico de homens e mulheres que tiveram e ainda têm sua autoestima fragilizada pela lógica hegemônica, eurocêntrica, patriarcal e racista, a partir da qual o Brasil foi construído.

O autor supracitado acrescenta que, na ocasião relatada, alguns comentários viralizaram nas redes sociais em tons de protestos afirmando que ser negro não é sinônimo de fantasias e outros tantos comentários de pessoas brancas que diziam que não, ora, eles estavam apenas brincando e de certa forma homenageando os negros (MOREIRA, 2019, p. 19). É como se o

racismo fosse algo banal, exagero, imaginação de gente preta ou *mi-mi-mi*¹²¹, como se diz hoje em dia. Nesse sentido, Dussel (2018) aponta-nos que o sistema tende a colocar os oprimidos como culpados de sua exclusão social, assim o sistema os acusa de usar da vitimização para justificar sua pobreza e condição vulnerável.

A jovem Jucilene sofreu com a exclusão por parte de outras garotas pelo fato de ter os cabelos crespos, ela encontra-se em transição (ET), tem usado tranças para passar pelo processo e relata que já o iniciou várias vezes. Sendo um desejo dela, esperamos que não só consiga passar pelo processo de transição, no entanto o mais importante é que ela consiga superar os traumas vivenciados desde a infância por conta de sua estética! O caso relatado por Jucilene demonstra mais um exemplo de como é difícil se desvencilhar dessa ditadura da beleza que dita o que é bonito e o que é feio.

Observamos que embora a jovem Ana Vitória relate que a retirada da química do cabelo representou *tudo* para ela e que se sente *linda com a coroa que carrega na cabeça*, percebemos que o processo de transição capilar, muitas vezes, não ocorre sem que haja conflitos impostos pelo racismo. Passados uns dias após Ana Vitória ter dito que se acha linda com seu cabelo *blackpower*, a jovem, que já passou pela transição desabafa no grupo *Diário Crespo I*:

Ana Vitoria (T): Boa tarde gente! Cortei meu cabelo! Não estava mais aguentando algumas piadas. Eu ia alisar, mas decidir cortar e amanhã vou colocar tranças. (posta a foto do cabelo cortado)

Pesquisadora: Vai colocar as tranças por conta das críticas?

Ana Vitoria (T): Também. O fato de eu não gostar de pentear, tenho escutado umas piadas

Pesquisadora: Como você tem lidado com essas críticas? Isso te afeta de alguma forma?

Ana Vitoria (T): Sim, até porque depois de escutar umas piadas eu parei mesmo de pentear. Lavo e quando seca eu prendo logo. Eu já não tenho auto estima, então é difícil, mas creio que de tranças me sinta melhor.

Pesquisadora: Pode nos dizer quais foram essas críticas?

Ana Vitoria (T): Que tá feio! Ressecado. Perguntam por que eu não aliso para abaixar o volume.

Pesquisadora: Pensa em retornar a química por conta dessas críticas?

Ana Vitoria (T): Creio que não. Só vou dá um tempo no meu black mesmo. Descansar meu psicológico

Pesquisadora: Então essas questões mexem com o seu psicológico?

¹²¹ Expressão utilizada por pessoas que se incomodam quando a questão racismo é colocada em questão. Pessoas racistas não compreendem que a sociedade brasileira é estruturada a partir do racismo, desse modo, quando se escuta uma reivindicação de pessoas negras, diz ser *mi-mi-mi*, ou seja, conversa sem sentido, sem importância, enfim, uma queixa infundada e, no limite, infantil.

Ana Vitória (T): Muito! Mesmo!

Bruna: Mas menina você é maravilhosa! Você precisa acreditar nisso!

Ana Vitória (T): Obrigada nega! Isso mexe muito comigo, é chato e eu sou agressiva, me controlo para não dá uns socos! (emotiocons de risos).

Quando Ana Vitória verbaliza que precisa “descansar seu psicológico”, ela quer nos dizer que está cansada desse racismo insidioso que agride diariamente a sua corporeidade. Ela é interpelada por carregar uma *estética afirmativa*. Isso é extremamente violento, pois, para proteger seu psicológico, ela precisa afastar-se de sua imagem que é constantemente rejeitada. Para Luciana Falcão Lessa¹²² (2020), é preciso que haja

[...] uma busca por nós mesmos, a fim de entender algumas questões existenciais e empíricas, não no plano filosófico, a exemplo de: “Quem somos?”, “De onde viemos?”, mas de entender a construção do mundo psicológico de sujeitos que vivem numa estrutura onde sofrem violências cotidianas, tanto físicas quanto psicológicas, considerados cidadãos de segunda categoria, vivendo sob um clima de tensão e inferiorização permanente, disputando espaços, lutando por direitos civis que lhes são historicamente negados. Esse ambiente repressor pode produzir consequências devastadoras para a saúde física e mental desses sujeitos (LESSA, 2020, p. 71).

Corroboramos com as ideias da autora porque, de fato, o colonialismo deu conta de estilhaçar a autoestima e subjetividades de homens e mulheres negras. No caso de Ana Vitória, entre o achar-se linda com seu cabelo *blackpower*, que lhe parecia uma coroa, e a decisão em trançar os cabelos para descansar seu psicológico, existe o conflito da rejeição provocada pelo racismo. Lessa (2020) acrescenta que

Talvez, a opressão da nossa subjetividade seja uma das principais estratégias do racismo, pois secundariza os nossos sentimentos, a nossa beleza, as nossas práticas culturais, a nossa história, enfim, nos inferioriza. Trazer para o centro do debate a descolonização da subjetividade e da afetividade implica o desenvolvimento de outra consciência baseada em outras categorias culturais e ideológicas, que assegure uma imagem não alienada de si. Só assim, e através de uma postura política, é possível agir na causa do conflito, isto é, nas estruturas sociais e, consequentemente, a descolonização material e epistemológica serão possíveis (LESSA, 2020, p. 87).

Para a autora, uma sociedade estruturada no racismo, nas opressões de gênero e de classe produz “efeitos devastadores no plano psíquico dos menos favorecidos: sofrimentos,

¹²² Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1998), mestrado em História Social pela Universidade Federal da Bahia (2005) e doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora - Secretaria de Educação, tutoria presencial da Universidade Federal da Bahia, professora da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas e pesquisadora do Coletivo Angela Davis. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/3439128/luciana-falcao-lessa-da-anunciacao> Acesso em: 07 out. 2021.

submissão, sentimento de inferioridade (LESSA, 2020, p. 85). Podemos perceber esses sentimentos permeando as subjetividades não apenas de Ana Vitória, mas de outras jovens que também foram e ainda são atingidas pelos estereótipos sobre suas corporeidades. Segundo Ana Célia da Silva¹²³ (2019): “A pior das consequências da ação do estereótipo é a autorrejeição e a rejeição ao seu igual, é esse ódio contra si próprio que a ideologia coloca no oprimido, um tipo insidioso de inferiorização que resulta em desagregação individual e desmobilização coletiva” (SILVA, 2019, p. 50).

De acordo com essa autora, ao promover o estereótipo, “a ideologia consegue impelir o próprio estereotipado a internalizar a sua imagem negativa com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo” (SILVA, 2019, p. 49). Logo, por estarmos dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo, aprendemos na rua, na escola, nas estações de metrô ou em qualquer outro espaço a rejeitarmos a nossa imagem. Sobre esta questão, Winne de Campos Bueno¹²⁴ (2019) menciona também que: “Ao retratar as mulheres negras através de estereótipos que as desumanizam, os grupos dominantes estabelecem uma miríade de justificativas que buscam perpetuar as iniquidades sociais e violências que eles impõem as mulheres negras em todo o globo” (BUENO, 2019, p. 73).

Quando essa imagem é destituída de humanidade, é preciso resistir o suficiente para não cairmos nas armadilhas persistentes do colonialismo que sabe muito bem como nos inferiorizar. Desse modo, mesmo que essas jovens assumam sua textura capilar crespa ou cacheada, o processo de aceitação delas nos meios sociais que frequentam poderá levá-las a vivenciar as violências dessa sociedade racista. Embora Ana Vitória nos diga que não volta a alisar os cabelos por conta da crítica, recorrendo ao uso das tranças, atitude que podemos considerar

¹²³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (1968), Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1988) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2001). Fez curso de Especialização em Introdução aos Estudos Africanos em 1986 pelo Centro de Estudos Afro Orientais/UFBA, com duração de 640 horas. Atualmente é professora Adjunto da Universidade do Estado da Bahia no Departamento de Educação, Campus I e no Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estereótipos em relação ao negro no livro didático de Língua Portuguesa das séries iniciais, desconstrução, representação social do negro nos livros didáticos de Língua Portuguesa das séries iniciais, e educação das relações étnico raciais. Eleita Membro Titular do Conselho Estadual de Cultura, referendada pela Assembleia Legislativa em 18 de outubro de 2007, para compor a Câmara de Política Sociocultural, publicado no D. O. de 18 de outubro de 2007. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3493664/ana-celia-da-silva> Acesso em: 07 out. 2021.

¹²⁴ Yalorixá. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS). Mestre em Direito pela Universidade do Vale Rio dos Sinos (Unisinos/RS) na linha de pesquisa Sociedade, Novos Direitos e Transnacionalização. Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Discute temas voltados às questões raciais, gênero e sexualidades, direitos humanos, intolerância religiosa e pensamento feminista negro. Colabora junto aos movimentos sociais através da promoção de cursos, palestras e oficinas voltadas às áreas temáticas anteriormente citadas. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7576895/winnie-de-campos-bueno> Acesso em: 07 out. 2021.

como uma estratégia de resistência, outras jovens relatam a vontade de retornar a química por conta de críticas racistas que chegam até elas. Vejamos o depoimento abaixo:

Pesquisadora: *Quais foram as reações dos garotos quando vocês fizeram a transição?*

Anairan (T): *Perguntaram por que eu cortei e não continuei alisando e falaram que meu cabelo é duro...*

Pesquisadora: *Isso te fez em algum momento pensar em voltar a alisar?*

Anairan (T): *Sim, várias vezes. Minha mãe outro dia disse que iria comprar um produto pra soltar mais os cachos e minha vizinha perguntou como eu fazia pra pentear ele porque ela não aguentava pentear o dela se não relaxasse.*

Pesquisadora: *E você quer alisar?*

Anairan (T): *Às vezes penso sobre...*

Pesquisadora: *Pensa em alisar mais por conta de sua vontade ou por conta do olhar do outro sobre você?*

Anairan (T): *Por causa do olhar de outra pessoa. Nunca soube lidar direito com comentários negativos. Eu nem ligo tanto sabe? Mas quando eu coloco na mente, já foi... vira um problema*

Pesquisadora: *Como assim um problema?*

Anairan (T): *Abala meu psicológico demais. Mas um dia desconstruo essa imagem de mim mesma!.*

A pesquisa nos revela que por mais que tenhamos meninas buscando outros referenciais estéticos, assumindo as texturas de seus cabelos, autoafirmando-se belas e empoderadas, existe uma fragilidade na autoestima dessas garotas que precisa de cuidados. O racismo é violento demais e o fato de assumirmos uma textura capilar não nos confere imunidade às opressões nem a cura imediata dos traumas provocados pelo racismo. Anairan pontuou que nunca se achou bonita “*são poucas as vezes que me olho no espelho e me acho bonita*” e ainda pensa em voltar a usar química por conta do “olhar do outro”. Isso é forte, é violento demais com uma garota de 22 anos e isso acontece com milhares de garotas negras mundo afora. Fanon (2008) reflete sobre o mecanismo psicológico criado pelo mundo branco para oprimir corpos negros. Segundo o autor, o peso da experiência vivida pela(o) negra(o) está sempre violentada pelo olhar branco.

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto! (FANON, 2008, p. 108).

Anairan pensa em voltar à química não por ela, mas pelo olhar do outro que a disseca e a violenta. Oliveira (2019) reflete que a passagem pela transição capilar nos direciona a uma grande mudança subjetiva. Quando perguntada pela banca de qualificação sobre o que essa pesquisa me trazia de novo, vejo que, na verdade, eu não imaginava encontrar tantas fragilidades emocionais experienciadas pelas jovens em relação ao processo de transição capilar. Layla é uma das garotas que mais incentiva as outras a se acharem bonitas, poderosas e a não se importarem com o que as pessoas falam etc. Em uma de nossas discussões no *Diário Crespo I*, percebi quantas ambiguidades sobre autoestima, autoamor, autorreconhecimento existem no processo de transição capilar e nos padrões colocados sobre corpos femininos, como eles são ainda mais perversos com as mulheres negras.

Pesquisadoras: Meninas vocês se acham bonitas?

Layla (T): Tem vezes, e não são poucas que eu me acho feia

Pesquisadora: Sério?

Layla (T):: Sim! Como eu casei, aí por conta de anticoncepcional acabei engordando. E eu gostava do meu corpo. Usava 36 e pesava 57. Agora uso 40 e peso 63. Se tivesse dinheiro queria uma consulta no psicólogo.

Anairan (T): Penso também assim rs... (sobre necessitar de um psicólogo)

Pesquisadora: Sente-se deprimida por conta de sua estética ou são outras questões?

Layla (T):: Outras também

Anairan (T): Mais por conta da estética. Isso me afeta desde muito nova

Pesquisadora: Você deseja falar sobre isso Anairam?

Anairan (T): Sim! Então... desde criança eu sofri bullying por causa da beleza, principalmente nas escolas. Muitas das vezes por ouvir comentários ruins das pessoas eu chegava em casa e começava a chorar. Deixei de usar short por causa das minhas pernas, tentava ao máximo cobrir o corpo. Já evitei de sair por causa disso também. Então desde então o meu pensamento sobre isso não mudou. Eu tento sabe? Mas é difícil!

A busca de novos referenciais identitários passa pelo crivo do conflito. Como menciona Gomes (2019, p. 151), “a contradição rejeitar-se e aceitar-se como negro e, mais ainda, rejeitar-se como negro para ser aceito socialmente, constitui a vivência cotidiana desses sujeitos”. Quando a estudante Anairan fala que sofreu *bullying* por conta de sua aparência, sabemos que não foi *bullying*, na verdade, ela sofreu racismo.

Então, consideramos que, ao retirarmos a química do cabelo, essa estética é visualmente ressignificada, porém, a reelaboração subjetiva não se dá assim de forma tão instantânea. Para que ela ocorra, demanda tempo, cuidado e um exercício diário de autoamor e resistência. Quando Anairan menciona que pensa em retornar à química do cabelo por conta das críticas,

percebemos como o processo de transição capilar é também marcado por esses conflitos que abalam o psicológico dessas jovens que assumem necessitar de ajuda psicológica para superar traumas construídos sobre suas imagens, seja na infância ou na vida adulta. Existe também uma preocupação sobre o olhar do outro em relação à sua imagem. Fanon (2008) menciona quão violento é o racismo e como ele afeta não somente o âmbito social, econômico de indivíduos negros como também provoca consequências psíquicas:

Seria interessante considerar, por exemplo, uma descrição da esquizofrenia vivida por uma consciência negra(...) qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco. Há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo *acional*. O sentido da sua ação estará no outro (sob a forma do branco), pois só o outro pode valorizá-lo (FANON, 2008, p. 136).

Assim, é importante reiterarmos que não consideramos o processamento dos fios um problema, mesmo porque defendemos a ideia de que a transição capilar não deve ser imposição para estética da mulher negra! Defendemos, sim, a liberdade de uma estética que possa ser reelaborada de forma positiva longe da perversidade do racismo. Não é o uso da química para alisar ou cachear que buscamos problematizar, mas o motivo que leva muitas de nós a alisar o cabelo desde crianças. É a experiência da negação dos nossos fios que necessariamente nos encaminha ao alisamento.

Ainda hoje, esse processo de negação é alimentado nos espaços sociais que transitamos. A escola, infelizmente, é um lugar que ainda ajuda a construir esse sentimento de negação/rejeição em crianças e jovens. Uma estudante relata, por exemplo, que quando era criança tinha um sonho de ser a rainha do milho, mas ela nunca se candidatava porque no imaginário dela não existia rainha de cabelo “duro”. Uma outra relata que a própria professora escolhia as meninas brancas e de cabelo liso para fazer o papel e que não tem lembrança de ter tido na escola em que estudava uma rainha do milho negra e de cabelo crespo¹²⁵. Essa é uma realidade muito frequente até os dias de hoje. As práticas pedagógicas e éticas que lutam contra o racismo ainda estão “engatinhando” na construção de um espaço escolar onde seus agentes respeitem e valorizem a diversidade. E o(a) professor(a) é sujeito fundamental nessa construção já que ele(a) é “imprescindível no processo de desmistificação das ideologias veiculadas através do currículo escolar e no processo de reelaboração do saber do aluno” (SILVA, 2019, p. 79).

No contexto desta pesquisa, percebemos através dos relatos das interlocutoras que a transição capilar pode ajudar na ressignificação identitária, mas não é ainda suficiente para

¹²⁵ A rainha do milho é uma personagem muito comum em quadrilhas e festas juninas (festa de São João e São Pedro) de várias localidades do Nordeste.

eliminar as fragilidades ocasionadas nas subjetividades dessas garotas. De acordo com Lessa (2020):

Para compreender o mundo psicológico, teremos obrigatoriamente que trazer para a discussão a realidade social na qual o fenômeno psicológico evolui, isso significa compreender de que forma a sociedade está organizada. E a sociedade brasileira, especificamente, está organizada de forma hierárquica e desigual, e essa desigualdade se organiza em torno de alguns eixos principais: raça, classe, gênero e sexualidade (LESSA, 2020, p. 83).

A autora entende que a subjetividade é produto das relações sociais, sendo o Brasil um país estruturado em opressões de raça, classe, gênero e sexualidade, logo as subjetividades de homens e mulheres negras serão marcadas por essas violências que hierarquizam e desumanizam as populações historicamente marginalizadas.

Ao escutar os relatos das jovens sobre suas experiências com o corpo, observamos o modo como o racismo afetou a autoestima das garotas e como superar os traumas vivenciados na infância, mesmo para as garotas que já passaram pela transição capilar, é um desafio diário.

Pesquisadora: Qual a relação que vocês têm com a questão da autoestima? Podem falar um pouco sobre isso?

Bruna (T): A minha autoestima já oscilou muitas vezes, tem dias que são realmente difíceis. Pra mim a adolescência foi a fase que mais abalou minha autoestima, devido as mudanças e adaptações que são da própria fase. Acredito que hoje, a minha autoestima amadureceu um pouco mais. Como eu, as vezes um olhar ou uma opinião sobre mim, me deixam reflexiva, com raiva, e até mesmo entristecida. Eu me permito ter esses momentos, mas me esforço para não passarem de momentos. Tento olhar de outro ângulo, e usar essas frustrações para me fortalecer, porque ainda tem o sistema, somos bombardeados.

Anairan (T): Na maior parte do tempo é uma relação ruim, mas existem aqueles dias que acordo de bem comigo mesma. Minha autoestima é baixa, mas não é só sobre aparência, envolve um pouco de tudo. Sou muito insegura sobre as coisas relacionadas a minha própria vida, porém é algo que sei que precisa mudar e luto por essa mudança. A autoestima precisa ser debatida bastante hoje em dia. Às vezes o povo leva na graça, mas só quem passa sabe como é difícil sair disso.

Ângela (AF): A escola foi onde eu sofri com isso. Eu por ter meu cabelo pequeno e negra eu ficava isolada. Tinha dia de eu nem querer ir pra escola.

Pesquisadora: E as professor(as) falavam algo?

Ângela (AF) A professora falava que não era para eu deixar eles fazerem isso comigo. Só que eu não tinha palavras para falar nada. Aí eu fazia chorar muito e achar que eles estavam certos de mim tratar assim porque era negra mesmo não ia mudar.)

Pesquisadora: Você achava que eles estavam certos de fazer isso com você porque era negra?

Ângela (AF) com certeza porque era negra, cabelos crespos, nariz grande e etc. Cheguei a pensar que não deveria nunca ter nascido, mas depois tudo foi se

esclarecendo, comecei ir a passeios onde tinha os encontros de pessoas muito especiais.

Pesquisadora: *Nossa! Eram encontros de quê?*

Angela (AF) *Eram encontros de capoeiristas onde vinham pessoas que me via com outras qualidades. Cheguei até a ir pra o carnaval para o desfile de Tonho matéria.*

Pesquisadora: *Você é capoeirista? Como você vê então a capoeira nesse processo que você chama de esclarecedor?*

Angela (AF) *A capoeira foi muito especial. A capoeira pra mim é uma coisa que faz com que eu me solte porque fala tudo sobre a vida do negro. Meu pai é mestre. Tenho tanto orgulho...*

Pesquisadora: *Pode falar um pouco mais sobre essa relação sua com a capoeira e como isso foi positivo pra você?*

Angela (AF) *Ah... minha relação com a capoeira é onde me sustenta, me faz eu ter orgulho da minha cor, meu cabelo, quando eu entro na roda de capoeira tudo fica lindo pra mim. Hoje me amo e sou adorada onde passo.*

Nos depoimentos acima, percebemos como o racismo afetou o psicológico e a autoestima dessas jovens que buscam diversas formas de superar os traumas provocados. Seja pela consciência de que é preciso buscar ajuda para superar a baixa autoestima, como salienta Anairan, seja através de um exercício diário de reconhecimento da perversidade do racismo, como demonstra a estudante Bruna, ou ainda encontrar refúgio em atividades culturais como a capoeira, como menciona Ângela. Os relatos desta última são extremamente fortes e percebemos como o racismo operou em sua vida a ponto de a jovem achar que não merecia ter nascido. Ouvir isso de uma garota, que tem sua autoestima dilacerada pelas opressões do racismo, causa-nos repulsa e indignação frente a esse sistema opressor e violento que se estende a centenas de anos em nosso país. Os sentimentos de Ângela aproximam-se com os vivenciados por Gonzalez (2020) quando a autora relata que “quando eu olhava no espelho eu não enxergava um corpo negro. Comecei a acreditar até mesmo em reencarnação, achando de um jeito subliminar que talvez eu houvesse feito algo de errado em uma vida passada e por isso era negra” (GONZALEZ, 2020, p. 283).

Tanto Ângela quanto Gonzalez (2020) relatam como o estigma da cor foi construído em suas subjetividades como um defeito ou castigo. As leituras de Fanon (2008) nos ajudam a compreender a psicologia do colonialismo em nossas vidas e como a negação de nossos corpos e histórias mexeram contundentemente com nossas cabeças. Com o apagamento da história, cultura, das línguas de populações negras e com a política usada para justificar a violência da colonização, o autor menciona que “provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra” (FANON, 2008, p. 46).

Nós, mulheres de cabelos crespos, fomos educadas desde a infância a vislumbrar um cabelo liso que não tínhamos, fomos educadas a pensar que ter cabelo crespo é estar fadada a ter o trabalho de penteá-lo a vida toda. A menos que o alisemos. Nós, mulheres nascidas na década de 80 (sem contar aquelas anteriores a esse período), tínhamos os cabelos penteados a seco, o que nos causavam dores no couro cabeludo, e aquelas subjetivas, guardadas em nossas memórias. Desejávamos alcançar a adolescência para poder processar nossa cabeleira ou com o ferro¹²⁶ ou com química. bell hooks (2005), em seu famoso texto *Alisando o nosso cabelo*, diz que a ritualística do alisamento capilar era como se fosse uma passagem da condição de menina para torna-se mulher. Podemos encontrar essa ideia neste depoimento de Bruna:

Pesquisadora: *Vocês se recordam com quantos anos fizeram o primeiro alisamento no cabelo?*

Bruna (T): *Minha primeira química eu apliquei com 12 anos. Minha mãe dizia que só ia aplicar algum alisamento em meu cabelo depois que eu ficasse mocinha (risos). De início eu fiquei muito feliz! Me achei “mulher” (risos). Meu cabelo continuou com os cachos, só que mais abertos. Eu lembro que era o casamento de um tio meu, e por isso minha mãe aplicou o relaxamento. Era uma “ocasião especial”.*

Pesquisadora: *Se achava criança com os cabelos naturais?*

Bruna(T): *Sim! Minha mãe e minhas tias falavam que os alisantes não eram para crianças. Então, quando eu apliquei, achei que já era mulher (risos).*

Assim como bell hooks, Bruna, eu e tantas outras mulheres negras desejávamos o tão sonhado dia em que alisaríamos o cabelo. O alisamento dentro de um contexto de negação de traços negroides é um passaporte ao padrão branco aceito. Tentar se enquadrar nesse padrão é um aprisionamento que afeta nossas subjetividades. Por isso, presenciar na contemporaneidade milhares de meninas ou mulheres abandonando a química e assumindo um cabelo negado por séculos é um importante processo histórico que reelabora positivamente a estética negra.

Assim, fortalecer a autoestima de mulheres negras é fundamental no que diz respeito à autoaceitação. Quantas de nós ficávamos feito japonesas, com os olhos puxados de tanto que nossas mães prendiam nossos cabelos? Era preciso esticá-los o suficiente para “domá-los” como se eles fossem feras ferozes e precisassem ser “aprisionados”, “amansados”. Quantas de nós, já na fase da adolescência para a adulta, “viciadas” na Guanidina¹²⁷, corríamos ao salão para

¹²⁶ Instrumento utilizado para esticar os cabelos. Criado na década de 1930 do século passado. O uso do ferro ou do pente quente não necessitava chegar à adolescência para ser usado. Muitas meninas tinham seus cabelos chapados bem antes desta fase da vida.

¹²⁷ Hidróxido de guanidina utilizado no processamento dos cabelos. Esse produto químico pode causar alergias e queimaduras no couro cabeludo. Embora o produto seja considerado seguro pela Anvisa, no ano de 2014, Maria Cleide Lopes da Silva, baiana de 36 anos, faleceu após o uso de produto a base de Guanidina. Informação disponível no site <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/01/mulher-de-36-anos-morre-apos-aplicar-produto-em-cabelo-afirma-familia.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

reaplicar o produto logo quando um centímetro do cabelo natural crescia? A colonização mental fez isso com as mulheres negras deste país. Negar-se a si mesmas. Para Neuza Santos Souza (1983, p. 18), “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “torna-se gente”.

Desconstruir essas ideologias construídas e racializadas secularmente é um processo em curso. Com os debates sobre empoderamento, a importância da autoestima, valorização da estética negra, as Marchas de Empoderamento Crespo etc., construímos uma rede antirracista potente que tem ajudado mulheres de várias gerações a se entender com sua autoimagem. Desse modo, analisaremos, na seção seguinte, a partir das experiências de nossas interlocutoras, se o processo de transição capilar tem colaborado na reelaboração de suas identidades à medida que assumem suas texturas naturais.

4.2 A TRANSIÇÃO CAPILAR E O PROCESSO DE “ACEITAÇÃO”

O negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir

(FANON, 2008, p. 95).

Embora a pesquisa tenha nos revelado que o processo de aceitação da autoimagem e autoestima dessas jovens através da transição capilar seja repleto de conflitos, percebemos também que a busca de um referencial estético negro através do processo de transição capilar provoca em muitas garotas o reconhecimento de uma imagem positiva. Os depoimentos de Ana Caroline e Layla são exemplos de como elas têm buscado compreender o processo do racismo e se olhar também de uma forma positiva:

*Ana Caroline: Bem, eu sempre me achei bonita, mas a sociedade é cruel, de muitas formas padroniza isso na cabeça das pessoas, por exemplo, o tipo de corpo ideal, cabelo ideal etc. Tem uma música da Beyoncé que fala muito sobre isso, que inglês é *PrettyHurts*” beleza dói. Nessa música diz exatamente o que todas mulheres passam, e que a beleza é a doença da nação. Enfim, eu me achava bonita mas fui adquirindo receios referente algumas partes do meu corpo onde as pessoas criticavam. Eu fui muito abençoada por ter pessoas positivas do meu lado que me enxergava de uma forma muito linda e me dizia isso, mas sei que nem todas têm essa oportunidade e aí começa muitas inseguranças, mas eu sabia que precisava buscar também por mim mesmo e foi tomando a decisão de cortar o cabelo entre outros fatores né? E, eu tive*

que fazer muito exercícios internamente, ainda faço, de me elogiar na frente do espelho, e dizer pra mim mesmo algumas qualidades, às vezes é difícil, mas forço, e com isso fortaleço minha autoestima e desconstruindo em mim que as pessoas não precisam dizer que estou bonita para eu me sentir bonita. Eu tenho consultas com uma psicóloga, creio que todos deveriam ir...é algo muito bom...Então esses dias eu estava falando com ela sobre esse assunto né, e ela me disse que tudo depende de nós, porque é do interno para o externo.

Layla (T) *Para as meninas que estão entrando em transição, só corte o cabelo quando você se sentir bem. Busque sua inspiração, se ame acima de tudo, se ache linda todos os dias durante este processo e não ligue para o que as pessoas vão falar. As críticas de hoje serão os elogios de amanhã.*

Nos relatos acima, as jovens mencionam a importância de trabalhar sua autoestima como algo de dentro para fora. E, de fato, quando iniciamos um processo de ressignificação positiva da nossa autoestima, conseguimos superar com mais facilidade as críticas externas que surgem no processo de transição capilar.

Vale mencionar que não depende apenas de nós a superação dos estereótipos introjetados em nossa imagem. É preciso levar em conta que nem sempre esta preparação interna ocorre de forma tão planejada, porque, como já dito, as marcas do racismo não se diluem com um “simples” corte do cabelo. Entretanto, concordamos com Joice Berth (2019, p. 114) quando diz que é “inquestionável que, sem o fortalecimento da autoestima, não temos força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento”.

Por isso, a liberdade de estar livre do alisamento é inenarrável. Mesmo que saibamos que centenas de mulheres que processam os cabelos têm sua autoestima elevada, percebendo-se como mulher negra etc., é importante frisar que quando se trata de reconhecimento da beleza da mulher negra, há um salto na história de como nos enxergamos e nos reelaboramos identitariamente. Fanon (2008, p. 108) nos diz que “desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”.

O autor indica-nos ainda que é preciso desalienar o negro para que ele possa se reencontrar. Não pretendemos dizer aqui que isso tem sido uma tarefa fácil, mas observamos um processo de desalienação estética em curso. Para Fanon (2008), reconhecer a sua condição humana foi algo libertador. “O branco estava enganado, eu não era primitivo nem tão pouco um meio-homem” (FANON, 2008, p. 119). O autor segue sua argumentação, enfatizando a existência de um povo forte, com deuses e rainhas que sabiam construir casas, administrar impérios, que tinham religiões, costumes baseados na solidariedade, que tinham e tem arte, monumentos, histórias, escolas, hospitais, ciência, engenharias etc. Aqui, Fanon (2008) nos mostra a humanidade efervescente das populações negras.

O reconhecimento dessas epistemologias e de novas narrativas foram ao longo desses anos fundamentais na construção de um novo modo de se ver e de ser. Podemos sentir essas mudanças, sobretudo no modo como muitas de nós mulheres negras nos enxergamos. A estética negra que durante séculos habitou na *zona do não-ser*, começa aos poucos a sair desse lugar. A ostentação pelo cabelo cacheado ou crespo, por exemplo, é visível em diversos espaços das sociedades, seja nas ruas, nos bairros, nos espaços escolares, nas repartições públicas, na mídia televisiva etc. Para Mattos (2015):

[...] há um movimento nacional que tem garantido vários encontros reunindo, na sua maioria, mulheres negras que discutem a partir do fim do uso das químicas alisadoras dos fios uma nova proposta de afirmação estética, na qual cabelos naturais sejam eles crespos; cacheados; ondulados; enrolados; transinetes e o *Black Power* passam a ter novos significados para a construção e reconstrução da imagem do “ser negra” (MATTOS, 2015, p. 46).

A Figura 33, na página seguinte, traz o registro da Marcha do Empoderamento Crespo na cidade de Salvador-BA e nos mostra a potência desse movimento com homens, mulheres, crianças e idosos(as) indo às ruas para afirmarem sua estética e reivindicarem direitos secularmente negados às populações afrodiáspóricas.

Ao assumirmos um cabelo contrário aos referenciais europeus, estamos criando uma possibilidade de existir. Após cinco séculos de massacre com o nosso fenótipo, estamos experimentando sermos nós mesmas e, o mais interessante, não somente em espaços ditos politizados de negros e negras que desde a década de 1960 influenciados(as) pelo Movimento Negro já enalteciam a sua negritude, mas essa consciência chega mesmo que paulatinamente às classes populares, às periferias de todas as cidades do Brasil.

Figura 33: 1ª Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador-BA (2015)



Fonte: Luiza Maia. Disponível em: <http://luizamaia.com/marcha-do-empoderamento-crespo/>. Acesso em: 05 jun. 2021.

Percebemos que na contramão do discurso eurocêntrico, mulheres pretas tomam consciência de sua beleza. A estética é uma vertente política de reivindicação diária de (re)existência, dessa maneira, no reconhecimento do corpo/cabelo negado e estereotipado que é possível nos encontrarmos. Vejamos:

Pesquisadora: O que vocês sentem ao encontrar nos diversos espaços seja nas escolas, nos bairros, nas ruas, tantas crianças, adolescentes, mulheres com seus cabelos naturais?

Mayara (T): Eu fico feliz (risos) já chego e falo logo: 'Você é linda sabia?' Ainda mais quando é criança. A sensação que tenho é que estamos ligadas (kkkk). Mas olhe, as crianças de hoje em dia não são iguais às de antes não viu? (kkkk). Tem crianças que eu digo: você é linda sabia? E ela diz, sabia! (kkk).

Bruna(T): É como se todas nós formássemos uma fortaleza. Quando vejo uma mulher assim, penso que seja mais um pedacinho dessa fortaleza. Uma fortaleza interligada pelos cabelos (kkkk) minha imaginação é demais (kkkkk).

Anairan (T): Eu fico feliz. Algumas crianças gostam do cabelo, mas as mães não, como é o caso da minha vizinha. Ela não gosta de deixar o cabelo da filha solto, ela sempre opta por penteados, mas a menina gosta de usar solto.

Layla (T) Acho gratificante de saber que todas estão se aceitando

Pesquisadora (T): E como era antigamente? Quando vocês ouviam elogios o que passava na cabeça?

Mayara (T): Eu achava que estava com pena ou me sacaneando.

Bruna (T): *eu pensava se estava falando isso para me agradar ou se eu era bonita mesmo.*

Layla (T): *Não passava nada na minha cabeça (emotions de risos). Quando eu era criança me achava bonita.*

Anairan (T): *Eu sorria (kkk), era uma criança tímida, chegavam a perguntar até se eu era muda. Mas quando eu era criança meu cabelo era natural e o povo elogiava, mas também eu não usava solto, sempre estava com algum penteado, mas me recordo que recebia elogios.*

A fala de Mayara nos chama a atenção quando ela diz que as crianças de hoje em dia não são como as de antigamente, pois as de hoje parecem ter uma autoestima mais elevada do que as crianças de sua época. Inclusive tanto ela quanto Bruna dizem que desconfiavam das pessoas quando as elogiavam. Não podemos dizer, diante da amostragem desta pesquisa, que as crianças negras da contemporaneidade têm uma autoestima mais elevada em relação às crianças de duas décadas passadas, mas o fato de termos atualmente um número expressivo de crianças, jovens, mulheres assumindo suas diversas texturas capilares causa um importante movimento de representatividade e valorização da estética negra. Há duas décadas, era difícil encontrarmos mulheres em qualquer idade geracional com uma textura capilar natural, mas hoje as encontramos em todas as idades e espaços como também podemos ver, na Figura 34, crianças negras ostentando seus cabelos e estilos.

Figura 34: Crianças negras ostentando suas belezas, madeixas, estilos



Fonte: Goolge Imagens. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=foto+do+empoderamento+crespo&sxsrf=ALeKk00h73rWwKBdUtslpBi5LkP0h_6IDg:1620238851596&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj27syJLPwAhVAqpUCHVKdCmUQAUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=657#imgsrc=bg6_BrtX2mmxNM>

Acesso em: 05 jun. 2021.

A feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em sua palestra “O Perigo da História Única”¹²⁸ ministrada em 2009 no TED TALK, conta que, na sua infância, lia muito livros de histórias cujos personagens eram sempre brancos e as experiências dos mesmos eram distantes das que ela vivenciava. A autora menciona que começou a escrever quando criança e que as suas histórias eram sempre sobre coisas que ela nem conhecia:

Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade, textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá não tinha neve, comíamos manga e nunca falávamos do tempo porque não havia necessidade (ADICHE, 2019, p. 7).

A autora pontua que sua visão sobre a literatura e o mundo só começou a mudar a partir do momento em que passou a ter acesso a livros africanos ao relatar: “*o que a descoberta dos escritos africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros*” (ADICHE, 2019, p. 23). Para ela, esse perigo não está apenas na literatura, mas a história única afeta todas as sociedades humanas, particularmente aquelas subordinadas pelos processos de colonização e racismo.

De acordo com Adichie (2019), a história única é construída a partir de relações de poder, quando afirma que: “O poder é a habilidade não apenas de contar histórias de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (ADICHE, 2019, p. 22). E, assim, sob a égide de uma história única, os povos africanos e afrodiaspóricos foram constituídos em seus aspectos intelectuais, culturais, estéticos etc. Na contemporaneidade, estarmos diante de outras narrativas sobre a estética negra, por exemplo, é entender e concordar com Adichie (2019), quando nos diz que: “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHE, 2019, p. 15).

No campo da estética negra, o que conseguimos acompanhar através dessa onda de empoderamento crespo é uma reparação história, de resignificação do corpo negro que, saindo do lugar de inferioridade, resgata a beleza e a diversidade de povos que historicamente,

¹²⁸ O conteúdo desta palestra virou livro com o mesmo título: O Perigo de uma História Única (Companhia das Letras, 2019).

enalteciam sua estética como vimos o exemplo a *Vênus hotentote*, tida como aberração aos olhos dos franceses, mas era, segundo Pellegrini (2009) citado por Braga, “*considerada bonita entre as mulheres de seu povo*” (PELEGRINI, 2009, s/p. *apud* BRAGA, 2020, p. 52). Quando Mayara nos diz “*que as crianças de hoje em dia não são iguais às de antigamente*” no reconhecimento de sua beleza, arriscamos inferir que este fato possa estar associado a essa onda de empoderamento crespo, estético e político que nos ensina a questionar o ideal de beleza estabelecido como único a ser seguido e enaltificado.

Todas nós estamos diante de milhares de outras mulheres que também ostentam seus cabelos crespos, enrolados, naturais e que desenvolvem trabalhos diversos no campo da valorização estética, epistemológico, político etc.. A Marcha de Empoderamento Crespo (MEC) de Salvador, por exemplo, além de promover as Marchas anuais, desenvolve ainda encontros (Figura 35) com debates que envolvem a politização da beleza negra, gênero, racismo, dentre outras questões que nos atravessam.

Figura 35: MEC/Salvador realiza encontro em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latina, Americana e Caribenha



Fonte: Toda Bahia. Disponível em:
<https://www.todabahia.com.br/marcha-do-empoderamento-crespo-realiza-encontro-no-dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em: 05 jun. 2021.

Assim sendo, esse movimento de empoderamento crespo nos fortalece, pois, ajuda no processo de ressignificação estética, encaminhando-nos a debates extremamente relevantes, os quais nos possibilitam construir estratégias de enfrentamento a esses sistemas opressivos. Esse movimento de empoderamento crespo que acompanhamos na contemporaneidade tem ajudado milhares de mulheres a ressignificarem sua estética. A maioria das jovens relata que, se não houvesse essa “explosão” de mulheres assumindo suas texturas, elas não conseguiriam passar pelo processo. Vejamos:

Pesquisadora: *Meninas vocês acham que se não houvesse esse boom da transição capilar com tantas meninas, crianças, mulheres assumindo suas texturas capilares vocês entrariam em transição?*

Bruna (T): *Eu acho que não! Somos inspiradas uma pelas outras. A história que existe por trás de anos de aplicação de química capilar, nos fazem refletir, repensar e mudar.*

Anairan (T): *Eu acho que não viu! Ainda mais que eu me inspirei em várias mulheres que passaram pela transição.*

Mayara (T) *Minha vontade foi antes. Eu tinha passado por três transições porque realmente queria meus cachos novamente, mas não tinha apoio. Eu acho que se não tivesse esse povo todo passando eu iria continuar tentando mais desistiria sempre.*

O que as jovens pontuam para nós é que elas usaram essa rede de empoderamento crespo para também assumirem suas texturas capilares. E isso nos demonstra o quanto a questão da representatividade negra importa também nesse processo de reelaboração estética. Talvez possamos chamar essas mulheres de diversas gerações que passam pela transição capilar de *mulheres emergentes*, termo cunhado por Patrícia Hill Collins (2000) para designar as mulheres que negam as *imagens de controle*. Para essa autora: “As mulheres emergentes perceberam que uma das formas de sobreviver ao desrespeito cotidiano e aos ataques diretos as imagens de controle é “se rebelar”. É nesse momento que o silêncio se transforma em fala, que a quietude se transforma em ação” (COLLINS, 2000, p. 226).

Essas imagens de controle têm sido rejeitadas desde o processo de escravidão, como pontua Collins (2000). A autora sugere que as mulheres negras desde muito tempo têm construído uma consciência coletiva específica de luta e resistência. Não podemos perder de vista que esta luta ancestral nos ajuda a construir outras possibilidades de existência e nos encaminha ao dismantelamento de um padrão de beleza que durante muito tempo foi posto como universal.

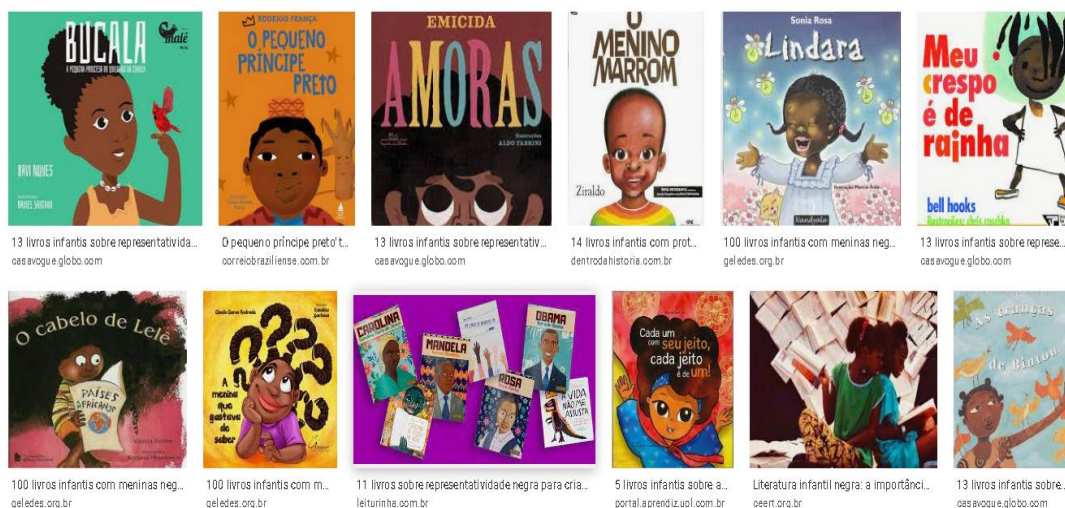
A produção de bonecas negras (Figura 36), a construção de uma literatura negra (Figura 37) que contempla a diversidade e os grupos nas redes sociais que incentivam o empoderamento crespo/político são instrumentos e meios importantes que auxiliam a tecer essa rede afirmativa sobre os povos negros:

Figura 36: Bonecas negras



Fonte: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/bonecas-pretas-contemplam-6-dos-modelos-no-mercado-diz-levantamento/>. Acesso em: 05 maio 2021.

Figura 37: Print de livros da literatura infantil negra



Fonte: Google Imagens. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=literatura+infantil+negra&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR963BR963&sxsrf=AOaemvL9xvZTtzqBYM9JL6rEQDiISN6DTg:1630938001402&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiQgeXBxeryAhUVrJUCHXuNDb0Q_AUoAXoECAEQAw.

Acesso em: 06 maio 2021.

Existe um esforço por parte da comunidade negra (intelectuais, empreendedores(as), pesquisadoras(es), blogueiras, feministas etc.) que busca, dentro de sua área do conhecimento, fomentar o empoderamento da população negra, ajudando a construir narrativas e instrumentos que nos possibilitem nos enxergar de forma positiva.

A pesquisadora Patrícia Santos Silva¹²⁹ junto com sua irmã Adriana Santos Silva (Figura 38) são idealizadoras e donas da empresa de confecção de bonecas negras Ka Naombo.

Figura 38: Adriana Santos Silva (à esquerda na foto) e Patrícia Santos Silva (à direita), proprietárias da Ka Naombo, empresa de confecção de bonecas negras



Fonte: A Tarde. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1825207-diversidade-ludica>. Acesso em: 06 maio 2021.

Em sua pesquisa intitulada “Representação estética: a identidade étnico-racial de crianças a partir de bonecas/os negras/o”, Silva (2018) buscou analisar como as representações presentes nos brinquedos influenciam no processo de construção da identidade e autoestima de crianças. A pesquisa nasce a partir de sua experiência como produtora de bonecas e bonecos negros. O trabalho realizado por Silva (2018) nos demonstra o quanto trabalhar com as questões da diversidade étnico-racial implica sermos resilientes e resistentes no enfrentamento ao racismo. A autora menciona que nas feiras em que comercializa suas bonecas depara-se tanto

¹²⁹ Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia (2004). Especialização em Ensino de Educação a Distância pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia (2012). Mestra em Educação e Práxis Pedagógica pela UFBA - Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/8129265/patricia-santos-silva> Acesso em: 07 out. 2021.

com falas racistas que rejeitam as bonecas negras, quanto a alegria de tantas pessoas que se sentem representadas pelas(os) bonecas(os). Silva (2018) relata que:

A situação mais triste que já vivenciamos foi de um pai, que comprou para a sua filha de apenas três anos, uma boneca da tez mais escura que fabricamos. Como ele achou o brinquedo muito parecido com a criança e com ele, por conta do tom de pele azeviche, resolveu presentear a ambos com a boneca. Porém, um tempo depois, nos foi revelado com grande pesar que a boneca adquirida houvera sido destruída a tesouradas pela mãe da criança. A mesma alegara que *“a boneca fazia parte de rituais satânicos”*, que *“ela própria representava a figura do demônio, e que a sua filha não permaneceria com aquela boneca maligna”*. Confesso que dentre todas as reações de negação, a que mais nos entristeceu foi essa (SILVA, 2018, p. 56).

A autora menciona também os comentários positivos que estimulam a persistir com um trabalho tão potente no campo da representatividade negra na infância. Vejamos:

Uma certa vez duas senhoras, ao se deparar diante das bonecas/os, se mostraram impactadas com o que vira. Após o efeito impacto passar, começaram a chorar. A primeira, uma mulher negra, nos relatou que sempre sonhou com uma boneca daquelas, *“igual a ela”*, mas nunca houvera encontrado. Depois de comprar, muito feliz e emocionada, agradeceu-nos por proporcionar tamanha realização (SILVA, 2018, p. 57-58).

O trabalho desenvolvido pela Ka Naombo não diz respeito apenas à comercialização de bonecas(os) negras(os), mas fala de algo que nos educa para as relações étnico-raciais em nosso país. E, ao mesmo tempo em que denuncia o racismo através de relatos de rejeição de bonecas que contrariam os referenciais brancos, é um trabalho que sem sombra de dúvidas ajuda-nos a construir outras narrativas que valorizem a nossa diversidade étnico-racial como bem menciona a autora:

O maior intuito da confecção e venda das bonecas/os do Ka Naombo não é apenas de oferecer um brinquedo ou lembrança para crianças, jovens e adultos negros e não negros que tenham acesso aos nossos produtos. E sim promover uma modificação positiva dessas pessoas sobre a imagem que possuem de si próprio e do outro, levando-os ressignificar conflitos interiores ocasionados pela ausência ou até mesmo presença *“estereotipada”* de brinquedos que representem democraticamente a nossa diversidade cultural (SILVA, 2018, p. 66).

A presença de trabalhos como este desenvolvido pela Ka Naombo, e tantos outros que buscam desconstruir narrativas estigmatizantes sobre as populações negras, é de fundamental importância na construção de uma sociedade antirracista. Podemos perceber isso ao acompanharmos a construção de uma negritude potente que, mesmo em meio a conflitos provocados pelo racismo, se reelabora num processo de autoaceitação, autoamor e autorreconhecimento, assim como o depoimento da estudante Ana Caroline nos aponta:

Pesquisadora: Carol, percebi que no decorrer dos anos em que você estudou no CEEP seus posicionamentos se fortaleceram no quesito empoderamento e enquanto mulher negra. O que você atribui a isso? A quem você atribui essa nova forma de se enxergar enquanto mulher negra?

Ana Caroline (T): Então, primeiramente como falei antes (...) cortar o cabelo pra mim nunca foi algo banal né? Sempre teve uma razão bem clara, que era eu ser quem deveria ser (...) as minhas raízes, a luta de um povo escravizado gritava em mim, era mais forte. E tudo isso, foi porque sempre quis buscar também mais entendimento em livros, ver vídeos com pessoas relatando suas experiências tipo, eu fui desconstruindo e percebendo também ao longo dos anos que eu teria uma grande luta pela frente, primeiro por ser mulher, outra por ser negra e entre outras coisas...meu cabelo só mostra de uma maneira externa o meu estandarte pedindo liberdade, todo o meu corpo mostra que sou uma mulher empoderada. Atribuo isso a inspiração de todas as mulheres que não puderam falar, as de hoje que tem a oportunidade de falar e as do futuro que terão maior liberdade para se expressar.

O depoimento de Ana Caroline nos encaminha para uma série de questões. Primeiro, como o fato de cortar o cabelo, retirando a química significou para a jovem o retorno às suas raízes negadas pelo racismo. Esse reconhecimento também está envolto com a busca de informações sobre sua história e ancestralidade, como ela menciona. Percebemos também que Ana Caroline possui a consciência de como ela e toda mulher negra é atravessada por relações opressivas da interseccionalidade¹³⁰: “*eu fui desconstruindo e percebendo também ao longo dos anos que eu teria uma grande luta pela frente, primeiro por ser mulher, outra por ser negra*”. Segundo Kimberl Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A todo momento, a mulher negra está diante desses atravessamentos opressivos e, por serem interseccionados, sofre cumulativamente por ser mulher, negra, pobre (na maioria das vezes), por carregar identidade sexual divergente da heteronormativa etc. Discutir raça é fundamental para entendermos as relações violentas nas quais as populações negras estão imersas, porém os debates sobre gênero não podem estar dissociados. É por essa razão que o feminismo negro já traz há algum tempo essas questões para serem debatidas. bell hooks (2019, p. 13) numa definição bem objetiva nos diz que “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo,

¹³⁰ Conceito criado por Kimberlé Williams Crenshaw, defensora norte-americana dos direitos civis e uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça.

exploração sexista e opressão”. Beber da fonte do feminismo negro é uma questão de sobrevivência para as mulheres negras da contemporaneidade. Se quisermos engrossar as lutas contra as opressões sexistas, é preciso nos debruçarmos em outras epistemologias decoloniais nos instrumentalizando do conhecimento e nos fortalecendo na luta diária contra as opressões estruturadas no tripé raça, gênero e classe, no qual a nossa sociedade foi construída.

A pesquisa tem revelado que a transição capilar encaminha direta ou indiretamente essas jovens a pensarem sobre questões de racismo, gênero, empoderamento da mulher negra e, inclusive, as encoraja a combaterem o racismo e as críticas que escutam quando deixam seus cabelos naturais. Vejamos:

Pesquisadora: *Por que vocês acham que nós mulheres de cabelos crespos/cacheados sempre fomos motivadas a alisar o cabelo?*

Mayara: *Porque a sociedade sempre fez a gente acreditar que não era um padrão de beleza, o quanto menos negro a gente parecesse melhor.*

Pesquisadora: *Pode falar um pouco mais sobre isso Mayara?*

Mayara: *Tá ligado ao racismo. Na verdade, a sociedade, a mídia fizeram uma lavagem na gente, não queriam que a gente tivesse vez nem muito menos nos aceitasse. Eu não acredito que eles estão gostando do que está acontecendo. Os movimentos, os negros estão tendo voz, na verdade aprendendo a usar novamente, a gente ficou muito tempo calado, mas hoje sabemos quando estamos sofrendo racismo ainda que de forma indireta, a gente não tem aceitado mais. E creio que isso tem causado medo, mas não que eles estão começando a aceitar, mas estão sendo obrigados.*

Pesquisadora: *Eles quem?*

Mayara: *os brancos.*

Anairan: *o que me dá raiva, é ver branco dizer que sofre racismo. Eles não fazem nem ideia do que é sofrer racismo. Ter cabelo liso, é ter cabelo “ideal” e bonito” na visão da sociedade em que vivemos. Lembro que minha mãe uma vez cortou o cabelo bem curtinho. Ela sempre diz “eu já tive cabelo black” mas era um cabelo que ela sempre alisava, porém curto.*

Pesquisadora: *Sua mãe usa química?*

Anairan: *Sim, não vive sem química. Porém esses tempos ela tem usado tranças (uma coisa que meu avô não gostava e dizia que era algo feio)*

Pesquisadora: *E hoje, o que vocês pensam sobre esse padrão “ideal” de beleza?*

Anairan: *Se desconstruir dessa visão é uma luta diária, até mesmo pra gente enxergar que nosso próprio cabelo natural também é bonito, também é lindo, também fica arrumado sabe?*

Bruna: *Isso foi introduzido em nós! Reproduzindo e acreditado por muitos anos, se tornou algo praticamente orgânico. O estereótipo branco foi padronizado. Isso não inclui só cabelo, é “pacote completo”. Fomos induzidos a acreditar na ideia de que os cabelos crespos induzem desleixo e até mesmo sujeira. Isso é o resultado da colonização.*

Mayara: Até hoje quando vou na rua, as pessoas as vezes toca ou cheira meu cabelo. Aí diz: eu jurava que esses cabelos fediam, mas o seu tem um cheiro bom (emotions de carinha triste)

Pesquisadora: E o que você diz?

Mayara: Depende da pessoa. Porque quando é da família que minha avó está, ela mesmo diz: mais fácil sua boca (feder) Mayara investe no cabelo dela. (emotions de carinha rindo).

Os depoimentos acima nos levam a pensar que passar pela transição capilar encaminha as jovens a refletirem sobre a problemática das questões raciais e de gênero, talvez pelo fato de elas mesmas declararem que depois da transição passaram a ler mais sobre o assunto, a assistir a vídeos de blogueiras negras que tratam da questão ou ainda discutem essas questões nas universidades em que estudam. Sobre esse aspecto, Figueredo e Lopes (2018, s/p.) mencionam que o acesso ao conhecimento também passa pelo processo de empoderar-se.

Quando a estudante Mayara reconhece que fomos vítimas de uma mídia que enaltecia e até hoje enaltece uma beleza branca em detrimento da negra, ela enfaticamente diz: “a gente ficou muito tempo calado, mas hoje sabemos quando estamos sofrendo racismo ainda que de forma indireta, a gente não tem aceitado mais”. Dentro do processo de transição capilar, presenciamos, muitas vezes, uma tomada de consciência que liberta corpos e mentes. Vejamos:

Pesquisadora: meninas vocês acham que a transição capilar ajudou vocês a reelaborarem suas identidades enquanto mulheres negras?

Mayara: Sem dúvida sim! A transição veio como uma libertação e uma descoberta. Acho que as pessoas passam também a olhar você diferente, e sua postura também é diferente, acredito que eu só vim pesquisar e saber sobre muitas coisas depois que passei pela transição, que veio um despertar.

Pesquisadora: O que mudou em sua postura Mayara?

Mayara: Hoje eu sou mais confiante, sei quem sou, então não me importo com a opinião de terceiros. Sei que preciso ser melhor não como prova pra ninguém, mas porque a sociedade já espera que mulheres como eu nem tenha oportunidade. Então preciso ser duas vezes melhor (rsrsrs), porque sou negra e mulher.

Pesquisadora: Percebo que você sempre pontua questões de gênero aqui em nossas conversas Mayara. Você faz leitura sobre essas questões?

Mayara: Na faculdade fala muito sobre essas questões, então ainda que de forma indireta eu acabo lendo muito sobre isso, e foi depois desses estudos que eu percebi que sofremos mais (risos). O salário menor é o nosso (risos) é muita coisa!

Pesquisadora! Ai que maravilha! Você faz que curso?

Mayara: Pedagogia na Unilab

Pesquisadora: emotions de palminhas

Bruna: Sim! É aceitar completamente suas origens

Pesquisadora: pode falar um pouco sobre esse processo Bruna?

Bruna: *Eu já me considerava negra antes da transição, mas parece que a transição foi a conclusão do processo. É pensar que sou negra nos traços, na cor e agora também no cabelo.*

Percebemos um processo em curso de emancipação dessas jovens. Mesmo notando que o processo de transição capilar seja repleto de ambiguidades, encontramos também a construção de uma criticidade potente que ajuda essas jovens a ressignificarem sua identidade racial e de gênero, bem como reelaborar positivamente sua autoestima e sentido existencial. No processo da pesquisa, descobri que algumas dessas jovens (Bruna, Anairan, Mayara, Iasmin Dias) já estavam cursando o ensino superior, o que me causou bastante alegria ao vê-las discutindo com tanta maturidade temas tão relevantes e caros para todas nós, como questões de gênero.

Desse modo, mesmo reconhecendo as dificuldades encontradas no meio do caminho para o empoderamento efetivo das populações negras, percebemos que na contemporaneidade o despertar do homem/mulher negro(a) tão desejado por Fanon (2018) tem ocorrido, mesmo que paulatinamente. O referido autor relata: “Eu colocava o branco no seu lugar; encorajado, eu enfrentava e jogava-lhe na cara: adapte-se a mim, eu não me adapto a ninguém” (FANON, 2018, p. 120).

Reivindicar a nossa existência é uma luta diária como aponta a jovem Anairan. Não ceder à colonialidade do ser imposta pelo sistema-mundo é uma insurgência necessária para provocar em tantas outras pessoas os sentimentos do autoamor, da autoaceitação, do autorreconhecimento, mesmo que na contramão nos digam o contrário.

No próximo capítulo, buscaremos analisar as narrativas das jovens pesquisadas sobre suas experiências estético-corporais no espaço escolar, verificando o olhar dessas jovens sobre suas vivências com suas corporeidades nas instituições de ensino pelas quais passaram. Vivências essas marcadas, muitas vezes, pela via do racismo, outras ressignificadas pelo processo de empoderamento cresco que constrói uma estética afirmativa, a qual nos encaminha ao processo de autoamor e autorreconhecimento e que atualmente se reverberam também nos espaços escolares.

5 EXPERIÊNCIAS DO CORPO NEGRO NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES

A inclusão de pessoas não brancas no espaço escolar brasileiro se deu de forma extremamente lenta como aponta Jaci Maria Ferraz de Menezes¹³¹ (2009, p. 55). Segundo a autora, “inexistiu, durante a escravidão ou depois dela, uma política de massas voltada explicitamente para garantir aos ex-escravos o acesso à escola”. A experiência do corpo negro com a escola sempre esteve marcada por estereótipos que impregnaram os livros didáticos, as práticas pedagógicas e consequentemente as relações cotidianas de crianças, jovens e adolescentes negros(as). Isso se deu porque a instituição escolar foi, segundo Dávila (2006), também construída pela ideologia eugenista. Para ele:

Na primeira metade do século XX, o pensamento racial ocupou papéis explícitos e implícitos na elaboração da educação pública. Um número restrito de cientistas, intelectuais e médicos dominava as decisões sobre a educação, e as práticas que criaram refletiram e reproduziram as desigualdades vigentes em sua sociedade. (DÁVILA, 2006, p. 14).

De acordo com o autor supracitado, os dirigentes educacionais naquele momento da história do Brasil buscavam, através da educação, “aperfeiçoar a raça” e “definiram as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados” (DÁVILA, 2006, p. 22). A ideologia dessa época em que se acreditava na “cura dos males” (lê-se: cura da negritude) reverbera até os dias de hoje ao observarmos o quanto os discursos que promovem a regulação dos corpos se fazem ainda vivos em nosso cotidiano. As representações estereotipadas sobre o corpo negro encontram-se ainda presentes no cotidiano escolar. Esta jovem menciona que

***Mayara:** A situação mais constrangedora era na escola quando os alunos ficavam escolhendo quem tinha o cabelo mais liso. Me chamavam de cabelo duro e inchado, isso quando minha mãe não fazia tranças no meu cabelo. A trança ficava dura e os alunos me batia e me chamava de cabelo de cocô de cavalo.*

¹³¹ Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Licenciada em Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar e em professor para o Magistério de Segundo grau, com habilitação em ensino de Sociologia da Educação pela Universidade Federal da Bahia (1972); Especialista em Educação pela Mesma FAGED UFBA (1990). Doutorada em Ciencias de La Educación pela Universidade Católica de Córdoba (1997), como bolsista da Organização dos Estados Americanos - OEA. Realizou Pós-doutorado em Educação e Relações Raciais no Departamento de sociologia da USP, como bolsista de prof. visitante do PQI CAPES com o Departamento de Sociologia, supervisionada pelo Prof. Dr. Antonio Sérgio Guimarães (2005). Realizou outro pós-doutorado na Fundação Carlos Chagas, sob a supervisão da prof. Dra. Bernardete Gatti, como bolsista FAPESB, com o tema Representações Sociais do trabalho docente e relações raciais. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3937695/jaci-maria-ferraz-de-menezes> Acesso em: 07 out. 2021.

Ela e outras jovens interlocutoras desta pesquisa, mencionaram as inúmeras vezes que se depararam com apelidos pejorativos no espaço escolar. O padrão exaltado era o branco, por isso eleger a garota que tinha o cabelo mais liso da turma colocando-a num lugar de superioridade em relação a outras garotas que não possuíam tal atributo era algo constrangedor, conforme menciona Mayara em seu relato acima. Para Gomes (2002, p. 45), “esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São talvez as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência”. A negação da corporeidade negra como já discutimos no capítulo anterior mexe contundentemente com a autoestima dessas jovens. Para a autora, “a questão da expressão estética negra ainda não é considerada um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira” (GOMES, 2002, p. 45), mas se faz necessário que os currículos comecem a trabalhar essa temática já que grande parte das opressões que crianças e jovens sofrem passam necessariamente pela rejeição dos seus corpos.

Assim, buscaremos analisar neste capítulo os relatos das jovens sobre suas experiências com a estética no ambiente escolar seja pelo atravessamento do racismo com suas corporeidades, seja pela emancipação dos seus corpos através do processo de transição capilar. Muitas escolas desse Brasil afora estão permeadas de crianças, jovens e adolescentes que chegam nesses espaços com uma estética insurgente ao se apresentarem com seus cabelos empinados ao vento. São meninas e meninos que assumem suas texturas capilares, e, mesmo que de forma inconsciente, desestabilizam a estética normativa preconizada não só pela sociedade em si, mas também pelas instituições formais de ensino.

O movimento pró natural que incentiva o processo de transição capilar não deixa de ser uma estratégia para combater e minimizar o impacto do racismo sobre nossos corpos. É um movimento que vai na contramão do padrão de beleza imposto a todas nós. Segundo Gomes (2002), “o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo” (GOMES, 2002, p. 41). Ouvir desde criança que se é inteligente, bonita(o), e que suas características físicas como a cor da pele e o cabelo também o são, acaba sendo fundamental, sobretudo para aqueles e aquelas que experimentam nascer negro(a) no Brasil. A construção de uma autoestima fortalecida é extremamente necessária para se manter nos espaços educacionais e combater o racismo dentro e fora dessas instituições.

5.1 CORPOREIDADES NEGRAS “BARRADAS” NA ESCOLA

Camilly: Na minha antiga escola, para ser rainha do milho, você tinha de ser magra e ter cabelo grande. Eu era magra, tinha o cabelo longo, mas era crespo! Então, nunca consegui esse papel. Lembro que só tinha duas meninas de cabelo liso na escola, elas sempre eram as rainhas do milho, mesmo errando as falas, sabe? Por mais que me dedicasse eu nunca conseguia o papel. Aquilo me magoava muito. Lembro de um ano do concurso que fiquei com esperança de ser a rainha pelo fato de minha madrinha ser a minha professora. Só que ela pegou a filha de uma colega (professora) dela e botou para ser a rainha do milho da sala, e, a menina nem estudava na escola. Ela trouxe só para representar a sala porque era mais “adequado”, tudo isso machuca sabe? Eu não lembro de tantas coisas que aconteceram na minha infância não. Mas lembro cada detalhe de todas as vezes que não pude fazer algo por ser negra e ter o cabelo crespo.

Pesquisadora: Na ocasião, você se recorda de alguém questionar o porquê de uma garota que não estudava na escola ser a rainha do milho de sua turma?

Camilly: Não, não me recordo de ninguém questionar, mesmo tendo professores, diretores, pais de alunos(as), não recordo de ninguém questionar isso. Eu senti muita vontade de questionar, mas por ser nova não seria escutada. Eu tinha de 8 para 9 anos. Isso me marcou e marca até hoje. As vezes quando essas coisas acontecem a gente faz que não liga, mas isso não quer dizer que não machuca ou dói menos. A dor sempre é a mesma. A gente só aprende que independente de usar o cabelo liso ou crespo, por você ser negra, sempre você será discriminada e cortado das coisas. Então, não adianta alisar para se encaixar.

Iasmim Bertoso: Na minha adolescência eu relaxava muito meu cabelo, queria porque queria que ele fosse liso. Um dos piores dias que até hoje eu me recordo, foi o desfile de 2 de julho, quando minha escola finalmente tinha ganhado para representar a dama da corte a índia e escrava. Quando eu pedi a diretora para ser uma das damas, ela disse que não, pois, meu perfil não se encaixava e que meu cabelo pior ainda.

Pesquisadora: Você se recorda de como eram as garotas que interpretaram o papel de dama da corte?

Iasmim Bertoso: Elas tinham a pele clara, outras brancas, as que tinham cabelo liso.

Pesquisadora: Você ficou com algum papel para representar nesse desfile?

Iasmim Bertoso: Como valia ponto eu fui para o papel de escrava, porque nem o de índia ela quis me colocar por conta do meu cabelo. Eu preferia ser a índia porque minhas colegas todas foram ou para o papel de indígena ou de dama da corte. Esse episódio eu só contei a minha mãe depois, pois eu sabia que ela não ia deixar eu participar, e como valia ponto eu fiz. E quer saber professora? Foi um dos desfiles que eu mais me identifiquei porque eu trançei meu cabelo e soltei, coisa que era difícil de acontecer.

As narrativas acima escolhidas para abrir esta subseção denunciavam ações pedagógicas violentas que impedem a corporeidade negra de ocupar outros papéis na história. Ações que “barram” a diferença e subjugam os povos negros através de estigmas e estereótipos. Gomes (2017, p. 79) nos aponta que “a não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer

presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação” Para a autora, “a educação escolar tem sido um dos principais meios de socialização de discursos reguladores sobre o corpo” (GOMES, 2017, p.96). Essa regulação, de cunho racial, pronunciada pela autora, violenta crianças, adolescentes negros(as) desde muito cedo. As marcas dessa violência racista são muitas vezes, inapagáveis da memória. Observamos que os depoimentos dessas jovens geralmente soam como discursos catárticos de exorcismo do racismo sofrido e nunca tratado dialogicamente. As narrativas acima nos demonstram isso. A jovem Camilly relata que não se recorda de muitas coisas da infância, mas que, *tem em sua memória, cada detalhe, das ocasiões em que não pôde fazer algo por ser negra ou por ter os cabelos crespos*. São experiências vivenciadas na infância ou na adolescência que impactam na vida adulta, na autoestima, na construção da autoconfiança e na autovalorização.

Em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*, bell hooks relata como ela era feliz em sua vida escolar antes da integração racial nos Estados Unidos:

[...] aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. As professoras trabalhavam conosco e para nós a fim de garantir que realizássemos nosso destino intelectual e, assim edificássemos a raça. Minhas professoras tinham, uma missão (HOOKS, 2017, p. 10-11).

Nessa parte inicial do livro, a autora também discorre como toda essa alegria de aprender se transformou em tristeza após a integração racial:

De repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar. Já não tinha ligação com a luta antirracista. Levados de ônibus a escolas de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como ameaça à autoridade branca (HOOKS, 2017, p. 14).

Percebe-se no primeiro relato que as(os) professoras(es), situadas(os) em escolas de comunidades negras, preparavam as(os) estudantes para encararem a vida além dos muros escolares. Elas(es) sabiam o que os(as) estudantes iriam enfrentar com a violência institucionalizada do racismo nos EUA. Como menciona a autora, as(os) professoras(es) tinham a responsabilidade de instrumentalizar seus educandos para resistirem à política excludente vigente naquele país. Acima, ela traz para reflexão exemplos de duas formas de fazer educação: educação para a liberdade e a educação para a dominação. E o que essa narrativa tem a ver com a educação aqui do Brasil?

É preciso refletirmos que aqui no Brasil, nós, professoras e professores negros(as) não fomos educados(as) a nos fortalecermos enquanto raça. Porque existem semelhanças históricas que nos aproximam e ao mesmo tempo nos distanciam dos EUA. Nossa educação foi construída desde o Brasil Colônia para a dominação e não para a liberdade. Quebraram com a nossa autoestima e identidades. Demoramos para nos reconhecer como negros(as) e ficamos por muito tempo presas(os) ao mito da democracia racial, prejudicando a nossa construção identitária.

Para bell hooks, as professoras negras de sua escola tinham o compromisso de nutrir seu intelecto para que elas e seus colegas pudessem ser acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural, negros que usassem a cabeça (HOOKS, 2017, p. 10). Segundo Maria Nazaré Mota de Lima¹³² (2015), ser negro no Brasil é diferente de ser negro em outra parte do mundo

Nos Estados Unidos, por exemplo, o racismo se funda na ascendência, na origem. Lá a escravidão não durou tanto, a herança genética define a identificação racial das pessoas, e há leis segregacionistas em vigor, dentre outras características. No Brasil, o racismo possui outras singularidades, pois se funda não na origem, mas na marca-cor da pele, tipo de cabelo, traços fisionômicos. Embora não haja leis segregacionistas, os espaços sociais de negros e não-negros são bastante definidos caracterizando o que se chama de racismo cordial (LIMA, 2015, p. 52).

O sistema de ensino voltado para as populações negras do Brasil já nasce dentro de um plano excludente e discriminatório. Esse processo vai, segundo Lima (2015), impactar na identidade dos afro-brasileiros. Logo, se não me vejo na condição de mulher/homem negra(o), nem entendo a problemática de assim ser, como posso trazer reflexões sobre raça enquanto categoria discursiva e política para a sala de aula?

A autora acrescenta ainda que a educação brasileira ajudou a reforçar e fomentar preconceitos e exclusões ao longo da história. Tivemos desde sempre professores(as) reproduzindo preconceitos na sala de aula. A estudante Mayara também relata cenas violentas que sofreu de uma professora na alfabetização:

¹³² Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2007) e pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG. Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia, com atuação no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural – PÓS-CRÍTICA. Pesquisadora associada da Universidade Estadual de Campinas, é colaboradora do ICEAFRO: Educação para a Igualdade Racial e de Gênero. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, voltada para os seguintes temas: formação de professores/as, identidade étnico-racial e de gênero, literatura e letramento. Disponível em <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/pesquisadores/maria-nazare-mota-de-lima/> Acesso em: 07 out. 2021.

Pesquisadora: Mayara você me contou no privado que já sofreu racismo de professoras. Quer falar sobre isso aqui no grupo?

Mayara(T): Sim, sim... Na Alfa eu sofria agressões. Apanhava da professora, quando não era dela, ela deixava os alunos colocar eu e mais duas amigas no canto da sala e apanhando. Também tinha uma sala que guardava as coisas de limpeza: vassoura, as cadeiras. Eu lembro que eu ficava virada para a parede sempre, ela me colocava, me batia com régua também, puxava meu cabelo me beliscava. Ela ainda fez minha mãe na época deixar eu repetir o ano. Todo mundo fez aquela formaçõzinha que a criança se forma né? Aí ela chamou minha mãe e disse que eu não podia formar não porque eu não sabia ler direito, sendo que a gente ainda era alfa série e ninguém na verdade sabia ler direito.

Pesquisadora: Sério? E você não contava esses episódios em casa?

Mayara(T): Nem precisava, eu chegava em casa vermelha e estava muito agressiva. Mainha chegou a ir lá e tudo.

Pesquisadora: E aí?

Mayara(T): Nada mudou, pelo contrário, ficou pior. No início eu não entendia, e achava que era só comigo, só que depois de grande, na brincadeira que fizeram no Facebook, aí colocaram 'Diz que é de Acupe'¹³³ mas nunca apanhou na escola da professora tal'...Só nessa publicação teve várias pessoas que comentaram(risos), ou seja, eu não era a única.

Pesquisadora: Como era a fisionomia da professora? Você se recorda?

Mayara(T): Lembro. Ela é agora minha irmã da igreja(risos). Ela era negra também.

Pesquisadora: Você acha que ela batia em vocês por conta de serem negras?

Mayara(T): Não consigo me lembrar disso, mas lembro que tinha alguns meninos que ela não batia e tratava bem.

Pesquisadora: Se recorda como era a fisionomia desses garotos?

Mayara(T): é... eles eram negros também, porém a cor de pele deles era mais clara né... é ... era mais clara. Ela me chamava de burra. A verdade pró é que as pessoas ainda não têm a noção né? o quanto isso pode interferir no nosso desenvolvimento e até mesmo no nosso futuro né? Porque eu acredito que isso me limitou muito. Eu nunca gostei de estudar por conta disso né? Eu não estudava, eu não dava o meu melhor na escola porque eu achava que eu era burra que as pessoas eram melhores que eu, que não precisava... que eu só tinha que me formar, só completar 3º ano e acabou. Eu me lembro que eu comecei a me desempenhar mais no CEEP e ainda assim dizendo que eu só ia concluir e acabou. Eu tinha ranço de professor e professora, porque eu achava que eles tudo... tipo assim, eles tudo se sentiam superior né? Então eu sempre tive uma resistência. Isso também veio quebrar depois que eu cheguei no 1º ano, e eu só vim superar isso mesmo quando eu terminei o 4º ano que eu decidir fazer faculdade, porque até então eu disse, não, eu só preciso me formar (concluir o ensino médio) e acabou, por conta disso tudo entendeu? E sem falar professora que eu me tornei super agressiva. É... até a 8ª série. Depois que eu terminei a Alfa série mainha todo dia tinha que ir na escola. Eu me lembro que no ginásio todo dia mainha ia na escola, todo dia era uma queixa minha, eu todo dia ia para o livro negro, porque eu não aguentava nenhum professor falar alto comigo, não aguentava nenhum aluno falar alto comigo que eu queria sentar a porrada e isso mudou depois que eu entrei na igreja... que eu fiquei mais madura que eu conheci né? Amadureci, mas até então mainha teve muitos problemas comigo e ninguém entendia o porquê né?

Pesquisadora: Imagino então como isso te marcou não é mesmo?

¹³³ Distrito do Município de Santo Amaro da Purificação-BA.

Mayara(T): *Marcou eu acredito que até a minha formação, porque eu não gostava de estudar.*

Pesquisadora: *Como era esse livro negro? Era chamado assim mesmo?*

Mayara(T): *um livro preto grande (risos)*

Pesquisadora: *colocavam o que nesse livro?*

Mayara(T): *Meu nome e o que eu fiz*

Pesquisadora: *Ah... era um livro que registrava queixas de alunos e alunas?*

Mayara(T): *Sim, sim! Isso mesmo(risos) aí falavam que dependendo da quantidade de vezes que meu nome fosse escrito eu poderia ser expulsa. Eu acho que ele ainda existe.*

Pesquisadora: *Será? Com esse nome? Acho que hoje em dia chama-se livro de ocorrências.*

Mayara(T): *Vou procurar saber pra senhora (risos).*

Mayara expõe que a violência sofrida por ela também ocorria com outras estudantes. Na situação narrada pela jovem, podemos destacar a violência marcada também pelo fator gênero. Os meninos não apanhavam nem eram submetidos a ficar de castigo em um local onde se reservava a colocar materiais de limpeza. Carla Akotirene (2019) nos ensina que “as mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (AKOTIRENE, 2019, p. 19). As violências que atravessam são acúmulos de opressões. Elas impactaram no desenvolvimento intelectual e psicológico da estudante Mayara, porém, não a impediu de ingressar na universidade. Mas quantas(os) ficaram no meio do caminho, acreditando ser intelectualmente incapazes?

A jovem não recorda se a professora agia com violência por conta de sua cor, mas podemos inferir que sim! Quando ela menciona que havia outros colegas negros, porém com a tonalidade de pele menos retinta que a dela, a professora não discriminava. Isso nos denuncia o que muitos autores já mencionaram sobre como a violência do racismo opera e se intensifica a depender do tom de pele que a pessoa carregue. É a escala cromática racial à qual negros e mestiços estão submetidos.

Cavaleiro (2000) em sua pesquisa denuncia ainda a preferência das professoras pelas crianças brancas. Inclusive a pesquisadora narra várias cenas em que o afeto, o carinho, o passar as mãos na cabeça, ou mesmo pegar a criança no colo, eram ações destinadas exclusivamente a crianças brancas.

Certa vez, a professora, dando uma volta pela sala de aula para conferir a lição das crianças, diz à menina Verônica (branca);” aí, que menina mais linda, quer ser minha filha? Daí você ia morar na minha casa”. A menina sorri e recebe um leve apertão nas bochechas. [...] Faz-se necessário mostrar que a atenção, o carinho e o afeto são distribuídos de maneira desigual, e a categoria etnia regula o critério de distribuição.

As crianças negras, ao contrário, aproximando-se da professora guardando uma distância, de modo a não estabelecer o contato físico. Dois exemplos são bastante ilustrativos: a) No parque, a menina Jacira (negra), chorando muito, aproximando-se da professora, mas, guardando uma distância, lhe diz: O Ronaldo (branco) molhou a minha blusa”. A professora responde: “Não chore não, está calor e vai secar logo. Depois nós duas pegamos ele, tá bem? A menina para de chorar e vai para o sol” (CAVALLEIRO, 2000, p. 74).

Essa autora nos leva a refletir sobre a violência do racismo que opera na vida de indivíduos negros desde a infância. A escola desde muito tempo tem “barrado” as corporeidades negras a ponto de torná-las inexistentes. A estudante Erica conta que “*ir para a escola era uma luta diária*” e enfatiza também o silenciamento por conta dos agentes educacionais diante de situações racistas vivenciadas por ela

Erica: *Sempre quis ter o cabelo liso, e precisava que ele tivesse franja e fosse até a cintura. O meu cabelo natural nunca foi um problema, até chegar na terceira série, onde eu era a única que ainda usava tranças. Desde a terceira série comecei a odiar meu cabelo, e com tantos comentários tipo: ‘você vai para a 5ª série usando tranças’? então, resolvi alisar o cabelo, porém ainda assim ele não ficava como eu sempre quis. Da 5ª série até a 8ª série foi um período muito difícil. Estudei com uma turma onde um grupo em específico, todos os dias me empurravam a ideia de que meu cabelo era duro, feio e que não tinha mais jeito. Roubavam TODOS os meus enfeites que minha mãe colocava em meu cabelo, assim como minha merenda e minha paz. Era uma luta diária ir para a escola. Então, alisei e descobri a chapinha e mesmo assim não adiantava, alisava e daqui a duas horas ele não estava mais bom.*

Pesquisadora: *Você se recorda do(a) professor(a), diretora ou algum outro agente da escola fazer alguma intervenção?*

Erica: *Nunca houve intervenção. Inclusive acontecia muito durante as aulas. Eu sempre gostei de sentar nas fileiras da frente e por esse motivo comecei a sentar sempre nas últimas fileiras.*

Pesquisadora: *Você chegou a falar com seu(a) responsável sobre esses episódios?*

Erica: *Não, não queria causar preocupações.*

A discriminação vivenciada pelas crianças citada por Cavalleiro (2000), em sua pesquisa no início dos anos 2000 é semelhante as citadas pelas jovens Mayara, Iasmim, Erica no início da década de 2010. Erica pontua que gostava do seu cabelo, porém as situações racistas vivenciadas na escola levaram-na a odiá-lo. Imagine que ir para escola era uma luta diária para esta jovem, ou seja, ela precisava frequentar um local onde era violentada todos os dias.

Sabemos que o tom de pele e a textura do cabelo são marcadores que hierarquizam a nossa sociedade. Segundo Munanga (2015), é na geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrirem a nossa classe.

Se a geografia dos corpos existe, que outro critério é usado para distinguir brancos e negros? Alguns, por inércia do mito de **democracia racial**, continuam a acreditar que

a classe socioeconômica é o único critério de **discriminação dos negros** no Brasil. No entanto, é pela geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrir nossas classes sociais. Como um policial enxergaria o professor **Kabengele Munanga** de passagem na periferia de qualquer cidade brasileira? Pela cor da pele ou pela classe social? Talvez já tivesse sido morto antes de descobrirem que pertencem à classe média intelectual. (MUNANGA, 2015, *online*)¹³⁴

É na geografia dos corpos negros que a perversidade do racismo se direciona. Lembremos da fala de Camilly quando relata que começou a alisar o cabelo no intuito de se encaixar nos padrões, e mesmo assim ela continuou a fazer os papéis inferiorizantes. Quantas Camillys, Mayaras, Ericas, Iasmins e tantas outras jovens negras tiveram e têm sua autoestima quebrada com suas identidades inferiorizadas dentro do espaço escolar? Quantos(as) estudantes tiveram o complexo de inferioridade acentuado diante de ações pedagógicas perversas?

Freire (2019) menciona que

Para o professor reacionário, a educação e os direitos humanos têm a ver com a educação da classe dominante, lutando para preservar as condições materiais da sociedade que aí está, para que a classe dominante, reproduzindo a sua ideologia e o seu poder através da educação, preserve seu poder político e econômico (FREIRE, 2019, p. 36).

Estamos diante de uma sociedade estruturada no racismo, por essa razão os agentes educacionais são também vítimas desse sistema. É importante salientar que as memórias das jovens se referem em grande medida à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. Estamos falando de situações que aconteceram entre 10 e 15 anos e que foram ressignificadas nas memórias, a luz de outras narrativas. Não queremos dizer que não existe mais racismo nos espaços escolares, mas é preciso levar em consideração que nos dias de hoje estamos diante de escolas que têm vivenciado novas experiências através de literaturas negras, de formações para as relações étnico-raciais. Por isso é preciso levar em conta também fatores como acesso à informação e questões geracionais. Muitas(os) dessas(es) professoras(es) citadas(os) pelas interlocutoras, talvez, não tiveram a possibilidade de obter informações(formações) com a facilidade de acesso que temos nos dias de hoje.

Acreditamos que se aprendemos pelo sistema dominante a praticarmos opressões sejam elas racistas, sexistas etc., podemos aprender através de outras narrativas a sermos decoloniais. O desafio está em como transformar uma educação que segrega, exclui e “barra” as

¹³⁴ Entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos disponível no endereço eletrônico: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/549024-a-preponderante-geografia-dos-corpos-entrevista-especial-com-kabengele-munanga> . Acesso em: 08 jul. 2020.

corporeidades negras do processo educativo em ações pedagógicas antirracistas, as quais possibilitem o reconhecimento, a valorização e a emancipação de jovens negros(as).

Discutir diversidades, sejam elas étnicas, de gênero, de classe etc, passa pelo crivo da sensibilidade. Certa vez, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, numa aula da disciplina Educação e Pluralidade Cultural, o professor e antropólogo Marcos Luciano Messeder¹³⁵ chamou-nos a atenção sobre a importância de estarmos sensíveis às diversidades e predispostos(as) a aprender sobre elas. Na ocasião, ele comentou que muitas vezes a formação acadêmica não nos forma integralmente, sendo a sensibilidade e o reconhecimento da importância de temas como as relações étnico-raciais, as questões de gênero, ou ainda as questões relacionadas à inclusão efetiva de pessoas com deficiência etc, que nos fazem buscar esse conhecimento que as universidades não conseguem tratar nos anos de formação. Ou seja, nós professoras(es) costumamos dizer, *“ah, mas eu não fui formada para isso, nem para aquilo”*, *“Eu não aprendi sobre isso na graduação”*.

A verdade é que não aprendemos sobre várias temáticas na graduação (inclusive sobre conteúdos específicos de nossa formação), tendo que aprender a desenvolvê-las no exercício da profissão. A formação continuada é fundamental para a prática educativa e, se a universidade não dá conta em seu processo formativo de discutir tais questões, é preciso preencher essa lacuna.

Em seu artigo *“Docência e dilemas do diálogo intercultural na relação universidade e educação básica”*, Marcos Messeder (2017, p. 13) argumenta que “a profissão de professor exige um nível de compromisso muito radical de autorreflexão e crítica e que, ao contrário do que a realidade dos salários e prestígio dos professores mostra, a docência não é para qualquer um”. De acordo com o autor, a formação de professores para uma educação plural exige sólida formação teórica que questiona a hierarquia entre as culturas e sociedades, ele entende que a diversidade e a diferença são constituintes da condição humana e que é preciso realizar uma autocrítica existencial e política sobre a relação de cada pessoa com a diversidade e a diferença.

É preciso nos instrumentalizarmos através de formações que nos fortaleçam em debates sobre as diversidades, diferenças, alteridades encontradas no espaço escolar. Não posso escutar de uma estudante que, por sofrer racismo na escola, achava, de fato, que ela não deveria ter nascido e considerar isso normal. Alguma coisa está errada! É preciso que haja em nós

¹³⁵ Doutor em Sociologia e Antropologia pela Université Lumière Lyon 2 (2004). Professor titular do Departamento de Educação do *campus* I e permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Também é o orientador desta pesquisa.

educadores, formadores de opinião, indignação frente a este sistema que segrega e exclui, exatamente por não considerar as diferenças como riqueza das sociedades humanas.

Paulo Freire (2019) pontua que “a educação para os direitos humanos na perspectiva da justiça é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga” (FREIRE, 2019, p. 39). Ele nos convida a praticar uma educação corajosa e comprometida com a responsabilidade social intrínseca a toda e qualquer escola que se faça efetivamente livre e democrática. “A libertação é exatamente a briga para restaurar ou instaurar a gostosura de ser livre que nunca finda, que nunca termina e sempre começa” (FREIRE, 2019, p. 41).

Paulo Freire¹³⁶, Nilma Lino Gomes, bell hooks, dentre outras(os) intelectuais comprometidas(os) com a educação democrática, nos encorajam a construir uma educação para a libertação efetiva de corpos e mentes historicamente marginalizados. Isso também inclui negros, negras, mulheres, gays, lésbicas, transexuais e todas aquelas pessoas que vivenciam opressões cotidianas.

5.2 A PEDAGOGIA DA ESTÉTICA NEGRA: CORPOS QUE EDUCAM!

Iasmin Bertoso: Quando eu entrei no CEEP em 2015 eu via muitas meninas em transição, mas continuava com medo de eu não me aceitar. Até que na minha sala duas colegas cortaram o cabelo e daí eu vi que eu também poderia cortar, só faltava coragem. Até que um dia eu cortei uma ponta para ver como ia ficar, esperei o ano acabar para tomar coragem, onde ninguém ia me vê, só depois. Eu não fiz transição antes de cortar eu simplesmente cortei e dei química. Depois eu mesma comecei a cortar sozinha até química sair. Não sabia o que fazer com o meu cabelo curto, todo mundo ficava me olhando, isso dava uma vergonha, até que eu comecei a fazer dedolis¹³⁷, comprei um monte de creme e assim ia. Minha família dizia que meu cabelo era uma caixa de marimbondo, que quando eu tomava banho de praia o couro cabeludo não molhava entre outras piadas. Até que eu me olhei no espelho e gostei. No Ceepera o melhor que tinha porque ninguém falava do meu cabelo de forma negativa, e tinha muitas e muitas meninas de BC. Acho que quando eu cortei foi a era da coragem. Depois que eu saí do CEEP eu comecei a me conhecer como eu realmente sou, aceitar meu cabelo como realmente é, não é fácil principalmente quando você não tem apoio.

Camilly: Quando começou a ter um grande número de atrizes negras assumindo seus cabelos naturais me deu mais força para entrar em transição. Eu já tinha uma vontade a algum tempo, mas me faltava coragem. Ver pessoas conhecidas fazendo isso também me ajudou bastante.

Pesquisadora: Quem foram as inspirações reais da vida de vocês?

Camilly: As primeiras que me inspiraram foram as professoras Nelma, Carla e uma outra que não recordo o nome. Todas elas me deram aula na 6ª série e ao ver o jeito delas, elas falando o porquê de assumir sua identidade negra aquilo me tocou muito e foi crescendo com o tempo.

¹³⁶ Embora o autor tenha uma grande importância na construção de uma educação democrática no país, deixou de fazer recortes importantes em sua produção. O debate sobre gênero é praticamente ausente em suas obras.

¹³⁷ Dedolins é uma técnica feita com os dedos para cachear os cabelos.

Erica: *Em 2017 eu descobri que algumas meninas faziam vídeos sobre cabelo natural, e não é que elas amavam mesmo o cabelo? Então eu comecei minha transição e os comentários ainda existiam “seu cabelo tá feio” “para que tanto grampo” tá doente?”. Então cortei bem pequeno e resolvi deixar pra ver onde ia chegar. E hoje eu vejo que foi a melhor coisa, me sinto mais feliz e livre com ele.*

Bruna: *Quando Ingressei no CEEP não apenas os cabelos das estudantes estavam em transição, mas a escola e a educação... Os professores que me ensinavam, se desgastavam descolonizando nossas mentes. Os debates alicerçavam meu senso crítico e fortaleciam meus pensamentos. Foi plantada em mim uma sementinha da beleza e eu passei a entender que a beleza não pode ser padronizada. Eu despertei, e o meu discurso passou também a ter papel de despertador! Despertar sobre o sistema! O racismo existe, é real e cruel! Eles querem que eu fique quietinha, acomodada só reproduzindo. Só que hoje eu me esforço muito para parar de reproduzir e ter minhas próprias conclusões. O CEEP com certeza foi culpado por isso!*

Mayara: *Eu só tive coragem de cortar o cabelo depois que eu entrei no CEEP e também eu já sabia o que queria. E, lá ninguém tinha vergonha, ninguém se importava com a opinião de ninguém e de uma certa forma isso nos dá força.*

As narrativas que abrem esta seção dizem respeito a um movimento de descolonização estética em curso. Este movimento nos educa na construção de um olhar desprendido dos padrões estéticos impostos secularmente aos nossos corpos. Várias jovens relatam a importância de terem se inspirado em outras garotas ou artistas que, ao assumirem suas texturas capilares, atestaram a possibilidade de uma outra forma para se apresentarem esteticamente.

Expressões como: “No Ceep tinham várias e várias meninas de Bc”, “ter um grande número de atrizes negras assumindo seus cabelos naturais me deu mais força para entrar em transição”, “descobri que algumas meninas faziam vídeos sobre cabelo natural, e não é que elas amavam mesmo o cabelo?” demonstram para nós o quanto a questão da representatividade importa na construção positiva da identidade negra. Observamos tamanha dimensão quando as jovens mencionam que ter a presença (nas escolas, nas redes sociais etc) de garotas/mulheres assumindo suas texturas capilares deu forças para que elas entrassem também em transição. A estética que surge é a mesma que educa a pensarmos em outras possibilidades de recriarmos nossas corporeidades de forma positiva. Observamos que quando a diferença é entendida como uma riqueza, as opressões podem ser minimizadas. Lembremos da fala de Erika: “descobri que algumas meninas faziam vídeos sobre cabelo natural, e não é que elas amavam mesmo o cabelo?” Esse movimento de autoamor ajuda-nos a construir outras narrativas sobre nós. Ao perceber que *aquelas meninas amavam mesmo o cabelo*, Erika se permite amar o seu também e isso nos leva a inferir que as próprias jovens ao se apresentarem na escola com sua estética ressignificada educam umas às outras a repensar de forma positiva suas corporeidades.

No contexto desta pesquisa, não podemos afirmar se essa estética afirmativa tem educado a comunidade escolar como um todo, mas diante dos depoimentos das jovens podemos observar um movimento também vindo de professoras que promovem na sala de aula debates

sobre a importância de construirmos uma identidade negra fortalecida e positiva. A jovem Camilly menciona que, na 6ª série, foi inspirada a pensar sua identidade negra de forma positiva a partir de debates realizados em sala de aula por professoras que também haviam passado pela transição capilar. A jovem Bruna menciona também: *“Os professores que me ensinavam se desgastavam descolonizando nossas mentes. Os debates alicerçavam meu senso crítico e fortaleciam meus pensamentos. Foi plantada em mim uma sementinha da beleza e eu passei a entender que a beleza não pode ser padronizada”*.

As jovens relatam que o fato delas terem entrado em transição deve-se também ao papel das blogueiras, *youtubers* e influenciadoras digitais. De fato, desde 2012 que contamos com uma crescente rede de apoio de centenas de mulheres e adolescentes que criaram canais no *YouTube*, páginas no *Facebook* e *Instagram*, seja para incentivar o processo de transição capilar, seja para ensinar técnicas de como cuidar das diversas texturas capilares ou ainda para dividir as experiências sobre seus cabelos naturais. Esses canais e páginas servem como inspiração para muitas meninas que tentam iniciar ou prosseguir com a transição capilar. Essas mulheres que lideram esses canais e páginas na internet desempenham também um papel educativo, pois disponibilizam conteúdos que questionam a sociedade a pensar sobre várias situações opressivas, não apenas aquelas referentes à estética negra em si, mas questionam outras opressões que nos atravessam.

Outro ponto relevante que observamos nas falas de praticamente todas as depoentes da pesquisa é associar o medo em cortar o cabelo ao fato de ter ou não coragem. A expressão *“não tinha coragem”* apareceu em vários diálogos promovidos nos Diários. Embora muitas vezes passe despercebida por nós, inclusive para mim, pesquisadora, essa expressão traz uma ideia de simplicidade, como se bastasse ter apenas coragem para cortar ou entrar em transição. Na verdade, ao refletirmos sobre a perversidade do racismo nas subjetividades dos povos negros, entendemos que a transição capilar é um processo complexo exatamente porque nos coloca cara a cara com o racismo. Por essa e tantas outras razões, corroboramos com as ideias de Gomes (2002) ao mencionar que

[...] as representações do corpo negro no cotidiano escolar poderá ser uma contribuição não só para o desvelamento do preconceito e da discriminação racial na escola como também poderá ajudar-nos a construir estratégias pedagógicas alternativas que nos possibilitem compreender a importância do corpo na construção da identidade negra de alunos(as) professores(as) negros, mestiços e brancos, e como esses fatores interferem nas relações estabelecidas entre esses diferentes sujeitos no ambiente escolar. Na escola, não só aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro; podemos também aprender a superá-las (GOMES, 2002, p. 50).

Como aludido pela autora, a escola pode ser um lugar de superação dos estereótipos introjetados na corporeidade negra. Acreditamos que essa superação tem ocorrido, sobretudo, através do processo de transição capilar. As jovens ao adentrarem no espaço escolar com uma *estética afirmativa* desestabilizam o olhar hegemônico construído ao longo da história sobre o corpo negro, e provocam os agentes educacionais a repensarem a diferença como riqueza e não como problema.

Mesmo paulatinamente, observamos que os debates sobre as relações raciais no cotidiano escolar se intensificaram nas duas primeiras décadas desse milênio graças também à implementação da Lei 10.645/08 que obriga o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental e Médio.

Várias experiências exitosas sobre o ensino das relações étnico-raciais foram pontuadas em pesquisas desde a implementação da referida lei. O trabalho desenvolvido pela pesquisadora Leandra Jacinto Pereira Rocha¹³⁸, intitulado: *Práticas antirracistas na educação infantil: a necessidade da construção de abolições cotidianas*, demonstra como podemos ressignificar de forma positiva as identidades negras no cotidiano escolar se desenvolvermos atividades que as valorizem. Rocha (2009) realizou um trabalho com crianças da educação infantil na cidade de Três Rios (RJ), promovendo o fortalecimento da autoestima das crianças através de várias estratégias pedagógicas como o uso de “histórias contadas, filmes e técnicas plásticas diversificadas” que valorizaram a história dos povos negros (ROCHA, 2009, p. 199).

Ao experienciar junto às crianças narrativas de personagens negros protagonizando histórias variadas, a pesquisadora evidencia como elas conseguem reconstruir sua autoestima de forma positiva. Dentre as vivências promovidas, Rocha (2009) destaca que a exibição do filme: “Kiriku e a feiticeira” provocou nas crianças “grande satisfação, orgulho de ser criança e identificação com o herói de uma aldeia da África Ocidental, e, mais ainda desejaram saber onde ficava a África” (ROCHA, 2009, p. 203). A autora também menciona que, ao contar a história “Menina Bonita de Laço de Fita” de Ana Maria Machado, observou que “os cabelos foram altamente valorizados, o que identifiquei como um momento de construção de identidade” (ROCHA, 2009, p. 205).

¹³⁸ Possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997) e mestrado em Educação - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2008). Tem experiência em docência, com ênfase em filosofia da educação, sociologia da educação, psicologia da educação e metodologia do ensino superior, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, alfabetização, letramento, docência, pesquisa científica e relações raciais. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/8424342/leandra-jacinto-pereira> Acesso em: 07 out. 2021.

Observamos que ao promover essas *abolições cotidianas*, é possível abrir espaço para que outras narrativas que extrapolam a questão estética possam ser também ressignificadas. Para Rocha (2009):

a autoestima não se configura em repetições ou reproduções de conceitos ou ideologias, mas em construções e reelaborações constantes destas representações, nas quais os grupos discriminados que porventura desenvolveram uma autoestima negativa, têm a oportunidade de reconstruí-la mediante parâmetros positivos (ROCHA, 2009, p. 201).

Concordamos com a autora supracitada ao mencionar que a autoestima se constrói através de reelaborações positivas. Como vimos no capítulo anterior, a transição capilar, mesmo emaranhada num processo ambíguo de sentimentos e sensações, promove em algumas jovens desta pesquisa a ressignificação da autoestima, da autoconfiança em seus potenciais não apenas estéticos, mas também intelectuais. Vejamos alguns relatos:

Pesquisadora: *Além da estética a transição capilar mudou mais alguma coisa em vocês?*

Mayara: *No meu caso mudou tudo! Até faculdade que eu nunca desejei, eu tô fazendo agora.*

Pesquisadora: *A vontade de ingressar na universidade surgiu a partir da transição capilar? Como assim? Pode falar um pouco mais sobre isso?*

Mayara: *Como eu já falei, eu não tinha uma experiencia muito boa com a escola, então, por isso tudo, o que eu mais queria era me formar logo (terminar o Ensino Médio). Eu também não acreditava que eu era inteligente e que podia dá certo fazendo faculdade. Creio também que pensava assim devido ao que passei dentro da escola quando era pequena.*

Gisele: *Eu me sinto poderosa com os meus cachos não vou mentir, kkkk(risos)*

Pesquisadora: *Em quais aspectos se senti poderosa?*

Gisele: *Me sinto mais a vontade, mais bonita mais tudo kkkkk (risos)*

Ana Caroline: *Sim! O jeito que me vejo, que vejo outras mulheres, minha forma de me posicionar como mulher negra na sociedade.*

Pesquisadora: *O que mudou na sua forma de se posicionar Carol?*

Ana Caroline: *É firme, confiante, eu tenho mais conhecimento do que estou falando. Eu tinha noção das coisas, mas não tanta firmeza, eu creio. E também eu não tinha conhecimento que não era só uma questão de cabelo era mais que isso. Tá ligado a uma questão de luta, resistência e empoderamento.*

A firmeza em se posicionar, o resgate de uma autoconfiança, o sentir-se poderosa após a transição capilar são sentimentos que, mesmo em meio a conflitos, permeiam o processo de transição capilar dessas jovens. A mudança na vida de Mayara foi tão intensa após a transição

capilar que, ao desconstruir os estereótipos introjetados em sua subjetividade, passou a acreditar que era inteligente e podia ingressar na universidade. Notamos praticamente que em todos os diálogos que fizemos no Diário Crespo I ela pontuou, sempre de forma orgulhosa, essa questão. O que observamos é a construção de saberes emancipatórios sendo construídos paulatinamente. Para Gomes (2017):

O saber emancipatório produzido pela negra e pelo negro e sobre o corpo negro é visto na perspectiva de Santos (2002) como conhecimento-emancipação. No contexto brasileiro, ele realiza a trajetória entre um estado de ignorância chamado de colonialismo/escravidão e um estado de saber designado solidariedade/libertação. (GOMES, 2017, p. 99)

Segundo a autora, foram as lutas do Movimento Negro que possibilitaram “transformar em emancipação aquilo que o racismo construiu como regulação conservadora” (GOMES, 2017, p. 99). Como já pontuamos anteriormente, a ressignificação da estética negra é uma luta ancestral que se reverbera e intensifica na contemporaneidade. Se hoje contamos com milhares de crianças, meninas e mulheres entrando no processo de transição capilar, amando-se e se autoafirmando como mulheres negras que têm histórias, saberes, inteligência e beleza etc, devemos isso em grande parte às estratégias de enfrentamento ao racismo engendradas por homens e mulheres negras(os) ao longo da história de nosso país.

O início deste milênio foi marcado por algumas conquistas no campo da educação das relações étnico-raciais no país, como já citamos anteriormente. A lei de cotas para ingresso de negros e negras na universidade foi uma delas. A presença de homens e mulheres negras no espaço da universidade possibilitou uma ampliação nas pesquisas sobre aspectos variados da vida dos povos negros. Esses estudantes, pesquisadores, produtores, dentre outros sujeitos, transformaram a ausência de temas relevantes para as populações negras em presença nas monografias, dissertações, teses, produção audiovisual, produção literária e tantas outras produções de extrema relevância. Segundo Gomes (2017, p. 114) “após a implementação da Lei 12.711/12 as instituições de ensino superior têm que lidar com a chegada de sujeitos sociais concretos, com outros saberes, outras formas de construir conhecimento”.

Todo esse conhecimento decolonial, produzido por homens e mulheres negras, na contemporaneidade, ajuda-nos a interrogar as narrativas hegemônicas contadas e recontadas ao longo da história. Se apropriar dessas epistemologias decoloniais é primordial para qualquer profissional da educação que compreende a importância de construir uma educação antirracista. Esperamos que todo esforço empreendido na construção de outras narrativas alcance, efetivamente, os espaços escolares para que possamos ter, dentre outras coisas, histórias de

princesas, reis e rainhas negras(os) sendo contadas, interpretadas por crianças negras. Que elas possam se enxergar nessas histórias e construir suas identidades de forma positiva.

Mesmo diante de um cenário político de retrocessos, onde vários direitos sociais e políticos foram perdidos, acreditamos que podemos construir um espaço escolar onde a diversidade (seja étnica, de gênero, classe etc) possa ocupar de fato o centro dos currículos, no entanto, corroboramos com as ideias de Gomes (2019) quando menciona que:

A descolonização dos currículos é um desafio para a construção da democracia e para a luta antirracista. Descolonizar os currículos é reconhecer que, apesar dos avanços dos séculos XX e XXI, a colonialidade e o próprio colonialismo ainda se mantêm incrustados nos currículos, no material didático, na formação das professoras, dos professores, das gestoras e dos gestores da educação (GOMES, 2019, p. 231).

A descolonização dos currículos é uma emergência diante da necessidade de mudanças estruturais às quais ansiamos na sociedade brasileira. É necessário levar em consideração o cotidiano desses estudantes, seus anseios e necessidades, que, muitas vezes, não condizem com o que a escola se propõe a ensinar. Gomes (2019) entende que “só é possível descolonizar os currículos e o conhecimento se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como os produzem” (GOMES, 2019, p. 235). As jovens, ao serem questionadas sobre que tipo de escola, sonham para que as gerações futuras mencionem suas expectativas e elucidam a importância de a escola estar atenta ao cotidiano dos(as) estudantes. Vejamos:

Bruna: *Meu sonho é que a escola pública proporcione um ensino melhor. É a base! Minha escola dos sonhos é aquela que faz os estudantes pensarem. Faz com que eles produzam e repensem o próprio discurso e não apenas reproduza o dos outros. Sonho com uma escola com todos os professores qualificados para isso. Que elaborem trabalhos de autoafirmação, mais debates sobre política. Sonho com assistência de um psicólogo e um assistente social aos estudantes.*

Pesquisadora: *Essa autoafirmação que você pontua é sobre o que especificamente?*

Bruna: *Falar mais sobre a história dos negros, do racismo e falar também da beleza. A beleza da África que tem gente que acha que lá só tem fome. Desconstruir algumas histórias né? Como por exemplo a da princesa Isabel.*

Anairan: *Sonho com uma escola com um ensino melhor, que fale mais sobre nossa história, sobre nossas lutas, mas que não deixe de focar em outras disciplinas sabe? Acho que a escola precisa de mais debates sobre determinados assuntos como o racismo, preconceito e tais. E, como Bruna falou, uma assistência psicológica, porque a pressão que sofremos dentro de uma escola é grande e a gente se cobra muito.*

Pesquisadora: *Você pode falar mais sobre essa questão da pressão que sentia na escola Anairan?*

Anairan: *Sabemos que cada um tem um nível diferente de entender e compreender as coisas. E, eu sempre me cobrava muito para tirar boas notas e quando eu não*

consegui isso me frustrava. Desisti do IFBA¹³⁹ justamente por isso, porque eu achava que não dava conta e toda vez chorava quando chegava em casa. No CEEP foi mais fácil, mais sempre tem alguém que se sente assim e conversar sobre isso seria muito bom porque quando nos cobramos demais, perdemos o foco e acabamos deixando as coisas de lado. Pelo menos no IFBA foi assim, eu fui abrindo mão até que perdi.

Pesquisadora: *O que você atribui esse “abrir mão”*

Anairan: *Deixar de se esforçar porque acha que não vai conseguir.*

Mayara: *Eu concordo com tudo que as meninas falaram. Uma escola que todo mundo deseja né? Uma escola com um ensino melhor, uma escola que fale mais de nossa história, como a gente conseguiu chegar onde a gente está hoje, quem lutou para que hoje a gente tivesse vez. Sonho também que a escola nos desse referência de homens e mulheres negras né? Para que a gente pudesse entender desde pequenas que a gente não é fraco e nunca foi fraco. E também que a escola, a cabeça da escola, os professores, todo mundo entendesse que eles têm um papel fundamental em nossas vidas na formação da gente não somente como profissionais, mas como pessoa também. Eu também acredito que eles também deveriam nos preparar para o mercado de trabalho porque muitas vezes a gente sai da escola perdidas e a gente não sabe o que vamos enfrentar lá né? Uma coisa que eu acho top também seria uma escola com roda de conversa onde a gente diria qual estava sendo as nossas dificuldades, dividi também algumas experiências e dá força um ao outro. Eu acho que é isso, eu nem vou falar aqui da estrutura né! Enfim!*

Podemos observar que as jovens se referem à importância das escolas em discutir mais incisivamente sobre suas histórias, o racismo, preconceitos. Anairan toca em questões extremamente importantes e que, muitas vezes, o sistema educacional não leva em consideração. Quando ela menciona que se sentia pressionada a ter que tirar boas notas, ela na verdade denuncia para nós um modelo de educação que muitas vezes está preocupado mais com os números do que com o aprendizado. A jovem nos leva a questionar, por exemplo: Como as escolas, institutos e universidades têm amparado essa juventude que chega às instituições trazendo em suas bagagens subjetivas dificuldades, medos, inseguranças etc.? Quais são as estratégias utilizadas para manter os(as) estudantes nessas instituições?

Quando Anairan relata que “abriu mão” do IFBA, ela associa esse “abrir mão” à falta de confiança nela mesma, pois, em suas palavras, *desistiu porque sabia que não ia conseguir*. Esses sentimentos de derrota, de não confiar em seu potencial intelectual, e de achar que não é capaz de realizar seus projetos é fruto também desde processo de inferiorização que a sociedade, estruturada no racismo, se encarregou de implantar em nós. Descontruir isso é um processo que demanda esforço e comprometimento de todas(os) nós! Mayara sonha com *uma escola que fale mais de nossa história, de como a gente conseguiu chegar onde a gente está hoje, quem lutou para que hoje a gente tivesse vez para que a gente pudesse entender desde pequenas que a gente não é fraco e nunca foi fraco*. Para a jovem, é possível fortalecermos uns aos outros se

¹³⁹ Instituto Federal da Bahia.

podermos socializar nossas dificuldades e experiências de vida no espaço escolar. Para nós, isso significa também dar sentido e vida ao que se ensina e se aprende na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou analisar narrativas de jovens negras sobre o processo de transição capilar. Como vimos no decorrer deste trabalho, a ressignificação estética sempre esteve nas pautas de luta das populações negras. No campo estético, vale ressaltar que as mulheres negras foram ainda mais afetadas pelo colonialismo, uma vez que o cabelo, assim como o tom de pele, se configurou como marcadores que hierarquizaram e ainda hoje hierarquizam as relações raciais no país.

Na busca pela valorização (estética, cultural, epistemológica etc.) das populações negras, evidenciamos o protagonismo das mulheres negras no enfrentamento aos sistemas opressivos. Pontuamos o papel do Movimento Negro e do Movimento Feminista Negro na construção de uma estetização positiva a respeito da corporeidade negra e enfatizamos como o feminismo negro teve e tem um papel fundamental na construção do processo de empoderamento.

Para este trabalho, ouvimos 15 jovens que se disponibilizaram a contar suas experiências com o cabelo e sobre o processo de transição capilar. Elas relataram sobre seus relacionamentos familiares e amorosos, sonhos, projetos de vida, anseios, receios, medos, alegrias etc. Pelo olhar dessas jovens, foi possível observar a complexidade imbricada no processo de transição capilar, uma vez que a retirada da química do cabelo as coloca frente a frente com o racismo que chega pelas críticas verbalizadas, pelo olhar que disseca e constrange ou ainda pelo impedimento de assumir o controle de sua própria imagem, já que algumas têm vontade de passar pela transição capilar, mas o medo dos comentários e críticas as impede de avançar nessa experiência.

O problema desta pesquisa buscou responder em que medida o processo de transição capilar colabora para a construção positiva da autoimagem de jovens negras. Através dos depoimentos, foi possível observarmos muitas ambiguidades sobre os sentimentos a respeito do processo de transição capilar. As jovens que já passaram pelo processo narram o sentimento de liberdade, falam sobre as mudanças físicas e subjetivas provocadas pela transição capilar, relatam o quanto aprenderam sobre outras questões como racismo, opressões provocadas pelo sexismo etc, porém algumas delas relatam também que o corte do cabelo não foi suficiente para resolver as questões com sua autoimagem/autoestima. Lembremos de Ana Vitória que precisou colocar tranças para *descansar o psicológico* por conta das críticas que recebia com seus cabelos naturais ou ainda de Anairan que menciona não ser todos os dias que ela está de bem com o espelho.

Ao analisarmos essas ambiguidades nas narrativas das jovens no processo de transição capilar, observamos o quanto a descolonização dos nossos corpos tem sido complexa exatamente porque estamos diante de uma sociedade que, estruturada no racismo e nas opressões de gênero, continua a tecer um olhar violento e racista sobre nossas corporeidades. Observamos que a transformação subjetiva não ocorre num passe de mágica. A transição capilar não é varinha de condão, fazendo supor que ao retirar a química do cabelo tudo ficaria resolvido, pois infelizmente o racismo tratou de fragilizar nossas subjetividades.

Observamos que a construção positiva da autoimagem é bastante relativa, pois depende de como cada uma delas experienciou o racismo em suas vidas, logo a construção de uma autoimagem positiva pode se configurar de forma rápida para algumas e demandar mais tempo para outras. No entanto, é importante salientarmos que mesmo em meio a conflitos, anseios, medos e ambiguidades pudemos constatar, nos relatos analisados, o quanto o processo de transição capilar tem colaborado na construção de uma estética afirmativa. Muitas jovens, a exemplo de Mayara, reiteraram diversas vezes nos diálogos promovidos no Diário II o quanto a transição capilar encaminhou-a para debates tão necessários como racismo, sexismo etc. Mayara nos relatou que a *“transição veio como uma libertação e uma descoberta. Acho que as pessoas passam também a olhar você diferente, e sua postura também é diferente, acredito que eu só vim pesquisar e saber sobre muitas coisas depois que passei pela transição, que veio um despertar”*.

Constatamos ainda o papel educador que o movimento de Empoderamento Crespo nos encaminha para a construção de uma educação antirracista. Ao analisarmos o papel da Marcha de Empoderamento Crespo em Salvador frente à luta antirracista e antissexista, a historiadora Dailza Lopes reitera a importante ação desse movimento

Penso que a Marcha do Empoderamento Crespo tem esse perfil educador justamente por conta de seu alcance. O verbo “Marchar” diz para nós sobre também educar não é mesmo? Então, nós estamos o ano inteiro falando, nos expondo, justamente para dizer que estética é política[...] cabelo crespo é identidade e determina sim quem vai acessar os espaços porque quando estou de tranças eu entro na C&A¹⁴⁰ e não sou seguida, mas quando estou com o cabelo blackpower o segurança me segue. Então são detalhes cruciais que recortam a nossa realidade e sentimos na pele[...] logo, esse cabelo enrolado não é só um cabelo enrolado, esse fio tem história. Então quando a Marcha vai para a rua é para desconstruir essas histórias (negativas e estereotipadas) e construir uma outra através de bases positivas (Entrevista concedida para esta pesquisa em 09.06. 2021).

¹⁴⁰ C&A é uma rede internacional de loja de departamento.

Tanto Dailza Lopes quanto Ivy Guedes enfatizam o papel educador das Marchas e do próprio Movimento de Empoderamento Crespo. O enfrentamento a esse racismo estético é feito com nossa própria corporeidade, pois ao nos apresentarmos com os cabelos naturais desestabilizamos um padrão de beleza dito universal e construímos outras narrativas baseadas na valorização e ressignificação da beleza negra.

As interlocutoras desta pesquisa por diversas vezes narraram que se não houvesse esse movimento com várias mulheres assumindo suas texturas capilares, elas não teriam iniciado o processo de transição capilar. Camilly relata que

***Camilly:** Tipo, eu fui a primeira da família a cortar o cabelo, depois veio a minha prima, minha tia, agora minhas irmãs, duas já passaram pela transição e uma outra está no processo. Então, quando eu cortei meu cabelo eu acho que eu ajudei todas elas a fazerem o mesmo.*

***Taylane:** Muito real isso, através de mim meu irmão deixou florescer o dele também (emoticons com carinha apaixonada) algumas amigas também fizeram BC depois que eu cortei o meu. há pouco tempo fiz o BC da minha cunhada, tudo isso traz muita força pra gente cara!*

No momento em que temos a presença de mulheres em todos os segmentos da sociedade, apresentando-se esteticamente com seus cabelos naturais, construímos uma rede de resistência na qual as pessoas são provocadas a pensar outras possibilidades estéticas e de existência. Isso tem sido possível porque existe um movimento contra hegemônico pedindo passagem, “arrombando” portas e janelas, reivindicando sua existência e nos educando a construir outras narrativas sobre nós mesmas.

Observamos que o movimento de empoderamento crespo que ocorre em todo o país reverbera também nos espaços escolares e tem ajudado crianças, jovens e adolescentes a construir outras possibilidades de existência “criando novas definições de condição de mulher negra” (COLLINS, 2000, p. 223) e isso é de extrema relevância, pois provoca também os agentes educacionais a pensarem sobre essa nova corporeidade que se apresenta nos espaços escolares e de certa forma desmantela o ideal de beleza branco cristalizado em nossa sociedade.

Por conta do contexto pandêmico, esta pesquisa não teve condições de analisar as práticas pedagógicas realizadas na escola, por essa razão, é importante ressaltarmos que as observações feitas sobre o espaço escolar se restringiram a analisar as experiências dessas jovens no que se refere as suas vivências com o corpo neste espaço. É importante que outros trabalhos possam ser realizados no sentido de observar as práticas pedagógicas em relação ao tocante ao tratamento que tem sido dado a essas novas corporeidades que insurgem e transgridem a história hegemônica.

As jovens negras escutadas nesta dissertação sonham com um espaço escolar onde as culturas, histórias, corporeidades possam ser valorizadas, uma escola onde possa fecundar um processo de humanização repleto de respeito, empatia, justiça e dignidade para todas as pessoas. Para isso, podemos tomar como base a ética da libertação de Dussel (2012). Para o autor, “a práxis de libertação é a ação possível que transforma a realidade (subjetiva e social) tendo como última referência sempre alguma vítima ou comunidade de vítimas” (DUSSEL, 2012, p. 558). A busca por essa libertação filosófica, ética, estética, epistemológica é um grande giro decolonial que tem colaborado no processo de empoderamento e emancipação de povos historicamente marginalizados. A filosofia da libertação de Dussel, e a necessidade de buscarmos o reconhecimento da humanidade dos povos negros sugerida por Fanon (2008), ajuda-nos no processo de desalienação existencial. Para esse autor “é através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens e **mulheres** podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano” (FANON, 2008, p. 191, grifo nosso).

Desse modo, queremos “finalizar” este trabalho, comungando com a prece que Fanon (2008) traz para nós nas últimas linhas de seu emblemático livro *Pele Negras, Máscaras Brancas*: “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem, **uma mulher** que questiona” (FANON, 2008, p. 191, grifo nosso). Que possamos nos encorajar a dar continuidade às lutas empreendidas por nossas(os) irmãs(os) na construção de uma sociedade mais equânime e na busca pelo respeito e pela dignidade humana de povos pretos, indígenas, mulheres, populações LGBTQIAP+ etc. É tomando consciência de si mesmo(a), da importância de sua história, da cultura, da legitimidade de sua corporeidade enquanto símbolo também de beleza e de direitos que podemos construir outras possibilidades existenciais. Desejo que esta pesquisa possa servir de inspiração e luz na construção desse caminho! *Ubuntu!*

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 5 maio 2017.
- AGUIAR, Taís Rodrigues de. **Cabelo Além da Estética: transições capilares e identitárias pelas negras**. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural). Universidade Federal de Pelotas-RS, 2018.
- ALVES, Arivaldo de Lima. Saberes e Posições Teórico-Metodológicas em Ciências Humanas. **A Cor das Letras**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 15-28, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1449>. Acesso em: 29 set. 2021.
- ARANTES, Dariane Lima. **Celebrando nossos corpos, encrespando nossos fios: a transição capilar como política de visibilidade em narrativas autobiográficas de mulheres negras**. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo). Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luz de. **Racismo estrutural**. Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Pólen, 2019.
- BARROS, Zelinda. Eu marcho, tu marchas, elas marcham. Por que marchamos?. **Caderno Sisterhood**. Vol. 2, n. 1 (maio, 2017). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde – NEGRAS, 2017. Semestral.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Pólen, 2019.
- BISPO, Silvana Santos. **Feminismos em debate: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 – 1997)**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Salvador, 2011.
- BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: Discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUSCar, 2020.
- BRASIL. Código Civil de 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm. Acesso em: 05 set. 2020.
- BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistências e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: Uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de Controle**. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo-RS, 2019.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v.26 n.01, p.15-40, abr. 2010.

CARDOSO, Lourenço, MULLER, Tânia M. P. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdades do Brasil**. São Paulo, Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. **As ações afirmativas como resposta ao racismo acadêmico e seu impacto nas ciências sociais brasileiras**. Brasília, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

CRUZ, Cintia Tâmara Pinto da. **Os cabelos mágicos**: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no instituto beleza natural. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Recôncavo Baiano. 2013.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil (1917-1945). São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. Tradução: Leonardo Marins. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRAVET, Florence; OLIVEIRA, Marie Alan Santos de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**. Assis, v. 21, p. 11-30, jan.-jun. 2017.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 31, nº 1, janeiro/abril 2016.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Cadernos Negros**, vol. 13, São Paulo, 1990.

FANON, Franz. **Pele negra Máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, Louise Scoz Pasteur de. **Etnografia na pandemia**: algumas experiências de trabalho de campo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/etnografia-na-pandemia-algumas-experiencias-de-trabalho-de-campo-1>. Originalmente publicado em: Halo Ethnographic Bureau. Acesso em: 09 jun. 2020.

FIGUEREDO, Angela. A Marcha das Mulheres negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do saber. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica Editora: São Paulo. 1. ed. 2019. p. 203-222.

FIGUEREDO, Angela. **Beleza Pura**: símbolos economia ao redor do cabelo negro. Monografia para a conclusão de curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 1994.

FIGUEREDO, Angela. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada**: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. XXVI Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, 2002.

FIGUEREDO, Angela; LOPES, Dailza Araújo. O Discurso de Empoderamento nos Coletivos de Mulheres Negras no Facebook e em Salvador/ BA. *In*: XX REDOR: Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero. Salvador, **Anais eletrônicos...**, Salvador-BA, 2018. Disponível em: https://www.redor2018.sinteseeventos.com.br/informativo/view?TIPO=&ID_INFORMATIVO=21. s/p.

FIGUEREDO, Angela; CRUZ, Cintia. Representações sobre o cabelo, corpo e identidade das mulheres negras. *In*: FIGUEREDO, Angela; CRUZ, Cintia. (org.). **Beleza negra**: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 9-14.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo**: ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso é um caso: pesquisa etnográfica e educação. XXI Reunião Anual da ANPED, Caxambu. **Anais...** setembro de 1998.

FREIRE, A. et al. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. 2. ed. (1ª edição 2001). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Direitos Humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire e Erasmo Fortes Mendonça. 1. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/212947/mod_resource/content/3/Goffman.%20Estigma%20e%20identidade%20social.pdf Acesso em: 20-06-2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75-85, maio-ago. 2003, p. 77.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. set./out./nov./dez., n. 21, 2002.

GOMES, Nilma Lino; GONÇALVES, Petronilha B. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. *In*: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica Editora: São Paulo. 1. ed. 2019. p. 223-246.

GOMES, Giovanna Carneiro de Lima; PIRES, Júlia Maria de Melo. O Fem-Vertising da Transição Capilar: Apropriação Econômica Sobre o Discurso Feminista e Identidade Negra no Brasil. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...** São Luís-MA – 30/05 a 01/06/2019.

GONZALEZ, Lélia; ODARA, Dudu: Beleza Negra. *In*: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (org.). **Por um Feminismo Afro-Latino Americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Elias Lins. **A ação educativa do Ilê Aiyê**: Reafirmação de compromissos, restabelecimentos de princípios. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/gt03_04.pdf.

HAIR LOVE: curta animado emociona o mundo após ganhar o Oscar. **Lunetas**, 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/hair-love-oscar/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 6. ed. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>.

GONH, Maria da Gloria. **Movimentos Sociais e Educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita a história contemporânea. 2. ed. São Paulo: Editora Selo Negro, 2008.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, v. 35, n. 2, p.115-21, jun. 2001.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismocotidiano.1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LESSA, Luciana Falcão. **O que o racismo fez com você? Processos de resistência e descolonização de mulheres integrantes da rede de mulheres negras da Bahia**. Tese (Doutorado Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia-UFBA. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2020.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico-raciais na escola**: o papel das linguagens. Salvador, EDUNEB, 2015.

LOPES, Dailza Araújo. **Ciberativismo como estratégia política**: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no *facebook* em Salvador/BA. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia. 2017.

MARTINS, Renata. **Marchamos porque sabemos que as transformações não virão como presente**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/marchamos-porque-sabemos-que-as-transformacoes-nao-virao-como-presentes/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado, GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica Editora: São Paulo. 1. ed. 2019. p. 27-54.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu**: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. Pontos de Interrogação, v. 5, n. 2, jul. /dez. 2015. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II - Alagoinhas - BA.

MATTOS, Wilson Roberto de. Ubuntu: por uma outra interpretação de ações afirmativas na universidade. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica Editora: São Paulo. 1. ed. 2019. p. 319-340.

MATOS, Lúcia de Oliveira. **Transição capilar**: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Sergipe, 2017.

MESSEDER, Marcos Luciano Lopes. Dinâmica cultural e construção identitária: Reflexões em torno de uma etnografia contemporânea. In: Metodologias de pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. **A Cor das Letras**: Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 14, 2013. p. 06-25.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de Menezes. Educação e trajetórias de negros na Bahia: inclusão, exclusão e resistência. In: AMORIM, Antônio; LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de; MENEZES, Jaci (org.). **Educação e contemporaneidade**: processos e metamorfoses. Rio de Janeiro; Quartet, 2009. p. 55-140.

MICHEL, Fábio M. Marcha das Mulheres Negras denuncia racismo por trás de pautas do governo Bolsonaro. **Rede Brasil Atual**, 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/07/marcha-das-mulheres-negras-denuncia-o-racismo-por-tras-de-pautas-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

MILLER, Daniel. **Notas Sobre a Pandemia**: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MOREIRA, Rodrigo Birck; PERETI, Emerson. A árvore do esquecimento e as tentativas de destruição da memória afrodiaspórica. **Revista UNIABEU**, V.13, Número 33, Número especial, janeiro-junho de 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Feminismos Plurais. São Paulo, ed. Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PAULA, Bianca Assis Oliveira de. **Minha negritude minha melhor escolha: a (re)construção discursiva das negritudes das mulheres no processo de transição capilar no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais.) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2018.

PAZ, Adilson Meneses da. **Pedrinha Miudinha em Aruanda é Lajedo: o modo de vida da Umbanda**. Tese: (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

OLIVEIRA, Iris Verena Santos de Oliveira. Tem dendê na base? Vidas negras e o Currículo Bahia. **Série Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p.181-202, set. /dez, 2020.

OLIVEIRA, Ivani Francisco de. **Versões de mulheres negras sobre a transição capilar: um estudo sobre processos de descolonização estética e subjetiva**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP. 2019.

OLIVEIRA, Vanessa Florêncio de. **Na cabeça da mulher negra uma trama em trânsito que cruza o Atlântico e recria rotas na atualidade**. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais) UNESP – Campus de Araraquara, 2020.

OLIVEIRA, Thays. Bell Marques assina acordo e muda letra polêmica de música. **Jusbrasil**, 2015. Disponível em: <https://tgabrielle.jusbrasil.com.br/noticias/267715100/bell-marques-assina-acordo-e-muda-letra-polemica-de-musica#comments>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PIMENTEL, Álamo. Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo (org.). **Um Rigor Outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa Educação e Ciências Antropossociais**. Salvador, EDUFBA, 2009. p. 127-160.

PORTELA, Ana Carla Lima. **Tabuleiro Identitário: o quase do racismo à brasileira e sua encruzilhada quilombola no IFBA do território de identidade da Chapada Diamantina**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2017.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Da invisibilidade ao centro do debate: o negro na universidade no século XXI. In: AMORIM, Antônio; JUNIOR, Arnaud Soares de Lima; MENEZES, Jaci (org.). **Educação e contemporaneidade: processos e metamorfoses**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009. p. 169-202.

RAMOS, Guerreiro. **O negro desde Dentro**. 1954. Disponível em: http://www.abdias.com.br/teatro_experimental/guerreiro.htm. Acesso em: 26 jul. 2021.

REIS, Vilma. Trazemos na cabeça: Mulheres negras traduzindo códigos de afirmação pelos cabelos. In: FIGUEREDO, Angela; CRUZ, Cintia (org.). **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 53-60.

REGIS, Mariana Fernandes Rodrigues Barreto. 200 anos não são 200 dias: história, protagonismo e estratégia de mulheres negras na irmandade da boa morte (1820-2020). **Revista Calundu** –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Pólen, 2019.

ROCHA, Leandra Jacinta Pereira. Práticas antirracistas na educação infantil: a necessidade da construção de abolições cotidianas. In: SOUZA, Maria Elena (org.). **Relações raciais no cotidiano escolar**: diálogos com a Lei n. 10.639/2003. Rio de Janeiro: Rovel, 2009. p. 193-218.

SANTOS, Manuela Indiara de Jesus Santos. **A comunidade cacheada e crespa de Salvador**: uma análise de identidade e transição capilar nas mídias sociais. Monografia (Facom-UFBA), 2017.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discriminatório dos estereótipos**. Anuário Antropológico/93 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

SILVA, Célia Regina da. **Crespos insurgentes, estética revolta memória e corporeidade negra paulistana**. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2016.

SILVA, Patricia Santos. **Representação estética**: a identidade étnico-racial de crianças a partir de bonecas/os negras/os. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. (UFBA), 2018.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 3, 14 mar. 2008.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: Reflexões para o campo de estudo. In: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia M. P. (org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. p. 19-31.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGUÉL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica Editora: São Paulo. 1. ed. 2019. p. 269-284.

SOARES, Anita Maria Pequeno. **Cabelo importa**: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Coleção Tendências, v.4. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

VAUGHAN, Patrícia Anne. A imagem americana de beleza física e as mudanças provocadas pelo “blackpower” na década de 60. **Rev. de Letras** – nº 22 - Vol. 1/2 – jan./dez. 2000.

XAVIER, João Paulo. **Racismo Estético**: descolonizando os corpos negros. Versão do Kindle, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS 1

PERGUNTAS REALIZADAS NAS RODAS DE CONVERSA COM AS JOVENS EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO

a) Perguntas direcionadas às meninas que já passaram pela transição capilar e já cortaram os cabelos

Qual foi a sua maior motivação para assumir os cabelos naturais?

Quando vocês decidiram assumir o cabelo, quais foram as dificuldades no caminho da transição capilar?

Você se preparou internamente antes de cortar o cabelo?

Pensaram em desistir em algum momento? Por quê?

Após o BC (Big Chop – “grande corte”) quais foram as sensações que vocês sentiram sobre vocês mesmas ao se verem com essa nova estética?

Isso repercutiu de que forma no psicológico de vocês?

Quais foram as reações externas positivas que mais chamaram a atenção de vocês?

E as negativas?

Como vocês costumam lidar com as críticas? Existem mais críticas ou mais elogios?

Vocês poderiam falar um pouco sobre a relação que vocês tiveram com os seus cabelos na infância?

A escola colabora em algum aspecto seja ele positivo ou negativo para esse processo de transição ou nova estética apresentada nos espaços das salas de aula?

Quais foram as reações dos meninos (ou da escola ou de outros espaços) em relação a sua nova estética que mais lhes chamaram a atenção?

Vocês lembram com quantos anos fizeram o primeiro alisamento? Lembram das sensações provocadas por esse processamento dos fios?

Porque vocês acham que nós mulheres negras de cabelos crespos/cacheados sempre fomos motivadas a alisar os cabelos?

A decisão em assumir o cabelo foi encorajada mais por uma questão de “moda” ou de autorreconhecimento? Poderia falar um pouco sobre esse processo?

Poderiam falar um pouco sobre os sentimentos que vocês tinham quando alisavam o cabelo?

Como você se vê/observa no espelho com essa nova estética?

Se sente feliz com a imagem que vê? Ou ainda não?

O que vocês sentem ao encontrar nos diversos espaços seja nas escolas, nos bairros, nas ruas, tantas crianças, adolescentes, mulheres com seus cabelos naturais?

Vocês mudaram a forma de se vestir, se maquiar ou usam mais acessórios após a transição?

b) Perguntas direcionadas às meninas que estão em transição

Qual foi a sua maior motivação para iniciar o processo de transição capilar?

Quais dificuldades você tem encontrado nesse processo?

O que seus familiares pensam sobre essa decisão de deixar os cabelos naturais?

Existe motivação por parte dos familiares para que você **resista** à transição?

Existe motivação por parte dos familiares para que você **desista** da transição?

E os amigos o que pensam sobre esse processo?

Essas opiniões mexem de alguma forma com você e sua decisão?

Você se considera preparada para receber críticas caso elas apareçam quando você cortar toda a química do cabelo?

A decisão em assumir o cabelo foi encorajada mais por uma questão de “moda” ou de um autorreconhecimento? Poderia explicar?

Poderiam falar um pouco sobre os sentimentos que vocês tinham quando alisavam o cabelo?

Porque vocês acham que nós mulheres negras de cabelos crespos/cacheados sempre fomos motivadas a alisar os cabelos?

O que vocês sentem ao encontrar nos diversos espaços seja nas escolas, nos bairros, nas ruas, tantas crianças, adolescentes, mulheres com seus cabelos naturais?

c) Perguntas direcionadas às meninas que têm vontade de assumir os cabelos naturais, mas ainda não iniciaram o processo de transição

Qual o maior empecilho que te faz não iniciar o processo de transição capilar?

Quais dificuldades você acha que terá caso um dia entre no processo de transição?

Você já tentou iniciar o processo alguma vez?

Com quantos anos você começou a processar quimicamente seus fios?

Você se recorda dos seus fios naturais?

Vocês dizem ter vontade de entrar em transição. Sendo assim quais sentimentos fazem vocês cogitarem essa possibilidade de um dia deixar suas texturas aflorarem?

Porque vocês acham que nós mulheres negras de cabelos crespos/cacheados sempre fomos motivadas a alisar os cabelos?

O que vocês sentem ao encontrar nos diversos espaços seja nas escolas, nos bairros, nas ruas, tantas crianças, adolescentes, mulheres com seus cabelos naturais?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS 2

Perguntas da entrevista feita com a idealizadora e membro da Marcha de Empoderamento Crespo em Salvador (MEC)

1º Você é uma das idealizadoras da Marcha de Empoderamento Crespo em Salvador. Quais foram as motivações que levaram a realização da marcha na cidade? Existia algum trabalho realizado antes de promoverem a I Marcha?

2º Vocês encontram algum tipo de dificuldade para realizar as Marchas em Salvador? Existe algum tipo de resistência por conta do poder público em apoiar o evento?

3º Se fosse expressar em algumas palavras, o que significa a Marcha do Empoderamento Crespo para você?

4º Você considera a Marcha de Empoderamento Crespo um movimento educador?

5º Além das Marchas realizadas anualmente, vocês realizam alguma atividade em coletivos, escolas ou em associações bairros em Salvador? Se sim pode falar um pouco sobre essas experiências?

6º Você já processou quimicamente seus fios? Se sim, o que motivou deixá-los naturais? Poderia falar um pouco sobre essa decisão e experiências com o cabelo?

7º A politização da beleza negra se deu por conta do racismo. Desde a década de 1960 que o movimento negro tenta desconstruir estereótipos introjetados na subjetividade negra através do patriarcado branco. No entanto, somente nas duas primeiras décadas deste século XXI que presenciamos o *boom* da transição capilar e o incentivo maciço ao uso do cabelo natural e do empoderamento crespo. Além do aumento de pessoas com acesso à internet e às redes sociais, você associa esse fenômeno a algum outro fator?

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO
CONTEMPORANEIDADE

LINHA 1- PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E
PLURALIDADE CULTURAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO
 CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
 Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
 Data de Nascimento: ____/____/____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) _____/(____) _____/_____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: O processo da transição capilar como prática libertadora: Narrativas e experiências de jovens negras do Ensino Médio

1. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Fernanda Andrade Esquivel Alves
Cargo/Função: Estudante

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Diário Crespo: Narrativas de jovens negras sobre o processo de transição capilar**, de responsabilidade da pesquisadora Fernanda Andrade Esquivel Alves e Marcos Luciano Lopes Messeder, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar as narrativas de alunas sobre o processo de transição capilar, para compreender se a emancipação estética colabora para a construção da autoimagem (individual e coletiva) dessas garotas.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, contribuindo nos debates sobre as relações étnico raciais na escola e a importância de fortalecer a autoestima de jovens garotas negras que passaram pelo processo de transição capilar e reelaboram suas identidades. Devido a coleta de informações o(a) senhor(a) poderá optar em não utilizar o nome fictício - Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua

autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e a Sra caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Vale salientar que a pesquisa apresenta baixo risco. No entanto a partir do momento em a Sr(a) compartilhar suas experiências sobre o processo de transição capilar, na roda de conversa, poderá ocorrer algum tipo de desconforto ou receio de relatar alguma situação vivenciada. Neste caso, a Sr(a) poderá optar em compartilhar suas experiências no espaço do privado do aplicativo (WhatsApp) com a pesquisadora, e, pode optar em fazer uso do nome fictício como já salientado. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX **Telefone:** (xx) xxxx-xxxx **E-mail:** XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

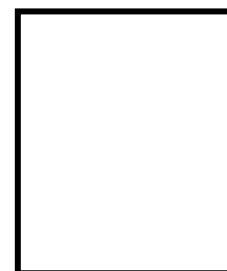
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa : O processo de transição capilar como prática libertadora: narrativas e experiências de estudantes jovens negras do Ensino Médio”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

_____, ____ de _____ de _____.



Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(orientanda)

Assinatura do professor responsável
(orientador)